



Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Graciela Inés Ravetti de Gómez
Vice-Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)
Gustavo Cerqueira Guimarães (UEM)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – (AUTO)BIOGRAFIAS NO MUNDO DO FUTEBOL

Francisco Pinheiro (Universidade de Coimbra)
Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Paralelas e Resenha

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

Poética

Gustavo Cerqueira Guimarães
Marcelino Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Luciane Correa Ferreira, UFMG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo

Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFU
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Anibal Renan Martinot Chaim, PUC-SP
César Teixeira Castilho, UFMG
Cláudia Samuel Kessler, UFSM
Ernani Maletta, UFMG
Mário Alex Rosa, CEFET-MG
Miguel Archanjo Freitas Junior, UEPG
Rafael Lovisi, CEFET-MG
Raphael Rajão Ribeiro, FGV
Sarah Teixeira Soutto Mayor, UFJF
Vinicius Garzon Tonet, UFMG
Wagner Xavier de Camargo, UFSCAR

COORD. EDITORIAL, PREPARAÇÃO DE ORIGINALS, DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Gustavo Cerqueira Guimarães

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Erilma Desireé

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil)
Um a zero #2 (2012)

IMAGEM DA CAPA DESTE NÚMERO

Fotografia de Aladim Pinel (arquivo de família) –
União Futebol Clube, Lajinha/MG, Brasil, 1977.

Em pé: Roberto, Jorge, Ivan, Sidney, Aladim
(goleiro), Elci e Eliomar. Agachados: Manoelzinho, Totó,
Julinho, João Carlos e Paulinho.

APRESENTAÇÃO

(Auto)Biografias no mundo do futebol

Francisco Pinheiro; Marcelino Rodrigues da Silva – p. 3-5

DOSSIÊ:

(AUTO)BIOGRAFIA NO MUNDO DO FUTEBOL

Biografie delle icone sportive: quando il campione si racconta

Fabrizio Ciocca – p. 6-26

Brasil 3 x 1 Uruguai, semifinal da Copa de 70 (um relato-ensaio retrospectivo)

Teodoro Rennó Assunção – p. 27-57

Das brigas de arquibancadas à vida de professor universitário: relatos de um líder de torcida no Rio de Janeiro dos anos 1980

Bernardo Borges Buarque de Hollanda – p. 58-74

João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha – p. 75-97

Renata Leite: uma paraibana na arbitragem de futsal da FIFA

Christiane Garcia Macedo, Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima, Joelzio dos Santos Oliveira – p. 98-119

PARALELAS

De coadjuvantes a protagonistas: a ascensão midiática dos jogadores de futebol no Rio de Janeiro – o caso do jornal *Crítica* (1928-1930)

Euclides Couto, Tiago Nogueira – p. 120-140

Identidade e identificação nas memórias de ex-árbitros de futebol de Minas Gerais

Gabriel Farias Alves Correia; Fernanda Rocha da Silva, Alexandre de Pádua Carrieri – p. 141-168

RESENHA

O jogo, Micha e outros sonetos: futebol poético e outras paixões

Elcio Loureiro Cornelsen – p. 169-176

Os milagres de São Victor e o futuro do passado

Marcelino Rodrigues da Silva – p. 177-182

POÉTICA

Um Tostão e um Dadá [poesia]

Mário Alex Rosa – p. 183-184

(Auto)Biografias no mundo do futebol

(Auto)Biographies in the World of Football

Uma das mais assinaláveis contribuições da revista **FuLiA/UFMG**, extensível a este número (pelo menos assim o esperamos), é entender e pensar o esporte, em especial o futebol, como um “sistema de signos”, ou seja, como uma “linguagem”. Esta “língua” foi-nos decodificada, em parte, pelo realizador italiano Pier Paolo Pasolini, no famoso texto “O futebol ‘é’ uma linguagem com seus poetas e prosadores”,¹ no início dos anos 1970 do século passado. Mas já antes e certamente depois, existiram múltiplas contribuições para entender o “código geral” dessa linguagem. E este número temático, tal como esta revista em si mesma, pretendem

¹ Cf. PASOLINI. Il Giorno, 3 de janeiro de 1971. Traduzido ao português por Maurício Santana Dias e publicado no “Caderno Mais!” da *Folha de São Paulo* no dia 06 mar. 2005, p. 4-5, sob o título “O gol fatal”.

precisamente isso: contribuir para a compreensão dessa linguagem, que se tornou universal.

Como referimos na chamada de trabalhos para este número, as narrativas sobre a vida dos personagens mais destacados do futebol e do mundo dos esportes, como os grandes atletas, técnicos e dirigentes, assim como de personagens trágicos, pitorescos ou controversos que também fazem parte desse universo, sempre atraíram grande interesse, tanto por parte do público quanto dos estudiosos do fenômeno esportivo. Um interesse que talvez se justifique pelo fato de que um mega espetáculo esportivo, como é o caso do futebol, é sempre mais do que um simples jogo ou prática atlética. É, também, um complexo fenômeno sociocultural e um campo fértil para a elaboração de significações, identificações e projeções de nossos desejos, dilemas, alegrias e sofrimentos. Em síntese, uma “paixão”, como o definiu o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Para avançar na compreensão dessa complexa “linguagem-paixão”, este número reúne, nas seções **Dossiê** e **Paralelas**, trabalhos que refletem sobre as múltiplas possibilidades de leitura dos relatos biográficos e autobiográficos sobre personagens do mundo do futebol, em busca de suas relações com o modo como interpretamos, vivemos e construímos a experiência coletiva do esporte. Abordando as trajetórias de jogadores, torcedores, dirigentes e árbitros, esses trabalhos tomam o futebol como ponto de partida para pensar questões como a ideia de “ícone” (“celebridade”) esportivo, o papel do jornalismo na ascensão dos ídolos esportivos, a atuação de dirigentes como representantes das elites políticas no esporte e as memórias, experiências e identidades sociais de árbitros e torcedores. Entram em cena personagens que vão dos grandes craques do futebol mundial a um integrante de torcidas organizadas que acaba se tornando professor

universitário e uma árbitra de futsal, pioneira em seu tempo, cuja trajetória traz à tona as questões de gênero no universo esportivo.

Metodologicamente, também nos comprouve juntar abordagens epistemológicas diversas, em sintonia com o caráter multidisciplinar do periódico, agregando estudos produzidos a partir da história social, do estudo dos *media*, da história oral ou de propostas de cunho mais ensaístico.

No final deste número, o leitor poderá encontrar, ainda, as seções **Resenha** e **Poética**, que tradicionalmente integram a revista. Na primeira, são apresentados o livro *O jogo, Micha e outros sonetos*, de Wilberth Salgueiro, que inclui uma série de sonetos sobre o futebol, e a videoperformance intitulada *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção*, de Gustavo Cerqueira Guimarães, um curioso experimento em que se cruzam os desejos e a temporalidade dos atletas, dos torcedores e dos caprichosos deuses do futebol.

Na seção **Poética**, um par de poemas, “Um Tostão e um Dadá”, de Mário Alex Rosa sobre dois ícones do futebol mineiro, em que reverberam as possibilidades semânticas e plásticas das palavras “tostão” e “dadá”.

Para finalizar esta breve apresentação, recuperamos o poema “futebol” de Carlos Drummond de Andrade, na sua obra *Poesia errante*, que em quatro versos sintetizou a essência subjacente a este número: “Futebol se joga no estádio?/ Futebol se joga na praia/ futebol se joga na rua/ futebol se joga na alma”. Acrescentamos, se nos permitem: futebol igualmente se joga nesta edição da revista **FuLiA/UFMG**.

Boa leitura!

Porto e Belo Horizonte, 30 de maio de 2021.

Francisco Pinheiro
Universidade de Coimbra

Marcelino Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais



Biografie delle icone sportive: quando il campione si racconta

Biographies of Sports Icons: When the Champion Talks about Himself

Fabrizio Ciocca

Università Sapienza Roma, Roma/Itália
Dottorando in Storia d'Europa
fabrizio.ciocca@uniroma1.it

SINTESI: Nel mondo dello sport, ed in particolare in quello del calcio, da alcuni anni hanno acquisito sempre più importanza le biografie, genere letterario che solitamente viene invece associato alle storie di personaggi politici e storici piuttosto che alle vite di grandi campioni sportivi. In questo articolo vengono analizzate le biografie ufficiali di quattro leggende del calcio, autentiche icone planetarie, quali quella di George Best, Johann Cruyff, Diego Armando Maradona e Francesco Totti. Attraverso la comparazione di alcuni episodi comuni (i primi calci, l'esordio nel professionismo, il passaggio da "semplice" calciatore a fenomeno globale) si è cercato di comprendere se dall'analisi delle singole biografie è possibile rintracciare uno "schema narrativo" che cerca di soddisfare le aspettative del lettore e ne rafforzi il rapporto di identificazione con il proprio idolo.

PAROLE CHIAVE: Calcio; Leggende; Biografie; Icone.

ABSTRACTS: In the world of sport, and in particular in that of football, biographies, a literary genre that is usually associated with the stories of political and historical figures rather than the lives of great sports champions, have become more and more important for a few years. This article analyses the official biographies of four football legends, authentic planetary icons, such as that of George Best, Johann Cruyff, Diego Armando Maradona and Francesco Totti. Through the comparison of some common episodes (the first kicks, the debut in professionalism, the transition from a "simple" player to a global phenomenon) we tried to understand, from the analysis of the individual biographies, if it is possible to trace a "narrative scheme" that can meet the expectations of the readers and strengthen their relationship of identification with their idol.

KEYWORDS: Football; Legends; Biographies; Icons.

INTRODUZIONE

Negli ultimi decenni, le biografie del calcio hanno acquisito una notevole importanza, andando oltre la mera funzione di raccontare fatti e storie di giocatori famosi. Infatti, poiché il calcio è ormai diffuso ovunque nel mondo e i suoi Campioni sono considerati dai tifosi non solo degli atleti ma delle vere e proprie icone e modelli da seguire, spesso il ruolo di una biografia è quello di essere un "ponte" che permette di essere sempre in contatto con i propri idoli, anche dopo che hanno smesso di giocare.

Le biografie consentono ai tifosi di ottenere alcune informazioni su episodi del passato, verificare se la loro visione del fatto fosse giusta, di vedere confermate o meno una serie di etichette sulla carriera del giocatore quali ad esempio una serie di espressioni giornalistiche come "bravo ragazzo", "ribelle" o "genio": la biografia ufficiale rappresenta l'ultima parola, la "Verità" che non può essere messa in discussione da nessun altro e rafforza i meccanismi di identificazione dei supporters con il proprio idolo.

In questo contesto, viene qui presentata un'analisi comparativa sulle biografie ufficiali di quattro dei calciatori più celebri e famosi degli ultimi 50 anni quali il nordirlandese George Best, l'olandese Johan Cruyff, l'argentino Diego Armando Maradona e l'italiano Francesco Totti, quattro storie con un chiaro denominatore comune: a un certo punto della loro carriera, questi atleti sono diventati idoli di interesse comunità, cittadine o di un intero Paese, composte da milioni di sostenitori sempre pronti a perdonare i loro eroi in ogni caso e situazione avversa.

Storie che si sviluppano principalmente in sette città, per lo più europee (Belfast, Manchester, Amsterdam, Barcellona, Buenos Aires, Napoli e Roma), sullo sfondo di una serie di questioni sociopolitiche forti quali la dittatura franchista in Spagna, i "Troubles" in Irlanda del Nord e le organizzazioni criminali in Italia: 60 anni di calcio, che iniziano con Johan Cruyff negli anni 60' per arrivare al 2018, quando Totti si ritira ufficialmente dal calcio giocato, di storie e di passione per questo gioco che ha plasmato intere generazioni di giovani e non solo.

La tematica qui proposta mira a comprendere se, analizzando le quattro biografie, sia possibile individuare uno “schema narrativo” simile, o se ognuna segue un suo percorso autonomo; per fare ciò la metodologia adottata è stata quella di selezionare tra tantissimi episodi raccontati dagli autori i momenti più significativi, dall’infanzia ai successi, ai rapporti con i tifosi, e confrontarli tra loro, al fine di trovare aspetti comuni e differenze: in particolare, quello che qui ci appare interessante è comprendere come i protagonisti di queste eroiche gesta, a distanza di anni, hanno deciso di raccontarle, e in che modo, nelle proprie biografie.

Il primo elemento da sottolineare è che tutte le biografie prese qui in considerazione sono state scritte a partire dagli anni 2000, in coincidenza con l’irrompere della rete internet su scala planetaria, fattore che avrà un impatto decisivo sul mondo dello sport e calcistico. Con la rete, le gesta dei campioni del calcio – e non solo – vengono immediatamente diffuse su scala globale e, grazie a youtube, viste anche da tifosi che ne conoscevano solo i nomi.

Immediatamente, un gol di Cruyff ai Mondiali del ’74 è visibile in ogni angolo del Mondo; l’azione ubriacante¹ di Maradona contro l’Inghilterra ai Mondiali ’86 con il cronista che ne parla come di un “extra-terrestre” può essere rivista all’infinito e confrontata con un gol simile di Messi in Coppa del Re o il gol di George Best nel 1968 contro il Benfica, decisivo per la vittoria della prima coppa campioni di una squadra inglese, diventa oggetto di venerazione per i tifosi del Manchester United che a quella data non erano nati.

In pochi anni, migliaia di azioni e gol spettacolari e interviste che erano state riservate solo ai nonni e ai padri che avevano vissuto la generazione di questi giocatori del passato, diventano fruibili anche per i figli. Campioni del passato riacquistano una sorta di attualità grazie ad internet: i tifosi più giovani riscoprono questi idoli e aumenta la voglia di saperne di più, di conoscerli meglio, di avere una chiave d’accesso ai loro comportamenti del passato.

¹ Download dal sito: <https://bit.ly/2PyGpuP>.

La biografia diventa quindi lo strumento che soddisfa questa esigenza di riscoprire le storie di giocatori che hanno appassionato generazioni di tifosi e permette alla Leggenda di assumere una forma “umana”, in cui possono raccontarsi, in modo più intimo, portando a conoscenza del grande pubblico anche delle loro debolezze e fragilità.

Tra i primi a compiere questa operazione saranno Maradona nel 2000 e Best nel 2001, mentre Cruyff rilascerà la sua biografia ufficiale nel 2016, esattamente pochi mesi prima della sua morte. In ogni caso sono scritte dopo molti anni dopo aver terminato la propria carriera calcistica mentre Totti rappresenta invece un caso a sé: la morbosità e l'affetto dei tifosi della Roma verso l'icona giallorossa, la sua fedeltà all'unica squadra con cui ha giocato per 25 anni, faranno sì che solo un anno dopo aver smesso con il calcio giocato rilascerà la sua biografia alle stampe, provocando tra l'altro anche polemiche² con la stessa Società della quale nel frattempo era diventato dirigente, ma che lascerà a fine stagione.

GLI INIZI: CASA E STRADA!

Tutte le biografie qui analizzate iniziano descrivendo l'adolescenza e il percorso che porterà questi ad entrare nel mondo del professionismo e due sono le costanti in tutte le storie: il ruolo fondamentale della famiglia e la “strada” come il primo campo di calcio.

Le famiglie vengono sempre descritte come affettuose, umili, comprensive: le mamme amorevoli e gentili si occupano della salute dei figli, i padri spesso assenti per lavoro ma le prime figure con cui condividere i successi iniziali. Dei veri e propri “gusci”, una comfort-zone che i figli lasciano solo quando devono andare a giocare a football con gli amici.

La strada infatti è il luogo dove si danno i primi calci, dove mettono in pratica le proprie doti naturali e le abilità tecniche che poi affineranno nel mondo del calcio

² "Roma, Baldini verso l'addio: il motivo nell'autobiografia di Totti. Ecco le frasi incriminate" download dal sito <https://bit.ly/2RfYCO8>.

“vero”: per ora i marciapiedi e le buche sono le superfici dove calciare i palloni per provare l’effetto, gli spigoli gli angoli da usare per piazzare la palla.

Racconta Cruyff: “A giocare a calcio ho imparato per strada, nel quartiere Betondorp. Era pieno di palazzi popolari, destinati alla classe operaia e noi bambini passavamo un sacco di tempo fuori casa; giocavamo a pallone ovunque ci fosse possibile”,³ mentre per Best era il cortile di una scuola nella fredda Belfast il luogo “dove schizzavo a prendere a calci il pallone”.⁴

I campetti dell’area circostante di Villa Fiorito, periferia povera ai margini di Buenos Aires rappresentano i luoghi dove il Maradona bambino esprime la sua gioia per il calcio. Come racconta lui stesso “non so se fossimo i figli della strada, ma sicuramente eravamo i figli dei campetti. Se i nostri genitori ci cercavano, sapevano dove trovarci. Stavamo lì, a correre dietro al pallone”.⁵

Per Totti la strada invece diventa il ritrovo collettivo di una gioventù europea spensierata, senza troppi problemi economici (siamo a metà anni ’80 e l’Italia è tra le prime dieci economie mondiali), in un quartiere romano popolare e centrale come San Giovanni, e, come lui stesso racconta nella sua biografia,⁶ dopo cartoni animati in TV, con la saga “Holly e Benij” che racconta le avventure di due giovani giocatori giapponesi, autentico cult per i bambini e ragazzi, poi tutti giù a giocare per strada.

Ancora Totti così descrive i suoi inizi con il pallone:

A calcio giocavamo in cortile ma anche in strada, perché non esisteva ancora l’orario continuato e alle due i negozi abbassavano la saracinesca regalandoci, a volte fino alle cinque, le migliori porte che potessimo desiderare. La gente non ne era felice, perché ogni pallone calciato violentemente contro le serrande provocava un rumore esagerato e le conseguenti proteste, ma nessuno di noi se ne curava. Giocavamo ‘alla tedesca, ovvero con passaggi corti e al volo, classico esercizio da marciapiede per evitare che la palla vada in strada.⁷

³ CRUYFF. *La mia rivoluzione*, p. 14.

⁴ BEST. *The Best*, p. 21.

⁵ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 14.

⁶ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 12.

⁷ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 14.

Quegli anni infatti, che coincideranno con la caduta del Berlino e la fine della Guerra Fredda, per il giovane Totti sono anni in cui

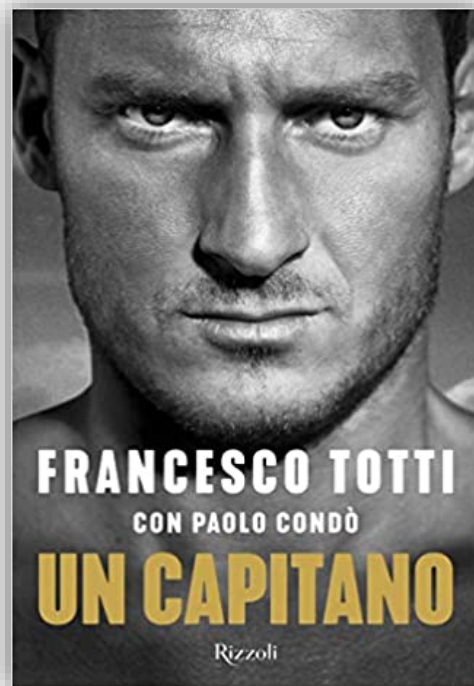
la strada esercitava un richiamo fortissimo, perché nel quartiere ci si conosceva tutti e le mamme si sentivano tranquille a lasciarti uscire, tanto c'erano decine di occhi a controllarti. Quelli dei negozianti di via Vetulonia, per esempio, che se non avevano clienti non rimanevano dietro ai banconi come succede oggi, ma si piazzavano sulla porta o direttamente fuori, sul marciapiede, e lì chiacchieravano fra loro, con i passanti e pure con noi bambini.⁸

In questo breve passaggio Totti rimarca una sorta di nostalgia del passato, dove la vita scorreva più tranquilla e il tema della sicurezza urbana ancora non aveva invaso il dibattito politico come succede oggi Italia, ed una sorta di rimpianto del passato ritorna spesso nella sua biografia, con diversi riferimenti ad un mondo che è cambiato e che il campione romano non riconosce più come suo: allo spogliatoio composto ormai solo da giocatori stranieri con cui è impossibile dialogare se non in inglese, all'uso smodato dei social da parte dei calciatori, ad una città sempre "meno" romana.

Già da questo primo sguardo comparativo, sebbene trattasi di giocatori che hanno vissuto in epoche completamente diverse, è facilmente comprensibile come i lettori possono identificarsi con questi giocatori: tutti si raccontano come ragazzi normali, con famiglie semplici alle spalle e la passione e l'amore per il calcio che trova il suo naturale sfogo per le strade e vie dei quartieri popolari.

Tutti elementi che hanno caratterizzato intere generazioni di giovani che speravano di diventare futuri calciatori, e che di fatto possono rivedersi nelle storie descritte in queste biografie. Traspare anche una sorta di "nostalgia" per un Mondo che sembra sempre lontano: la "strada" come luogo privilegiato per i ragazzi, la presenza quotidiana costante dei genitori.

⁸ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 12.



In foto: le copertine delle biografie.

L'ESORDIO

Un altro punto in comune che si riscontra in tutte e quattro le biografie è il racconto dell'esordio nel mondo del professionismo, passaggio fondamentale dal gioco in strada al praticare il football come un lavoro, "passe-partout" per raggiungere fama e successo.

Tra i quattro, quello più travagliato appare sicuramente quello di Best: un primo "assaggio" avviene nel luglio del 1961, ma dura esattamente 24 ore. Partito da Belfast per un provino con il Manchester United della durata di due settimane, l'impatto con la prima squadra è devastante, tanto da decidere il giorno dopo di ritornare a casa.

Di questa sua prima esperienza, Best scrive:

Ero cresciuto sognando di venire in Inghilterra e di giocare con una grossa squadra. Ma quando ero a Belfast era solo una fantasia. Quando sei un ragazzino usi tutta la tua immaginazione, ti vedi di fare goal a Wembley con 100.000 tifosi che urlano il tuo nome. Non pensi a tutto ciò che ti toccherà prima di quel momento, tipo startene in un campo di allenamento gelato con le ginocchia che tremano davanti questi giganti che fino a poco prima conoscevi per nome.⁹

Decisivo sarà il padre, che riesce a convincere un George appena quindicenne a ritornare pochi mesi dopo a Manchester, dove passerà i successivi due anni nelle giovanili prima di firmare il primo contratto da professionista. Racconta Best: "Non guardai nemmeno la cifra dell'ingaggio, scrissi un biglietto a mio padre, la lettera più breve che io abbia mai spedito. Volevo che gli arrivasse il prima possibile: Tuo figlio ha firmato".¹⁰

In questa vicenda il rapporto padre-figlio sembra determinante; è il padre che convince Best a riprovare l'avventura con i professionisti e sempre il padre il primo a ricevere la lieta notizia. L'avventura ripartirà, per esordire in campionato due anni dopo, il 14 settembre del 1963.

⁹ BEST. *The Best*, p. 39.

¹⁰ BEST. *The Best*, p. 51.

Nella sua biografia il contatto con la folla viene descritto come particolarmente emozionante: “la cosa più incredibile del mio debutto nella prima squadra fu camminare lungo il tunnel e sentire il rumore di più di 50.000 tifosi che continuava a diventare sempre più forte a mano a mano che si avvicinavano al campo, mi si rizzavano letteralmente i capelli in testa”.¹¹

Per Cruyff invece l'esordio è un percorso più lineare, naturale epilogo di un percorso iniziato già a 10 anni nelle giovanili dell'Ajax e che culmina sette anni dopo con il debutto in campionato il 15 novembre del 1964, che lo stesso olandese descrive senza particolare enfasi o emozione, ma anzi, quasi sottotono:

poiché avevo frequentato quasi tutti i giorni il De Meer¹² da quando avevo cinque anni, quando mi promossero in prima squadra conoscevo già tutti i giocatori. Il passaggio dalle giovanili alla prima squadra non fu niente di particolare per me, l'approccio con cui scendevo in campo rimase lo stesso.¹³

Di diverso tenore però è il modo in cui Cruyff descrive la prima volta in cui entra allo stadio durante una partita: a soli otto anni infatti gli viene dato un forcone per drenare il terreno zuppo d'acqua davanti alle porte. Per l'olandese “una cosa del genere non si può dimenticare; mentre infilavo il forcone nell'erba, mi sentii responsabile del campo su cui avrebbero giocato i miei eroi”.¹⁴

Il fatto che Cruyff nella sua biografia citi questo episodio come un elemento indimenticabile piuttosto che l'esordio con l'Ajax, lascia trasparire che nel momento in cui ha deciso di scrivere la biografia della sua vita e i ricordi, probabilmente le emozioni del Johan-bambino sembrano prendere il sopravvento sul Johan-professionista, che a soli 18 anni diventerà titolare fisso in squadra e una delle colonne portanti del club.

¹¹ BEST. *The Best*, p. 56.

¹² Lo stadio dell'Ajax, che Cruyff vide per la prima volta a cinque anni grazie all'amicizia del padre con l'addetto alla manutenzione dei campi, che nel libro viene citato come “zio Henke”.

¹³ CRUYFF. *La mia rivoluzione*, p. 26.

¹⁴ CRUYFF. *La mia rivoluzione*, p. 18.

Al momento della firma come professionista a tempo pieno,¹⁵ è presente anche la madre, che in quel periodo si occupava di pulire gli spogliatoi della squadra, un lavoretto che il club le aveva offerto dopo la morte del marito, e come per Best, anche il primo pensiero di Cruyff è per il proprio genitore: “Le dissi subito che da quel giorno non avrebbe più pulito gli spogliatoi del club. Non volevo che lavorasse in una stanza che io poco prima avevo tenuto a sporcare”.¹⁶

Per Maradona invece, l’esordio non è altro che una meta di un predestinato: “ero un professionista fin da piccolo, lo dico sempre: giocavo con la squadra che per prima veniva a chiamare”.¹⁷

Il primo contatto con il pubblico, che sarà uno degli aspetti fondamentali della sua carriera, il rapporto quasi “viscerale” con i tifosi, era avvenuto già a 10 anni, quando durante un Argentinos-Boca,¹⁸ durante l’intervallo, Maradona, presente come raccattapalle, inizia a palleggiare e gli spettatori in visibilio inizia ad urlare a gran voce “Che rimanga! Che rimanga!!”.¹⁹ Il ragazzo di Villa Fiorito non è quindi uno sconosciuto al grande pubblico (come nel caso degli altri tre giocatori qui considerati, salvo che per gli esperti di calcio giovanile); anzi, l’aspettativa è così forte che tutti si chiedono quando avverrà finalmente l’esordio. Questo è lo scenario ambientale all’interno del quale inizia la carriera nel professionismo di Maradona e del suo debutto ufficiale, che si realizzerà il 20 ottobre del 1976, a soli 16 anni.

Il giorno prima gli viene comunicato che all’indomani andrà in panchina con la prima squadra e che sarebbe entrato, e l’argentino racconta in questo modo il suo esordio: “Dal campo della prima squadra ero partito con il cuore in gola per correre a dirlo al vecchio e alla vecchia”.²⁰ Neanche il tempo di raccontarlo alla *Tota* e nel giro

¹⁵ Cruyff fu il secondo giocatore della storia dell’Ajax a firmare un vero contratto full-time con la squadra; fino al 1964 i giocatori firmavano contatti part-time, per poter svolgere anche altri lavori durante la giornata.

¹⁶ CRUYFF. *La mia rivoluzione*, p. 27.

¹⁷ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 15.

¹⁸ Maradona già era inserito nelle giovanili dell’Argentinos, motivo per cui poteva partecipare come raccattapalle nelle partite della prima squadra.

¹⁹ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 21.

²⁰ Nella biografia quando parla dei genitori Maradona usa il “vecchio” e la “vecchia”; per la madre anche “Tota”.

di due secondi lo sapeva tutta Fiorito; tutta Fiorito era informata che il giorno dopo avrei giocato”.²¹

Ancora una volta sono i genitori i primi a cui comunicare la notizia, i primi da ringraziare, che vengono in qualche modo “ripagati” dai tanti sacrifici fatti²² e l’esordio di Diego nel professionismo viene descritto quindi come una grande festa collettiva, che coinvolge tutti: in primis il Papà che per vedere il debutto del figlio in prima squadra con l’Argentinos prenderà un permesso da lavoro (narrato come evento eccezionale), poi tutti i parenti e gli amici più stretti, ed infine un intero quartiere, che vede in questo ragazzo prodigio una forma di riscatto dalla marginalità sociale.

Per Diego Maradona da quel giorno, in pochi mesi arrivano i servizi sui giornali e le televisioni nazionali e alcuni mesi più avanti addirittura l’esordio con la Celeste, la nazionale argentina. Eppure non sembra un momento felice per Maradona, che nelle pagine successive trasmette tutta la sua condizione di persona che si trova a vivere un successo arrivato probabilmente troppo presto, ancora minorenne, di un ragazzo abituato a vivere in modo semplice e di colpo proiettato in un Mondo crudele e spietato come quello del professionismo, tanto da sembrare quasi che in questo passaggio della sua biografia egli voglia mettere le “mani avanti” per spiegare ai propri fans da dove nascano una parte dei suoi futuri problemi; se non una giustificazione, almeno delle attenuanti per i suoi comportamenti.

L’esordio di Francesco Totti con la Roma invece avviene in una domenica invernale del 1993 a Brescia, anche lui sedicenne, fino ad allora conosciuto a livello locale come ottimo attaccante della squadra dei giovani. Come Maradona, riceve la notizia il giorno prima, cosa che gli provoca imbarazzo, vergogna, senso di inadeguatezza per doversi confrontare con i professionisti della Serie A, in un periodo in cui il calcio italiano è considerato dagli addetti ai lavori il più forte e competitivo al Mondo. Giocherà tre minuti, quel tanto per fare l’esordio nel professionismo.

²¹ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 23.

²² In diverse occasioni nelle prime pagine Maradona sottolinea come il padre si fosse “spaccato la schiena” pur di farlo mangiare tutti i giorni e questo a suo dire gli avrebbe permesso di essere forte e robusto per giocare a calcio.

Al rientro a casa viene festeggiato dai genitori e parenti, e alcuni mesi dopo firmerà il contratto con la Roma da 160 milioni di lire italiane a stagione (circa 130 mila euro attuali). A questo punto, c'è un passaggio molto importante, in cui Totti rende omaggio ai suoi genitori: “questa cifra tuttavia non rappresenta alcun riscatto sociale, né una rivincita per chissà quale infanzia disagiata. A casa nostra non solo papà non ha mai fatto mancare niente, ma ogni anno si va in vacanza, cosa che non tutti si possono permettere”.²³

Ancora una volta, il rapporto con la propria famiglia viene messo sopra tutto, i genitori e i sacrifici ricordati, senza i quali il Campione non sarebbe diventato tale: questo rapporto quasi sacro giocatore-famiglia, come visto, ricorre in tutte e quattro le biografie e viene rimarcato in diverse occasioni.

DA GIOCATORE A LEGGENDA: LA VITTORIA PIÙ IMPORTANTE

Le carriere di questi quattro giocatori, costellati da successi con i propri club e record personali, hanno fatto sì che siano entrati a buon diritto nella Storia del Calcio, grazie alle loro vittorie e ai loro record individuali, che come loro stessi raccontano, ottenuti grazie ad un mix di fattori, quali bravi allenatori, compagni validi, società ben organizzate, tifosi calorosi e ad anche quella giusta dose di fortuna che in certi momenti è decisiva.

C'è però un trionfo vittoria che per ognuno dei quattro segna il passaggio fondamentale: da giocatore di calcio a “leggenda vivente”, che li trasforma in icone popolari e in figure nazional-popolari in cui non si identificano solo i tifosi, ma anche persone non particolarmente appassionate al football che impara a conoscerli e a seguirli.

Per Best è la vittoria della Coppa dei Campioni del 1968 con il Manchester United, quando, per la prima volta, una squadra inglese arriva al traguardo europeo più importante, con un gol decisivo del nordirlandese ai supplementari contro il grande Benfica di Eusebio, e sempre nello stesso anno riceverà anche il Pallone d'oro

²³ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 35.

come miglior giocatore europeo dell'anno solare e il nomignolo di "Quinto Beatle", che la dice lunga sulla sua popolarità.

Anche per Cruyff la vittoria della Coppa Campioni con l'Ajax nel 1971 è l'inizio della sua Leggenda, a cui ne seguiranno altre due, e il successo personale per tre volte nel Pallone d'Oro, oltre ad esportare il famoso modello a zona della sua squadra anche nella nazionale olandese.

Per Maradona la vittoria dei Campionati del Mondo nell'estate del 1986 in Messico, dove sarà assoluto protagonista, rappresenta il momento più alto della sua carriera, in cui la sua fama raggiungerà il livello planetario, il che può sembrare paradossale poichè, sebbene così precoce, il successo più importante per l'argentino arriverà solamente alla soglia dei 26 anni.

Infatti, prima di quella data nel suo albo d'oro poteva contare solo su un campionato metropolitano con il Boca, una coppa di Spagna durante la sua fallimentare esperienza con il Barcellona, e nient'altro. In quel momento poi, il club dove militava, il Napoli, era una squadra italiana di poco prestigio e non competitiva.

Per Totti, indubbiamente, è la vittoria del Campionato italiano nella stagione 2000-2001, non solo perché primo trofeo di un palmarès che, rispetto agli altri, sicuramente lo vedrà meno vincente, ma perché lo Scudetto lo consacra a 23 anni come Top player, in un torneo che lo vede primeggiare su campioni dal calibro di Del Piero, Zidane, Crespo, Veron, Zamorano, Recoba, Seedorf e tanti altri ancora, mettendo a tacere le critiche di alcuni giornalisti che gli rimproveravano di non essere un giocatore di livello superiore.

È interessante, quindi, l'analisi qui proposta per capire come i protagonisti di queste eroiche gesta, a distanza di anni, hanno deciso di raccontarle, e in che modo, nelle proprie biografie.

Ad esempio, Best ne parla in un capitolo intitolato "Vivere un sogno" in cui descrive il suo stato d'animo al fischio finale della conquista della Coppa dei Campioni: "mi sentivo il padrone del Mondo",²⁴ ammettendo candidamente di non ricordare

²⁴ BEST. *The Best*, p. 112.

nulla del dopo partita “poiché l’unica cosa a cui era interessato era bere a più non posso” e così “il più grande giorno della mia carriera di calciatore per me è solo un buco nero”,²⁵ frammenti in cui Best non nasconde la sua più grande debolezza, il suo grande demone che lo accompagnerà durante tutta la sua carriera, la dipendenza dall’alcool, e che inciderà tragicamente anche dopo.

I ricordi, però, riaffiorano quando la squadra ritornerà a Manchester per festeggiare con mezzo milione di tifosi in strada e il pullman ufficiale che passa tra la folla plaudente e Best paragona questo momento alla fine di una guerra: “mi sentivo come se facessi parte di un esercito che tornava a casa dopo una vittoria”.²⁶

In questo periodo prende definitivamente coscienza della sua forza e, soprattutto, del suo essere diventato un’icona mondiale: “Avevo solo 22 anni, ero il giocatore più giovane ad aver vinto il titolo europeo, ero uno dei calciatori più famosi del mondo, guadagnavo un sacco di soldi e potevo avere praticamente tutto. Ero il padrone del Mondo. Sembrava l’inizio di una lunga e gloriosa carriera”²⁷ ma da lì a breve “tutti volevano un pezzetto di George, perché ero diventato una Superstar”,²⁸ ma la pressione della stampa e la vita mondana diventano una gabbia, a cui riesce a sfuggire solo quando scappa dagli amici per un drink in compagnia .

Completamente diverso invece il racconto di Johan Cruyff del momento che lo lancerà nel gotha dei campioni del football e lo farà conoscere al grande pubblico, ossia la prima vittoria della Coppa Campioni nel 1971 e l’inizio del ciclo Ajax. L’olandese ne parla infatti in modo molto distaccato, nessun ricordo particolare o curiosità sconosciuta; piuttosto l’enfasi è posta su come la squadra giocava, su quali erano i suoi punti di forza, sull’idea del “calcio totale”.

Può ovviamente sembrare strano che uno dei momenti più esaltanti della storia del calcio come quello dei bianco-rossi di Amsterdam venga ricordato dal principale protagonista in modo sobrio e con poche righe. Ma è lo stesso Cruyff a

²⁵ BEST. *The Best*, p. 11.

²⁶ BEST. *The Best*, p. 112.

²⁷ BEST. *The Best*, p. 112.

²⁸ BEST. *The Best*, p. 117.

spiegarlo ai lettori: “E’ stato un periodo gratificante, ma trofei e medaglie sono solo ricordi del passato. Sulle pareti di casa mia non c’è nulla che riguarda il calcio. Non mi è mai piaciuto rimuginare sul passato, e anche quando perdevamo, una volta chiusa la porta di casa riuscivo a dimenticare tutto”.²⁹

Il messaggio che l’olandese sembra voler comunicare ai suoi fans è quello di non guardarsi mai indietro, pena il rischio di vivere di ricordi; viceversa, la vita come lo sport, pone sempre nuovi traguardi da raggiungere e su cui concentrarsi: in effetti tra i quattro, Cruyff è l’unico ad aver raggiunto gli stessi successi anche dopo aver smesso la carriera da calciatore, diventando uno degli allenatori europei più vincenti di sempre (per Totti ovviamente la valutazione ancora non è possibile, tuttavia dopo aver lasciato la dirigenza della Roma nel 2019 ha lanciato una sua società di talent scout).

Per quanto riguarda Maradona, sono ben diciannove le pagine che dedica all’avventura mondiale di Messico ’86, che lo consacrerà come il giocatore più forte al Mondo e sicuramente, uno dei passaggi più importanti di quel torneo, ma soprattutto della sua trasformazione da Campione a Eroe Nazionale, sono i famosi due gol che il capitano argentino realizzerà contro l’Inghilterra, il primo con la mano³⁰ (non visto dall’arbitro), il secondo dopo una galoppata di 80 metri con palla al piede e dribbling di sei giocatori inglesi. Scrive nella propria biografia che

Quella partita con l’Inghilterra, il 22 giugno 1986, è una data che non dimenticherò mai finché vivrò. Si trattava più di sconfiggere un paese³¹ che una squadra di calcio. Valeva di più che vincere un incontro, per quanto prima della partita dicessimo che il calcio non c’entrava niente con la guerra delle Malvine, sapevamo che là erano andati a morire molti ragazzi argentini, che li avevano fatti fuori come passerini... e questa era come una rivincita... recuperare qualcosa delle Malvine. Era più forte di noi: stavamo difendendo la nostra bandiera, i ragazzi caduti, i sopravvissuti.³²

²⁹ CRUYFF. *La mia rivoluzione*, p. 35.

³⁰ La famosa foto di Maradona che colpisce con il pugno sinistro la palla in salto contro il portiere dell’Inghilterra Peter Shilton, è diventata la copertina del libro “Futbol argentino”, del celebre scrittore Osvaldo Bayer, uscito nel 2009 e considerata una delle pubblicazioni più complete sulla storia sociale del calcio in Argentina.

³¹ Il riferimento è alla guerra della Malvine, conflitto combattuto tra argentini ed inglesi tra l’aprile e il giugno del 1982, quando l’esercito argentino invase le isole Falkland rivendicandole come parte del proprio territorio (ad oggi ancora appartenente al Regno Unito), che costò all’Argentina 649 morti, 1.068 feriti e circa 12 mila prigionieri.

³² MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 118.

Maradona confessa che la posta in palio di quella partita andava ben oltre la competizione agonistica e in queste poche parole probabilmente c'è la spiegazione del grande amore che ancora oggi l'Argentina riversa al suo figliol prodigo Diego Armando: in effetti queste pagine, che per certi versi sono molto aspre e dure, sembrano essere scritte più per un pubblico argentino che per un lettore comune appassionato di calcio.

Pochi giorni dopo arriverà la vittoria in finale contro la Germania Ovest, e tutta la squadra sarà invitata a festeggiare al palazzo presidenziale sul balcone della Casa Rosada insieme ad Alfonsín, primo presidente eletto democraticamente dopo la dittatura militare degli anni '70 e per Maradona il primo pensiero è però per il Popolo: "In quel momento non mi interessava nessun politico, io pensavo alla gente, fosse stato per me, avrei preso la bandiera e sarei andato a festeggiare in mezzo a loro".³³

In pochi giorni però, la situazione sfugge di mano, e la casa di Maradona a Buenos Aires diventa una specie di attrazione turistica, un luogo di pellegrinaggio. Il giocatore è costretto a vivere blindato, e ne descrive la situazione come insostenibile per lui e la sua famiglia, e pur tuttavia prova a capire i sentimenti che animano quella folla: "provavo a mettermi nei loro panni ed era come se io, da ragazzo, mi fossi piantato davanti alla porta di casa Bochini.³⁴ Credo sia una questione di identificazione, ti piace come agisce una persona e vuoi che lo sappia".³⁵

Per quanto riguarda invece il trionfo più importante di Francesco Totti, egli dedica alla vittoria dello scudetto con la Roma e a quella stagione ben due capitoli per un totale di 35 pagine, praticamente oltre il 10% della sua biografia, ed in particolare all'ultima partita di quel campionato, il 17 giugno 2001, che darà il titolo matematicamente ai giallorossi, e dove Totti segnerà il gol iniziale e la Roma vince il suo terzo scudetto, 18 anni dopo l'ultima vittoria e le gesta del brasiliano Paulo Roberto Falcão.

La sera stessa il Capitano romanista decide di festeggiare per la città, in motorino e casco, per "godermi questi infiniti cortei di bandiere, questi colori – il

³³ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 124.

³⁴ Ricardo Bochini ex centrocampista argentino dell'Independiente, idolo di Maradona da bambino.

³⁵ MARADONA. *Io sono el Diego*, p. 124.

giallo e il rosso – che pitturano tutta Roma, questa gioia senza mediazione e senza pensieri, la notte più bella della mia vita e delle vite di tanti che mi viaggiano accanto, e non s’immaginano chi ci sia sotto quel casco”.³⁶

Da quel giorno Totti diventa a soli 23 anni, il simbolo di un’intera comunità, quella romanista, che non lascerà mai più per il resto della sua carriera ed egli stesso è già conscio del potere che la sua figura iconica esercita sulla pubblica opinione:

Dallo scudetto in poi ho capito che quello che dico e faccio può influenzare l’opinione di parecchie persone, perché di me tendono a fidarsi. Ho detto che sarei rimasto per sempre e sono rimasto: questa è la cosa che più di qualsiasi altra ha cementato il rapporto d’amore fra me e i tifosi. Amore e fiducia. Perciò sono sempre stato attento a tenermi distante dalla politica, un campo in cui ritengo di non dover orientare nessuno.³⁷

Da quel giorno la vita di Totti, da come emerge dai racconti e dagli episodi che racconta nella biografia, sembra cambiare drasticamente ed il prezzo da pagare per questo successo, che tra l’altro lo porta ad essere conosciuto in tutto il Mondo, è quello di non poter vivere la sua città, pena l’essere sempre bloccato da migliaia di tifosi in visibilio in ogni posto in cui si reca, tanto da esprimere, con un misto di consapevolezza e tristezza, il seguente desiderio: “per un giorno vorrei essere proprio un turista invisibile, per girare Roma in lungo e in largo senza assembramenti e senza selfie. Oppure il protagonista della Grande bellezza,³⁸ quando rincasa molto tardi la notte, e attraversa i luoghi più affascinanti della città completamente deserti”.³⁹

CONCLUSIONI

In questa analisi comparativa tra biografie di campioni sportivi, considerati delle autentiche icone globali, sono stati selezionati in particolari tre momenti precisi delle loro carriere: i primi calci con gli amici, dove la passione era alla base di tutto; il

³⁶ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 87.

³⁷ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 201.

³⁸ La “Grande Bellezza” è un film italiano che ha vinto l’Oscar come miglior film del 2013.

³⁹ TOTTI; CONDÒ. *Un Capitano*, p. 201.

passaggio al professionismo, in cui si entra in una dimensione non più ludica ma professionale, e, infine, la trasformazione da giocatori a Campioni e Leggende.

Per Cruyff l'enfasi è posta sugli altrettanti successi come allenatore del Barcellona; di Best viene descritto il suo declino che lo porterà in campionati minori in giro per il mondo e il post-carriera altrettanto problematico; di Maradona gli ultimi capitoli sono dedicati al suo rapporto con i compagni (che il giocatore divide in "amici e nemici") e il mondiale del 1990 che scatenò un vero e proprio caso politico dopo alcune dichiarazioni del giocatore;⁴⁰ per Totti si chiude con l'ultima partita giocata allo Stadio Olimpico e il suo addio.

In questa analisi, come detto, si è deciso tuttavia di enucleare i momenti decisivi per la "costruzione" dell'icona, ossia i passaggi che hanno trasformato dei bambini che prendevano a calci un pallone nel loro quartiere a campioni leggendari, ed il primo tassello di questo mosaico è il ruolo fondamentale dei genitori: in tutti i quattro casi analizzati, la famiglia emerge come il luogo confortevole, che infonde sicurezza, che protegge i figli, che li supporta.

Nel momento del passaggio al professionismo il primo riconoscimento va a loro, a cui i figli riconoscono i meriti di non avergli mai fatto mancare nulla e la gratificazione per il debutto in prima squadra è quindi dedicata ai genitori, è con loro che questi ragazzi ancora adolescenti vogliono condividere la gioia dell'esordio nelle rispettive leghe nazionali.

Se, quindi, vi sono degli aspetti che sembrano accomunare tutti e quattro (oltre allo stretto rapporto con la famiglia, anche la strada come primo spazio urbano per testare le proprie abilità) le differenze emergono quando arriva il successo e la popolarità che supera i confini del mondo sportivo.

⁴⁰ Prima della semifinale Italia-Argentina, che era programmata da giocarsi il 3 luglio 1990 allo Stadio San Paolo di Napoli, Maradona invita i tifosi napoletani che avrebbero assistito alla partita allo stadio a schierarsi con lui (e l'Argentina) sostenendo che nel resto d'Italia nei confronti dei napoletani il sentimento prevalente era quello razzista (questo episodio è ampiamente spiegato nella biografia). Queste parole provocarono una sorta di scandalo e prese di posizione anche a livello politico di condanna del giocatore.

Per Cruyff l'essere il calciatore europeo più forte e famoso del suo periodo non crea particolari problemi o emozioni, tanto che i continui trofei vinti finiscono negli scatoloni: il suo distacco, il suo approccio sempre concentrato all'obiettivo, in effetti, ne confermano i tratti che tutti i tifosi hanno imparato a conoscere durante tutti gli anni della sua carriera, sia come allenatore che come giocatore.

Per Best invece il 1968, anno della sua consacrazione mondiale, tanto da venir associato ai Beatles in termini di popolarità e figura iconica, saranno l'inizio della fine: il campione nordirlandese, infatti, non riesce a gestire la pressione mediatica e pubblicitaria che gli arriva, e comincerà a rifugiarsi sempre più nell'alcool. La figura che ne emerge è quella di un ragazzo che si trova a vivere una cosa più grande di lui, e Best durante tutta la biografia si trova a confrontarsi con questo problema, che tuttavia non nasconde al lettore, spiegando come dietro il successo apparente, la fama e i soldi, le vite personali sono molto complesse e sofferenti.

Maradona e Totti invece sono quelli le cui biografie per certi versi più si somigliano: in entrambi i casi il rapporto con la gente, questa connessione "viscerale" è sempre presente: per Maradona è l'Argentina e Napoli, per Totti è Roma.

Tutti e due affermano e manifestano di avere piena consapevolezza del loro potere sulla gente, del loro essere diventati eroe per milioni di persone, con una differenza: infatti Maradona lo è di un'intera nazione, che lo accoglie come un Dio al ritorno dal Messico per festeggiare la prima vittoria di un Mondiale della Celeste mentre Totti rimane un mito confinato soprattutto all'interno della sua città, tanto da scrivere nella sua biografia che lo Scudetto vinto con la Roma non potrà mai essere paragonato come intensità di emozioni alla vittoria del Mondiale del 2006.

Un ulteriore elemento di analisi è comprendere a chi parlano questi ex-giocatori: per Cruyff il target scelto sembra un pubblico di sportivi appassionati, per Maradona e Totti soprattutto i "loro" tifosi, mentre la biografia di Best appare essere scritta più per sé stesso che per gli altri, quasi come una sorta di elaborazione degli errori passati.

Alla domanda iniziale quindi, se è possibile rintracciare uno schema narrativo costruito ad “arte” per rafforzare un sentimento di identificazione dei tifosi, non è possibile rispondere in modo assolutamente affermativo, tuttavia si rintraccia uno stile narrativo molto simile, che tende a privilegiare certi episodi conosciuti da tutti e che quindi vanno a spiegare perché all’epoca gli stessi fecero o presero certe decisioni, svelando finalmente “misteri” su cui i tifosi hanno discusso per anni, ognuno portando la propria idea quasi fideistica.

Non è ovviamente possibile sapere se ci sono precise scelte editoriali nel momento in cui un campione di questo livello decide di raccontare la propria carriera e quanto margine di autonomia viene loro attribuito nel raccontare le proprie vite. Sicuramente, nel caso di Cruyff e Best sono una sorta di testamento finale, dato che entrambi da lì a poco moriranno per lunghe malattie (Best circa tre anni dopo il rilascio della sua biografia, Cruyff meno di un anno).

È innegabile che le biografie rafforzano il senso di identificazione che un lettore può nutrire nei confronti degli stessi giocatori: ricche di episodi, svelano particolari segreti e consentono di rivivere le emozioni di un tempo, che per molti tifosi rimandano alla propria gioventù, e soprattutto, danno un’immagine di questi campioni di persone umili, normalissime, che ad un certo punto della loro vita, grazie solo al loro talento, riescono ad imporsi, facendo sì che coloro che li seguono possono godere e vivere dei successi dei propri beniamini come se fossero i loro.

In un mondo dove regnano la corruzione e spesso il nepotismo, ecco che la “meritocrazia” ha finalmente il suo giusto riconoscimento, che in questo caso è l’abilità nel gioco del calcio. Queste biografie sono quindi costruite soprattutto per far emergere le qualità degli stessi, i loro momenti migliori, ma allo stesso tempo, le loro debolezze, che di fatto li rendono ancora umani, e più vicini al tifoso, che può non solo identificarsi, ma continuare a sognare nelle gesta eterne dei suoi Eroi.

RIFERIMENTI

BEST, George. **The Best**. [Tradotta dall'edizione *Blessed: The autobiography*]. Milano: Baldini Castoldi Dalai Editore, 2004.

CRUYFF, Johan. **La mia rivoluzione**: l'autobiografia. [Tradotta dall'edizione originale *My Turn: The Autobiography*, 2016]. Milano: Edizione Bompiani, 2018.

MARADONA, Diego Armando. **Io sono el Diego**. [Tradotta dall'edizione originale *Yo Soy el Diego*, 2000]. Roma: Fandango Libri, 2020.

TOTTI Francesco; CONDÒ, Paolo. **Un Capitano**. Milano: Rizzoli, 2018.

* * *

Recebido para publicação em: 04 out. 2020.
Aprovado em: 31 mar. 2021.

Brasil 3 x 1 Uruguai, semifinal da Copa de 70 (um relato-ensaio retrospectivo)

Brazil 3 x 1 Uruguay, Semifinal of the 1970 World Cup
(A Retrospective Essay-report)

Teodoro Rennó Assunção

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Histoire et Civilisations, École des Hautes Études en Sciences Sociales, França
teoreno@letras.ufmg.br

RESUMO: Como o título bem indica, este artigo é uma mistura de relato e ensaio interpretativo sobre a partida semifinal da Copa do Mundo de futebol de 1970 entre a seleção brasileira e a uruguaia, cujo resultado foi a vitória do Brasil por 3 a 1. Mas ele é também a tentativa de restituir detalhadamente, por meio de uma partida decisiva e difícil, não somente a maneira de jogar de uma equipe habilidosa e criativa no meio de campo e no ataque (dando destaque a um jogador taticamente importante, mas às vezes menos lembrado do que Pelé, Jairzinho ou Gérson, que é o Tostão, e à sua destreza ímpar nos passes), mas de restituir também o modo como no futebol os momentos ou as situações de uma partida podem mudar repentina e imprevisivelmente, demandando assim dos jogadores (além do preparo físico e da essencial vontade de ganhar) uma atenção à variação dos momentos e às chances únicas e decisivas.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil 3 x 1 Uruguai; Semifinal; Copa de 1970; Relato-ensaio; Tostão.

ABSTRACT: As the title rightly indicates, this article is a mixture of an account and an interpretive essay on the 1970 FIFA World Cup semifinal match between the Brazilian and the Uruguayan national teams, the result of which was Brazil's 3-1 victory. It is also an attempt to restore in detail, by means of a decisive and difficult match, not only the way of a skillful and creative team playing in the midfield and in the attack (highlighting a tactically important player, but sometimes less remembered than Pelé, Jairzinho or Gérson, who is Tostão, and his unique skill in passing), but also to restore the way in football the moments or situations of a match can change suddenly and unpredictably, thus demanding from players (in addition to physical fitness and the essential desire to win) attention to the variation of moments and to the unique and decisive chances.

KEYWORDS: Brazil 3 x 1 Uruguay; Semifinal; 1970 World Cup; Essay-report; Tostão.

pro Tostão (vivíssimo e bem-pensante cronista)

A bola [...]
que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção,
dando aos pés astúcias de mão.

João Cabral de Melo Neto,
“O futebol brasileiro evocado da Europa”.

Ainda que seja possível dizer que um núcleo de memória do próprio jogo visto (em preto e branco) com nove anos de idade numa televisão pequena e com imagem certamente bem menos nítida do que a atual de “alta definição” (“HD, High Definition”) tenha se conservado, misturado certamente com os inúmeros VTs de compactos e dos gols (já em cores), primeiro em retrospectivas da Copa do Mundo (de futebol) de 1970 no próprio cinema na época, e depois na televisão não sei quantas vezes, o que vou tentar modestamente fazer aqui é a narração resumida de uma experiência recente de ter assistido o VT desse jogo inteiro em cores e em HD na TV (o que não é possível fazer com um mero recurso ao *YouTube*, por causa dos direitos da FIFA sobre as imagens do jogo inteiro), já sabendo do resultado do jogo e conhecendo bem os quatro gols e alguns lances memoráveis, numa grande retrospectiva da íntegra dos seis jogos do Brasil nessa Copa de 70 no Sportv1 (da Globosat), comemorando um exato meio século de existência de cada jogo memorável (exatamente no seu dia) no mês de junho de 1970 e agora de 2020 (às 23:30 de cada um desses dias, horário um pouco ingrato),¹ para preencher de algum modo o insuportável vazio de jogos de futebol brasileiro ao vivo nesta quarentena

¹ Um detalhe bem importante desses VTs dos seis jogos inteiros do Brasil na Copa de 1970 (cada qual de uma hora e meia e mais alguns poucos acréscimos, pois na época juiz algum estendia muito os dois tempos de 45 minutos de um jogo) é que apenas o visual filmado estava sendo retransmitido, enquanto tanto a locução (obviamente sem grande importância, como no rádio, senão para uma correta identificação dos jogadores, técnicos, juiz e bandeirinhas) quanto os comentários não eram os de quem os haviam feito há 50 anos atrás (mesmo que os sons da partida então acontecendo tivessem sido conservados), mas de locutores e comentaristas atuais, que (como eu próprio) já sabiam de todos os resultados dessa Copa e muito dificilmente conseguiriam fingir bem uma emoção qualquer de quem poderia ser surpreendido por um outro curso dos eventos em uma série temporal sucessiva e irreversível que compõe o evento maior total de um jogo de futebol. Apenas pra lembrar aquele que era o locutor brasileiro de TV mais conhecido então (o Geraldo José de Almeida), vou citar agora, em sua homenagem, o modo como ele descrevia com precisão um gol que acabava de ser feito (por seu efeito imediato no resultado mesmo da partida): “Olha lá, olha lá, olha lá no placarrrrrr...” (arrastando bem o “r” final dessa palavra).

bem estendida devido à terrível pandemia do coronavírus num Brasil inteiramente desgovernado e já tendo se tornado o 2º país em todo mundo com o maior número de infectados e de mortes devidas a esse novo vírus.

Curiosamente eu sempre guardei alguma memória (confirmada agora pelos depoimentos dos jogadores) de que esse jogo era visto então pela imprensa como muito perigoso pro Brasil devido ao desastre da final da Copa de 1950, em pleno Maracanã (o famoso “Maracanazo”), quando o Brasil, com um time considerado bem melhor tecnicamente, perdeu de 2 a 1 pro Uruguai, em dois vacilos fatais (sobretudo o último, no gol de Giggia, pra abominável desonra do goleiro Barbosa) e talvez também por alguma vergonhosa falta de virilidade ou “raça” (à qual se contrapunha o heroísmo macho, e indiferente ao imenso público brasileiro que lotava o estádio, do capitão uruguaio Obdúlio Varela), algo que sempre foi também decisivo no futebol.² Mas, de um ponto de vista objetivo, segundo o mero regulamento, então bem conhecido de todos, esse jogo era *perigoso* ou possivelmente fatal simplesmente porque era (depois da fase classificatória dos grupos, em que o Brasil ficou em 1º lugar com três vitórias, e já como no caso das quartas de final na vitória de 4 a 2 contra o Peru) uma partida única e eliminatória (ou de “mata-mata”),³ em que todas as chances estavam sendo apostadas de uma

² No entanto, diferentemente do jogo contra a Inglaterra, que foi ao meio-dia (obrigando o Brasil a se antecipar na madrugada pra ficar com o melhor vestiário), o jogo contra o Uruguai foi num horário bem mais ameno do verão mexicano: às 16 horas ou 4 da tarde, dispensando o Brasil de qualquer iniciativa nesse sentido e lhe permitindo um concentrar-se apenas no adversário. Apenas como uma curiosidade (de que em algum remoto dia eu já tinha ouvido falar) vale registrar o que Carlos Alberto diz sobre Pelé no vestiário antes de qualquer partida começar: “O Pelé dormia no vestiário, o Pelé tinha esse hábito. Em qualquer jogo, ele ia pro vestiário, pegava um saco de roupa, que servia de travesseiro, ia lá num cantinho, num banco, tirava lá um soninho. Ele apagava, tem gente que tem essa facilidade. E acordava com tudo, né?” (TORRES. Fui com tudo, cheguei na passada certa, com a certeza de que iria fazer o gol).

³ Mas caberia lembrar que objetivamente também o time da Seleção Uruguaia, composto com uma base de jogadores do Nacional e do Peñarol, era formado por alguns jogadores do Peñarol (como o goleiro Mazurkiewicz, o zagueiro Forlan e o meio campo Pedro Rocha que felizmente não jogou contra o Brasil) que já haviam sido não só campeões nacionais, mas também da Libertadores e mesmo do Mundial de Clubes em 1966, assim como do Nacional (com alguns jogadores que estavam na Seleção de 1970, como Luis Cubilla) que seria campeão da Libertadores em 1971, e cabendo ainda lembrar que fazia parte, por exemplo, da tradição do futebol uruguaio ter tido um time, o Peñarol, que foi bicampeão das duas primeiras Libertadores da América em 1960 (sendo que neste ano, no jogo de volta contra o Olímpia do Paraguai, em Assunção, depois de ter vencido em Montevideu por 1 a 0, o Peñarol empatou em 1 a 1 com o Olímpia, com um gol de Cubilla aos 38 minutos do 2º tempo), e em 1961 (ganhando do Palmeiras por 1 a 0 em Montevideu e empatando em 1 a 1 em São Paulo, sendo que Cubilla, apesar de não ter marcado gol, jogou ambos os jogos) e foi também campeão mundial de clubes em 1961 (novamente com Cubilla jogando) e ainda disputou as finais da Libertadores com o Santos também campeão do mundo em 1962 (ainda uma vez com Cubilla

vez por todas (no que, paradoxalmente, algo de cada instante único e irreversível da própria vida humana de cada indivíduo, mesmo que não necessariamente o da morte, estaria sendo também de algum modo representado), dando ao espectador do jogo um medo, um *frisson* e uma graça únicos, sobretudo porque o time brasileiro estava indo muito bem (quatro brilhantes vitórias) e seria uma tristeza que tudo fosse desperdiçado pra disputar um medíocre e jamais compensatório 3º lugar (como, por exemplo, na Copa de 1978), o que na hora H parece revelar bem que no futebol também a vitória ou o resultado final é muito (ou talvez o mais) importante.

Estranhamente, o que é bem próprio do futebol, o Brasil parece ter se assustado um pouco no primeiro tempo com a marcação cerrada e violenta dos uruguaios (que tinham até então a melhor defesa da Copa) e não conseguia acertar bem as sequências de jogadas do meio de campo pra frente (ou às vezes apenas na finalização), apesar de também não sofrer propriamente maiores perigos de um ataque uruguaio que era, no fim das contas, como o próprio meio de campo uruguaio no sentido da armação de jogadas, bem inosso e medíocre.

Mas agora, enfim, vou dizer algo que só o rever tranquilo de todo o jogo pôde permitir, em contraste com o depoimento retrospectivo de cinco jogadores (Carlos Alberto, Clodoaldo, Gérson, Tostão e Piazza, mas sobretudo o do Gérson) que acentuou um certo “apagão” do Brasil no 1º tempo, como se não tivesse jogado “nada”:⁴ o Brasil, com um toque de bola bem melhor (apesar do padrão do Uruguai não ser também de todo ruim), criava muito mais jogadas de ataque do que o Uruguai (ainda que fosse um jogo muito interrompido devido às muitas jogadas violentas e faltosas), e logo aos 19 minutos foi surpreendido numa jogada em que o famoso ponta direita ou atacante Luis Cubilla (e não Cubillas com “s”, como é o nome do craque peruano que fez o 2º gol do Peru no jogo anterior do Brasil), depois de um erro bisonho de passe do nosso bruto beque Brito⁵ e uma recepção

jogando). “Não jogamos, não tinha explicação [para o primeiro tempo]. Sentamos lá, discutimos, argumentamos, chegamos à seguinte conclusão: ‘Nada.’” (GÉRSO. Como é que você vai admitir que o Pelé jogue 45 minutos mal?).

⁴ “Não jogamos, não tinha explicação [para o primeiro tempo]. Sentamos lá, discutimos, argumentamos, chegamos à seguinte conclusão: ‘Nada.’” (GÉRSO. Como é que você vai admitir que o Pelé jogue 45 minutos mal?).

⁵ No entanto, num primeiro lance de perigo para o Uruguai, foi Everaldo quem cabeceou meio mal, cortando um lançamento pelo alto pra esquerda, e a bola sobrou pro atacante Fontes que chutou de primeira bem forte e rasteiro no canto direito, mas o goleiro Félix estava bem colocado e pulou rápido pra baixo pegando firme a bola e sem dar rebote (o perigoso “bater roupa”).

de bola tranquila e repasse imediato e preciso de Morales, recebeu a bola livre e meio sem ângulo já dentro da grande área, mas aparentemente sem grande perigo, e num chute não tão forte (e parecendo um cruzamento que tivesse dado errado, mesmo que nenhum outro atacante estivesse propriamente chegando pra conferir), mas muito bem colocado se realmente intencional, pegou o nosso às vezes “feliz” e “dorminhoco” Félix no contrapé e foi morrer no outro e esquerdo cantinho interior do gol (enquanto o Piazza chegava já meio atrasado e sem poder fazer nada), causando uma vibração intensa dos uruguaios e um certo desespero completamente desconcertado (“como é que isso pode estar acontecendo conosco agora?”) dos brasileiros.

Como tive a impressão de ter visto (neste VT privilegiado) um pouco mal esse gol de Luis Cubilla, passando a desconfiar então de que ele pudesse ter tentado o gol diretamente (e não indireta e equivocadamente), como também o seu olhar pra dentro da pequena área (na hora do lance) parecia indicar bem, além do fato (só agora evidente pra mim) de que nenhum atacante uruguaio estava chegando à grande área pra finalizar o que teria sido um mero cruzamento pra área, voltei a ver o lance mais de uma vez em compactos no *YouTube* e passei enfim, com um pouco mais de justiça à realidade dos fatos, a considerar que esse foi um gol de muita técnica e malícia deste atacante uruguaio (pois ele também apostou inteligente e calculadamente que esse goleiro – por “coincidência” meio dado a vacilos – não estaria esperando um improvável chute direto e sem ângulo e seria pego de surpresa numa decisiva fração de segundo), ou seja e forçando um pouco o oximoro na escolha insólita do adjetivo: um “discreto golaço”.⁶

Mas não houve propriamente “apagão” nenhum, pois o Brasil, apesar de estar perdendo por causa deste gol apenas à primeira vista meio fantasma (ou “ubaldino”, como os mineiros poderão reconhecer), continuou atacando e mantendo o controle do jogo (em termos de domínio de bola e habilidade, como a

⁶ Se considerarmos que esse Cubilla, então já meio gordinho e com 30 anos de idade e que tinha fama de ser meio irritante para os beques adversários, já tinha sido 5 vezes campeão uruguaio, 2 vezes campeão da Libertadores em 1960 e 1961 e campeão mundial de clubes em 1961 pelo Peñarol, e voltaria a ser campeão uruguaio e da Libertadores em 1971 pelo Nacional, o grande rival do Peñarol (e isso sem considerar que ele seria ainda duas vezes campeão da Libertadores como técnico), teríamos, sem dúvida, uma figura inquestionável de um herói que foi um dos maiores jogadores da história do futebol uruguaio, algo de que só agora, com a facilidade de consulta imediata de bons *sites* sobre futebol no *Google*, estou enfim me dando conta (mas antes tarde do que nunca...).

Seleção Holandesa de 74 e o bom Barcelona depois), tendo tido várias chances de gol e mesmo o que hoje seria talvez considerado um pênalti no Pelé, cabendo aí, portanto, a observação – não secundária ou menor – de que, para o padrão de arbitragem de hoje (ou do que é considerado falta grave ou passível de cartão amarelo, que só então aparecia timidamente pela primeira vez nas Copas, ou inaceitável e merecendo expulsão com o cartão vermelho, também uma novidade), o Uruguai dificilmente poderia ter saído como um quase vitorioso naquele 1º tempo da semifinal da Copa de 70, sendo que, antes do dramático gol de empate, o Brasil ainda teve três chances mais ou menos claras de gol, além do já citado possível pênalti em Pelé (segundo foi reclamado então pelos brasileiros, mesmo que hoje possamos ter alguma dúvida), num jogo em que os jogadores brasileiros estavam sendo “caçados” com violência pelos uruguaios e correndo assim o risco de “arregarem” e ficarem com o moral meio baixo.

Na primeira chance, trocando a bola tranquilamente no campo do adversário, Rivelino passa pro Clodoaldo que (como médio volante bom de bola e que não tinha medo de arriscar) chuta de longe, mas com perigo, a bola passando meio alto (mas não acima do limite vertical do gol) ao lado da trave esquerda de um goleiro que, caso ela tivesse ido mais pra dentro do gol, talvez não a alcançasse (pois é tudo muito rápido, o que o VT em câmera lenta costuma falsear...). Na segunda, é o Gérson quem, muito marcado no primeiro tempo, dá um passe ou cruzo preciso e suave, na borda de dentro da grande área, pro Pelé que cabeceia com algum perigo para o chão ao lado da trave direita. Na terceira, numa falta perigosa no ângulo de fora direito da grande área, é Rivelino (grande batedor de faltas, como o 1º gol contra a Tchecoslováquia tinha provado bem) quem cobra a falta com curva, a bola indo na direção certa no alto do gol, mas um pouco no meio demais, facilitando uma boa defesa do grande goleiro Mazurkiewicz, o famoso Mazurka (que depois dessa Copa jogaria dois anos com algum variável brilho no Atlético Mineiro, assim como o lateral esquerdo Cincunegui, algo de que nenhum torcedor mineiro mais velho, como eu mesmo, jamais vai se esquecer).

Mas o problema é que o Brasil, obstaculizado por uma defesa uruguaia compacta (com desarmes precisos, mas também muitos lances violentos e desleais de falta), não conseguia fazer o gol, aumentando a tensão e criando um possível

risco pro 2º tempo (nos pedaços de VTs com narração dos locutores e comentários dos comentaristas da época, o lúcido João Saldanha “aparece” falando que falta justamente uma postura mais agressiva e direta no ataque brasileiro...). Mas também, como sabemos explicitamente agora (com os depoimentos dos cinco jogadores e principalmente o do Gérson), o Gérson, muito marcado, propôs pro Carlos Alberto e o Clodoaldo que ele (Gérson) invertesse de posição com o Clodoaldo, pra que esse ficasse mais livre e tivesse mais chances de chegar tabelando no ataque com os (por sua função primeira) atacantes Pelé, Jairzinho e Tostão. Essa inversão inteligente (e que hoje sabemos ter acontecido a partir de uma “sacada” do Gérson, que era quem armava o jogo todo e não estava conseguindo jogar direito, sem que pra isso fosse preciso esperar o Zagalo dar o seu aval), já indicada de algum modo na primeira chance perigosa de gol que o Brasil teve depois do gol do Uruguai, acabou sendo decisiva no dramático gol de empate do Brasil, no último minuto do 1º tempo, quando Everaldo, na esquerda do campo, toca pra Clodoaldo que, por sua vez, toca pra Tostão bem no canto esquerdo do campo (e não pro Rivelino, o “ponta esquerda” ou meio de campo, que não sabemos bem onde está) e este, pressentindo e já vendo a avançada meio inesperada de Clodoaldo pelo ataque em direção à grande área adversária, toca muito precisamente pra ele (Clodoaldo), no ante-pé do zagueiro uruguaio que chegava também correndo pra tentar marcar o Clodoaldo, de modo que a bola quica uma vez maciamente na grama e, quando ela sobe de leve, Clodoaldo pega de bate-pronto, preciso e forte, e manda do outro lado (o direito) do gol, impedindo qualquer reação do goleiro, num golaço inesquecível, “em cima da mosquita”, empatando o jogo e “salvando”, no finalzinho do 1º tempo, o Brasil.⁷

⁷ Caberia aqui uma observação sobre o modo como não só antes das partidas, mas também nos intervalos, estavam consoladoramente ausentes as tradicionais propagandas de cervejas ou de carros (voltadas pra um público majoritário presumivelmente masculino), o que não impedia o mimetismo ao menos de um compacto rápido dos “melhores lances” do 1º tempo, mas com os comentários diferenciados (porque já cientes do que se passou no 2º tempo e do resultado final da partida) de atuais comentaristas de futebol na TV (aqueles mais ou menos conhecidos da Globosat e do Sportv, incluindo os de arbitragem: Júnior, Casagrande, Ricardinho, Roger Flores, Petkovic, Paulo Vinícius Coelho, Lédio Carmona, Maurício Noriega, e pra arbitragem Arnaldo Cezar Coelho e Sandro Meira Ricci, além de locutores como Cléber Machado, Luís Carlos Júnior, Jota Júnior e Milton Leite). Dos locutores e comentaristas de 1970 que a frequência do *YouTube* me permitiu ressuscitar eu lembraria como locutor o Valter Abrahão e como comentaristas o Ruy Porto (de que eu tinha me esquecido totalmente) e o João Saldanha (que eu também lia no *Jornal do Brasil* que meus pais assinavam na época);

Pelo que representava essa semifinal eliminatória e irreversível, em que o Brasil estava perdendo (apesar de jogando melhor) e arriscando de uma vez por todas naquela Copa a própria vida, esse gol decisivo (de que ninguém que acompanhou essa Copa vai jamais se esquecer) parece, a seu modo, demonstrar ainda uma vez a evidência de que o futebol é fundamentalmente um jogo de equipe (são 11 contra 11 e, além da importância do entrosamento dos 11 de cada lado, qualquer falha maior e inesperada de qualquer jogador podendo afetar todos do seu time e, inversa e complementarmente, todos do time adversário), em que o empenho técnico (ou de habilidade ou talento), tático (de boa percepção da posição ou função no grupo) e também de alma ou vontade de ganhar (a chamada “raça”) são todos conjuntamente (já que, na *performance* mesma, eles são inseparáveis e igualmente importantes) decisivos, sendo aqui um bizarro centroavante deslocado pela esquerda (Tostão) quem, como uma espécie de meio de campo esperto (função habitualmente exercida pelo Rivelino), dá um passe macio e preciso (como saber qual a intuição permite que isso aconteça, obviamente sem nenhuma garantia de que vá dar certo, como aliás tudo o mais de realmente importante nessa vida humana e mortal?) pra um médio volante chegar correndo como um atacante e, depois de um quique da bola, pegar bem chapado e mandar direto e à meia altura pro canto inverso do gol, vencendo inapelavelmente o goleiro, golaço “milagroso” que só retrospectivamente pode parecer ao espectador um evento que deveria de qualquer modo ter acontecido.⁸

Uma outra observação cabível agora (pra quem está “simplesmente” assistindo um jogo de futebol e, apesar de já sabendo o resultado, não tem nenhum compromisso prévio com uma pretensa “verdade” consagrada), antes da narração de um resumo do 2º tempo dessa semifinal da Copa de 70, e segundo um comentário (obviamente não desprezível, mas também não necessariamente de

já as crônicas de Nelson Rodrigues n’*O Globo* eu só lia quando estava de férias na casa dos meus avós maternos em Itajubá.

⁸ E o que é mais curioso é exatamente o fato de que justamente a incerteza ou a possibilidade, aberta no então presente, de que esse gol não tivesse acontecido (ou acontecido de uma outra maneira) é o que traz uma emoção viva mesmo retrospectivamente ao evento, que, porém, como outras “obras de arte” performáticas da cultura de massa, pode também se desgastar e acabar se banalizando triste e fatalmente por uma repetição insistente e estúpida. Sobre a *indeterminação fundamental do futuro* (ou contingência) como dimensão temporal característica não só de um jogo de futebol, mas de todo “agora” numa vida humana até o último e derradeiro evento (o apito final ou a morte), ver o meu ensaio “Breve nota sobre o tempo trágico no futebol” (RENNÓ ASSUNÇÃO. Breve nota sobre o tempo trágico no futebol, p. 259-262).

todo verdadeiro) do Gérson, é que o Pelé, o “rei” e grande craque dessa Copa (como aliás também outros grandes craques desse time em vários outros momentos das seis partidas e vitórias da campanha vitoriosa inquestionável dessa Seleção Brasileira), errou vários passes e chutes, em muitas jogadas bisonhas que, recortadas e justapostas em sequência (como o fazem hoje certos vídeos compactos no *YouTube*), parecem desmentir a imagem ou aura mitológica (“me engana que eu gosto...”) do obviamente idealizado jogador de futebol perfeito (ou quase) e maior esportista do século XX.⁹

No entanto, seria preciso fazer também aí um derradeiro ajuste, segundo o mero bom senso, pois ainda nessa mesma partida, como sabemos bem, apesar de que ainda fosse errar um pouco, Pelé iria dar passes muito precisos e decisivos nos dois gols seguintes do Brasil e também (no finalzinho do jogo) um drible de corpo antológico em Mazurkiewicz e um chute final rasteiro muito bem dado que por pouco não entra, como se provando assim a relativa obviedade de que o mais importante não é *não errar* (algo em alguma medida inevitável num jogo coletivo complexo e de confronto como o futebol), mas *estar ao máximo presente* e participando bem ativamente das jogadas *de modo a poder também acertar*, encaminhando a jogada para o gol e servindo bem a um companheiro que vai concluí-la ou eventualmente a concluindo e fazendo ele mesmo o próprio gol.

Um bom exemplo disso é a primeira jogada de maior perigo do Brasil no 2º tempo desse jogo, quando Pelé na intermediária ou começo do campo do adversário dribla um uruguaio e leva rápido a bola pro ataque, se livrando de outros que chegam por trás e, sozinho e cercado por uns cinco jogadores, dribla mais um adversário, pouco antes de chegar à grande área adversária, e ainda mais um, já na entrada ou quase divisória da grande área, e leva uma falta que se parece muito com um pênalti, pois ele cai flagrantemente já dentro da área do Uruguai, levando o Tostão a sinalizar pro juiz apontando a marca do pênalti, que, no entanto e corretamente, não foi dado pelo juiz que marcou apenas uma falta fora da grande área, apesar de bem coladinha à linha divisória. Ora, Pelé, como autor da jogada e

⁹ “Como é que você vai admitir que o Pelé jogue 45 minutos mal? De não ter uma tabela, um lançamento, uma entrada do Jair, uma chegada do Carlos Alberto, um chute a gol de fora da área... Como é que você vai admitir isso nessa seleção, que fez isso o tempo todo?” (GÉRSO. Como é que você vai admitir que o Pelé jogue 45 minutos mal?).

já de um gol de falta nessa Copa no jogo contra a Romênia, fez questão de bater a falta e isolou bisonhamente a bola pra longe do gol bem à direita e acima do gol (como, aliás, ele voltaria a fazer bem grosseira e bizarramente duas vezes na final contra a Itália). Mas pouco depois, tendo Mazurkiewicz batido mal um tiro de meta, bem em cima de onde estava o Pelé na intermediária do campo do Uruguai, este pegou a bola de bate-pronto e chutou direto pro gol, acertando-o, mas um pouco no meio de mais, e quase pegando desprevenido o goleiro uruguaio, que acabou se recuperando e fazendo uma boa defesa.¹⁰

Caberia aqui também um breve parêntese pra lembrar uma cotovelada bem dada por Pelé num zagueiro uruguaio que entrou meio faltosamente nele, tendo Pelé (e o Brasil) tido a sorte de o juiz não tê-la visto e ter marcado, portanto, a falta do zagueiro uruguaio, o que hoje pode parecer até meio irônico, sendo que, como o jogo estava então empatado, caso o juiz a tivesse visto bem, ele poderia até mesmo ter expulsado o Pelé, levando a uma sequência da partida totalmente diferente da que aconteceu, o que obviamente faz parte apenas de um mundo imaginário e conjectural, mas que, por contraste, esclarece bem o quanto a realidade agora de uma vez por todas definida era também, no momento mesmo em que acontecia, apenas uma possibilidade.¹¹

¹⁰ A reação de Pelé, passando a mão sobre a cabeça mais de uma vez e como se inconsolável, pôde ser interpretada também como se ele estivesse de novo quase fazendo um gol de longe, num chute de primeira e pegando o goleiro desprevenido, como contra a Tchecoslováquia, quando o jogo estava também 1 a 1, mas o fato é que o primeiro lance, um chute por cima de antes do meio de campo (ainda no campo brasileiro), mesmo tendo ido pra fora, ainda que passando bem rente à trave direita e já encobrindo o goleiro, foi bem mais ousado e impressionante.

¹¹ O inteligente comentarista Tostão não só descreve de um outro modo essa cotovelada, mas faz também uma observação curiosa e bem-humorada (no seu livro mais recente) e que vale a pena citar aqui na sua íntegra: “Quando o jogo estava 1 a 1, Pelé deu uma cotovelada no zagueiro do Uruguai, vista por todo mundo. Hoje, certamente seria expulso. Com um a menos, aumentariam muito as chances de o Uruguai vencer, e assim o Brasil seria eliminado, eu não estaria aqui contando essa história e o mundo não falaria tanto da seleção brasileira de 1970.” (TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: Um olhar sobre o futebol*, p. 66). Se imaginássemos todos os lances principais dessa partida (e apenas os principais) com suas alternativas hipotéticas de realidade futura e todas as diferentes partidas possíveis que isso implicaria, seríamos levados a uma plethora inumerável e vertiginosa de hipotéticas realidades futuras, um curioso exemplo futebolístico possível para o fantástico mundo paralelo ou “labirinto no tempo” do borgiano “jardim dos caminhos que se bifurcam”: “Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, ele opta por uma e elimina as outras; na do quase inextricável Ts’ui Pen, ele opta – simultaneamente – por todas. Ele *cria*, assim, diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e se bifurcam.” (BORGES. *O jardim de veredas que se bifurcam*, p. 531).

Um pouco depois ainda, era Tostão quem, chegando perto da área adversária pela meia esquerda, dava um belo corte num defensor uruguaio, mas acabava chutando rasteiro e muito fraco no canto esquerdo do gol, permitindo uma defesa fácil do goleiro uruguaio. O próximo lance de perigo (e, dessa vez, fatal) do time brasileiro, que (como nos outros quatro jogos) já começava a mostrar um preparo físico bem superior ao do time adversário,¹² foi com 30 minutos já passados uma jogada perfeita dos três atacantes mais avançados, que começa ainda no campo brasileiro com uma roubada de bola bem esperta de Jairzinho, que avança rápido com a bola e passa pro Pelé já bem no meio do campo, e este, marcado em cima por um uruguaio, dá de costas a bola pro Tostão, que por sua vez caminha rápido com ela já no campo do adversário e, antes que chegue um marcador uruguaio, dá um passe mais longo bem macio e preciso pro Jairzinho que então avançava correndo pela direita, mas olhando também pro Tostão que tinha ficado com a bola, de modo que ele pode esperar pra receber a bola (se voltando ligeiramente pra trás), enquanto o zagueiro vacila um pouco e não consegue cortá-la, pois ele está meio de costas se esforçando pra acompanhar o atacante brasileiro, e esse (o grande e matador Jairzinho) então a recebe e a coloca na frente bem rápido e, já dentro da área e um pouco antes da chegada do goleiro, dá um chute rasteiro preciso e forte no canto esquerdo do goleiro que é vencido inapelavelmente, a bola indo morrer na rede à esquerda pelo lado de dentro, no que também foi um golaço.

Caberia aqui uma observação sobre o modo como Jairzinho (diferentemente dos atuais jogadores evangélicos que comemoram agradecendo a Deus apontando o dedo indicador da mão direita pra cima), após o seu gol (e alguns outros seus nessa Copa) faz o sinal da cruz no peito e abaixa a cabeça, no que poderia ser interpretado como signo de humildade diante do imponderável instantâneo no futebol (segundo uma versão religiosa católica) que pode decidir se uma conclusão

¹² Sabemos hoje também que o time levou um grande “esporro” ou bronca do Zagalo no vestiário na hora do intervalo, o que, sem dúvida, pode também ter mexido um pouco e bem oportunamente com o brio dos jogadores, já que um jogo de futebol se ganha com “raça” também. É o que podemos deduzir a partir do seguinte testemunho de Tostão: “Eu lembro também que, no vestiário, foi o dia em que eu vi o Zagalo mais bravo na minha vida. O Zagalo ficou possesso. Gritava, xingava, falava alto que o time tava apático, que o time não conseguia jogar. E gritando e tal. Eu acho que ele não deu nenhuma instrução tática, não. Foi aquela coisa do grito mesmo. E isso também ajuda. Todo mundo ficou assustado, né?” (TOSTÃO. Foi o dia em que eu vi o Zagalo mais bravo na minha vida, ele ficou possesso).

vai ser ou não bem sucedida, resultando em gol.¹³ Numa cena marcante (porque a primeira e meio aziaga) da campanha vitoriosa do Brasil nessa Copa de 70, o atacante Petras da Tchecoslováquia, após fazer o 1º gol do jogo contra o Brasil, fez também o sinal da cruz no peito, o que pareceu um pouco estranho vindo de um jogador de um país comunista.

Talvez coubesse aqui agora uma observação meio óbvia, em homenagem ao Tostão, que era então o meu ídolo total cruzeirense e que nesse jogo foi decisivo nos dois primeiros gols do Brasil (como tinha sido antes no único gol da difícil vitória contra a Inglaterra),¹⁴ de que no futebol, um jogo coletivo, tão importante quanto uma conclusão bem feita e que resulta em gol, é o passe derradeiro preciso pra quem recebe a bola pra finalizar (ou pra quem vai dar o último toque pro finalizador, como aconteceu no gol contra a Inglaterra), algo que eventualmente pode parecer mais ou menos fácil, como se fosse apenas o primeiro fundamento desse jogo com os pés, mas que por sua precisão às vezes milimétrica, envolvendo não só a direção e a altura da bola em movimento, mas também a força com que ela é tocada e a velocidade que ela adquire, e tudo isso num conjunto de relações espaciais dinâmicas entre onze jogadores se movimentando contra onze jogadores, pode vir a ser uma espécie de “obra de arte” viva da *performance* ludopédica, encantando tanto ou ainda mais do que o próprio gol.¹⁵

¹³ No meu já citado ensaio “Breve nota sobre o tempo trágico no futebol”, eu tentei justamente pensar o que teria sido uma versão teológica grega pra esse modo de intervenção da divindade em um evento decisivo e imprevisível numa disputa: “É figurado assim [na *týkhe*, o “acontecimento” ou “acaso”] aquilo que – sobretudo em uma situação de relativo equilíbrio das duas forças adversárias [...] – irrompe e consagra de um modo misterioso (e não apenas por seus méritos) o vencedor. Para o pensamento mais arcaico da *Ilíada*, o “evento” decisivo que surpreende é sempre figurado como a manifestação de um deus (ainda que o mortal não saiba bem qual deles), e a “glória”, enquanto estrela momentânea da vitória ou *kúdos* [...], é pensada como uma graça inconstante e caprichosa concedida pela divindade.” (RENNÓ ASSUNÇÃO. Breve nota sobre o tempo trágico no futebol, p. 261).

¹⁴ Que o próprio Tostão, que depois se tornou um grande comentarista (oral e pela escrita) de futebol, saiba bem disso é algo que não deveria de modo algum nos surpreender, tal como está bem indicado em seu já citado livro mais recente: “Dei, nesse jogo, os dois melhores passes da minha carreira, pela precisão, pela dificuldade e pela importância. E ainda dei um terceiro, para Pelé, por trás do zagueiro, que fez o mais belo ‘quase gol’ da história.” (TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, p. 66).

¹⁵ Sobre a importância do passe preciso e rápido (ou seja: no tempo certo), o mais das vezes um toque de primeira (ou, no máximo, dois toques), Tostão, que na Seleção de 1970 se tornou antes um passador ou “facilitador” (o que, no Cruzeiro da segunda metade dos anos 1960, era geralmente feito pelo Evaldo) para dois atacantes mais agressivos e finalizadores que eram Jairzinho e Pelé, disse o seguinte em entrevista ao jornal espanhol *El País* na véspera da comemoração dos 50 anos da conquista da Copa do Mundo de 1970 (algo que lembra também a maneira de jogar do Barcelona dos anos 2000 e a da Seleção Holandesa de 1974): “P. ¿Qué

Seria útil, porém, abrir aqui um parêntese reparador para dizer, reconhecendo e valorizando também a grande arte brasileira do drible (reconhecível num Pelé ou num Jairzinho, mas mais ainda num Garrincha) com seu elemento de improvisação, que o passe (em sua dimensão mais coletiva) e o drible (em sua dimensão mais individualista) na realidade não se opõem no modo da exclusão, mas se complementam perfeitamente (como bem o provam tanto esta seleção brasileira campeã de 1970 quanto a de 1958), demandando ainda um terceiro fundamento conclusivo que é o chute ou a cabeçada (visando o gol) precisos e fortes, e sem o qual os dois fundamentos anteriores seriam ainda insuficientes.¹⁶

E, a partir da observação anterior à do último parágrafo, eu gostaria também de sugerir uma hipótese de subversão ou transmutação da hierarquia tradicional dos valores futebolísticos (mas que todos reconhecerão já ter sido de algum modo incorporada há algum tempo por grandes e habilidosos times como a Seleção Holandesa de 1974 e o Barcelona do técnico Cruyff e depois o do Guardiola), propondo o passe e não o drible ou o chute como o elemento mais importante e decisivo do futebol e, juntamente com isso, elegendo não mais Pelé como o rei maior do futebol mundial, mas Didi, o meio de campo armador bicampeão mundial em 1958 e 1962.¹⁷

debe hacer un buen *facilitador*? R. Jugar a un toque. Dos como máximo. Cuando la pelota le llega ya la tiene que tener dominada y tiene que saber dónde están los compañeros. Rápidamente. El juego no se puede parar. Si controlas la pelota y la frenas, la jugada se detiene y la defensa te cierra los espacios. Esa era una de mis características. En el Cruzeiro yo jugaba mucho a un toque. Cuando llegué a la selección un día durante un partido vino Gérson y me dijo: ‘Oye, juega con dos toques en vez de uno, ¡que así me dará tiempo de llegar!’. Yo le dije: ‘Vale, con Pelé y Jairzinho jugaré a un toque, y contigo a dos.’ (TOSTÃO. Tostão: “Fuimos revolucionários”).

¹⁶ Ainda que eu possa reconhecer (também como um praticante de futebol na minha adolescência e juventude) que a verdadeira arte do drible (com o seu quê de imponderável ou inclassificável) é mais rara e difícil, tendo sido desde 1958 uma característica distintiva do futebol brasileiro, continuo a achar ingênua uma folclorização excessiva do drible “brasileiro”, aproximando-o do samba ou da capoeira, pois ela desconhece precisamente a igual importância da arte do passe (e da do chute), igualmente característicos do bom futebol brasileiro, no que me parece ser uma típica deformação de um olhar estrangeiro que só consegue ver aqui o que lá está ausente (um Brasil turístico-cultural “do samba, das mulatas, do carnaval, da capoeira, da malandragem e do futebol”), tal como apresentado, por exemplo, no elogio ao drible feito por Olivier Guez no livrinho *Éloge de l’esquive* (GUEZ. *Éloge de l’esquive*).

¹⁷ Aliás, esta é uma lógica semelhante à que está na base da maior crítica que faz hoje o analista de futebol Tostão à maneira de jogar da Seleção Brasileira atual e dos últimos 30 anos, tal como ele o disse nesta já citada e recente entrevista ao jornal espanhol *El País*: “El fútbol es el pase. Uno de los principales problemas que tiene el fútbol brasileño es que desde hace 20 o 30 años valorizó poco el pase y sobrevaloró al jugador que dribla, remata y hace goles. Entonces, los grandes maestros de la pelota, los grandes jugadores, los grandes pensadores del mediocampo, como Gérson, Falcao, Cerezo, Rivelino, desaparecieron. El

E também como o melhor jogador brasileiro (e também de todas as 16 seleções) da Copa de 1970 não o Gérson, que deu sim passes longos ou lançamentos sensacionais nessa Copa (como os dois do segundo e do terceiro gols do Brasil contra a Tchecoslováquia e o do terceiro gol do Brasil contra a Itália), mas não jogou em dois jogos importantes (sobretudo o contra a Inglaterra, mas também o contra a Romênia, em que Rivelino, um outro muito bom passador, também não jogou), e sim o Tostão, por seu passe pro Pelé (depois de driblar três zagueiros ingleses, dando de baixo das pernas do Bobby Moore) contra a Inglaterra, e por seus passes decisivos pro Clodoaldo e pro Jairzinho nos dois primeiros gols do Brasil contra o Uruguai, naqueles que foram, sem dúvida, os dois jogos mais difíceis do Brasil nessa Copa (ou também, o que ainda é mais difícil de compreender, por ter sabido criar espaços importantes no ataque, como na final contra a Itália, jogando sem bola e apenas por um posicionamento certo e oportuno no campo). Apenas como o segundo melhor jogador brasileiro eu colocaria, portanto, o craque e goleador do time, Jairzinho (com seus dribles e chutes rápidos e precisos), e, enfim, apenas como o terceiro melhor jogador brasileiro (que obviamente deu também muitos passes e dribles importantes e fez verdadeiros golaços) o “rei” Pelé.

Mas obviamente, sendo admitido o caráter coletivo desse jogo, e a importância, pra jogar bem e vencer, não só de um passe final decisivo (pra um finalizador que faz o gol), mas de toda a série de passes que pode resultar em gols (sendo sim importante que ao menos uma dessas séries de passes resulte em gol, assim como nesse caso que nenhuma das séries de passes do adversário possa resultar em gol, pra que se consiga a vitória), talvez fosse preciso dizer a evidência meio tola de que, em última instância, não faz sentido algum num jogo como esse querer escolher ou eleger o “melhor”, pois ele não poderia ser o “melhor” sem os seus outros dez companheiros de time, sendo, por definição, o “melhor” apenas

mediocampo fue dividido entre volantes que defienden y volantes que juegan cerca del área rival, que driblan y llegan, como Pelé y Zico. Pero desaparecieron los grandes pensadores. Como Xavi, como Iniesta, como Kroos... Hasta hoy. La selección brasileña actual tiene a Casemiro, que es un gran jugador del medio hacia atrás, y a Neymar, que es un gran jugador del medio hacia el gol. Falta un gran pensador. Desde hace 30 años Brasil no tiene un jugador parecido a Xavi.” (TOSTÃO. Tostão: “Fuimos revolucionários”).

entre eles (ou eventualmente entre um grupo ainda maior de jogadores) e não sozinho, caso em que poderia ser apenas muitíssimo bom, no que linguística ou gramaticalmente é categorizado como a diferença entre o superlativo relativo e o superlativo absoluto.¹⁸

De algum modo, o próximo e maior lance de perigo do Uruguai no 2º tempo, quando o jogo ainda estava 2 a 1 e poderia, portanto, ter sido empatado com já bem mais do que a metade do 2º tempo jogada (ainda uma vez alterando toda a possível sequência e resultado final da partida), poderia ser considerado também um claro exemplo desse caráter coletivo do jogo, pois o jogador brasileiro que se destaca aí, salvando o time, é precisamente o goleiro que (um pouco lento e inerte) parecia ter ou tinha mesmo falhado flagrantemente no gol do Uruguai, o nosso meio medíocre e vacilão Félix, que (semelhantemente ao que fizera num lance de perigo deste tipo no jogo contra a Inglaterra) dá uma ponte ágil e pega uma cabeçada firme e quase certa, no ângulo alto esquerdo do gol, do atacante uruguaio (e quem poderia ser, pra completar com verossimilhança o seu perfil heroico no time adversário?) Cubilla, que com seu oportunismo (estava no lugar certo na hora certa) recebe sozinho e quase dentro da pequena área um cruzo muito bom do meio campo Rodriguez encobrendo toda a defesa brasileira e conclui quase fulminantemente (o locutor Valter Abrahão disse, então, interpretando o conjunto da atuação de Félix no jogo, que ele tinha se redimido da sua falha no gol do Uruguai...).

Na jogada do terceiro gol do Brasil, que, já no último minuto do tempo regulamentar do jogo (44m do 2º tempo), define irreversivelmente a vitória da seleção brasileira, chama a atenção primeiramente o modo como, depois que Carlos Alberto corta uma bola no lado direito da defesa dando um chute alto em direção ao meio do campo (ou seja: uma isolada consciente e não pra ir pra lateral,

¹⁸ Na já citada entrevista ao jornal *El País*, Tostão relaciona também a perda deste sentido coletivo elementar no atual futebol, sentido presente sobretudo no passe, com uma sociedade gananciosa em que o individualismo é o valor supremo: “El pase es un símbolo del juego colectivo y de la vida en común, de la solidaridad, del respeto mutuo. Las personas tienen todo el derecho a querer mejorar su vida, a disfrutar de placeres y ganar dinero. Pero sin olvidar que los demás también quieren lo mismo. En Brasil creció una sociedad egoísta: una sociedad para la explotación de otra sociedad. El sentido de la comunidad disminuyó en la sociedad y en el campo disminuyó el juego colectivo. Brasil juega un fútbol brillante en lances individuales. Juega a meter goles. Nadie juega para el compañero, nadie busca una respuesta, nadie piensa en la organización. No es la lógica del juego, es la lógica de la ganancia.” (TOSTÃO. Tostão: “Fuimos revolucionários”).

mas pra poder ainda ser aproveitada), Pelé chega junto e disputa a bola pelo alto com o zagueiro uruguaio Ubiña, forçando que ele corte com mais força e dando um rebote pro Tostão, que então toca rápido e preciso pro Pelé que, por sua vez, avança rápido com a bola pela esquerda, enquanto Tostão vai pra dentro da grande área adversária, puxando a atenção de dois beques uruguaio (como já sabemos, jogando sem bola e apenas pelo posicionamento, algo que Tostão faria muito bem também na final contra a Itália) e Pelé, ficando sozinho ao dar uma parada rápida (que quase parece um corte), mas bem marcado de frente pelo mesmo zagueiro uruguaio (Ubiña) que cortou o “balão” de Carlos Alberto, em vez de partir pra tentar o drible dentro da área (algo mais característico de um Jairzinho nessa Copa), pra definir logo tudo sozinho, percebe bem a chegada do Rivelino logo atrás e um pouco do lado (que ele sabe bem que tem um chute potente e estaria melhor colocado do que ele) e simplesmente rola bem macio ao seu lado direito pra que Rivelino tomando impulso possa chegar batendo forte e antes que qualquer beque possa cortar a bola, e que é justamente o que ele faz, com um chute fortíssimo rasteiro (uma “porrada”) bem preciso e rápido no lado direito do gol (numa ligeira diagonal que lembra a do primeiro gol contra o Peru, mas sem a curva e um pouco mais no meio do gol), não permitindo que Mazurkiewicz reagisse em tempo de tocar na bola e impedir que ela entrasse, ainda uma vez um goloço.

O curioso é que, revendo agora os jogos, eu voltei a reparar, como quando criança, na maneira meio “irritada” e “doida” (como se um “bicho estranho” tivesse tomado conta dele, ou o contrário, como se ele estivesse enfim ficando livre de um “demônio qualquer”) como o Rivelino comemorava os gols, socando o ar pra baixo com as duas mãos e balançando a cabeça (e andando num passo meio duro e militar): um pouco menos no gol de falta contra a Tchecoslováquia (empatando o jogo numa hora difícil pro Brasil), já bem pronunciadamente no 1º gol do jogo contra o Peru, e enfim meio tresloucadamente nesse terceiro gol contra o Uruguai, que assegurava de vez a presença do Brasil na final dessa Copa. Agora, no entanto, como passei também a ficar às vezes muito nervoso e chato antes de aulas mais importantes ou participações em eventos, e depois, tudo dando certo (nem sempre, mas o mais das vezes), a me sentir aliviado e feliz e até mesmo justificado, como se aquilo tudo fosse um mero ciclo meio dramático e sem grande importância diante

de uma boa *performance*, que era afinal o que realmente interessava, eu (como um bom e ridículo Zelig) me identifiquei um pouco com o Rivelino e pareci pela primeira vez ter entendido aquele tipo de reação (que confirmava, aliás, a impressão de “irritado” que ele dava às vezes ao longo do jogo, mas sempre jogando bem...).¹⁹

Mas, apesar de decidido, o jogo não estava acabado e reservava aquela que seria talvez a sua maior surpresa, pelo insólito do drible e a beleza de conjunto de uma jogada bem perigosa ainda que não resultando em gol, e também um lance pra demonstrar de vez a craqueza soberana do (agora justificadamente) “rei” Pelé. O que farei aqui é apenas descrever de um modo simples e mais ou menos direto a jogada (a partir do que revi durante o VT, mas também em repetidas consultas aos diferentes compactos do jogo no *YouTube*), pra acabar de compor o meu relato-ensaio do conjunto dessa partida e sem querer focá-la excessivamente, já que sabendo que ela foi, em seus breves nove segundos, detalhada e exaustivamente descrita e comentada nas seis páginas iniciais (ou ao menos quatro voltadas exclusivamente para o futebol) do excelente romance *O drible* (em homenagem precisamente a esse drible de Pelé em Mazurkiewicz) de Sérgio Rodrigues, no que será uma operação minha de maliciosa e intertextual simplificação narrativa, que poderia definir ironicamente como a de dar um drible no drible d’*O drible* de Sérgio Rodrigues.²⁰

A jogada começa com Jairzinho, que recebe a bola pela esquerda (apenas mais um exemplo da mobilidade e possível troca de posição dos três atacantes brasileiros) e toca macio pra Tostão então encostando do seu lado direito, mais ou menos no meio de campo, o qual de imediato avança com a bola obviamente sem precisar olhar pra ela (enquanto Jairzinho segue pela esquerda puxando com isso o lateral direito uruguaio), e percebe então que Pelé já está passando em passadas largas, “sorradeira e fulminantemente” (se a conjunção um pouco contraditória

¹⁹ Para esse clique interpretativo iluminador foi importante também a leitura do seguinte testemunho de Tostão (que fiz com o prazer de um sorriso leve e silencioso): “O Rivelino era ranzinza. [...] Ele não parava de reclamar. Era o maior chorão do mundo. [...] Chorão. O dia inteiro reclamando, sempre tem uma coisa ruim. Sabe que tem pessoa assim, né? Cri-cri. [...] Não é que ele levava aquilo a sério, não. Não que aquilo trazia prejuízo pra ele. Era o hábito de reclamar, de achar que tudo tá ruim. No jogo, por exemplo, quando ele jogava, qualquer bola que não desse certo ele ficava resmungando.” (TOSTÃO. Na folga podia ir a festinhas, tomar uma cervejinha ou ir pra igreja rezar).

²⁰ Cf. RODRIGUES. *O drible*, p. 1-6.

desses dois advérbios for possível), um pouco acima à sua direita,²¹ e Tostão então dá um passe preciso (e sem força em demasia) na diagonal um pouco à frente de Pelé que já chega correndo na meia lua sem nenhum beque o acompanhando,²² enquanto o goleiro Mazurkiewicz sai rápido e meio desesperado pra tentar interceptar a bola (ultrapassando a linha da grande área), com os dois braços meio abertos, como se querendo pegar ao menos o atacante,²³ que poderia ter chegado dando um corte pra esquerda (pra depois ficar livre pra marcar, se ele o goleiro não conseguisse fechá-lo na bola ou sem ela pra fazer uma falta),²⁴ mas que passa correndo pela esquerda, sem tocar na bola e a deixando enganadoramente passar, enquanto ele o goleiro fica sem ver a bola que continua pela direita nem o atacante que passa pela esquerda, numa bela e inusitada coreografia dinâmica em cruz, com Pelé, logo depois de ter passado pelo goleiro, voltando num laço pra pegar a bola do outro lado,²⁵ mas meio de costas pra ela e se virando de novo pra tentar um chute rasteiro não diretamente pro canto direito ou pro meio do gol, pois um zagueiro (também correndo desesperado) já fechava ali o ângulo, mas no canto oposto, sem que ele o zagueiro (Ancheta), pegado no contrapé e já meio caindo

²¹ Murilo, o antigo jornalista esportivo, então já com uns 80 anos de idade, e narrador dessa jogada (mas sempre pra seu filho Neto) no romance de Sérgio Rodrigues, diz assim: “Tostão conduz a bola, e [...] Pelé aponta no canto superior direito do quadro e [...] então [...] nós vemos aquilo que o Tostão também acaba de ver, Pelé se projetando da meia-direita feito um bicho, uma pantera com sangue de guepardo.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 9).

²² Ainda segundo Murilo, o narrador dessa jogada no romance de Sérgio Rodrigues: “O passe do cara é perfeito [...]. Um miligrama de força a mais ou a menos, seria quase perfeito, praticamente perfeito, mas não, é perfeito, metido da meia-esquerda com o pé esquerdo numa linha diagonal de desenhista de Brasília, a mais leve curvatura, em direção ao centro da grande área.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 10).

²³ Ainda segundo o narrador Murilo (no romance *O drible*): “O quíper uruguaio faz o que pode, entra no semicírculo um milésimo de segundo antes do Pelé, mas não a tempo de interceptar a bola. Ela fica entre os dois e nós voltamos a sentir, como o Mazurka também sente, que está mais para o negão que vem no embalo. O que o bom goleiro da Celeste faz é se ajoelhar e, mesmo já estando fora da área, que remédio, abrir os braços.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 10).

²⁴ Na versão da quase íntegra desta sequência da jogada pelo narrador Murilo (em *O drible*): “O Mazurkiewicz [...] só pode rezar para que o brasileiro não faça o que um jogador da envergadura dele provavelmente vai preferir fazer, isto é, cortar o goleiro para a esquerda, coisa fácil na passada em que vem, movimento que levaria a das duas, uma: ou o goleiro agarrar faltosamente as pernas do Pelé ou o Pelé concluir de canhota para o gol aberto ou quase, defendido só pelo zagueiro que, não demora, vai entrar no quadro esbaforido feito quem está prestes a perder o último trem e acabar às cambalhotas pelo chão.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 11).

²⁵ Segundo o narrador Murilo (no romance *O drible*): “O que o Pelé tem que fazer agora é [...] frear para corrigir radicalmente seu ângulo de deslocamento, frear e no mesmo instante recomençar a correr na outra direção, atrás da bola agora, ele que vinha no tropel mais desembestado fingindo ignorá-la. O cara tem que dar uma quebrada de noventa graus e não perder velocidade porque [...] há que chegar na bola antes dos adversários e ainda com um bom ângulo de chute.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 12).

desengonçado, consiga tocar na bola que passa, no entanto, bem rente à trave esquerda e sai pra fora,²⁶ enquanto Pelé, desta vez mais indiferente (pois a partida já estava ganha), sai mordendo tranquilo uma pedrinha de gelo, como se não estivesse nem aí pro lance feérico que (como um bom jogador de peladas, pouco preocupado com o “rendimento efetivo” das suas brincadeiras) ele tinha acabado de protagonizar.

Quando, no romance *O drible*, o narrador Murilo, falando com o filho Neto, se pergunta por que Pelé não tentou cortar Mazurkiewicz pela esquerda (a jogada então mais óbvia e com maiores chances de gol ou, ao menos, de uma falta perigosa com a provável expulsão do goleiro), ele mesmo responde pra si: “[Pelé] está farto de saber que é um mito, um semideus, o que tem a perder tentando ser um deus completo? Aí ele não faz o certo, faz o sublime”.²⁷ Pra um pouco depois concluir de um modo talvez demasiado teológico-judaico e eloquente (o personagem narrador e não necessariamente o autor Sérgio Rodrigues): “Pelé desafiou Deus e perdeu. Imagine se não perdesse. Se não perdesse, nunca mais que a humanidade dormia tranquila. Pelé desafiou Deus e perdeu, mas que desafio soberbo. Esse gol que ele não fez não é só o maior momento da história do Pelé, é também o maior momento da história do futebol”.²⁸

Seguindo uma trilha mais lúdica (ou ludopédica), indicada levemente no finzinho do penúltimo parágrafo, quero sugerir uma alternativa não judaico-cristã pra interpretar a soberana e, a seu modo, brincalhona escolha de Pelé pela jogada mais bela e difícil (essa insólita “gaúcha” apenas de corpo), ao se defrontar na meia lua do campo adversário com o goleiro uruguaio Mazurkiewicz (considerado depois o melhor goleiro dessa Copa), desperdiçando uma grande chance de gol. Se considerarmos o contexto desta jogada, depois de um passe de costas (e de “pura classe”) pro Tostão lançar precisamente pro Jairzinho no 2º gol, e pouco depois

²⁶ Ainda segundo o narrador Murilo (no romance *O drible*): “Pelé consegue fazer as duas coisas [...]: vai chutar e fazer o gol. Acontece que não é tão simples, porque Pelé agora está do lado errado da bola, meio de ombro para o gol, tem que bater nela num movimento de meio giro. E aí [...] ele erra. Pelé erra: [...] enquanto o tal Anchetá que ia perder o trem se estabaca na grama, a bola chutada por Pelé tira fino da trave direita do Uruguai.” (RODRIGUES. *O drible*, p. 13).

²⁷ RODRIGUES. *O drible*, p. 11.

²⁸ RODRIGUES. *O drible*, p. 13. Um outro uso (ou interpretação) experimental do futebol pra pensar uma questão essencialmente filosófica está no breve ensaio *La Mélancolie de Zidane* do romancista belga (radicado em Paris) Jean-Philippe Toussaint (TOUSSAINT. *La Mélancolie de Zidane*), comentando a cabeçada de Zidane na barriga do zagueiro italiano Materazzi, na prorrogação da final da França contra a Itália na Copa de 2006 na Alemanha, que provocou a sua expulsão, desfalcando o time francês numa hora decisiva, e acabou dando fatidicamente a vitória e o título de campeão ao time italiano.

também de Pelé ter rolado bem macio pro Rivelino fuzilar rasteiro e fazer o 3º gol, assegurando a vitória do Brasil, a impressão que se tem é a de uma liberdade ou a de um excesso paradoxal de habilidade que não precisa mais se submeter servilmente à necessidade de fazer gols pra ganhar o jogo, podendo, enfim, brincar apenas por brincar, como uma criança ou um deus grego antigo gargalhando (como os de Homero, se banqueteadando ou fazendo alguma pilhéria obscena).²⁹

Se juntamente com Roman Dilcher, no capítulo VII, “The Divine Game”, de *Studies in Heraclitus* interpretarmos o termo grego *aiôn* não como “tempo de vida” ou “eternidade”,³⁰ mas (a partir da sugestão de Émile Benveniste de um sentido original não temporal) como “força de vida” ou “vitalidade” “[...] não ‘tempo de vida’, mas ‘força de vida, fonte de vitalidade’”],³¹ seria possível encontrar no enigmático fragmento 52 D ou 93 M de Heráclito de Éfeso (que traduzirei experimentalmente aqui logo abaixo)³² algo que talvez figurasse bem o excesso de vitalidade brincalhona do “rei” Pelé ao fazer aquela jogada (ou dar aquele insólito e desconcertante drible):

aiôn país esti, paísdōn pesseúōn: paidòs hē basileía.

“vitalidade é uma criança, que brinca jogando dados: da criança a realeza”.

Mas se consideramos também a dificuldade de uma apreensão mais precisa do termo *pesseúōn*, um particípio presente que traduzi por “jogando dados” (sendo do mesmo radical do aoristo 2 *épeson* do verbo *píptō* “cair”), mas que poderia remeter a um jogo de tabuleiro com suas peças, jogado com golpes de dados ou sorteios (como uma espécie de “gamão” ou *petteía*), e que exigiria não apenas sorte, mas também

²⁹ As cenas mais emblemáticas do famoso “riso inextinguível” (*ásbestos gélos*) dos deuses homéricos são o banquete no fim do canto 1 da *Ilíada* (584-604), em que os deuses riem do deus Hefesto, uma espécie de garçom manco, depois de uma briga conjugal entre Zeus e Hera, e a conversa entre Posêidon, Hermes e Apolo na história da segunda canção de Demódoco no canto 8 da *Odisseia* (322-343), quando eles presenciam Ares e Afrodite em adultério, presos na cama por uma rede fina tecida por Hefesto, o marido enganado. Um estudo mais antigo (e que se tornou referência) sobre esses deuses homéricos ridentes é o de Paul Friedländer, “Lachende Götter” (FRIEDLÄNDER. *Lachende Götter*).

³⁰ DILCHER. *Studies in Heraclitus*, p. 145-157.

³¹ “[...] non ‘temps de vie’, mais ‘force de vie, source de vitalité’” (BENVENISTE. *Expression indo-européenne de l’éternité*, p. 107).

³² Apesar de estar adotando aqui a pontuação da edição de Diels-Kranz, a edição textual que está me servindo de referência, com seu aparato crítico mais preciso e seu posterior comentário, é a de Miroslav Marcovich: *Heraclitus: Greek text with a short commentary*, onde o texto grego do fragmento 93 é apresentado com suas variantes e fontes antigas nas páginas 490-492, e depois traduzido e comentado nas páginas 493-495 (MARCOVITCH. *Heraclitus: Greek text with a short commentary*, p. 490-495).

alguma habilidade, talvez chegássemos a uma imagem ainda mais próxima do que Pelé como um maximamente exímio jogador fez naquela jogada, pois segundo Roman Dilcher (comentando Heráclito 52 D): “O jogo da criança parece implicar uma coincidência de sorte e habilidade numa atividade planejada e regulamentada, apesar de sem finalidade, isso é: essencialmente lúdica (brincalhona)”.³³

Não sem razão, Dilcher irá também lembrar – a partir de um modelo de polaridade que atravessa o pensamento grego arcaico, mas que em Heráclito ganha uma dimensão de inteligibilidade acrescida pela proposição conjunta da complementaridade dos opostos, ou seja: a partir de um modelo em que, para retomar o exemplo deste fragmento 52 D, a liberdade ou despreocupação da criança (ou do deus) que brinca só é inteligível por sua oposição ao necessário sofrimento de um mortal (adulto) sujeito a um tempo irreversível e que em cada ação decide muito seriamente e de uma vez por todas a sua vida³⁴ (ao menos naquele momento e no que dele resulta) – o quanto a figura do deus Apolo destruindo com facilidade a muralha dos aqueus na *Ilíada* é, em sua indiferença à dimensão da utilidade ou do ganho, comparada com pertinência à de uma criança erigindo e destruindo “muralhas” de areia na praia, apenas para brincar:³⁵

[...] [Apolo] com a égide valiosa: derrubou a muralha dos aqueus bem fácil, como menino faz com areia na praia, aquele que, após construir um brinquedo em sua meninice, aniquila tudo de novo, brincando, com os pés e as mãos.”
(*Ilíada* XV, 361-364, tradução de Christian Werner).³⁶

Enfim, depois dessa última e sensacional jogada de Pelé, o jogo estava praticamente acabado, mas curiosamente o VT e os compactos registram uns 15 ou

³³ DILCHER. *Studies in Heraclitus*, p. 154 (tradução minha). Como lembra também pertinentemente R. Dilcher, a imagem do “jogo de dados” (*petteía* ou *kybeía*) era, no mundo grego contemporâneo de Heráclito (o do século V a. C.), usada com frequência como uma metáfora para as vicissitudes da vida. No caso do resultado imprevisível de uma batalha, por exemplo, Ésquilo (*Sete contra Tebas*, 414) dirá que “Ares decide a obra com os dados (*en kýbois*).” (DILCHER. *Studies in Heraclitus*, p. 154, tradução minha).

³⁴ Segundo R. Dilcher: “A metáfora do jogo divino expressa assim sucintamente o básico duplo aspecto da religião grega. De um lado estão os deuses imortais gozando uma olímpica bem-aventurança, e do outro estão os homens expostos ao sofrimento, ao destino e à morte. Um deus, mesmo quando está engajado nos negócios humanos, não pode ser seriamente afetado em sua vida fácil pelas consequências de seus atos. O que é letal para o homem não é mais do que uma aventura lúdica e uma distração para um imortal.” (DILCHER. *Studies in Heraclitus*, p. 156, tradução minha).

³⁵ Cf. DILCHER. *Studies in Heraclitus*, p. 155-156.

³⁶ HOMERO. *Ilíada*, p. 435.

20 últimos segundos antes do apito final do juiz, em que o Brasil simplesmente toca a bola na defesa, como se já não querendo nada ou (o que é um pouco diferente) querendo perigosamente começar a colocar os uruguaios na roda, numa sequência que começa a se assemelhar à de um tradicional e humilhante “olé”, que quase nenhum adversário suporta por muito tempo sem, com alguma razão, querer interrompê-lo até mesmo com violência, se for preciso. E o que parece premonitório, apesar de aparentemente insignificante, é que os dois últimos lances, um passe e depois uma tentativa de drible meio brincalhona também (o jogo terminando justamente com um corte mais brusco de um uruguaio já impaciente) são de Clodoaldo, que na final contra a Itália iria querer “enfeitar” com um drible temerário um corte de um ataque italiano (segundo ele mesmo querendo se justificar depois, porque por sua posição ele não teria tido uma outra alternativa) e acabaria perdendo perigosa e fatalmente a bola pro atacante italiano Boninsegna que marcaria o gol de empate contra o Brasil mais pro fim do 1º tempo,³⁷ alterando radicalmente a configuração da partida (assim como depois, no começo do 4º gol do Brasil, num mesmo tipo de jogada, mas que dá certo, Clodoaldo irá driblar uns três ou quatro jogadores italianos,³⁸ antes de passar a bola pro Rivelino no lado esquerdo ainda no campo do Brasil, e o Rivelino, por sua vez, dá um passe mais longo pro Jairzinho na esquerda, que avança então em direção à área adversária e toca pro Pelé, que, bem cercado por mais de um italiano, toca bem maciamente pro lado direito onde Carlos Alberto está chegando

³⁷ As denegações de Clodoaldo parecem sinalizar bem o quanto um erro pode ser traumático e inapagável em uma torturante memória (ainda que, diferentemente do que ocorreu com o goleiro Barbosa na final da Copa de 50, aqui o contexto maior é consagrador e de vitória): “Eu tive um erro contra a Itália. [...] Então, na hora em que eu recebi a bola, ela quicou no meu pé. Eu tava saindo da defesa para o ataque, eu não esperava e ela veio. Aí, ele [Boninsegna] percebeu e correu de lado. Como eu percebi que ela ia passar e ele ia dominar e sair pra fazer o gol, tentei o único recurso que eu tinha. Não é que eu quis enfeitar a jogada, eu tive só aquela oportunidade, de tentar jogar a bola lá na esquerda. Mas quando eu fiz assim [o movimento] pra dar pro Everaldo, e ela quicou porque estava molhada, ele [Boninsegna] já estava do lado. Se ele estivesse na minha frente, talvez até desse pra tentar dominar. [...] Eu assumo a responsabilidade. Quando a gente erra, tem que assumir. De qualquer forma, não me abalou. Mas tá bom, já passou, graças a Deus.” (CLODOALDO. Eu deixei a Itália quase que nocauteada para que nós pudéssemos fazer o gol).

³⁸ “E, depois, a jogada: eu driblei uns quatro italianos no meio de campo. [...] Eu até brinquei em alguns momentos, e brinco até hoje, que ali eu deixei a Itália quase que nocauteada para que nós pudéssemos fazer o gol que saiu.” (CLODOALDO. Eu deixei a Itália quase que nocauteada para que nós pudéssemos fazer o gol).

correndo mais velozmente e pega bem firme na bola mandando no cantinho esquerdo do gol, sem dar nenhuma chance ao goleiro).

Mas este comentário sobre esses anódinos segundos finais desse jogo, em que o Brasil simplesmente tocou a bola na defesa e nada de importante aconteceu, e que tentei valorizar aqui com uma observação sobre uma tendência pro drible meio sintomática (e talvez premonitória) por parte do Clodoaldo, permitiria também um comentário final concomitante sobre a edição dos compactos de jogos, em que geralmente os instantes de menor perigo de gol ou menos sensacionais (em termos de habilidade, erro ou algum elemento insólito) geralmente são omitidos, e sobre o próprio funcionamento da memória ordinária que analogamente tenderia a apagar a grande maioria dos instantes insossos ou meio amorfos (quanto a eventos significativos) e que, no entanto, compõem um volume ou faixa considerável do que costuma se passar numa partida e apenas em contraste com a qual os chamados “eventos significativos” podem se destacar.³⁹

E digo isso também porque – talvez já parcialmente atingido por um *déficit* de memória recente, que pode não ser necessariamente (assim o espero) uma espécie de pré-Alzheimer (podendo também ser causado meramente pelo acúmulo excessivo de informações novas que atualmente circulam na internet e nas redes sociais) – nesta experiência recente de ter revisto o jogo inteiro dessa semifinal da Copa de 70, assim como ocorre com frequência também com jogos ao vivo de futebol ou vôlei (mesmo os dos torneios mais importantes) ou filmes ou séries (mesmo os/as melhores), me parecia que eu estava esquecendo, já no dia seguinte ou na semana posterior, quase tudo se não os gols, as bolas na trave ou os lances de muito perigo, o que fazia, portanto, da minha memória de grandes jogos da seleção brasileira, mesmo em Copas bem mais recentes, alguma coisa bem próxima, quando ela ainda conseguia salvar alguma coisa, dos compactos mais enxutos e curtos desses jogos (aos quais, por sinal, três ou quatro dias depois de

³⁹ Mas, assim como com o sofrimento físico ou psíquico mais agudo, não seria também o *esquecimento* dessa massa majoritária de “instantes insossos e amorfos” que compõem as partidas de futebol exatamente o mais desejável e salutar? Ou deveríamos supor a consciência e o registro (ou memória), não importando do que exatamente, como um valor em si? Por outro lado, porém, como é que eu iria me lembrar, uma vez só que fosse, dos nomes de certos jogadores do time uruguaio (ou tcheco, ou inglês, ou italiano) ou de antigos locutores e comentaristas dos anos 70, se não fosse a minha frequência dos VTs desses jogos na TV, ou dos compactos deles no *YouTube*?

ter visto o jogo, eu tive vergonhosamente de recorrer, via *YouTube*, pra poder descrever com mais precisão, neste presente e enfim inesperado ensaio, até mesmo os gols e as jogadas mais perigosas e importantes).⁴⁰

Por um lado, seria mesmo muito difícil imaginar compactos de jogos editados segundo critérios não convencionais, excluindo, por exemplo, precisamente os gols e os lances de maior perigo ou beleza,⁴¹ e – não fazendo jus ao nome e à ideia de “compacto” – se estendendo muito com a inclusão de muitas jogadas insignificantes ou mesmo de paralisações do jogo. Assim como seria também pouco imaginável que, na perturbadora e bizarra ausência de jogos de futebol ao vivo nesta quarentena pandêmica estendida, os jogos ruins de campeonatos regionais da segunda ou terceira divisão comesçassem a ser transmitidos na íntegra. Mas, por outro lado, o efeito, como com os 50 anos da conquista da Copa de 70, de uma repetição incansável, em mais de um canal de esporte, de alguns gols ou lances memoráveis da seleção brasileira era (sobretudo levando-se em conta um já prévio saber de todos os seus resultados e mesmo dos seus gols mais importantes) um bocejante tédio e um complementar desejo de alguma surpresa ou de uma ignorância fundamental e constitutiva quanto ao que ainda está por acontecer. O que um VT de um jogo inteiro permitia era, ao menos, reconstituir o contexto em que cada jogada perigosa ou gol tinha acontecido, de modo a tornar possível perceber melhor o como (ou quanto) outras possibilidades

⁴⁰ No entanto, imaginar inversamente uma memória maximamente precisa (como a do personagem “Funes, o memorioso”, do conto homônimo de Jorge Luis Borges [cf. BORGES, *Ficções*, p. 539-546], capaz de se lembrar de um dia inteiro vivido há anos) e que permitisse durante anos guardar todos os eventos e micro-eventos que compõem a uma hora e meia e mais alguns acréscimos de uma partida de futebol seria também ligeiramente monstruoso e implicaria uma disponibilidade de atenção que ordinariamente não pode ser subtraída com facilidade da vigília presente com seu séquito de demandas pra tarefas práticas mais ou menos urgentes apenas pra mera manutenção da vida.

⁴¹ A hipótese inversa também era bastante estranha (ainda que pudesse ocorrer na memória ordinária, sobretudo a de jogos terminados em 1 a 0): a de uma compactação máxima com a necessária escolha de apenas um grande lance (gol ou não) de cada partida, caso em que curiosamente, numa partida como esses 3 a 1 pro Brasil contra o Uruguai (e em que pese a atenção dada ao lance pelo romance *O drible* de Sérgio Rodrigues), não seria o drible de corpo de Pelé em Mazurkiewicz a jogada escolhida, mas, pelo sufoco que então passava o Brasil e pelo inusitado da chegada à frente e o chute certo de bate-pronto de médio-volante Clodoaldo, o primeiro gol do Brasil empatando a partida no último minuto do 1º tempo, que poderia (assim como o 2º de Jairzinho, semelhantemente com um passe de Tostão) ser interpretado como resultando também – em sua conjunção misteriosa de habilidade, raça e sorte – da intervenção benfazeja decisiva de uma divindade (tal como sugerido no trecho de meu ensaio citado na nota 13).

estavam também presentes ali e o relativo mistério de apenas uma delas (e da exata maneira como aconteceu) ter sido a que teve lugar de fato.

[NOTA FINAL SOBRE O CARÁTER BIOGRÁFICO E AUTOBIOGRÁFICO DESTE RELATO-ENSAIO]

Nesta nota final mais estendida (por isso transferida para o corpo mesmo do texto) e escrita uns três meses após a conclusão deste meu relato-ensaio, eu gostaria apenas de fazer uma breve reflexão teórica sobre o caráter biográfico inevitável (para os jogadores da Seleção Brasileira e, mais particularmente, para o Tostão) dos vídeo-tapes dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de futebol de 1970, assim como sobre o seu caráter também autobiográfico para mim que havia assistido quando criança a todos esses jogos na televisão, tratando-se nos dois casos de um material básico documental que constitui uma prova fotográfico-fílmica irrefutavelmente objetiva da existência deste passado, hoje já um pouco distante, exatamente como ali registrado.

O meu ponto de partida para essa de algum modo óbvia reflexão teórica será o do caráter fílmico ou cinematográfico destes vídeo-tapes, por sua vez baseado em seu caráter inevitavelmente fotográfico, ou seja: o de fotogramas (minimissimamente diferenciados) numa contínua e muito longa justaposição, transmitindo, quando passados em uma rápida sucessão, o efeito do “movimento” (em grego antigo, para retomar a etimologia, *kínema* ou “cinema”), tal como o da porção da vida mesma que foi filmada. Mas também – e isso é o mais importante – o de fotogramas que registram, sem nenhuma deformação ou transmutação deliberada (ainda que pressuponham as escolhas de ponto de vista, enquadramento, luz, cor e foco do fotógrafo ou operador de câmera), o evento mesmo que foi em cada caso aquela partida de futebol de uma hora e meia regulamentar de duração.⁴²

⁴² O meu ponto de partida para a consideração desta base fotográfica, eminentemente referenciada à realidade, do filme ou cinema é a obra teórica (e uma suma de todo o seu trabalho investigativo sobre o cinema) de Siegfried Kracauer, *Theory of Film*, cujo primeiro e longo capítulo preparatório é justamente sobre a fotografia, “1. Photography” (cf. KRACAUER. *Theory of Film: The Redemption of Physical Reality*, p. 3-22), que lhe dá então os elementos para estabelecer as propriedades básicas (idênticas às da fotografia) e técnicas (diferentes das da fotografia, porque tendo como núcleo a edição ou montagem) do meio fílmico no subcapítulo “Properties of the medium” do capítulo 2 “Basic concepts” deste mesmo livro (cf. KRACAUER. *Theory of Film*, p. 28-30).

Será, portanto, a partir da natureza basicamente fotográfica dos vídeo-tapes destas seis partidas da campanha vitoriosa da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970 e neles da forte e hegemônica referência à realidade mesma de cada longo evento (ou partida de futebol) representado visualmente em duas dimensões (e com a também possível captação do som ambiente no estádio e campo de futebol em que cada partida ocorreu), que eu proporei aqui, aplicado ao registro cinematográfico (isto é: dos fotogramas em sucessão), a definição do que constituiria, segundo Roland Barthes em *A câmara clara*, a essência ou o “noema” fático da fotografia: *Isso-foi*,⁴³ pois, diferentemente da pintura ou do discurso em seus modos de representação abertos à simulação ou imaginação,⁴⁴ “na Fotografia jamais posso negar que *a coisa esteve lá*. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado”.⁴⁵

Mas, além da inegável e comprovada realidade (então viva) do passado registrado em imagem, a fotografia também carrega em si (como potencialidade certa e inevitável) o futuro necessário de todo indivíduo humano: a sua morte e desaparecimento enquanto indivíduo. Mais do que um detalhe quase inapreensível que dá sabor e graça singulares à imagem fotográfica de um indivíduo, segundo Barthes o seu *punctum*, em oposição a todas as informações objetivas sobre sua época e seu meio social (o que Barthes chama de *studium*), o *punctum* ontológico da fotografia estaria justamente na *morte*. Falando da foto (por Alexander Gardner) de um jovem (Lewis Payne) preso, porque tentou assassinar um secretário de Estado norte-americano, aguardando o seu enforcamento numa cela, Barthes diz: “A foto é bela, o jovem também: trata-se do *studium*. Mas o *punctum* é: *ele vai morrer*. Leio ao mesmo tempo: *isso será* e *isso foi*; observo com horror um

⁴³ BARTHES. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*, p. 115.

⁴⁴ “Chamo de ‘referente fotográfico’ não a coisa *facultativamente* real a que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria Fotografia. A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto. O discurso combina signos que certamente têm referentes, mas esses referentes podem ser e na maior parte das vezes são ‘quimeras’.” (BARTHES. *A câmara clara*, p. 114-115).

⁴⁵ BARTHES. *A câmara clara*, p. 115. Essa prioridade da existência real do referente humano (então vivo) na fotografia é também proposta por Walter Benjamin no seu célebre ensaio “Pequena história da fotografia”: “[...] na fotografia surge algo estranho e novo: na vendedora de peixes de New Haven, olhando o chão com um recato tão displicente e sedutor, preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, *algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real*, e que não quer extinguir-se na ‘arte’.” (BENJAMIN. Pequena história da fotografia, p. 93, itálicos meus).

futuro anterior cuja aposta é a morte”.⁴⁶ Mas se este exemplo extremo facilita a compreensão desta dimensão ou elemento da fotografia, qualquer foto ordinária de uma pessoa (não necessariamente condenada à morte pela justiça) com um possível futuro mais largo também conteria esta dimensão: “Diante da foto de minha mãe criança, eu me digo: *ela vai morrer*; estremeço, tal como o psicótico de Winnicott, *por uma catástrofe que já ocorreu*. Que o sujeito já esteja morto ou não, qualquer fotografia é essa catástrofe”.⁴⁷

Mas talvez pudéssemos acrescentar que a esta dimensão moritura potencial contida em qualquer imagem fotográfica de um indivíduo humano mortal se superporia também a do seu inevitável *envelhecimento*, não apenas genericamente como temporalidade que admitiria também uma dimensão positiva de florescimento na passagem da infância à juventude e desta à maturidade, mas sim como passagem da maturidade à velhice com todas as esperáveis consequências físicas negativas (aumento da probabilidade de doenças mais ou menos graves, e perda progressiva de vitalidade, agilidade e beleza) que esta última pressupõe, sendo o envelhecimento (neste sentido mais estrito) mais decisivo e dramático para os atletas como os jogadores de futebol, cuja maturidade máxima dificilmente ultrapassa ou ultrapassava os trinta ou trinta e cinco anos de idade (por exemplo, no time titular da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970, os mais velhos eram Félix, com 32 anos, Brito, com 30, e Gérson e Pelé, com 29, todos eles sabidamente jogando já sua última Copa do Mundo).

Assim, portanto, ainda que não sejam tantos os jogadores titulares (ou que, ao menos, jogaram alguma partida) desta Seleção Brasileira hoje já mortos mesmo que diferenciadamente – Everaldo morreu em 1974 num acidente de automóvel, com 30 anos de idade; Fontana morreu em 1980 de infarto, com 39 anos de idade; Félix morreu em 2012 de enfisema pulmonar, com 74 anos de idade; e Carlos Alberto em 2016 de infarto, com 72 anos de idade –, são muitos os casos de

⁴⁶ BARTHES. *A câmara clara*, p. 142.

⁴⁷ BARTHES. *A câmara clara*, p. 142. Seria preciso lembrar, no entanto, que para Barthes (diferentemente do que para Kracauer), apesar de sua base fotográfica, o cinema tenderia a elidir esta presença da morte, porque dissolvida de algum modo no fluxo de imagens que capta a atenção, sem um intervalo ou espaço, sempre em direção à seguinte: “[...] no cinema, sem dúvida, sempre há referente fotográfico, mas esse referente desliza, não reivindica em favor da sua realidade, não declara sua antiga existência; não se agarra a mim: não é um *espectro*. Como o mundo real, o mundo fílmico é sustentado pela presunção de ‘que a experiência continuará a fluir no mesmo estilo constitutivo’ [...]” (BARTHES. *A câmara clara*, p. 133-134).

problemas mais ou menos graves de saúde (como mais recentemente os de Pelé), sendo também visível e em alguns casos mais dramática a deterioração da forma física, com o inchaço de todo o corpo (e perda da agilidade), o enrugamento da pele e o embranquecimento ou perda dos cabelos, além de todas as possíveis e diferenciadas dificuldades para encontrar uma atividade profissional satisfatória depois de esgotado o prazo da rápida carreira de jogador (com também todos os graves problemas econômicos e/ou psíquicos que disso podem resultar).

De qualquer modo, este conjunto de seis jogos da campanha vitoriosa da Seleção Brasileira na Copa de 1970 não poderia – é óbvio – ser pensado literal ou propriamente como uma biografia de qualquer um dos jogadores titulares que jogaram os seis jogos (como Tostão, Jairzinho ou Pelé, por exemplo), nem mesmo uma biografia esportiva ou futebolística, pois todos eles tiveram carreiras bem mais cheias e complexas envolvendo todos os campeonatos disputados por seus times profissionais (ou mesmo em categorias inferiores), e ainda muito menos uma biografia integral, que envolveria muitos outros aspectos da vida a partir de uma idade muito tenra e/ou posterior ao término da carreira de jogador, tal como já foi diversamente narrado em alguns documentários famosos (por exemplo, *Garrincha alegria do povo* de Joaquim Pedro de Andrade, *Isto é Pelé* de Luiz Carlos Barreto e Eduardo Scorel, ou *Tostão fera de ouro* de Paulo Laender e Maurício Gomes Leite) ou em biografias como a de Garrincha por Ruy Castro (*Estrela solitária*), ou a de Rivelino por Maurício Noriega (*Rivellino*), ou as inúmeras de Pelé, ou ainda – possibilidade bem mais rara – a(s) autobiografia(s) de um jogador que se tornou um bem reconhecido cronista esportivo da imprensa escrita, como Tostão (*Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*, de 1997, e *Tempos vividos, sonhados e perdidos*, de 2016, que inclusive usei com proveito neste artigo).

O que o material documental cinematográfico dos vídeo-tapes destas seis partidas vitoriosas condensa (naquilo que poderia ser pensado também como uma espécie de compacto esportivo-existencial de exceção) é apenas um dos momentos mais privilegiados (ou, na grande maioria dos casos, o mais) das carreiras de vários grandes jogadores de futebol brasileiros, mas um momento largo em que eles, jovens e no auge de sua potência, como seres humanos mortais jogando uma de suas maiores chances (numa carreira bem breve e coincidentemente numa vida

muito breve, ou seja: numa superposição intensiva de uma certa urgência: “*ars brevis atque vita brevis*”, parodiando aqui o ditado), estavam imersos e inteiros, carregando cada qual consigo toda a sua história de vida (ainda que não diretamente manifesta), e podendo assim ser considerado também, e por excelência, biográfico.⁴⁸

E, enfim, para concluir, seria preciso também considerar que, embora na posição modesta e passiva de um mero (mas apaixonado) espectador, este material fílmico documental destes seis vídeo-tapes (e, especialmente, da semifinal contra o Uruguai) permitia a mim – que havia visto as partidas transmitidas ao vivo pela televisão, ainda criança, com nove anos de idade – uma lembrança (com várias correções, precisões e acréscimos), 50 anos ou um inteiro meio século depois, não só da campanha vitoriosa da Seleção Brasileira nesta Copa do Mundo de 1970, mas também de todo um contexto social e histórico que havia se transformado muito e complexamente, tornando possível também, por toda uma vida dedicada à literatura (à filosofia e às ciências sociais) e amadoristicamente ao futebol (como um lazer muito especial, incluindo a prática até os 52 anos de idade), este meu relato-ensaio retrospectivo, que tem assim um óbvio caráter *autobiográfico*, inclusive em sua indisfarçada identificação com a habilidade única e excepcional (e maneira inteligente de jogar) do então maior jogador (o Tostão) do Cruzeiro, time de Belo Horizonte, minha cidade,⁴⁹ de que eu fui um torcedor afortunado nos agora longínquos anos de 1960 e 1970, o que não só explica bem, como também explicita, sem retirar-me enquanto sujeito de todo o processo investigativo deste ensaio, a razão da escolha do objeto mesmo desta pesquisa,

⁴⁸ Curiosamente, em uma nota na introdução ao capítulo 2, “Basic Concepts”, do livro *Theory of Film*, de que eu falava há pouco, Kracauer lembra, na esteira de Georges Sadoul (em *L'invention du cinéma*), que os nomes dados primeiramente ao filme indicavam uma afinidade ou com o “movimento” (como “*kinetoscope*”, “*kinetograph*” ou “cinematógrafo”) ou com a “vida” (como “*vitascope*”, “*vitagraph*”, “*bioscope*” ou “*biograph*”, itálicos meus), tornando possível neste último exemplo a asserção etimológica literal do filme ou do cinema como “uma descrição” (por desenho ou pintura, *gráphein*, mas no seu caso pela fotografia, que é ainda mais precisa e exata) da “vida” (*bíos*), ou seja: do filme como literal e etimologicamente uma “biografia” de quem é documentado ou registrado em movimento pela câmera (cf. KRACAUER. *Theory of Film*, p. 28, nota de pé de página).

⁴⁹ E desde muito tempo também a do Tostão (ou Eduardo Gonçalves de Andrade), com quem, por sinal, às vezes me encontro por acaso passeando na rua ou em algum bar ou restaurante no fim de semana, fazendo questão de saudá-lo com alguma reverência, mas sem forçar muito uma aproximação (pois sei que ele é tímido e reservado), apenas para indicar que o estou reconhecendo, tal como uma única vez lhe disse, como um grande craque do futebol e um dos mais inteligentes cronistas da mídia impressa e digital brasileira.

corroborando de um modo bem chão e nada irônico a proposição hoje já bem conhecida de Ricardo Piglia de que “a crítica é a forma moderna da autobiografia”.⁵⁰

* * *

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas vol. 1, Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 91-107.

BENVENISTE, Émile. Expression indo-européenne de l'éternité. **Bulletin de la Société de Linguistique de Paris**, Paris, v. 38, n. 1, p. 103-112, 1937.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras completas, volume I (1923-1949)**. São Paulo: Editora Globo, 2000, 1ª edição: 1998, p. 539-546.

BORGES, Jorge Luis. O jardim de veredas que se bifurcam. In: *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras completas, volume I (1923-1949)**. São Paulo: Editora Globo, 2000, 1ª edição: 1998, p. 524-533.

CLODOALDO. Eu deixei a Itália quase que nocauteada para que nós pudessemos fazer o gol. In: Favorita e no auge, seleção brasileira goleia e fatura a Jules Rimet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21/06/2020, Série “O Tri de 70”, Esporte. Disponível em: <https://bit.ly/3tKn9ZH>. Acesso em: 18 jul. 2020.

DILCHER, Roman. Chapter VII: The Divine Game. In: DILCHER, Roman. **Studies in Heraclitus**. Hildesheim: Olms, 1995, p. 145-157.

FRIEDLÄNDER, Paul. Lachende Götter. **Die Antike**, Berlin, v. 10, p. 209-226, 1934.

GÉRSON. Como é que você vai admitir que o Pelé jogue 45 minutos mal? In: Fantasma do Maracanazo aparece, mas Brasil reage e vai à final. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17/06/2020, Série “O Tri de 70”, Esporte. Disponível em: <https://bit.ly/3lxsdO9>. Acesso em: 18 jul. 2020.

GUEZ, Olivier. **Éloge de l'esquive**. Paris: Bernard Grasset, 2014.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução, introdução e notas de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018.

KRACAUER, Siegfried. **Theory of Film: The Redemption of Physical Reality**. London/New York: Oxford University Press, 1960.

⁵⁰ PIGLIA. *Formas breves*, p. 139, tradução minha. Curiosamente, eu poderia também subscrever, pelas várias leituras e vídeos que a escrita deste relato-ensaio me demandou, o conjunto do parágrafo que esta frase de Piglia apenas introduz: “La crítica es la forma moderna de la autobiografía. Uno escribe su vida cuando cree escribir sus lecturas. ¿No es a la inversa del *Quijote*? El crítico es aquel que encuentra su vida en el interior de los textos que lee.” (PIGLIA. *Formas breves*, p. 139).

MARCOVICH, Miroslav. **Heraclitus**: Greek Text with a Short Commentary. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2001.

PIGLIA, Ricardo. Epílogo. In: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Buenos Aires: Mondadori, 2014 [2000], p. 139-140.

RENNÓ ASSUNÇÃO, Teodoro. Breve nota sobre o tempo trágico no futebol. **Letras Clássicas**, Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 12, p. 259-262, dez. 2008.

RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TORRES, Carlos Alberto. Fui com tudo, cheguei na passada certa, com a certeza de que iria fazer o gol. In: Favorita e no auge, seleção brasileira goleia e fatura a Jules Rimet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 jun. 2020, Série “O Tri de 70”, Esporte. Disponível em: <https://bit.ly/3ly9Ybc>. Acesso em: 18 jul. 2020.

TOSTÃO. Foi o dia em que eu vi o Zagalo mais bravo na minha vida, ele ficou possesso. In: Fantasma do Maracanazo aparece, mas Brasil reage e vai à final. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17/06/2020, Série “O Tri de 70”, Esporte. Disponível em: <https://bit.ly/3r35FWI>. Acesso em: 18 jul. 2020.

TOSTÃO. Na folga podia ir a festinhas, tomar uma cervejinha ou ir pra igreja rezar. In: Bastidores da Copa: relatos divertidos e curiosos de quem esteve lá. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21/06/2020, Série “O Tri de 70”, Esporte. Disponível em: <https://bit.ly/3eXLB5F>. Acesso em: 18 jul. 2020.

TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos**: um olhar sobre o futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TOSTÃO. Tostão: “Fuimos revolucionarios”. **El País**. Madrid, 21/06/2020, 50 Aniversario de la final del Mundial de México, Deportes. Disponível em: <https://bit.ly/39hXQqb>. Acesso em: 22 nov. de 2020.

TOUSSAINT, Jean-Philippe. **La Mélancolie de Zidane**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2006.

* * *

Recebido para publicação em: 09 dez. 2020.
Aprovado em: 25 fev. 2021.

Das brigas de arquibancadas à vida de professor universitário: relatos de um líder de torcida no Rio de Janeiro dos anos 1980

From Brawls in the Stands to Living as a University Professor:
Narratives from an Organized Football Fan Leader
in Rio de Janeiro of the 1980

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio
bernardobuarque@gmail.com

RESUMO: O artigo propõe um relato de história de vida de uma figura emblemática no universo de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro, dos anos 1980, tendo por base entrevista concedida ao autor. A fala que serve de matéria-prima ao texto pressupõe acompanhar sua narrativa, a despeito do reconhecimento de uma espécie de dupla “ilusão biográfica” – a do entrevistado e a do entrevistador –, com a retrospectiva contada pelo torcedor organizado acerca de suas opiniões, de suas memórias, de suas autorrepresentações e de seu conjunto de vivências nas arquibancadas dos estádios de futebol. A narração distende-se até o encerramento desse ciclo iniciático juvenil, quando, sob o temor do risco à sua integridade física por parte de grupos rivais, o narrador opta por uma ruptura com este meio, redirecionando seu projeto de vida e o horizonte de expectativas de sua própria carreira profissional.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Autobiografias; Futebol; Torcidas Organizadas.

ABSTRACT: This article proposes an account of the life story of a notable character in the universe of organized football supporters in Rio de Janeiro from the 1980s, based on an interview given to the author. Despite the recognition of a double “biographical illusion”, the speech that serves as the raw material for the text seeks to narrate the retrospective told by the organized supporter about their opinions, self-representations, and set of experiences in football stadium stands. The story goes on until the end of the youth initiation cycle, when, fearing for their physical integrity due to rival groups, the narrator opts to move away from this environment and redirect their life project and horizon of expectations to their own professional career.

KEYWORDS: Oral History; Autobiographies; Football; Organized fan Groups.

Sabe-se que a conversão da gravação oral em narrativa escrita que perfila um entrevistado tem implicações metodológicas, dialógicas e hermenêuticas. Não obstante, mais que aprofundamentos teóricos nessa metodologia, o propósito precípuo do presente artigo é transpor o testemunho direto para a ordem indireta do discurso, de modo a dispor de uma sequência cronológica e discursiva, supostamente coerente entre o que o depoente diz sobre si e o que o entrevistador apreende a seu respeito, em um filtro que, não obstante, sorve questões e interesses próprios da pesquisa acadêmica.¹

É hoje sobejamente conhecida a referência ao ensaio Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”.² Nela o sociólogo francês tenciona desconstruir a acepção jornalística e de senso-comum, segundo a qual as trajetórias são narradas retrospectivamente de forma linear e coerente, como se o biografado tivesse um sentido e destino traçado de forma prévia ou teleológica. Segundo Simoni Guedes, é necessário “não sucumbir à tentação de dar sentido ao que é, muitas vezes, caótico, casual e desordenado”.³

Alertas a essa dupla tentação, o relato a seguir trata da trajetória de Banha, líder e figura “lendária” da Torcida Jovem do Flamengo durante os anos 1980. Em função das brigas, das rivalidades e das ameaças crescentes em que se envolveu, surpreendeu a muitos do meio quando resolveu abandonar o círculo de relações nas torcidas organizadas de futebol, no final dos anos 1980. Neste entretempo, iniciou seus estudos universitários em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fez graduação na UERJ, formou-se e depois curso mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social na UFRJ. Desde os anos 2000, é professor e reside no interior do estado do Rio, onde leciona História Antiga no campus de uma universidade particular.

O personagem nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1962, mais precisamente na Tijuca. Criado naquele bairro da zona norte do Rio de Janeiro, onde passou a infância e a juventude, começou a frequentar os jogos muito cedo, com sete anos de

¹ O relato a seguir, realizada no âmbito do doutoramento, feito no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura/PUC-Rio, baseia-se em entrevista concedida no dia 12 de dezembro de 2005, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Duração: uma hora de gravação.

² BOURDIEU. A ilusão biográfica, 2006.

³ GUEDES. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmico-institucionais: um relato pessoal, p. 340.

idade e, tendo crescido nas imediações do Maracanã, costumava ir ao estádio a pé. A primeira partida importante de que se lembra ocorreu no ano de 1969, a decisão do Fla x Flu na final do Campeonato Carioca, quando o Maracanã recebeu mais de cento e cinquenta mil torcedores e o Fluminense sagrou-se campeão com uma vitória de três a dois. Ele ia com o pai que o carregava nas costas em seu setor preferido então, a Geral. Sua inclinação pelo Flamengo deveu-se igualmente à influência paterna, um rubro-negro fanático que, em função de problemas de saúde, parou de frequentar os estádios e passou a assistir às partidas pela televisão.

A frequência aos jogos em companhia do pai se estendeu até 1977, quando completou quinze anos e começou a ir sozinho ou junto a uns três ou quatro amigos de colégio da Tijuca. Resolveu entrar em uma torcida organizada por volta de 1978 e a primeira que escolheu foi a Fla-12, exemplo seguido por seus amigos. Tratava-se de uma torcida do bairro da Tijuca, seu “dono” era o proprietário da loja Havaí Esportes, o Vitório, e lá fez novas amizades.

A Fla-12 foi uma torcida de curta duração, começou grande mas em seis meses de existência decresceu enormemente até ficar restrita a uma meia dúzia de pessoas. Com isto, integrou-se à Torcida Jovem do Flamengo, no momento em que viu uma mobilização ao seu redor, com a reorganização do grupo após um tempo em que ficou desativada. A recriação da Jovem fez com que muitas pessoas pertencentes às demais torcidas, componentes da Garra-Fla, da Fla-Povo, da Raça Rubro-Negra, da Fla-Ponte de São Gonçalo, entre outras torcidas próximas à Fla-12, aderissem ao novo movimento. Após muitas dificuldades, a torcida se reestruturou e voltou a crescer.

Em sua recordação, a Jovem ficou parada durante a década de 1970, talvez depois de 1972, 1973 e assim ficou até 1978. Todos os grandes clubes possuíam uma torcida grande atrás do gol, mas o Flamengo, não. A Raça Rubro-Negra, que era uma torcida forte, ficava na altura do corner. Então eles pensaram na criação de uma torcida com força que ficasse atrás do gol. Como todas as torcidas naquela posição eram chamadas de Jovem, eles “recapturaram” a ideia, mantiveram o nome e deram continuidade.

Antes disso, sabe-se que a torcida era comandada pela *tia* Helena, mas pouco depois ela se afastou. No período em que a torcida ficou parada, alguns integrantes

da Jovem continuavam a assistir ao jogo no mesmo local, mas iam sem camisa e já não botavam a faixa. De modo que houve um estranhamento por parte dos antigos membros, quando perceberam aquele alvoroço e aquela gente nova a chegar e a comprar o novo modelo da camisa do grupo. O Niltinho, por exemplo, que depois foi presidente da torcida, pertencia à Flatuante, uma agremiação de Niterói, e quando viu o movimento ao redor da Jovem, também aderiu.

Não foi fácil a reativação da torcida, houve muita dificuldade e lembra que graças à doação financeira de uma senhora foram compradas oitenta bandeiras. Era o mais difícil, pois elas custavam caro. Só então a torcida pode se rearticular. No início da recomposição, a torcida possuía trezentos componentes. Eles zeraram o cadastro antigo da torcida e entraram em contato com aqueles que gostariam de fazer uma nova carteirinha de sócio. Quando ele saiu da Jovem, a torcida tinha mais de seis mil integrantes.

Mas a frequência assídua aos jogos ficava em torno de seiscentos e setecentos integrantes e apenas dez por cento dos componentes participavam da rotina da torcida de um modo mais constante e efetivo. A Torcida Jovem era a menor dentre as grandes torcidas, compostas pela Força Jovem do Vasco, pela Raça Rubro-Negra, pela Torcida Jovem do Botafogo e pela Young-Flu. A Jovem possuía uma tradição e uma reputação no passado, mas na época em que se integrou a ela já não era uma torcida considerada importante.

Seu auge foi o final da década de 1960 e o início da década de 1970, por causa do Onça, um dos líderes da Torcida Jovem. A fama de um grupo agressivo sempre existiu, mesmo nos idos de 1970, até para os padrões antigos era vista como violenta. Enquanto na torcida do Botafogo tinha o Tarzã, na Jovem do Flamengo existia o Onça. Qualquer briga, qualquer problema, era o Onça que aparecia, com o pessoal da Jovem. Esse espírito combativo foi transmitido para a geração dele, aprenderam a revidar, pois não admitiam “levar desaforo para casa”. A Jovem cresceu com essa disposição para a briga, mas só quando havia provocação da outra parte. Em razão disto, Banha costuma dizer que em seu tempo eles iam ao estádio para ver o jogo e de vez em quando brigavam; hoje em dia, eles vão para brigar e de vez em quando veem o jogo. Inverteu-se a lógica. O pessoal de briga era o Onça, o Pedro Paulo, o Fuinha, mas tinha um pessoal de Niterói que era “enfestado” também.

Ele se lembra que o Onça tinha um cabelão e era muito forte. É certo que havia também a tia Helena, uma líder pacífica, mas ela não se metia quando o assunto eram as brigas, ela preferia se afastar. Pertenceu ao momento inicial da torcida, não permaneceu por muito tempo, pouco a pouco foi se desligando. Por duas razões principais: o perfil de briga dos mais jovens e a idade avançada dela. Tornou-se uma figura lendária, era respeitada mas não tinha liderança quando havia uma briga.

Em sua narrativa, vinha de uma outra época, em que as pessoas idosas eram mais respeitadas. No Fluminense também tinham casos parecidos. Seu Armando, da Young-Flu, era um senhor, mas gostava de ficar à frente dos jovens que curtiam briga também. Embora houvesse respeito por sua figura no grupo, ele tinha problemas para segurar o ímpeto do Armandão, do Rato e de outros brigões da torcida. A briga, contudo, era pessoal, direta, na mão, e só ocorria dentro do estádio.

Quando ela extravasava para a rua, nas cercanias do estádio, não havia corvadia de três baterem em um, nada parecido com isso. Não se brigava com um torcedor comum, o confronto “mano a mano” era com o cara da outra torcida organizada. Ninguém encostava a mão no “povão”, que passava com a camisa do Fluminense ou do Flamengo pela rua. Seguia-se a uma série de convenções, que não eram escritas, mas obedecidas por todos.

Aquele que ultrapassasse esses limites era mal visto pelo conjunto dos torcedores. Era tido como covarde. Havia convenções e regras preestabelecidas que foram perdidas com o tempo. O perfil majoritário da torcida na década de 1980 era composto por jovens do sexo masculino, mas também do sexo feminino, que moravam tanto na Zona Norte quanto na Zona Sul. Tinha uma garotada bonita das duas regiões e com isso as meninas iam para a torcida. Ele inclusive namorou uma moça da torcida, a Márcia, que vem a ser mãe de seu filho hoje.

A Raça Rubro-Negra também era conhecida por mulheres bonitas, tinha modelos como a Maristela e a Martha Esteves, que hoje é jornalista. No início, o foco da TjF eram dois bairros: Copacabana e Tijuca. O Capitão Leo comandava o pessoal de Copacabana e ele, o da Tijuca. Depois escolheram a Praça Saens Peña como ponto de aglutinação das galeras, para irem juntos para o Maracanã, pois a Jovem era forte ali também e todos os ônibus desembocavam naquela praça. Isto foi por volta de 1986, 1987, quando a torcida estava muito grande.

Foi o Leo, uma “figuraça”, quem criou esse ponto de encontro. O Leo se aproximou da torcida e assumiu o comando da torcida em fins dos anos 80, no mesmo momento em que ele estava deixando Jovem. Desde meados da década de 1980, criou-se a tradição de luta na torcida e a prática de artes marciais em academia. Muitos garotos começaram a fazer boxe tailandês, o Peu, o Hércules, o Hélio, o Severo, o Budi, que foram campeões na modalidade. Até sua namorada lutava. Mas, após a fase da luta na mão, veio a fase do tiro, das armas de fogo.

Em 1980, ele assumiu a presidência da torcida e foi eleito por dois anos. Foi presidente até 1982 e permaneceu no grupo até 1988. Com o crescimento da violência e o início de ameaças de morte e da escalada de assassinatos, ele resolveu abandonar a torcida. Segundo Banha, na época em que presidiu a Jovem, o Flamengo chegou a ter mais de cem torcidas organizadas. Elas tinham até então um caráter festivo. Quando o jogo ocorria no domingo, passava-se sexta e sábado fazendo bandeiras, preparava-se papel picado, comprava-se papel higiênico, buscavam-se os bambus nas florestas, faziam esse tipo de coisa.

Com o tempo, tais hábitos acabaram e as torcidas se profissionalizaram muito. No momento em que ele saiu da torcida, já não se procedia da mesma maneira, havia um esquema previamente programado, os instrumentos não eram fabricados por eles, mas comprados em loja, tudo era entregue pronto. Ele vivenciou uma época amadora, romântica, ia-se para o Maracanã e eles mesmos produziam os materiais, encontravam-se com o pessoal das outras torcidas.

A Jovem foi uma torcida engajada politicamente. Em âmbito interno, faziam eleições para a escolha do presidente e não podia haver reeleição. Por isto, depois dele veio Niltinho e tomou posse na torcida. Mas quase sempre não eram necessárias as disputas, era candidatura única e consensual. Como a torcida era pequena, não existiam facções internas. Depois do Niltinho, foi a vez do Leo. Antes da presidência do Banha, tinha sido presidente o João Carlos, que começou o processo de reunificação da torcida após o período “lendário” ou “romântico” da Tia Helena. Ele e vários componentes da torcida eram sócios do clube. Participavam da vida clubística interna, chegaram a lançar um candidato à presidência, Alberto Selento, o Betinho, que ficou em terceiro lugar dos quatro que concorreram.

Eles eram uma força. Hoje as torcidas não têm mais influência no clube, estão ausentes das eleições. Como as torcidas têm poucos sócios para ser uma voz política ativa no interior do clube, os dirigentes do Flamengo e do Vasco atualmente usam os grupos. Banha associa a situação crítica do futebol carioca à decadência das torcidas, notadamente com o fim da antiga associação de torcidas organizadas, a Astorj. Considera que a Geral do Maracanã dificilmente teria sido extinta se a Astorj ainda estivesse em atividade. Em seu tempo, as torcidas organizadas iam para a Geral, onde faziam protestos, iam às rádios “fazer barulho” e reclamar contra o aumento dos ingressos. Promoviam greves e conseguiam várias vezes baixar o preço.

Isto ocorreu no início da década de 1980, por volta de 1982, 1983. As reuniões da associação eram às segundas-feiras no Maracanã. A politização e a conscientização maior da torcida ocorreu até 1985, 1987. Depois isto, pouco a pouco foi sendo perdida. Muitos integrantes da Torcida Jovem eram filiados a partidos políticos, ao PT, ao PDT, havia simpatia pelo Brizola. Ele mesmo foi filiado ao PDT. Lembra-se de quando o Brizola venceu as eleições em 1982, boa parte do Maracanã cantou o nome do governador eleito. Era um contexto de fim da ditadura, havia um interesse novo pela política, que foi despertado. A administração pedetista de Jorge Roberto da Silveira, Secretário de Esportes do governo Brizola, também ajudou nessa aproximação da torcida com a política. Mas, com o passar do tempo, o interesse pela política foi decaindo, diminuindo novamente.

As torcidas voltaram a perder prestígio com a violência crescente. Houve uma grande mudança nos dias de hoje. Os encontros entre as torcidas atualmente resultam em briga, não há a mínima possibilidade de entendimento, qualquer tipo de diálogo. E havia muito diálogo entre as torcidas dos diferentes clubes no final da década de 1970 e início de 1980. Mas depois desse ambiente favorável, houve uma deterioração geral. Ele assistiu ao início do declínio da relação entre as torcidas, principalmente quando os chefes mais famosos se afastaram, o Fernando Mesquita, da Torcida Jovem do Botafogo, o Seu Armando da Young-Flu. O Eli Mendes, da Força Jovem do Vasco e o Niltinho, seu sucessor na Torcida Jovem do Flamengo, ambos faleceram.

Aí veio uma “garotada” que assumiu o comando e que já não media muito as consequências. O afastamento dessas figuras é visto, portanto, como o fator da

perda de controle sobre as torcidas. Ao Fernando Mesquita, da TJB, sucedeu o Portela e um outro torcedor do Botafogo que depois foi preso. Ali foi o início de um outro processo. A comparação entre os chefes de torcida de hoje e os do seu tempo não deixa dúvidas: hoje os eles nem se conhecem, enquanto no tempo de Niltinho fazia-se festa na sua casa e todos os líderes eram chamados como convidados.

As brigas eram eventuais, não eram um fato desagregador, pois não havia grandes covardias. Recorda-se de um jogo da Seleção Brasileira no Maracanã, em que um integrante da Torcida Jovem do Flamengo arrancou uma faixa da Força Jovem do Vasco e deu para ele, que era presidente da torcida. Banha tirou sua camisa, foi até o lado da torcida adversária, no meio da Força Jovem, sem que eles fizessem nada contra ele, e devolveu a faixa ao Eli Mendes. E ainda pediu desculpas pelo que o garoto havia feito. Semelhante situação hoje seria impensável.

Para ele, aquela atitude do garoto já era um sinal de que havia uma nova geração na Torcida Jovem que não pensava mais como ele, não aceitava mais aqueles códigos de ética. Em seguida, o pessoal da Torcida Jovem do Flamengo incendiou, em um ato de covardia, a sala da Torcida Jovem do Botafogo. Considera um caso grave, pois se lembra do Fernando Mesquita chorando na rádio, com seu material destruído, suas bandeiras inclusive. Em contrapartida, eles tiveram de se proteger também, pois começaram as ameaças de revide e de invasão da sala deles. Tiveram de pagar um preço muito alto para botar uma porta de aço, com duas grades. Mesmo assim o pessoal da Força Jovem um dia rendeu os seguranças, invadiu e queimou a sala.

Era enfim uma guerra sem vencedores, com prejuízos para os dois lados. A fama de temido que Banha tinha em seu tempo parece-lhe exagerada e injustificada. Ele cita o exemplo do Russão, que era conhecido como um líder brigão, folclórico, fortão, tinha o corpo cheio de tatuagens do Botafogo. Lembra-se em Marechal Hermes, com o Botafogo em crise, sem títulos, Russão atirava todos os objetos imagináveis em campo. Certa feita ele arremessou um latão de lixo e um pneu. Mas, apesar da aparência, ele testemunha que nunca viu o Russão brigar com uma pessoa. Ele sabia disto porque todos se encontravam no mesmo bar, as torcidas iam para o mesmo lugar para beber e conversar. Era o tradicional Tip-Top nas imediações do Maracanã. Hoje isso é inacreditável. A perda de prestígio de lideranças co-

mo o Russão para a Torcida Jovem do Botafogo, do César da TOV, professor de matemática da UERJ, para a Força Jovem do Vasco, foi a causa disto.

A TOV do César era uma torcida enorme, mas foi perdendo adeptos à medida que a mentalidade das brigas e das confusões se intensificou. A TOV, um grupo pacato, diminuiu drasticamente. Ao falar da TOV, lembra-se de outro furto de uma faixa daquela torcida em sua sala e o fato de ele ter ido à casa do César devolvê-la pessoalmente e pedir desculpas. Quando ele entrou na Jovem, a maior rivalidade existente entre torcidas era com a do Botafogo e a do Fluminense. A rivalidade com a Força Jovem do Vasco veio depois. Mesmo com o Fernando Mesquita na TJB e com o Niltinho na TJF, que eram pessoas calmas e pacíficas, havia brigas, pois eles não tinham controle total sobre os associados. A seu ver, a ideia de que o chefe detém o controle da torcida vem a ser uma lenda criada pela imprensa.

Dependendo do caso, se o chefe “fala grosso” no grupo, ele é destituído da torcida, de forma às vezes covarde. Lembra-se do caso do Capitão Leo, que foi agredido e tirado da torcida através da força física. Em período recente, soube que um outro grupo de integrantes assumiu a torcida na “porrada” também. A administração de uma torcida é algo muito difícil, pois há muita gente diferente, há muito conflito. Segundo ele, a culpa não é dos chefes de torcida. Compara os chefes de torcida aos líderes sindicais, como Chico Mendes, que foi assassinado. Mesmo com sua morte, vêm outros e os problemas continuam.

O problema não é o líder. O Fernando Mesquita, do Botafogo, por exemplo, era um cara “de paz”, segundo é de seu conhecimento ele nunca brigou na vida com ninguém. O Eli Mendes, outro caso exemplar, era um senhor, calmo, não tinha como ele segurar aquele bando quando se aglomerava, era difícil. A imprensa sempre cobrou muito dos chefes e a deterioração da imagem da torcida perante os meios de comunicação se acentuou na década de 80, quando alguns jornalistas conservadores incomodaram-se com o fato da torcida agir como um sindicato, com intervenção na vida do clube.

Eles achavam que torcedor era só para torcer, tinha de se contentar em ser torcedor, apenas aplaudir e pronto. Em contraposição, a Jovem tinha um slogan, que eles gostavam de cantar no Maracanã: “Torcedor alienado é coisa do passado”. Em virtude disso, a relação com a imprensa não era muito boa, pois uma boa parte dela

era conservadora. Tinha outra parte ainda que vinha da ditadura e que não gostava muito do tipo de participação deles. Um crítico severo das torcidas foi João Saldanha, embora fosse de esquerda. Ele dizia que as torcidas não podiam esticar as bandeiras, pois o torcedor comum tinha o direito de se sentar naquele local, se quisesse.

Ele era muito crítico também da atuação que a torcida tinha dentro dos clubes, achava que eram coisas distintas, tinham de ser separadas. Eles sofriam uma grande oposição dos meios de comunicação. Mas alguns jornalistas eram favoráveis, como o Sandro Moreira, segundo o qual a torcida tinha o importante papel de “desalienar” o torcedor. Tanto que às vezes o pessoal da Jovem escrevia cartas para ele, pedindo esclarecimentos, sugestões, para ele “dar uma força” e anunciar alguma ideia ou iniciativa que eles tinham tido. A relação com os dirigentes também não foi boa e de um modo geral era bem tensa. Ela ficou sobretudo muito estremeçada na presidência de Dunshee de Abranches, quando o Zico foi vendido para o futebol italiano, em 1984.

A pressão da torcida levou-o à renúncia, havia planos até de matá-lo. Na semana seguinte à venda do Zico, o Flamengo foi humilhado pelo Botafogo no Maracanã lotado, três ou quatro a zero. Na segunda ele renunciou. Depois disso o Flamengo teve uma sequência de presidentes horríveis, Gilberto Cardoso Filho e veio tendo até hoje, o que levou o clube para o fundo do poço. Não há lideranças novas dentro do clube. Os nomes novos juntam-se aos velhos. Hélio Ferraz se junta ao Márcio Braga, este se une com o Kleber Leite.

Esses por sua vez têm relação com dirigentes antigos, como o Helal e o Cardoso Filho, todos no fundo são do mesmo grupo. É como se o Flamengo hoje fosse um feudo dessa gente. Com o crescimento da violência e a perda de credibilidade, não foi possível às torcidas a modificação de tal quadro. A desmoralização da torcida se deu de maneira generalizada em toda a sociedade: perante os dirigentes, os torcedores comuns, a polícia e a opinião pública de um modo geral. Mas o entrosamento entre as torcidas com outros setores do futebol chegou a haver, recorda-se de um campeonato de futebol disputado por elas dentro do 6º Batalhão de Polícia Militar, com direito a troféu. Os policiais eram os juízes das partidas e, ao final, saíam juntos e iam tomar cerveja. Às vezes, em uma eventualidade, podiam até bri-

gar, mas isto não gerava um ódio nos níveis atuais. Um torneio como aquele seria inconcebível e inviável nos dias de hoje.

Ninguém ameaçava ninguém, não havia linchamento, se houvesse desavença, era “na mão”. Lembra-se de um campeonato daqueles quando brigou com um cara da Força Flu. Assistindo ficaram uns cem torcedores de um lado, uns cem do outro e ninguém se meteu, viram os dois brigarem como uma disputa pessoal. Isto jamais aconteceria hoje, seria uma pancadaria generalizada. Na época, foi encarado como uma rivalidade pessoal entre ele e o tricolor. Depois inclusive eles fizeram as pazes, tomaram cerveja e o rapaz pediu desculpas, pois sabia que agira errado. Banha cita exemplos de torcedores de diferentes times que tinham amizade entre si. Nos jogos contra o América, o pessoal do Fluminense assistia ao jogo com a Jovem do Flamengo. Dentre eles recorda-se do Lêlê da Young-Flu, do Antônio Gonzáles da Força Flu, líder daquela torcida.

Chegavam a viajar em ônibus juntos com eles, não tinha problema nenhum. As rodadas duplas é que geravam muitas brigas entre as torcidas nos jogos no Maracanã. Quando se mudava de lado para assistir ao ataque do time no gol contrário, havia disputa por espaço, pelo mando e pela ocupação do território, o que levou ao encerramento desse evento tradicional que eram os dois jogos na mesma tarde. Banha afirma ainda que todos os chefes de torcida conheciam os policiais, eram todos do 6º Batalhão, ali da Tijuca.

De início era o Tenente Siqueira, que depois virou capitão, depois veio o sargento Sérgio. Havia uma camaradagem entre eles, ao contrário de hoje, quando não há proximidade, a polícia já chega dando bordoadas em todo mundo. Não pegou o período de criação do GEPE (Grupo Especial de Policiamento em Estádio), que surgiu em 1991, no início do segundo governo Brizola. No período de sua liderança, o relacionamento era com o 6º Batalhão, onde havia reuniões para a combinação da chegada, da entrada e da saída das torcidas no estádio. E havia obediência, eles seguiam as instruções. A polícia sabia o endereço da casa onde moravam e tinha o telefone das lideranças principais, existia enfim mais respeito mútuo.

Na atualidade, em virtude da televisão, é possível ver e acompanhar muito mais os jogos do time do que antigamente. Tempos atrás, os jogos mais distantes restringiam-se às transmissões de rádio, salvo alguns jogos em São Paulo ou Minas

Gerais. Banha diz que viajou muito. Fora do Brasil, foi ao Chile, ao Uruguai e à Argentina, acompanhando o Flamengo na Copa Libertadores da América, de 1981. A viagem ao Chile foi a segunda partida da decisão da Libertadores entre Flamengo e Cobreloa, para onde ele foi de avião.

Em seguida, foram ao Uruguai assistir à terceira, última e decisiva partida. Enquanto a maior parte do pessoal foi de ônibus direto do Chile para Montevideú, a maioria integrante da Raça Rubro-Negra e da Jovem, ele e um grupo que tinha mais condição financeira resolveram ir novamente de avião. No Brasil, foi várias vezes para Goiás e para o Rio Grande do Sul. A São Paulo, que era perto, perdeu a conta do número de viagens e afirma conhecer a capital paulista graças ao Flamengo. Em Belo Horizonte, esteve na final contra o Atlético-MG, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1980. No Rio, ia a todos os jogos no Maracanã e regularmente às partidas no interior do Estado.

A lógica era a seguinte: até distância de 24hs eles iam a todos os jogos, mais do que isso, não iam sempre, pois ficava caro, a ida dependia da importância do jogo. Mas viajou muito pois a equipe do Flamengo no início dos anos 80 também ajudava, era excelente, ganhava tudo. Hoje talvez não se viaje mais, pois não há tanto estímulo de títulos e vitórias. Nos jogos decisivos, eles contavam com o apoio financeiro dos dirigentes para viajar. Em 1983, na primeira partida da final do Campeonato Brasileiro, em que o Flamengo se sagrou tricampeão, Banha testemunhou a sua maior caravana. Para o jogo contra o Santos no Morumbi as torcidas organizadas do Flamengo levaram duzentos ônibus. Destes, pelo menos metade havia sido concedida pela diretoria do Flamengo. Ainda assim, não deu vazão para a demanda, a procura foi muito grande e eles alugaram mais cem ônibus. Só a Jovem levou sessenta e poucos ônibus.

O controle nas viagens costumava ser muito difícil. Havia muito quebra-quebra nos bares, nas cercanias dos estádios. Era muita gente, ele estava no ônibus de número quatro, havia confusão no ônibus de número oito, lá atrás, aconteciam inúmeras brigas, ele não tinha como controlar tudo. As viagens eram muito problemáticas, vários ônibus quebrados e depredados pelos torcedores de lá, vinham pedradas de todos os lados. Em São Paulo, as caravanas sempre foram complicadas, pois a polícia era extremamente violenta. Uma vez estava parado, veio um po-

licial e deu com a borracha nele. Chamou-o de “mendigo do Rio” – alusão ao filme *Menino do Rio*, que passava na época –, e ofendeu-o, chamando-o de “filho da puta”. Uma agressividade gratuita, à toa.

Por isso, quando houve a briga da torcida do River Plate com a polícia paulista no Morumbi, nas partidas finais válidas pela Taça Libertadores da América de 2006, em que os argentinos partiram para cima dos policiais e esbordoaram eles, Banha vibrou, comemorou muito. Pois a PM de São Paulo, acostumada a bater com cassetete nos torcedores brasileiros, achou que podia fazer isto com os argentinos.

O comportamento clássico da polícia de São Paulo é assim: bate primeiro e vê o que aconteceu depois. Só que a polícia paulista teve de lidar com um povo que sabe enfrentar, que não é “frouxo” como o brasileiro e se deu mal. Lá na Argentina os torcedores são homens feitos, ao contrário daqui, que são pirralhos. Lá o futebol é uma coisa séria, tem a ver com os bairros, muito mais do que aqui. Não há torcidas organizadas, há uma única torcida que fica atrás do gol, as chamadas “barras bravas”.

Segundo Banha, as viagens possibilitaram que eles chegassem a manter um contato muito bom com os “barras-bravas” do Independiente, que eram muito legais, e com o pessoal da torcida do Boca Juniores. Quando eles viajaram a Buenos Aires, sabiam que a torcida do River Plate seria um problema, pois estavam inteirados da relação que a Jovem tinha com a barra do Boca. Relata o caso de um jogo contra o Estudiantes de La Plata, em que a Jovem foi com um ônibus para a Argentina.

Estavam em um bar nas redondezas do estádio, quando de repente chegaram uns quinhentos torcedores, mal encarados, com barras de ferro, e perguntaram se eles do Flamengo estavam ali para “la guerra ou para la paz”. Diante de tamanha desvantagem, Banha e seus companheiros obviamente disseram que tinham ido para “la paz”. Os argentinos então baixaram as armas e foram tomar vinho junto com eles. Quando entraram no estádio, o jogo já tinha começado e já tinham passado dez minutos de jogo.

A Torcida Jovem importou muitas músicas da Argentina e, da mesma maneira, algumas os argentinos adaptaram deles. Segundo Banha, o *funk* hoje é a batida predominante. Já no “seu tempo” era o samba. A Jovem alternava a preferência do samba com o rock, pois muitos integrantes da torcida tinham uma “outra cabeça”, diferente do samba. Eles frequentavam o Circo Voador, havia muitos metaleiros na

torcida, lembra de ter ido ao Rock in Rio 1, em 1980, uns trezentos componentes da Jovem estiveram presentes.

Mas outros também gostavam de samba, iam para os ensaios das escolas de samba do Salgueiro, da Mangueira. Hoje todos vão para os bailes *funks*. É uma outra cultura que vem com as gangues dos morros, com o CV, com o Terceiro Comando. Tudo isto entrou muito na torcida. Toda a cultura da violência, do sexo, da vulgaridade, tomou conta da torcida também. Em relação às amizades no Brasil, Banha aborda a relação espetacular que a “velha-guarda” da torcida teve com os Gaviões da Fiel do Corinthians.

Isso começou a ser construído em 1976, quando a torcida do Corinthians veio ao Rio contra o Fluminense, naquela famosa invasão e a torcida do Flamengo foi em massa apoiar os corintianos. Naquele jogo, tinham muitas bandeiras rubro-negras e ali começou uma relação entre torcidas que possuíam em comum a grandeza e a popularidade de dois clubes como Flamengo e Corinthians. Criou-se o slogan: “Corinthians lá, Flamengo aqui”. Quando Banha assumiu a torcida em 1980, já havia relação de amizade entre componentes dos Gaviões e da Jovem. O ex-presidente da torcida, o João Carlos, já tinha namorado uma moça dos Gaviões, o que facilitou a simpatia e a aproximação. Infelizmente isto hoje acabou e as torcidas são inimigas, o que considera um absurdo.

Quando ele saiu da torcida, ele viu o começo da “arenga”. As novas gerações passaram a não querer mais, começaram a rivalizar entre si, houve incidentes isolados entre componentes que não queriam essa união e isto acabou passando para a maioria. Ele não concorda com o rumo que tomou, pois Jovem e Gaviões chegaram a fazer atividades em conjunto, eram campeonatos e churrascos. Iniciou-se, por outro lado, no mesmo momento uma aproximação com a torcida do São Paulo, com a qual nunca tinha havido briga, o que incomodava o pessoal dos Gaviões. A Jovem decidiu que não ia brigar com a Torcida Independente do São Paulo por causa dos Gaviões. A briga deles era com a Mancha Verde do Palmeiras e com a Sangue Jovem do Santos, com as demais, não. A relação com a torcida do São Paulo se manteve e perdura até hoje. Na capital paulista, a situação piorou muito entre as torcidas, lá houve um processo mais grave com mortes e emboscadas sistemáticas.

Em Minas Gerais, a amizade com a torcida do Cruzeiro foi construída a partir da decisão do Campeonato Brasileiro de 1980, quando os cruzeirenses apoiaram em massa os flamenguistas no Mineirão, na primeira partida das finais. Mas infelizmente também esta relação hoje não existe mais. Banha diz que a última vez em que esteve no Maracanã, viu um cara da Jovem queimando uma camisa da Máfia Azul do Cruzeiro. Não conseguiu entender por quê. Ele ficou chocado, pois para ele os cruzeirenses eram amigos, eram “irmãos”. Com a torcida do Atlético Paranaense, com quem também tinham amizade, embora não muito antiga, as torcidas do Flamengo brigaram também, de modo que só ficou a do São Paulo mesmo. Não sobrou ninguém, uma pena.

Isso aconteceu porque, a seu ver, a Torcida Jovem recebe muitas pessoas “problemáticas”. Às vezes uma atitude isolada de dois ou três componentes acaba por jogar um peso alto sobre toda a torcida, o que gera um problema difícil de solucionar. Na década de 1990, a torcida começou a receber pessoas como o Snoopy, que depois foi procurado pela polícia, como traficante. No tempo dele, já existiam figuras marginais, mas um cara daqueles não poderia “apitar”, comandar, poderia até ficar lá na torcida, torcer junto, mas não podia mandar na organização, que tinha hierarquia, voto, eleição.

Quando ele foi um dos líderes da torcida, o cara não ia armado, não falava alto, respeitava-o. À medida que a torcida foi se deteriorando, estes caras passaram a assumir, não só no Flamengo, como no Vasco, no Botafogo, todas as torcidas têm seus bandidos pelas favelas. Os “caras” chegaram com dinheiro, em um contexto de morte, com capacidade de organização. Por um tempo chegaram a tomar conta da torcida.

Por isso, seus pais eram totalmente contrários à presença dele na torcida. Achavam que era uma loucura, que era perigoso e acabaram o convencendo com o tempo. A impressão deles era a de que o filho deixava a vida de lado. Para seus pais, aquilo era um atraso de vida, perdia-se muito tempo e gastava-se muito dinheiro. De acordo com Banha, isto serve para a desmistificação de outra lenda criada pela imprensa, segundo a qual os chefes de torcida se davam bem, enriqueciam com a torcida, o que não ocorria na realidade. As torcidas têm seus conselhos deliberativos, que controlam a entrada e a saída de dinheiro. O ganho de dinheiro da-

va-se entre as torcidas de pequeno porte, onde o chefe era a própria torcida e ele mesmo se valia da venda das camisas. Já nas grandes torcidas, só há aborrecimento, o líder só tem perdas financeiras.

É claro que isso não ocorre com todas as pequenas torcidas. A Flamante, do Ricardo Muci, nunca chegou a ser uma grande torcida, em função de sua localização no Maracanã, onde o sol incomodava muito, incidia frontalmente. O perfil era o de pessoas mais velhas, embora tivesse uma bateria muito boa. Depois do Muci, veio a Toninha, mas a torcida foi perdendo integrantes e não soube renovar suas lideranças. Banha considera que as torcidas têm de saber acompanhar os novos tempos, senão ficam cafonas. Dá o exemplo de sucesso da Fúria Jovem do Botafogo. Dissidência da Torcida Jovem do Botafogo, veio com novas posturas, com uma nova política, com uma nova atitude, com novos cantos, com nomes novos e, enfim, se impôs como uma grande torcida.

O momento de sua retirada da torcida ocorreu em 1988. A barra foi ficando pesada e ele pensou que não queria matar ninguém, tampouco morrer por causa disso. Uma vez, um pessoal da Força Jovem foi à sua casa e quebrou o carro do seu pai. Em outra ocasião, assistiu a um colega da torcida ser assassinado na porta da quadra da escola de samba do Salgueiro, na frente de várias pessoas, por um cara da Força Jovem. Era policial, saiu andando, ninguém fez nada. Aí ele parou para pensar e perguntar no que tinha virado aquilo. Era uma geração nova que se aproveitou da amizade entre ele, o Eli Mendes da Força Jovem e o Antônio Gonzáles da Força Flu para descobrir onde eles moravam e ameaçá-los em casa, coisas assim desse tipo. Resolveu desligar-se da torcida e, graças a isso, não pegou a fase pior, quando começou a morrer gente dos dois lados.

Foi muito difícil o afastamento, pois os amigos ligavam para ele, chamavam-no de covarde, diziam que outro amigo tinha sido “pego”, se ele não ia se vingar. Ele se recusou, mas chegou a passar por um período difícil em razão disto, viveu um dilema existencial, teve crise de consciência de sua decisão. Por outro lado, para ele, passada essa fase, sua vida pessoal e profissional melhorou muito com sua saída da torcida, deu uma guinada para melhor. Ele ficou de 1978 a 1988 na torcida, foram ao todo dez anos de participação e dedicação.

Nesse período ele era funcionário público federal e estudava, passando a se dedicar com mais afinco aos estudos quando deixou a torcida e iniciou o curso de História na UERJ. Fez graduação em Sociologia e ingressou na Pós-Graduação da UFRJ, onde fez Mestrado e Doutorado em História. Hoje é professor e pesquisador, especialista em História Antiga.

* * *

REFERÊNCIAS (consultadas):

ALVARENGA, Thiago Madureira. Imagens de si de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência. **Revista Mosaico**, v. 9, n. 14, 2018, p. 88-104.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmico-institucionais: um relato pessoal. **Revista Antropolítica**. Niterói: n. 42, 2017, p. 339-373.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A voz da torcida: biografia, história oral e memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política. São Paulo: PUC-SP, n. 9, 2010, p. 27-47.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; TEIXEIRA, Rosana da Câmara; MEDEIROS, Jimmy (Orgs.). **A voz da arquibancada**: relatos de lideranças da FTORJ – Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer**: relatos de lideranças de torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2019.

* * *

Recebido para publicação em: 27 maio 2020.
Aprovado em: 25 fev. 2021.

João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958

João Havelange, an Extraordinary Life? Ideology and Political Action in the Making of a Social Heritage, 1916-1958

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

Instituto Federal de Brasília, Brasília/DF, Brasil

Doutorado em História Social, USP

luiz_burlamaqui@hotmail.com

RESUMO: Este artigo discute a ideologia e ação política na ascensão de João Havelange. Via de regra, as biografias tradicionais sobre o dirigente brasileiro ressaltam o caráter inovador e distinto da vida de João Havelange. Na contramão desta narrativa, este artigo pretende inserir as ideias de Havelange no próprio contexto em que elas foram difundidas e produzidas. Neste sentido, longe de se constituir um caso atípico e singular, a trajetória de Havelange é observada como uma estratégia metodológica para compreender características mais abrangentes do grupo em que representa – os dirigentes de futebol e a elite política carioca.

PALAVRAS-CHAVE: João Havelange; Futebol e política; Instituições esportivas.

ABSTRACT: This article discuss João Havelange's ideology and political action. In general, traditional biographies about the Brazilian leader emphasize the innovative and distinctive character of João Havelange's life. Contrary to this narrative, this article intends to insert Havelange's ideas in the very context in which they were disseminated and produced. In this sense, far from constituting an atypical and singular case, Havelange's trajectory is perceived as a methodological tool to understand more comprehensive characteristics of the group in which he represents – the football presidents and the political elite in Rio.

KEYWORDS: João Havelange; Football Politics; Sport Institutions.

JOÃO HAVELANGE, UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA?

À distância, a vida de João Havelange é extraordinária. Nascido no Rio de Janeiro em maio de 1916, Havelange viveu uma vida centenária, falecendo somente em agosto de 2016. Presidente da FIFA por duas décadas e meia, membro do Comitê Olímpico Internacional por cinco décadas, atleta olímpico de polo aquático (Helsinque, 1952) e de natação (Berlim, 1936), a experiência de vida de Havelange não poderia estar mais distante da do homem comum. E, no entanto, se a biografia de Havelange merece ser objeto de investigação, é porque está ligada ao seu próprio tempo. Examinada ao microscópio, a vida de Havelange revela os múltiplos entrelaçamentos de sua trajetória à experiência histórica de um determinado grupo social no Brasil do século XX.

Para compreender essa contradição, a noção do historiador italiano Edoardo Grendi de *excepcional normal* pode ser evocada. Em períodos históricos em que a escassez de documentos é a regra, o historiador poderia se valer de fontes “excepcionais” para compreender o modo de vida de grupos ou regiões marginalizadas, que deixaram poucos vestígios acessíveis ao historiador do tempo presente. Na aparência excepcionais, esses documentos poderiam servir para trazer à superfície regularidades e modos de vida. Na realidade, o conceito de Grendi foi pensado mais para o uso de fontes históricas do que para a elaboração de biografias. Nesta linha, o exemplo mais conhecido de documento *excepcional normal* é o processo inquisitorial de Menocchio, o moleiro estudado pelo também italiano e discípulo de Grendi, Carlo Ginzburg. Valendo-se de ampla erudição, Ginzburg ilustra como aquele documento, na aparência hiperbólico e desconectado do século XVI, é capaz de desvelar a experiência dos grupos subalternos italianos que viveram naquela região. Ginzburg termina por alargar o conceito de Grendi – o *excepcional normal* não era somente o documento especial, mas o caso marginal, de fronteira, *extremo*.¹

No geral, os métodos da micro-história foram aplicados à história social das camadas populares. Via de regra, a vida dos grupos dominantes é relativamente bem documentada, e seus modos de vida podem ser acessados de formas distintas.² No

¹ GRENDI. Microanálise e história social, p. 19-38. GINZBURG; PONI. *A micro-história e outros ensaios*, p. 169-178.

² HEINZ. O historiador e as elites – à guisa de introdução, p. 154-165.

entanto, o conceito de *excepcional normal*, quando aplicado à história social das elites, adquire uma vantagem extra. Historicamente, as elites políticas foram ciosas da sua memória, pois na sociedade contemporânea é nela que se assenta a justificativa do próprio poder e a legitimidade de sua atuação política. Por essa razão, há uma tendência a exagerar o quanto essa experiência de vida é singular. Quando se traz a história desses indivíduos ao rés do chão, o que se faz é dessacralizar esses sujeitos e os grupos que representam. Por isso, essa alegada excepcionalidade, que os colocaria em um lugar de privilégio por direito histórico, é desfeita quando o historiador lança esses indivíduos de volta ao mundo social. Boa parte das biografias de Havelange se valeu de clichês para caracterizá-lo como “visionário”, “um homem à frente do seu tempo”, “determinado e corajoso” etc.³

Na contramão dessa leitura hagiográfica, este artigo inscreve o conjunto das ideias formuladas por Havelange no chão da história. Neste aspecto, as categorias produzidas por Havelange são tomadas a sério, mesmo que possam soar absurdas ou cômicas à primeira vista. Pode-se dizer, inclusive, que Havelange se constitui numa espécie de intelectual, entendido aqui muito simplesmente como alguém que produz e difunde uma determinada “visão de mundo”.⁴ Essa visão de mundo consiste em um sistema político estruturado de valores e crenças, o que historiadores e cientistas sociais chamaram de ideologia política. Não custa, por isso, ressaltar que essa ideologia política de Havelange está estritamente ligada às instituições nas quais ele transitou ao longo desse processo de ascensão social e política. Para compreender como ela se produz na própria prática, este artigo traz à tona as diversas instituições (partidos políticos, agremiações esportivas, formação educacional) formativas na vida de João Havelange.

Para dar conta dos objetivos elencados, optou-se por dividir esse artigo em três subseções mais gerais, organizadas de forma cronológica. Na primeira, as origens familiares de Havelange, bem como a difusão do ideário esportivo na virada do século XIX para o XX. Na segunda parte, abordam-se as transformações do esporte na década de 1920 e 1930. Observa-se como a profissionalização do futebol impediu uma carreira de Havelange como jogador. Não obstante, foi o próprio

³ BOURDIEU. *L'illusion biographique*, p. 70

⁴ ALTAMIRANO. *Intelectuales: notas de investigación*, p. 20.

processo de profissionalização do futebol que abriu espaço para a sua ascensão como dirigente esportivo. Por fim, a ascensão política de Havelange no seio da sociedade civil brasileira. Membro de uma elite tecnocrática, chega à presidência da CBD em 1957, às vésperas do primeiro título mundial do Brasil. O artigo, portanto, examina a ascensão de Havelange, mostrando como suas próprias categorias, fundamentais para o seu sucesso político foram construídas em diálogo com o seu próprio tempo.

UM CORPO INDESTRUTÍVEL

Oriundo da região industrial de Liège, na Bélgica, os pais de Havelange emigraram ao Brasil no início do século XX. Berço da chamada “segunda revolução industrial”, a economia de Liège se apoiava basicamente na extração do minério (carvão, zinco, cobre) e na indústria de armamentos.⁵ Não se trata de coincidência que o pai de João Havelange, Faustin Joseph Godefroid Havelange, tenha se envolvido nessas duas atividades. No final da década de 1890, ele se formou em engenharia de minas pela Universidade de Liège. Nos estertores do *boom* do guano, Faustin escolheu o Peru como destino. Lá, além de lecionar na Universidade de San Marcos, em Lima, realizou uma série de estudos sobre as minas de carvão e de ferro locais. Em um mundo em que as fronteiras da atividade comercial e intelectual eram porosas, Faustin era, a um só tempo, professor e representante diplomático do governo belga, responsável por conectar as indústrias belgas às matérias-primas do Peru.⁶ Após essa primeira experiência, Faustin casou-se com Juliette na Bélgica e, em 1905, partiram para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, a existência de uma comunidade de migrantes belga, organizada em torno de instituições político-culturais e com investimentos consolidados no Brasil, facilitou a inserção da família Havelange na sociedade civil. Entre 1830 e 1914, cerca de seis mil belgas imigraram ao Brasil, número modesto quando comparado às imigrações italianas, a portuguesa, a libanesa e até mesmo a japonesa. Ainda que a maioria deste contingente populacional fosse representado por

⁵ HOBBSBAWM. *A era dos impérios*, p. 58.

⁶ *Depoimento de Paula Havelange – irmã e secretária*, p. 17-24.

pobres camponeses, que se afixaram em colônias no Oeste do Paraná e Santa Catarina, essa imigração se singularizou pela presença em larga escala de indivíduos com formação universitária. Aportaram aqui centenas de engenheiros, técnicos, mecânicos, agrônomos, contadores, em suma, homens com formação universitária ligada ao setor industrial. Essa mão de obra especializada se dividiu: parte dela se vinculou às companhias industriais inglesas ou francesas, que se espalharam pelo Brasil no final do século XIX; a maior parte, entretanto – como o era o caso do próprio Faustin –, chegou ao Brasil pela força dos investimentos belgas em território brasileiro.⁷ Nesta comunidade escolarizada, Faustin Havelange gozou de alta reputação, chegando a ser presidente da Associação de Comerciantes Belgas do Rio de Janeiro.

Faustin era um *sportman* – um entusiasta e difusor da “tecnologia” (termo usado à época) dos esportes modernos. A expansão dos esportes se deu de forma célere nos ambientes belgas de elite. Aqui, vale lembrar, por exemplo, que a Associação de Futebol da Bélgica, criada em 1884, foi membro fundadora da FIFA. O pai de Havelange não esteve imune à febre futebolística, e foi sócio fundador do Standard de Liège, uma equipe belga de futebol, que se consolidaria como uma das maiores daquele país ao longo do século XX. Além disso, as Casas Laport (empresa em que trabalhava) patrocinavam anualmente um torneio de tiro, e Faustin vendia suas armas à equipe do Fluminense Futebol Clube. Poliesportivo, Faustin foi treinador de natação dos próprios filhos João e Júlio. Na década de 1930, os dois se classificariam aos Jogos Olímpicos.⁸

Em 1918, dois anos após o nascimento de João Havelange, a família se mudaria para uma casa no Cosme Velho, bairro vizinho às Laranjeiras. Com a aquisição de um título de sócio proprietário, Faustin Havelange e sua família passaram a frequentar o Fluminense Futebol Clube. Ao contrário de clubes como o Paysandu, exclusivos da comunidade britânica, ou do Botafogo, de corte mais nacional, o Fluminense era um “clube misto”, que contava tanto com a participação

⁷ STOLS. Panorama das relações belgo-brasileiras, p. 57-73.

⁸ Júlio, o irmão mais velho de Havelange, chegou a se classificar para os Jogos Olímpicos de 1932. Nesta ocasião, a maioria dos atletas, sem recursos pessoais para bancar a viagem, e sem ajuda estatal ou do COB, foi obrigada a vender 45 mil sacas de café a fim de pagar os custos da viagem. Os que não conseguiram cumprir sua cota não puderam disputar os Jogos Olímpicos. Júlio esteve entre os 45 atletas que ficou no navio Itaquicê.

de estrangeiros ou de seus descendentes, quanto de brasileiros natos. Neste clube híbrido, ingleses, franceses, belgas, suíços etc. conviviam harmonicamente com membros da elite nacional. Não obstante essa *mistura*, o Fluminense era um clube seletivo. Além de pagar altas somas em luvas e mensalidades, para ser sócio do Fluminense, era preciso passar por uma comissão de sindicância. Essa comissão analisava a biografia e o currículo daquele que pleiteava a associação. Além disso, havia a obrigatoriedade de ser indicado por outro sócio, um padrinho. Esse ritual era destinado a produzir um senso de solidariedade e identidade de classe entre os aprovados, excluindo toda a sorte de indesejados. Mesmo grupos endinheirados, como empresários migrantes portugueses ou libaneses, por exemplo, ficaram de fora. Esse controle simbólico terminou por fazer com que o Fluminense Futebol Clube concentrasse nos seus quadros diretivos as chamadas elites econômicas tradicionais enquanto o Clube de Regatas Flamengo (cuja mensalidade era similar à do Fluminense) era um clube mais aberto aos *nouveaux riches*. Neste sentido, uma das características da composição social do Fluminense era o alto índice de capital escolar enquanto no Flamengo os bem-sucedidos na hierarquia clubística eram geralmente elementos de sucesso no mundo empresarial, muitos dos quais sem formação universitária.⁹

Neste contexto, o clube se constituía como espaço de formação, identidade e solidariedade de classe – uma espécie de *comunidade moral*.¹⁰ Mesmo antes de ser iniciado na natação, esporte no qual faria carreira, João Havelange se torna escoteiro do Fluminense Futebol Clube. Além das atividades próprias ao escotismo, a prática da caridade era comum entre os escoteiros do Fluminense. Anualmente, os escoteiros do Fluminense se engajavam na campanha do “Natal para as crianças pobres”, angariando fundos para as crianças necessitadas do Rio de Janeiro. A prática da caridade estabelecia uma *linha social* clara, demarcando fronteiras simbólicas entre os que pertenciam a uma casta social e aos que não. Somada à prática esportiva, essa gama de atividades sociais ajudava a forjar uma identidade de classe, de raça e de gênero.

⁹ BURLAMAQUI. *A outra razão*, p. 159.

¹⁰ DURKHEIM. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*, cap. I.

Nesta linha, o *fair play* era a marca distintiva dessa filosofia esportiva. “Disposição cavalheiresca”, daqueles que sabem guardar “distância em relação ao papel”, o *fair play* é a ética que funda e fundamenta os princípios do amadorismo.¹¹ Na prática, a mitologia do *fair play* orbita em torno de um universo *viril*. Nessa linha, a narrativa com que recontava sua própria história, não raro, adquiriu tons fantásticos. “Eu não sinto frio nem calor. Eu me preparei para estar aqui”, teria dito a um repórter assustado com seu terno abotoado, durante um jogo da Copa do Mundo de 1994, mesmo diante de um calor de 40 graus. Em uma briga com um dirigente da UEFA, Antonio Saporta, sobre alocação de ingressos para a estreia da Copa do Mundo de 1986, Havelange teria trancado a sala em que ambos estavam, e dito ao espanhol que não sairia enquanto o problema não fosse resolvido. “Sou capaz de ficar aqui até 72 horas sem comer, sem ir ao banheiro e sem beber água. Já o senhor não aguenta, e o senhor vai morrer”.¹² Meticulosamente selecionadas e repetidas, essas narrativas fantásticas não podem ser descoladas do ideário do *fair play* que se disseminou no Brasil no princípio do século – elas levam ao limite o ideário da virilidade e do autocontrole. Em síntese, o *fair play* fala de uma moral ascética de trabalho e da virilidade a ser inculcada por uma prática pedagógica adquirida pelo manejo corporal, por meio do qual certos valores, conceitos, visões de mundo são incorporados aos indivíduos. Os clubes, que, no Brasil, ocuparam o espaço similar às *public schools* na Inglaterra são escolas em que essa masculinidade viril é ensinada e reproduzida. Nestes espaços, através da disciplina, do trabalho e do culto ao corpo, os homens aprendem a ser senhores de si.¹³

Na produção de um imaginário compartilhado, a construção dessa identidade de classe passava por um trabalho de educação sentimental. Gestada nos clubes, a solidariedade dessas frações da classe dominante reforçava e produzia uma acentuada divisão de gênero. Na gênese, os esportes modernos foram atividades masculinas por definição. Nas palavras de Coubertin, o fundador e idealizador dos Jogos Olímpicos, seria “excessivo” submeter às mulheres ao exercício físico. Na forma como o concebeu, o *herói olímpico* era masculino por definição. Ora, essa

¹¹ BOURDIEU. *Questões de sociologia*, p. 149.

¹² PEREIRA; VIEIRA. *João Havelange, o dirigente esportivo do século XX*, p. 124 e 189.

¹³ Cf. GAMBETTA. *E a bola rolou*, p. 389.

“exclusão” das mulheres tinha como efeito não apenas impedi-las de ocupar as posições e os espaços de poder, mas reforçar o elo afetivo entre os próprios homens. Excluídas as mulheres e outros grupos indesejados, a solidariedade podia ser horizontal – aí, então, os homens aprendiam amar e a admirar uns aos outros.

Vitrine dessa moralidade, o corpo individual é o *local* de inscrição dessas representações sociais.¹⁴ O corpo de Havelange conta uma história. No Brasil, a difusão de um ideário higienista foi o alicerce ideológico sobre o qual se assentou a expansão dos esportes modernos. Numa espécie de relação eugênica, o esporte formaria os escolhidos pelo culto e trabalho corporal. No limite, o objetivo aqui era ter um *corpo indestrutível*, resistente à passagem do tempo. Nas palavras do historiador Leonardo Pereira, “a higienização do corpo do indivíduo seria uma forma de redenção do povo brasileiro, supostamente depauperado por séculos de inércia e preguiça”.¹⁵ A força dessa ideologia – sintetizada pelo mantra *mens sana in corpore sano* – era expressa pela própria vida de Havelange. Várias são as situações nas quais Havelange ficou frente a frente com a morte, mas, no último minuto, sobreviveu. Ora, essa longevidade era atribuída à existência de um corpo saudável, produto da disciplina e do ascetismo com o qual conduzia a sua própria biografia. A resistência a uma doença mortal, a febre tifoide, é a prova deste destino de grandeza: “De mil salva um”, teria dito um médico brasileiro à mãe de Havelange. Neste discurso, quase que sem mediações, a resistência às doenças e à passagem do tempo reforçava a legitimidade da sua própria posição social. O corpo saudável lhe garantia quase por direito sua posição social superior.¹⁶

Ter sido um atleta vitorioso foi crucial na ascensão econômica e política dentro da sociedade civil brasileira. Por onde passava, Havelange contava seus feitos, e, com isso, era *admirado* pelos próprios pares, muitos que, com socialização similar, compartilhavam com ele da ideologia do *fair play*. Ser admirado pelos seus pares era, portanto, o primeiro e necessário passo para ascender socialmente. Além disso, a historiografia tem dado pouca atenção para compreender o espaço de formação de sociabilidade e formação de identidade das classes dominantes

¹⁴ VIGARELLO. Virilidades esportivas, p. 269-301.

¹⁵ PEREIRA. *Footballmania*, p. 132.

¹⁶ RODRIGUES. *Jogo duro: a história de João Havelange*, p. 26.

(escolas de elite, clubes de golfe, agremiações esportivas) como elementos da própria reprodução do mundo material.¹⁷ Anos mais tarde, quando se mudou para São Paulo, Havelange passou a frequentar o clube Floresta, também da elite paulistana, em que praticou *water polo*. Esse trânsito o colocaria numa posição privilegiada em relação a outros indivíduos das elites brasileiras, pois a partir daí ele teria boas relações entre os grupos dominantes dos principais centros do país – Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, para que tudo isso fosse possível, foi preciso seguir o conselho paterno. Chegava a hora de renunciar ao futebol, e abraçar a natação e os esportes olímpicos.

DOS GRAMADOS ÀS PISCINAS

Na infância, Havelange praticou o futebol, e chegou a ser campeão estadual pelo time de juniores de futebol do Fluminense em 1931. Com mais de 1,90, ele se aproveitava do porte físico avantajado para jogar como “beque esquerdo”. Embora pudesse ter evoluído no futebol, ele preferiu renunciar ao esporte para atender a um pedido do pai. Em 1932, foi o responsável pelo pedido para que abandonasse os gramados. Na versão mais dramática, o pai de Havelange lhe teria feito um último pedido em seu leito de morte. “Não se esqueça de ir preparado para os Jogos Olímpicos”, teria dito.¹⁸ Salvaguardada no acervo do CPDOC, a história do desengajamento futebolístico e do abraço à natação foi contada da seguinte forma:

J. H. – Não. Nada. Muito ao contrário. [Sobre adaptação dos pais no Brasil] depois ele foi ser sócio do Fluminense, eu fui menino para lá, aprendi a nadar lá, fui nadador do Fluminense, depois joguei o campeonato juvenil de futebol, em mil novecentos e...

C. S. – Em 1932.

J. H. – Em 1932. E fomos campeões. E, veja, eu devia ter dezesseis anos. Então, naquela época foi o primeiro ano que começava o profissionalismo, e quem foi campeão aqui no Rio foi o Bangu, que tinha três jogadores inesquecíveis: Domingos, Médio e Ladislau. O Domingos foi o maior beque que o Brasil já teve, o Médio é da linha média e o Ladislau é o que eles chamavam meia-direita na época. Três homens formidáveis. E o Bangu foi campeão. E o meu pai não me deixou mais jogar futebol. Porque, o senhor veja as concepções, meu pai era engenheiro; minha mãe, de família de

¹⁷ BURLAMAQUI. *A outra razão*, 2012.

¹⁸ Essa versão aparece em PEREIRA (org.); VIEIRA (org.). *João Havelange, o dirigente esportivo do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 189.

peças de indústria na Bélgica, então, vêm os problemas de frente. Hoje em dia, todo mundo quer botar um filho para ser jogador de futebol, porque pode ganhar uma fortuna do dia para a noite, não é verdade? Então, o senhor veja o que o mundo se modificou.

C. S. – Mas por que o seu pai não queria que o senhor jogasse futebol?

J. H. – *Porque havia profissionalismo.*¹⁹

Aos filhos da segunda geração de esportistas, oriundo das camadas abastadas, a prática do futebol não era uma opção política factível. Sintomático é que esta seja uma decisão familiar, e não individual. Nas décadas de 1920 e 1930, o profissionalismo representava a ascensão de grupos marginalizados, dos quais Havelange e os seus companheiros de Fluminense deveriam guardar distância. Não à toa, são citados pelo próprio Havelange os três irmãos negros do Bangu, os jogadores Ladislau, Médio e Domingos. Uma sutil confusão cronológica reforça a força desse símbolo. Na realidade, o Bangu não foi campeão em 1932, mas em 1933. Havelange não faz distinção porque trata os dois anos como partes de um mesmo processo – o ano em que desiste do futebol (1932) é o mesmo da ascensão do profissionalismo (1933). O processo individual é inscrito numa dinâmica coletiva e, por isso, o entrevistado embaralha datas, trocando os personagens e os anos de lugar. Domingos da Guia já havia deixado o Bangu em 1932, quando se transferiu para o Vasco da Gama. Clube operário, marcado pela presença de trabalhadores e negros, o Bangu e seus “três irmãos” são símbolos vivos dessa nova fase do futebol-espetáculo. Neste ordenamento simbólico, eles representavam a emergência de um mundo novo. Nele, o lugar social a ser ocupado por Havelange era fora dos gramados. Restava-lhe o papel de dirigente de futebol.²⁰

Desafiados por setores *outsiders*, a profissionalização do esporte-espetáculo e ampliação da mão de obra esportiva fizeram com que esses grupos de elite perdessem progressivamente o monopólio da prática do futebol-espetáculo, algo que produziu um efeito contínuo de desengajamento. Essa foi, sem dúvida, uma opção ideológica, abraçada por diversos grupos dominantes e regulamentada pela FIFA. Para os grupos dirigentes, arriscar-se no embate esportivo com as camadas populares pode sim ser custoso. No futebol e nos esportes em geral, a rapidez com

¹⁹ *Entrevista com João Havelange – acervo CPDOC, 2012.*

²⁰ HAMILTON. *Domingos da Guia: o divino mestre.*

que as narrativas sobre as derrotas em campo migram para fora dele, e levantam inúmeras teses sobre a formação do caráter, o vigor político, a capacidade de liderança etc., é espantosa. O efeito de derrotas sucessivas no campo de times formados exclusivamente por membros das camadas dirigentes seria capaz de pôr em xeque a legitimidade simbólica do poder político das elites sociais ou, ao menos, de produzir narrativas que colaborassem a essa constatação. Na impossibilidade de se reter o monopólio da prática futebolística, o *desengajamento* era a opção sem riscos.²¹

Face à popularização do futebol, os grupos de elite, que, até então, controlavam a prática futebolística se dão conta de que não mais deteriam o monopólio dessa prática. Diante desse quadro, seria preciso, então, reforçar e consolidar o *monopólio de sua organização*. Nesta seara, o principal mecanismo de exclusão dos segmentos populares foi a permanência do estatuto amador dos dirigentes esportivos. Isso evitaria, por exemplo, a criação de clubes *exclusivamente* populares em que os grupos marginalizados fossem, a um só tempo, os praticantes e os gestores do espetáculo. As estratégias dos clubes dominantes variaram neste ponto. No Rio de Janeiro, grande parte dos clubes de origem estrangeira decidiu fechar as portas do futebol profissional. No entanto, a maioria – como é o caso do Fluminense Futebol Clube – manteve as atividades futebolísticas profissionais, ainda que pouco a pouco as fronteiras simbólicas entre os associados e os jogadores de futebol se ampliem.

Molduras nacionais à parte, o papel da FIFA na regulação da profissionalização do esporte-espetáculo não deve ser negligenciado. Não custa lembrar que o futebol foi um dos primeiros esportes a se profissionalizar – a experiência pioneira do futebol inglês, que se profissionalizara ainda no final do século XIX, certamente serviu de parâmetro.²² No Congresso de Paris, em 1924, graças em grande medida à pressão dos delegados da Europa Central, a FIFA passou a aceitar que as suas entidades praticassem o futebol profissional. Como já se disse, a maior parte dos dirigentes e dos delegados da FIFA era composta de profissionais liberais – professores, engenheiros ou médicos –, que partilhavam do credo liberal, e não impuseram

²¹ DAMO. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica da rivalidade entre torcedores e clubes*, p. 30.

²² HOLT. *Sport and the British: A Modern History*, p. 24-30.

resistência à profissionalização dos jogadores. Essa não foi a postura do Comitê Olímpico Internacional, que militou pela manutenção do estatuto amadorístico dos esportes olímpicos. Órgãos internacionais de outros esportes adotaram caminhos semelhantes ao do COI, vetando a profissionalização de seus atletas. Espetáculo aberto à diferença e à pluralidade, a Copa do Mundo seria a disputa dos melhores jogadores de futebol masculino do mundo, fossem profissionais ou amadores.²³

Não obstante, escritas pelos dirigentes da FIFA, as “regras do amadorismo e do profissionalismo” mantinham a exigência de que os presidentes e os governantes dos clubes não fizessem do futebol uma fonte de lucro, e permanecessem como amadores. Mesmo entre os profissionais liberais da FIFA, a ideologia de que o esporte deveria aparecer como um campo à parte da vida material persistiu. Certo é que dirigir a FIFA ou outras agremiações esportivas não devia ser uma atividade de caráter puramente empresarial, mas ato voluntário. Assim como no caso brasileiro, era uma estratégia para consolidar e manter posições de mando e de controle nas mãos de um determinado grupo social.²⁴

O regulamento da FIFA funcionava como uma espécie de *modelo normativo* a ser adotado pelas diversas federações nacionais. Sendo assim, ele poderia ser acionado a qualquer momento para excluir clubes ou associações nacionais que violassem a regra. O ponto é que a permanência do estatuto amador dos dirigentes não deve ser vista – como muitas vezes o foi pela literatura – como uma particularidade do caso brasileiro, símbolo do “arcaísmo” da administração do futebol brasileiro. Inscrita numa dinâmica mundial, essa cisão fazia parte de uma estratégia da FIFA e das demais Federações para que os dirigentes de futebol retivessem tanto quanto fosse possível os lucros simbólicos das vitórias de seus respectivos clubes e selecionados nacionais. A FIFA estabelecia uma linha clara entre aqueles que dirigiam (os presidentes, amadores, que não recebiam salários) e os que eram dirigidos (no caso, os jogadores profissionais, que recebiam salário). Aqui, o dinheiro tem o papel de marcar posições e de produzir hierarquias, além de frear o acesso das camadas populares às posições de liderança no interior dos clubes. No caso brasileiro, essa hierarquia se manifestava na composição racial

²³ DIETSCHY. Le football et les jeux olympiques (1896-1936), p. 161-81.

²⁴ Fédération Internationale de Football Association (livro institucional), capítulo I.

distinta dos dirigentes e dos jogadores. As fronteiras sociais rígidas, que impediriam a consagração de Havelange como jogador de futebol, foram as mesmas que pavimentaram o caminho para uma trajetória exitosa como dirigente esportivo.

A BOCA DO POVO BRASILEIRO

Nas entrevistas feitas por jornalistas e acadêmicos, uma pergunta era recorrente: como Havelange gostaria de ser lembrado na posteridade? Via de regra, a resposta era a mesma – “como um administrador. Na minha vida, procurei mostrar o valor de administrar”. Aparentemente banal, essa resposta levanta uma série de reflexões. Contando sobre a compra da sede para a CBD como o primeiro ato da sua gestão, Havelange arremata com uma expressão: “*isso é administrar*”. O bom administrador é aquele capaz de produzir valor, de gerir o mundo do trabalho e de acumular propriedade. Quando se aproxima do administrador, a intenção é inscrever suas próprias ações e atos numa ordem econômica. Associado primordialmente ao mundo do trabalho, o administrador se posiciona do lado de fora da política.²⁵

As raízes sociais dessa ideologia devem ser compreendidas. Havelange faz parte de uma nova elite urbana emergente, cuja formação escolar e política se dá no contexto da ditadura civil estado-novista, mas ascende na esfera pública e passa a ocupar os principais cargos políticos em uma democracia de massas. Compreender essa disjunção entre atuação na esfera pública democrática e formação escolar autoritária é crucial para analisar a participação de Havelange à frente da CBD. No Brasil, o regime do Estado Novo (1937-1945) é o momento de formação e consolidação de uma burocracia estatal e administrativa. Regime centralizador, o Estado Novo foi responsável por “enaltecer a técnica em contraposição à política, veiculada como o lado sujo dos interesses privados. O conhecimento técnico e científico seria um patamar superior na forma de lidar com os problemas nacionais”.²⁶ Ora, a ideologia da técnica não abre espaço para a contestação popular.

²⁵ Essa versão aparece em PEREIRA; VIEIRA (org.). *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX*. Também aparece na biografia escrita por Ernesto Rodrigues: RODRIGUES. *Jogo duro: a história de João Havelange*.

²⁶ D'ARAUJO. *O Estado Novo*, p. 35-6.

Como contestar as decisões dos dirigentes que se diziam assentadas em métodos científicos, e não mais em escolhas políticas?

A biografia e o pensamento de Havelange foram afetados por esse universo de organização estatal e formação de um campo burocrático no Brasil da década de 1930. Ponto sensível e pouco explorado na sua trajetória é a formação como bacharel em direito. Em 1936, ele se especializou em “leis trabalhistas” (a expressão é do próprio em uma entrevista de 1966) para iniciar a sua carreira na Viação Jabaquara por volta de 1940.²⁷ Havelange contava 20 anos de idade e, ao que tudo indica, fez aí as principais leituras teórico-metodológicas. Essa especialização de Havelange em Direito Social não é casual, e deve ser associada ao momento histórico que atravessava o país. Nas palavras de Ângela de Castro Gomes, as décadas de 1930 e 1940 marcam a criação do que chama de uma “política de ordenação do mercado de trabalho”.²⁸ As transformações pelas quais passavam o país produziram uma mudança de mentalidade profunda, que deixariam marcas tanto na esfera pública quanto na própria vida de Havelange.

Embora seja correto situar os fundamentos intelectuais de Havelange com o pensamento autoritário forjado na ditadura estado-novista, é seguro assumir que ele foi reatualizado de forma constante e ativa nos anos seguintes. A década de 1950 foi, por conseguinte, um período capital para a sua formação como intelectual e político. Com quase quarenta anos, ele assumia os principais postos de gestão esportiva no Brasil, e se despedia lentamente da carreira de atleta. Sua participação nas Olimpíadas de Helsinque, como atleta de *water polo*, foi o último ato como atleta olímpico. Em 1956, em Melbourne, Havelange voltaria aos Jogos, mas, desta vez, como chefe de delegação. No âmbito empresarial, seus negócios prosperavam à sombra do crescimento econômico. Aproveitando-se da expansão da malha rodoviária, Havelange acumula capital econômico trabalhando na Viação Jabaquara. Em ramo competitivo e lucrativo, essa empresa se torna uma das que fazem a ligação viária entre Rio de Janeiro e São Paulo, conectadas pela recém-inaugurada Via Dutra.

²⁷ Entrevista com João Havelange, Série Depoimentos para a posteridade, Museu da Imagem e do Som, 1967.

²⁸ CASTRO GOMES. Ideologia e trabalho no Estado, p. 55.

Na prática, a ascensão pública e política de Havelange à arena pública se confunde com o próprio percurso do governo Juscelino Kubitschek. Neste sentido, ainda que alguns dos críticos tenham colado sua atuação e ascensão à ditadura empresarial-militar, é preciso dizer que Havelange foi um político formado, produzido e moldado pela década de 1950. Para compreender como ele se adaptou tão bem ao novo regime político inaugurado pelo golpe de 1964, será preciso, em um primeiro momento, investigar as características da cultura política dos anos 1950.

A década de 1950 se caracterizou pela voga e vigência das noções de planejamento, administração, eficiência e modernização.²⁹ Essas palavras eram organizadas em torno do conceito de desenvolvimentismo, que se converte na própria gramática política do período. Em trabalho recente, Rafael Ioris mostrou como o ideário do desenvolvimentismo atravessou o amplo espectro da sociedade civil – empresários, agricultores, trabalhadores, intelectuais. Noção polissêmica, o conceito de desenvolvimentismo esteve em disputa, sujeito a manipulação e a usos diversos na luta política. À medida que se expandia e disseminava pela sociedade civil, o termo ganhava usos e apropriações distintas. “Não havia”, vaticina Rafael Ioris, “uma posição unívoca sobre que caminho de desenvolvimento o país deveria seguir”.³⁰ Para o setor industrial, o ideário do desenvolvimento se apresentava com base em uma leitura “estritamente econômica da realidade”. Neste caso, a noção de desenvolvimento se diluía nas de crescimento econômico, aumento da produtividade, e geração de riqueza. Nessa visão, até se admitia a participação do estado como indutor e planejador da economia, mas a defesa da autonomia cultural, a discussão da relação entre centro e periferia e até mesmo o combate à pobreza permanecem ausentes. É preciso ter clareza de que foi essa apropriação seletiva do conceito de desenvolvimentismo a que seduziu Havelange nos anos subsequentes. Depurada de seu conteúdo político, mais voltada à ordem econômica, essa visão mais estreita e pragmática se consolida entre esses setores do empresariado na década de 1950.

²⁹ GUIMARÃES. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre Petrobras e Brasília, p. 155-75.

³⁰ IORIS. *Qual desenvolvimento? Os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista*, p. 59.

Para se ter clareza do impacto deste período sobre a formação de Havelange vale dizer que, no final da década de 1950, ele se filiaria ao PSD (Partido Social Democrático), o maior partido da época, para concorrer ao cargo de deputado federal. A experiência foi traumática. Em 1961, ele acabaria perdendo a eleição em um ambiente marcado por fraudes eleitorais. Havelange nunca mais se filiou a um partido político, e por essa razão, essa experiência singular deve ser examinada com mais cuidado.

Na década de 1950, o PSD era – na expressão de Lúcia Hippolito – um “laboratório das soluções políticas brasileiras”. Ao contrário dos outros dois grandes partidos à época, PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e União Democrática Nacional (UDN), situados à esquerda e à direita no espectro político, a adesão ao PSD, “mais do que um partido”, poderia ser caracterizado como “uma prática política”. Na visão de Hippolito, essa “prática política” se assentava em cinco características estruturantes – (1) “força eleitoral”, (2) “posição de centro”, (3) “espírito de conciliação e moderação”, (4) “firmeza nas decisões” e (5) “competência administrativa”.³¹ Para tanto, o “pessedista de manual” deveria possuir na sua “prática política” essas cinco virtudes em maior ou menor escala. Quando se examina o PSD nestes termos parece difícil descolar o *modus operandi* de Havelange daquele exercido no interior do PSD. A hipótese é de que essa afinidade e uma genuína admiração desse modo de fazer e exercer a política pode tê-lo levado para o partido. Marcadamente pessoalizada, essa “prática política” tomava as relações pessoais como base da construção de um projeto político. O cultivo às relações pessoais é visto como chave para o êxito:

Eu vou lhe fazer uma pergunta. Eu tenho conhecimento ou assistido a todos os presidentes da República desde Washington Luiz Pereira de Souza, que foi em 1926 a 1930. (...) Algum presidente do Brasil, no seu período, foi a todos os estados? E eu todos os anos ia a todas as federações, em todos os estados. *Eu tocava no sujeito*; ele sabia quem eu era. Eu almoçava, eu jantava, conhecia a senhora, conhecia os filhos. Isto é importante. Por isso, nós tivemos um desenvolvimento muito grande.³²

³¹ HIPPOLITO. *De raposas e reformistas*, p. 15.

³² Entrevista com Havelange, acervo do CPDOC, 2012.

Embora tenha falhado em sua eleição para deputado federal, essa tática e modo de fazer política foram bem-sucedidos quando aplicados na sua carreira como dirigente esportivo. Em 1955, percorrendo as federações que não pertenciam ao eixo Rio-São Paulo, Havelange apoiou a candidatura da chapa Sylvio Pacheco-João Correia da Costa à presidência da CBD, trazendo um contingente significativo de votos do esporte amador. Neste caso, a estratégia da chapa era conseguir os votos das chamadas regiões periféricas do Brasil, alheias ao eixo do Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda no ano de 1954, Pacheco lançou a candidatura da chapa na cidade de Macapá em um longo discurso em que clamava pela diminuição da diferença entre o eixo Sul e o eixo Norte. A simbologia do lançamento da candidatura era clara – a chapa pretendia questionar, ao menos do ponto de vista teórico, o domínio político e econômico do eixo Rio-São Paulo. O clima de “integração nacional”, que impulsionou a campanha de JK à presidência, certamente influenciou e abriu espaço para discursos como o de Pacheco. A candidatura derrotada e da situação, do mineiro Geraldo Starling e Ivan de Freitas, tentou reverter a tendência de votos no Norte-Nordeste, com envio de representantes de última hora a estes estados, mas era tarde. Pacheco e Correia se tornariam presidente e vice-presidente da CBD em 1955, com um plano de construir uma “nova CBD” na esteira de um novo Brasil prometido pelo presidente Juscelino.

Havelange não fez parte da composição administrativa inicial. De toda sorte, o crescimento de Havelange na “nova CBD” foi vertiginoso. Devido a sua experiência como atleta olímpico, Havelange foi convidado para chefiar a delegação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956. Se o objetivo da “nova CBD” era melhorar as relações internacionais da entidade, o desempenho de Havelange contribuiu muito, sendo bastante elogiado pela imprensa à época. No fim do ano, assim que regressou de uma viagem ao Japão, a renúncia de João Correia da Costa, então vice-presidente, abriu caminho para que ele assumisse uma vice-presidência. No final de 1957, ele era o primeiro nome para a sucessão de Sylvio Pacheco. A hegemonia do grupo já estava consolidada no interior da CBD, e, em 1957, foi eleito com maioria absoluta em uma vitória expressiva de 185 a 19 votos.

Logo depois de assumir, o Brasil se tornava, pela primeira vez, campeão na Copa do Mundo de Futebol, na Suécia. A conquista de 1958 foi apresentada como a

vitória do planejamento sobre a desorganização, que havia prevalecido nas administrações anteriores. O planejamento rigoroso, a especialização das funções e o controle administrativo seriam vistos como chaves para a vitória do selecionado brasileiro. Havelange estabelecia assim uma *conexão semântica* – a expressão é do antropólogo Bromberger – entre as principais ideias do período e seus atos como dirigente esportivo. Com isso, ele seria capaz também de concentrar sobre a sua figura os capitais político-esportivos da vitória do Brasil.³³

Nesta época, Havelange convidou Paulo Machado de Carvalho para chefiar a delegação na Copa do Mundo de 1958. A ponta de lança deste projeto de organização esportiva ficou conhecida justamente como “Plano Machado de Carvalho”, lançado quase que como um manifesto político em meados de 1957. Grosso modo, o “Plano Paulo Machado de Carvalho” consistia em 96 artigos, pequenos parágrafos contendo teses gerais de caráter disciplinar e administrativo. Crescia, desta forma, a importância da noção de uma comissão técnica, mais plural e diversificada, com a participação de médicos, preparadores físicos, nutricionistas, dentistas e até mesmo psicólogos. Aversa ao “empirismo”, a divisão de trabalho e a especialização de funções eram a pedra de toque de uma estrutura “científica”. Em 1967, Havelange explicava o método:

[...] todas as administrações que eu tive em mãos, eu as vi com o caminhar e o progredir dentro de uma organização, o empirismo, aquilo que tudo se possa fazer, de última hora, é maléfico. A organização, então precisava ser feito dentro de um problema. Dentro de uma comissão técnica.³⁴

Na aparência neutro e científico, o “Plano Paulo Machado de Carvalho” continha teses das mais abrangentes e distintas, que versavam, entre outros, sobre o tipo de vestimenta do atleta, o corte de cabelo e de barba, além da exigência de uma educação formal mínima. Na prática, era uma forma de controlar, regular e ordenar o mundo do trabalho, de forma a extrair o máximo de produtividade do trabalhador da bola. Na prática, estava em jogo uma visão de mundo e uma leitura sobre o Brasil e o povo brasileiro. Nesta discussão, ainda que implícita, restava

³³ BROMBERGER. *Le match de football*, 1995.

³⁴ HAVELANGE. *Entrevista*, Depoimento para a posteridade, Museu da Imagem e do Som, 1967.

discutir o lugar simbólico das elites na construção da nação. Em 2012, lembrando o plano, Havelange deu uma entrevista significativa:

Os pés são as ferramentas de trabalho de um jogador. Quando fomos atendê-lo, tirou-se um saco de unha encravada, calos, frieiras, e tudo mais. Aqueles homens estavam num estado que não podiam nem chutar. Consertei tudo. Havia um jogador, não me lembro qual, que usava uma dentadura mal colocada sobre uns cacos de dente. A curto prazo, se não fosse tratado, teria um câncer na boca. Como se sabe, muitos males nascem de dentes malcuidados. Diziam que era tudo excessivo, que o time não tinha malucos, e não precisava ser tratado por psicólogos. Não dei ouvidos. Determinei que quem não se enquadrasse fosse cortado. Só iria à Copa quem estivesse preparado.³⁵

Ao retratar os jogadores com cacos de dente e incapazes de chutar uma bola, a narrativa de Havelange se aproxima do realismo fantástico. Na década de 1950, o grau de especialização dos clubes brasileiros já era elevado. O exagero não deve ser tomado como o falseamento da realidade, mas como uma figura de linguagem capaz de traduzir uma “visão de mundo”. Retratar os jogadores como desdentados significa marcar posição. Enquanto Havelange era portador de um corpo indestrutível, sempre “preparado para estar ali”, os atletas, egressos das camadas populares, precisavam ser regenerados pela medicina, salvos por um trabalho de preparação mental (psicológico) e controle físico.

A clivagem racial desta narrativa é evidente. Nos termos de Havelange, seria preciso uma elite preparada capaz de salvar o povo através da ciência, da técnica, da medicina e da boa administração. Ele era o responsável direto por “consertar tudo”, dando à população brasileira as “ferramentas de trabalho” para que conseguisse produzir bem e representar, em campo, as cores do Brasil. Neste contexto, a vitória cria as condições ideais para a difusão dessa versão para que se ressalte o papel dos dirigentes esportivos. Com o bicampeonato em 1962, a presidência da CBD continuaria assegurada. Marginaliza-se o protagonismo dos jogadores enquanto se ressalta o dos políticos e dirigentes, como era o caso de Havelange.

³⁵ PEREIRA; VIEIRA. *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX*, p. 132.

CONCLUSÃO

No diálogo entre indivíduo e sociedade, a trajetória aparentemente excepcional de João Havelange ajuda a compreender de que forma são constituídas as ideologias políticas. Longe de representarem ideias abstratas, as ideias políticas são construídas no próprio fazer político e nos percursos formativos. Organizando o texto em torno de três ideias-chave da atuação de João Havelange como dirigente de futebol: o culto ao próprio corpo, a ideia de fair play e a difusão do ideal de amadorismo e, por fim, a influência do pensamento desenvolvimentista e da política de corte nacional popular da década de 1950 sobre suas ideias. Nos três casos, as ideologias vinculam-se concreta e organicamente a classe da qual Havelange é egresso – a elite política do Rio de Janeiro.

No primeiro caso, impossível separar a ideia de higiene esportiva do ideário esportivo à difusão do ideário de esportividade, que se desenrolou ao longo da Primeira República. A vida de Havelange nunca esteve isolada da chamada modernidade excludente desenvolvida ao longo daquele período. À medida que o tempo passa, o mesmo acontece com sua trajetória como atleta que se desenrola ao longo do governo Vargas. Aluno de Oliveira Vianna, importante pensador da realidade social brasileira, Havelange incorpora na sua própria prática um modo de ler a realidade corporativo – que o faz ver e lera a sociedade em corporações e em termos hierárquicos. Essa ideologia, sem dúvida, se difundiu por todo o governo Getúlio Vargas, especialmente entre os intelectuais ligados ao direito social, carreira que Havelange escolheu. Esse modo de ler e ver o mundo fez com que adotasse atitudes paternalistas, que, não raro, pretendiam esconder os conflitos de classe em nome da harmonia social.

Por fim, e não menos importante foi o movimento “desenvolvimentista” que Havelange fez já na década de 1950. Dialogando com aquele momento da Guerra Fria e da história brasileira, Havelange incorporou no seu léxico os conceitos de planejamento, desenvolvimento e atuação política. A crença no potencial técnico e científico da administração fez com que ele lograsse êxito a frente da CBD, com conceitos chave daquele momento histórico.

O ponto é que, se Havelange obteve sucesso, foi porque muitos dos indivíduos à sua volta compartilhavam com ele seus valores, suas categorias, sua visão de mundo. Isso foi capaz Egresso de uma elite política emergente, a história de sucesso de Havelange o transforma no símbolo dessa classe social, capaz de sintetizar na sua própria figura as características e autoimagem que este grupo faz de si mesmo. Religar essa experiência ao século XX é o primeiro passo para a desconstrução dessa narrativa fantástica, de uma trajetória que teria se desenrolado supostamente “à frente do seu tempo”.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales**: notas de investigación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 62-63, p. 69-72, 1986. Disponível em: <https://bit.ly/3bPETwg>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. **A outra razão**: os presidentes de futebol entre práticas e representações. Dissertação (Mestrado em História Social), Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Edition de la Maison de la Science du Homme, 1995.
- CASTRO GOMES, Ângela de. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- CASTRO GOMES, Ângela de (org.). **Engenheiros e economistas**: novas elites burocráticas. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- DAMO, Arlei S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica da rivalidade entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 35-6.
- DIETSCHY, Paul. Le football et les jeux olympiques. (1896-1936). In: MILZA, Pierre; TÉTART, Philippe; JEQUIER, François. **Le pouvoir des anneaux**: les jeux olympiques à la lumière de la politique. Paris: Vuibert, 2004, p. 161-181.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. (livro institucional sem autor) **Fédération Internationale de Football Association, 1904-1929**. Amsterdam: J. H. de Bussy, 1929.

GAMBETTA, Wilson. **E a bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 169-178.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: SILVA, Carla (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 19-38.

GUIMARÃES, César. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre Petrobras e Brasília. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **A República no Catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p. 155-175.

HAMILTON, Aidan. **Domingos da Guia**: o divino mestre. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 154-165.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas**: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos Impérios, 1817-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOLT, Richard. **Sport and the British**: A Modern History. Oxford: Oxford University Press, 1990.

IORIS, Rafael. **Qual desenvolvimento? Os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista**. São Paulo: Paco, 2017.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEREIRA, José Mario; VIEIRA, Sílvia Marta. **João Havelange**: o dirigente esportivo do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 132.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Ernesto Carneiro. **Jogo duro**: a história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

STOLS, Eddy (org.); MASCARO, Luciana Pelaes (org.); BUENO, Clodoaldo (org.). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de interações**. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

STOLS, Eddy. Panorama das relações belgo-brasileiras. **Apresentação na Universidade Federal de Minas Gerais**. 20 set. 2005. Disponível em: <http://www.belgica.org.br/panorama.htm>. Acesso em: 25 jul. 2019.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. **História da virilidade**: a virilidade em crise. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 269-301.

ENTREVISTAS

HAVELANGE, João. [Entrevista]. Série Depoimentos para a posteridade. Rio de Janeiro, Acervo Depoimentos para a Posteridade, Museu da Imagem e do Som, 10 out. 1967.

HAVELANGE, João. [Entrevista]. Entrevistadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Daniela Alfonsi, Carlos Sarmento. Entrevistado: João Havelange. Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 2012.

Depoimento de Paula Havelange – irmã e secretária em AZEVEDO, Vivaldo de. *João Havelange – determinação e coragem*. São Paulo: Editora Nacional, 1974. p. 17-24.

* * *

Recebido para publicação em: 15 out. 2020.
Aprovado em: 25 abr. 2021.

Renata Leite: uma paraibana na arbitragem de futsal da FIFA

Renata Leite: A Woman from Paraíba in the Futsal Arbitration of FIFA

Christiane Garcia Macedo

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina/PE, Brasil
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS
christiane.macedo@univasf.edu.br

Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima

Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim/BA, Brasil
Mestra em Educação Física, UNIVASF/PE

Joelzio dos Santos Oliveira

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, Petrolina/PE, Brasil
Mestrando em Educação Física, UNIVASF

RESUMO: Renata Neves Leite, instrutora da Confederação Sul-americana de Futebol, ex-árbitra de futsal da Confederação Brasileira de Futebol de Salão e da Federação Paulista de Futsal e primeira mulher a arbitrar um Campeonato Mundial de Futsal Masculino. É nordestina, da cidade de Monteiro, na Paraíba. O objetivo deste estudo é analisar sua trajetória esportiva como árbitra de futsal, sua formação, sua atuação e sua representatividade no esporte. Para tanto, utilizamos, como fonte, documentos de seu acervo pessoal e cinco entrevistas de História Oral. Sua trajetória única traz reflexões acerca do combate a preconceitos ainda existentes, da atuação das mulheres no esporte e da importância de sua representatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Futsal; Mulher; Árbitra; Biografia.

ABSTRACT: Renata Neves Leite, instructor of the South American Football Confederation, former futsal referee of the Brazilian Indoor Football Confederation and the São Paulo Futsal Federation, and the first woman to referee in a Men's Futsal World Championship, is a northeastern Brazilian from the city of Monteiro in Paraíba. The purpose of this study is to analyze her sports career as a futsal referee, her education, her performance and her representativeness. To do so, we used documents from her personal archive and five Oral History interviews as sources. Her unique trajectory inspires reflections on the fight against prejudices that still exist, the role of women in sports and the importance of representation.

KEYWORDS: Futsal; Woman; Referee; Biography.

INTRODUÇÃO

Então o preconceito que vem de fora e principalmente o preconceito que vem, às vezes, de dentro do nosso ambiente é... eu acredito que é a maior barreira que eu enfrento todos os dias. Não é uma questão de que: “Ah, enfrentei, passou e acabou”. *Não!* Eu ainda continuo enfrentando isso.¹

A arbitragem nos esportes, especialmente nos de quadra,² poucas vezes, encontra-se nas discussões centrais no âmbito acadêmico. Em competições esportivas, trata-se de posição decisiva e de comando, na qual a presença de mulheres, nem sempre, é bem-vista. Mesmo assim, elas estão presentes nesse universo, como é o caso da nordestina Renata Neves Leite, nascida na cidade de Monteiro, na Paraíba, em 14 de maio de 1976.

Atualmente, Renata atua como instrutora da Confederação Sul-americana de Futebol³ (CONMEBOL), cuja função não lhe permite atuar como árbitra em partidas oficiais. Assim sendo, desligou-se, em dezembro de 2019, da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal (CBFS) e da Federação Paulista de Futsal. Até atingir o posto de instrutora da CONMEBOL, Renata trabalhou, estudou e enfrentou desafios inerentes à profissão e ao ser mulher no esporte.

Nesse sentido, o objetivo deste texto é analisar a trajetória esportiva de Renata Neves Leite como árbitra de futsal, sua formação, sua atuação e sua representatividade. Para tanto, utilizamos, como fonte, documentos de seu acervo pessoal⁴ e entrevistas de História Oral.⁵ As entrevistas foram realizadas com

¹ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 27. Referenciamos as entrevistas dessa forma, para padronizar. Sua referência completa encontra-se em listagem à parte, após as referências de textos acadêmicos.

² Afirmação baseada em estudo de revisão sobre arbitragem em esportes de quadra, ainda não publicado, do projeto de pesquisa “Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias”, realizado em 2018-2019. O estudo encontrou apenas sete textos em oito revistas brasileiras da área e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

³ Entidade que também organiza competições de Futsal.

⁴ Em relação ao uso de acervos pessoais como fonte, consideramos as discussões a partir de: HEYMANN. Indivíduo, memória e resíduo histórico; TOGNOLI, BARROS. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais.

⁵ ALBERTI. O que documenta a fonte oral?; ALBERTI. Histórias dentro da História; e POLLAK. Memória e identidade social. O Projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) sob o número de Protocolo CAAE: 01950818.4.0000.5196.

Renata, com dois dirigentes que acompanharam sua carreira (Paraguassu Figueiredo⁶ e Inês dos Santos⁷) e com duas outras árbitras (Alane Lucena e Patrícia Menezes). Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior sobre trajetórias de árbitras de futsal do nordeste, realizada em nível de mestrado, qual seja: “Mulheres Nordestinas na Arbitragem do Futsal: Institucionalização e Trajetórias”.⁸

O processamento das entrevistas deu-se conforme o Manual do Projeto Garimpendo Memórias, que prevê as seguintes etapas: convite, adaptação do roteiro a cada entrevistada, gravação digital, transcrição, copidesque, pesquisa de termos, revisão pelas entrevistadas,⁹ revisão final, publicação.¹⁰ Anteriormente às entrevistas, todas as entrevistadas foram informadas sobre os procedimentos de pesquisa e assinaram termos de consentimento de participação, identificação, uso de imagens e publicitação. As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2019.

Para guiar nosso olhar e nossas análises, utilizamos as discussões da História Cultural,¹¹ dos Estudos Biográficos¹² e dos Estudos de Gênero.¹³ É importante destacar que se trata de uma trajetória única, mas que revela aspectos socioculturais, especialmente para mulheres que atuam em cargos de comando e decisão nos esportes. Entendemos, pois, que as biografias podem interpretar personagens de forma crítica, revelando, em cada época, a relevância do protagonismo no cunho social.

Analisar o papel comportamental do indivíduo pode, assim, contribuir para os estudos dos esportes, valorizando o saber produzido pela narrativa da pessoa biografada, uma vez que,

⁶ Diretor de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

⁷ Ex-diretora do Departamento Técnico Feminino da CBFS na década de 2000.

⁸ Nesta pesquisa, foram entrevistadas 11 árbitras nordestinas, além de Inês e Paraguassu.

⁹ Neste momento, as entrevistadas poderiam complementar as informações e conferir a transcrição e a adaptação para o texto escrito.

¹⁰ Site para consulta das entrevistas na íntegra: <http://garimpandomemorias.univasf.edu.br/>, coleção Futebol e Futsal de mulheres.

¹¹ PESAVENTO. *História e história cultural*; BURKE. *O que é história cultural?*

¹² POSSING. *Biography: Historical*; BORGES. *Grandezas e misérias da biografia*; MACEDO; GOELLNER. *Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil*.

¹³ LOURO. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*; GOELLNER. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*; MOURÃO. *Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização*.

Ao visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem daquilo que é identificado como oficial ou representativo de determinado contexto social, político, econômico e cultural, tal atitude poderá promover a construção de outras histórias evidenciando assim a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno destas áreas específicas.¹⁴

Compreender essas representações é falar do tempo marcado pelas desigualdades sociais, de aprendizados e de formação do conhecimento, bem como contar e refletir sobre a trajetória esportiva de Renata, para dar visibilidade ao futsal, à arbitragem e às mulheres nos esportes.

DO SER ATLETA À FORMAÇÃO COMO ÁRBITRA

Muitas mulheres que atuam no futsal e no futebol tiveram, na sua infância, relação com esses esportes na convivência com meninos da família e/ou na escola. Não foi diferente com Renata, que explana sobre esse momento:

A minha infância, ela foi uma infância de toda criança criada no Nordeste, em cidade pequena. Sempre brinquei muito na rua e o irmão mais novo era um menino. Então a gente sempre brincou de bola na rua com a molecada da vizinhança, né, jogava bola em casa, na casa dos vizinhos e daí começou a nascer a paixão pelo esporte. Na escola, eu sempre pratiquei atividade física e me dava muito bem nessas práticas esportivas. Fui jogadora de handebol, de futsal, de voleibol, de basquete e eu tinha uma professora que se chamava Risomar¹⁵ e ela incentivava bastante a prática esportiva, então eu sempre fazia questão de estar nas seleções da escola pra disputar as competições escolares ou do município mesmo; daí surgiu essa paixão, esse amor pelo esporte desde cedo.¹⁶

A família de Renata considerava os exercícios físicos uma prática saudável. O limite desse apoio era a dedicação aos estudos, pois: “Começava ser problema quando eu deixava de estudar para ir jogar bola [risos]. Aí eles não gostavam muito”.¹⁷ Ela percebia alguns entraves em relação a outras pessoas, com uma ideia

¹⁴ MACEDO; GOELLNER. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil, p. 163.

¹⁵ Nome sujeito à confirmação.

¹⁶ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

¹⁷ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

de que futebol era “coisa pra homem”, mas, apesar disso, não tinha problemas para brincar com o irmão e amigos.¹⁸

Além do ambiente escolar, Renata também participava como atleta de escolinhas desportivas (futebol de campo, futsal e natação) no clube AABB, de Monteiro (PB), uma vez que sua mãe era funcionária do Banco do Brasil. Em 1995, começou a jogar futsal pela Seleção Universitária da Paraíba, na posição de goleira, e disputou os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), no Ceará, competição em que seu time conquistou o 2º lugar. Renata também competiu em vários outros eventos de Futsal e destaca, entre os principais resultados, os seguintes títulos: tricampeã potiguar (1996, 1997, 1998) e campeã brasileira, em 1998, em Guarapari (ES).¹⁹ Nesse percurso como atleta, Renata precisou começar a trabalhar para se manter na prática esportiva e custear as viagens de competições.

Em 1997, iniciou seu caminho na arbitragem. Ao participar de uma edição do JUB's, em Santa Catarina, como atleta, Renata observou que havia duas árbitras de Brasília presentes no evento, Railda²⁰ e Jaqueline Camarota.²¹ Foi, então, que se interessou pelo trabalho.

Sempre fui muito consciente assim, de que eu não seria uma atleta de alto rendimento a ponto de ter capacidade de jogar num clube fora da minha..., fora de meu estado ou poder vir brigar por alguma coisa aqui no Sul, Sudeste, que era onde se praticava futsal forte, né? E ali eu enxerguei a possibilidade de continuar dentro do esporte, mas sem tomar tanta bolada [risos].²²

Ao ver as árbitras brasilienses apitando, Renata buscou informações com o coordenador do JUB's na época, Samuel Gobel, sobre como se chegava a esse posto. Identificou, assim, a necessidade de fazer um curso na Federação Paraibana de

¹⁸ As informações sobre a trajetória de Renata que estão sem a citação de fontes foram retiradas de sua entrevista. Evitamos a repetição para dar mais fluidez ao texto.

¹⁹ Renata não cita em sua entrevista o nome de outras equipes, mas também não foi possível identificá-las em seu acervo. Porém, além da equipe da AABB e da seleção Paraibana, Renata jogou por outras equipes menores.

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

²¹ Em sua entrevista, Paraguassu Figueiredo também citou a árbitra Jaqueline, de Brasília, como uma das quatro primeiras árbitras de destaque nacionalmente, juntamente com Rita de Cássia, Renata e Alane.

²² LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 06.

Futebol de Salão²³ (FPFS). Porém, naquele momento, a Federação encontrava-se fechada.²⁴ João Bosco Crispim²⁵ e Héرتون Soares²⁶ tomaram conhecimento do interesse de Renata e, também, de Alane Lucena.²⁷ Esses senhores pediram que elas os procurassem quando voltassem a Paraíba.

No ano seguinte, 1998, Renata já iniciou sua atuação como árbitra na Copa Esporte Ação.²⁸

E aí quando eu volto pra Paraíba, eu fui procurar esse senhor. Ai o Bosco me deu um par de cartões, um apito e um livrinho. “Vá pra casa, estude. Amanhã esteja no Colégio Tal, na hora tal...” Eu: “tá bom!” Aí eu fui. Aí ele chegou, sentei, aí ele fez: “Tem alguma dúvida?” Aí eu fiz: ah, eu anotei aqui algumas coisas. Aí a gente começou a conversar, ele tirou umas dúvidas, aí ele olhou pra mim, me deu uma camiseta branca com o patrocínio de uma escola escrita assim: “árbitra”. “Agora vai apitar!” Fiz: “você é louco?!” “Não, não sou não. É jogo de pequenos. Você vai apitar.” E aí eu fui apitar, né.²⁹

Destacamos, nesse sentido, que Alane Lucena confirmou, em sua entrevista, esses acontecimentos e explicou que foi uma oportunidade do momento, quase uma coincidência. Ela e Renata estavam competindo nos Jogos e eram sempre muito curiosas para entender mais o esporte. Nas palavras de Alane:

quando a gente desembarcou do ônibus e [Bosco Crispim] disse assim: “Leiam. Qualquer coisa vocês me ligam e sábado vocês estejam lá no Esporte Clube Cabo Branco para vocês fazerem um jogo”. Foi um negócio assim, meio chocante, mas a gente empolgada, claro que topou! Foi lá, *duas loucas*³⁰ [risos], estudar minuciosamente aquilo ali e fomos para essa competição, né? E foi assim que a gente começou.³¹

²³ Neste texto, utilizaremos o termo “futsal” para nomear a modalidade. Porém, respeitamos os termos utilizados em nomes das federações e competições, documentos e falas das pessoas entrevistadas.

²⁴ A Federação Paraibana de Futsal estava fechada no período citado por questões administrativas e gerenciais junto à CBFS, por isso não poderia promover nenhum evento oficial – nem de competições e nem de formação de árbitros.

²⁵ Atual presidente da FPFS. No período, João Bosco era treinador da seleção paraibana masculina de futsal e estava na viagem feita para Santa Catarina, onde as seleções paraibanas (vôlei, futsal, handebol, basquete...) foram disputar jogos universitários. Renata estava nessa viagem como atleta da seleção feminina de futsal.

²⁶ Radialista que acompanhava os jogos.

²⁷ Alane Lucena, também paraibana, foi a primeira árbitra do quadro nacional do futsal, em 2000.

²⁸ A Copa Esporte Ação era uma competição promovida por João Bosco e por Héرتون Soares, que acontecia em João Pessoa (PB), com categorias de até 17 anos e na tentativa de não deixar o futsal paraibano “morrer” enquanto a Federação encontrava-se fechada. Era uma competição particular que acontecia anualmente.

²⁹ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 06-07.

³⁰ O itálico nos trechos das falas é para demonstrar a ênfase dada pelas entrevistadas às suas palavras, conforme definimos no Manual do Projeto Garimpando Memórias.

³¹ LUCENA. Entrevista de Alane Lucena, p. 10.

No mesmo ano, a FPFS foi reaberta e ocorreu um curso de formação de oficiais de arbitragem de três dias (sexta, sábado e domingo), com o árbitro paulista Catarina.³² Voltado para mulheres e homens, o curso aconteceu após a eleição de um novo presidente, motivado pelo fato de a Federação ter que voltar a funcionar e a promover eventos.³³ Nesse curso, formaram-se Renata, Alane, Mayara Crispim e mais duas mulheres que não seguiram na arbitragem do futsal.

Renata formou-se em um momento em que o futsal feminino não tinha muitas competições em sua região (Nordeste) - a maior parte delas ocorriam no Sul e Sudeste. Para se ter uma ideia, a Liga Nacional de Futsal,³⁴ competição de homens, criada em 1996, até o ano de 2019, havia tido, entre os finalistas e semifinalistas, apenas um time que não era das regiões Sul e Sudeste, o Goiás.³⁵ Outra competição, a Taça Brasil de Futsal Masculino, que ocorre desde 1968, na década de 1990, teve apenas dois times finalistas fora do eixo Sul-Sudeste: o Votorantim (PE) e o Banfort (CE).³⁶

Nesse contexto, a Taça Brasil de Futsal Feminino teve seu início em 1992. Na década de 1990, identificamos apenas um time finalista fora do eixo Sul-Sudeste, o time Nordeste (RN). Esses dados mostram a dificuldade de formação e atuação enquanto árbitra na região Nordeste. Inês Santos³⁷ também comentou sobre essa dificuldade das árbitras da região, já que havia menos competições naquele momento, o que ainda hoje é realidade.

Para além da sua formação no futsal, Renata é graduada em Administração de Empresas e tem formação na arbitragem também para as modalidades futebol de campo, futebol de areia, futebol *society* e futebol de cinco. Ela ainda destaca que sempre está estudando e se aprimorando, ou seja, sua formação para o trabalho não terminou. Isso é reconhecido por companheiras de profissão como Patrícia Menezes: “Agora a Renata *come* a regra. A Renata sempre foi muito estudiosa de regra, sempre se preocupou muito com físico, sempre foi muito politicamente

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Não foi possível verificar a questão dos valores do curso, mas são geralmente acessíveis até os dias atuais.

³⁴ Ver mais em: <https://ligafutsal.com.br/>.

³⁵ A mesma competição para mulheres só ocorreu entre 2005 e 2014. Entre os finalistas e semifinalistas, teve apenas um time do Ceará.

³⁶ Não encontramos informações sobre os semifinalistas.

³⁷ SANTOS. Entrevista de Inês Santos, p. 22.

correta... Então, de fato, é diferenciada”.³⁸ Recentemente, por exemplo, tem investido no estudo do espanhol para atuação junto à CONMEBOL.

TRABALHO: REALIZAÇÕES E DESAFIOS

Renata Leite, resumidamente, atuou como árbitra pela Federação Paraibana de Futebol (FPF), pela Federação Paulista de Futsal, pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) e pela Confederação de *Beach Soccer* do Brasil (CSBS), além de ter pertencido ao quadro de árbitras de Futsal da Federação Internacional de Futebol (FIFA), no período entre janeiro de 2007 e dezembro de 2017. Atualmente, é instrutora da CONMEBOL e árbitra da Confederação Brasileira de Deficientes Visuais (CBDV).

O início do trabalho como árbitra, conforme já mencionado, ocorreu em 1998, com crianças e adolescentes em João Pessoa (PB), antes mesmo de realizar o curso de árbitra pela FPFS, na Copa Esporte Ação. Várias árbitras iniciaram sua atuação dessa forma, em competições menores, regionais, com crianças e adolescentes, como é o caso de Alane Lucena, Ana Paula Cerqueira, Fernanda Feijão, Márcia Vieira, entre outras.

Após a sua formação, Renata apitou diversas competições no seu estado - a primeira foi no Festival de Abertura do Campeonato Adulto na cidade de Guarabira (PB), competição masculina adulta. Em 2000, ela entrou para o quadro nacional de arbitragem da CBFS, arbitrando sua primeira competição nacional em 2004, em Belém (PA), na Taça Brasil de Seleções, feminino adulto.

A entrada para o quadro internacional de Futsal da FIFA foi no início de 2007. Renata conta que, no final de 2006, recebeu o escudo da FIFA, em meio a um jogo que estava arbitrando em João Pessoa, com o colega Deilton Soares, ainda como árbitra da FPFS. A partir de então, seus caminhos começaram a mudar, como nos conta:

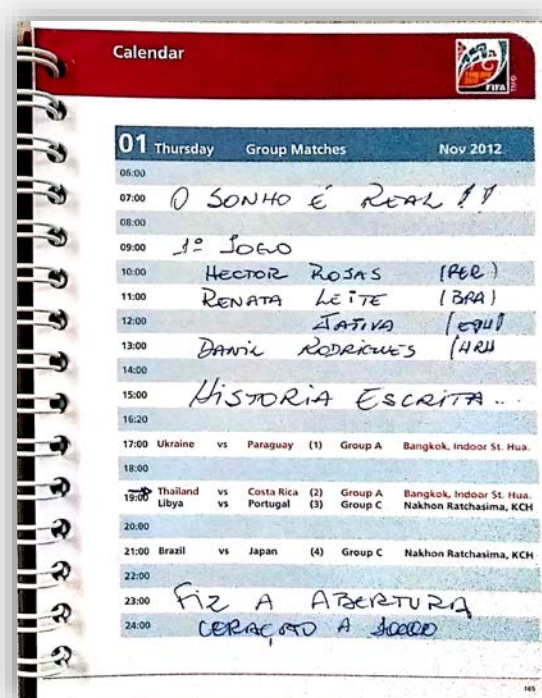
Fui me aperfeiçoando, fui me aperfeiçoando e a... vamos dizer que a pessoa que criou o Departamento Feminino, que idealizou, que sonhou, que brigou pelas mulheres, a Inês dos Santos, começa a ver a possibilidade de que eu me daria muito bem na cidade de São Paulo como árbitra, né? Vamos dizer assim que, de uma certa forma ela apostou no meu futuro. “Nossa, você tem capacidade. Por que você não

³⁸ MENEZES. Entrevista de Patrícia Guedes Menezes, p. 48.

vai morar em São Paulo?” Mas como todo bom nordestino, sair de casa, da casa de mainha [risos], não era fácil. Então eu me saí durante alguns anos, depois da minha primeira competição, e em 2008, eu decido me transferir pro estado de São Paulo.³⁹

Antes de se mudar para São Paulo, Renata morava com a família e mantinha-se arbitrando alguns campeonatos de base e com a ajuda da mãe. Depois de se tornar federada, passou a arbitrar competições promovidas pela Federação. Ao receber o escudo nacional e internacional, podia arbitrar, também, competições nacionais e internacionais, respectivamente.

Chegando a São Paulo, já com o escudo FIFA, a árbitra continuou seu trabalho e seu aprimoramento. Um momento de grande destaque e emoção em sua trajetória foi a atuação no Campeonato Mundial de Futsal Masculino da FIFA, em novembro de 2012, na Tailândia, quando foi a primeira mulher a arbitrar nesse campeonato. Trata-se de uma conquista, “um sonho”, como anota Renata em sua agenda do evento. A árbitra destaca a sua atuação no primeiro jogo, entre Tailândia e Costa Rica, e na disputa do terceiro lugar, entre Itália e Colômbia.



Event Guide FIFA (Agenda Oficial do Mundial).
Fonte: Acervo pessoal de Renata Leite.

³⁹ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 8.

Em uma notícia, no site oficial da FIFA, em 1º de novembro de 2012, comentou--se a participação de Renata, conforme segue:

Charme feminino: A natureza rígida dos jogos internos, juntamente com fortes ataques e a atmosfera ardente, costumam tornar as partidas de futsal assuntos acirrados. A influência feminina pode, portanto, às vezes ter um efeito calmante sobre os jogadores. E assim foi no confronto entre a Tailândia e a Costa Rica, quando uma árbitra comandou pela primeira vez uma Copa do Mundo de Futsal da FIFA. A brasileira Renata Leite não só supervisionou o jogo impecavelmente ao lado de seus colegas homens, mas sua estreia em Bangkok foi também para os livros de história do futsal (tradução livre).⁴⁰

Como temos observado, na história da atuação das mulheres no esporte,⁴¹ características hegemonicamente relacionadas ao feminino, como no trecho acima, ainda são reforçadas nesses ambientes de atuação das mulheres. Por que se falar em “charme” ou “influência feminina” com “efeito calmante”? Isso exemplifica que, mesmo nas atuações em alto nível profissional, as questões de gênero ainda embasam a atuação das mulheres, influenciando no julgamento de seu trabalho.

Nesse mundial, Renata estava cotada para apitar a final. Porém, a seleção brasileira de futsal masculino chegou à final, impossibilitando sua escalação. Assim, ela apitou a decisão do terceiro lugar.

Este feito da trajetória de Renata, e mais amplamente da arbitragem feminina, foi percebido por Vitorino Rodrigues, instrutor de arbitragem da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) daquele Mundial, após a ela ter arbitrado a decisão. Renata narrou o ocorrido em sua entrevista:

⁴⁰ Original: “Feminine charm: The tight nature of indoor games, coupled with strong tackles and the fiery atmosphere often make futsal matches heated affairs. A female influence can therefore sometimes have a calming effect on the players. And so it was in the fixture between Thailand and Costa Rica, when a female referee was in charge for the first time at a FIFA Futsal World Cup. Not only did Brazilian Renata Leite oversee the game impeccably alongside her male colleagues, her outing in Bangkok was also one for the futsal history books”. Notícia em: <https://fifa.fans/2RNiYid>. Acesso em 10 out. 2020.

⁴¹ FURLAN, SANTOS. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade; JAEGER, GOELLNER. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo; MINA. “Macho varón sin pepa”. Identidades de gênero na prática esportiva do futsal; SANTOS. As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre poder, diferenças físicas entre os sexos e influências socioeducativas e culturais.

Terminou o jogo, fui pro camarim, tomei banho, troquei de roupa, coloquei o terno e me sentei na cadeira do camarim de cabeça baixa e aí eu não me contive mais, porque aí, realmente, nesse momento, eu acho que a ficha caiu... Os treinos fortes e as dificuldades no Mundial, as dificuldades com a língua, alimentação – eu já tinha perdido sete quilos, desde que eu tinha chegado lá [...] De cabeça baixa comecei a chorar e as lágrimas começavam a pingar no chão e de repente apareceu, no meio de minhas pernas, dois sapatos sociais [...] Vitorino... Ele parou, eu levantei a cabeça, ele olhou pra mim e ele fez assim: “Chore! Chore! Ponha pra fora, porque você é merecedora de tudo isso. Você pode colocar pra fora todas as suas emoções agora, porque o que você fez, você ainda não tem noção, mas você deu um grande passo no cenário feminino. Você deu um grande passo pra arbitragem. Você deu um grande passo no futsal. Pode colocar pra fora!” Aí eu me levantei, me abracei com ele e aí foram muitas e muitas lágrimas...⁴²

Esse trecho revela-nos tanto os processos e as condições que levaram Renata a esse acontecimento quanto o valor que isso teve no cenário mundial. Estar no Mundial e apitar uma decisão foram conquistas de espaço, não só para Renata, mas para todas as mulheres.



Medalha FIFA – Renata Leite, árbitra da disputa de 3º lugar no Mundial da Tailândia, 2012. Fonte: Acervo pessoal de Renata Leite.

⁴² LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 30-1.

Nesse mesmo evento, Renata foi eleita a segunda melhor árbitra do mundo pela Agla Futsal Awards,⁴³ concorrendo com mais nove árbitros⁴⁴ – essa é a maior premiação do futsal mundial e é organizada pelo site Futsal Planet.⁴⁵ Vejamos o significado desse prêmio, nas palavras de Renata:

A questão de ser a segunda melhor árbitra do mundo... é muito bom porque é o reconhecimento do trabalho que você fez. Então você vai lá, faz um trabalho e aí você fica se perguntando: “Será que foi bom? Será que não foi? Será que foi bom? Será que não foi?” Ah, mas seus superiores disseram que foi bom [...] Aí esse título que vem, ele vem pelo reconhecimento de pessoas que estão fora dos bastidores, então você tem a certeza plena de que o trabalho que você fez ali foi um bom trabalho. Que você conseguiu mostrar pra todo mundo a capacidade técnica, a capacidade física, que você era uma boa árbitra, e outra coisa, você conseguiu mostrar para as outras pessoas que mulheres têm condições de estarem ali.⁴⁶

Em 2014, Renata atuou como árbitra da FIFA no V Torneio Mundial de Futsal Feminino. Mais tarde, em 2018, como já mencionamos, torna-se instrutora de arbitragem pela CONMEBOL. Seu principal trabalho nos cursos é a padronização e o entendimento das regras para que todos(as) na arbitragem sigam com a mesma rigorosidade.

As conquistas não evitaram, contudo, momentos difíceis no esporte. Em 2017, no jogo da Final da Liga Paulista de Futsal, ocorreu uma dúvida de interpretação de um gol na prorrogação do jogo. As torcidas enfrentaram-se e muitas brigas ocorreram no campo e fora dele. Tal fato afastou Renata das quadras de outubro a dezembro de 2017.

Pequenos afastamentos, né? Depois da confusão do jogo entre Magnus e Corinthians, em 2017... O jogo acho que foi vinte e dois, vinte e três de outubro. Depois disso eu pedi afastamento da Federação até o final do ano. Eu tava bem cansada, bem saturada com tudo que tava acontecendo e a repercussão desse jogo não foi muito boa. Eu recebi ameaça, né? Facebook, Messenger... essas coisas, então eu acabei dando uma pisada no freio...⁴⁷

⁴³ Realizado desde 2000, o Agla Futsal Awards é uma premiação anual independente da FIFA, que escolhe e premia os melhores do mundo em diversas categorias (jogadores/as, treinadores/as, árbitros/as, dentre outros/as), através de um colegiado formado por jornalistas e personalidades da área.

⁴⁴ A classificação: 1º Fernando Gutierrez Lumbreras (Espanha); 2º Renata Neves Leite (Brasil); 3º Marc Birkett (Inglaterra); 4º Gabor Kovacs (Hungria); 5º Danijel Janosevic (Croácia); 6th - Eduardo Fernandes Coelho (Portugal); 6º Ivan Shabanov (Rússia); 8º Hector Rojas (Peru); 9º Nurdin Bukuev (Quirguistão); 10º Scott Kidson (Austrália). Ver mais em: <http://awards.futsalplanet.com/voting>.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.futsalplanet.com/>. Acesso em: 3 mar. 2019.

⁴⁶ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 27.

⁴⁷ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 12.

Infelizmente, como percebemos nas entrevistas realizadas e em outras publicações acadêmicas e jornalísticas, essas manifestações são recorrentes e têm culminado em agressões físicas a árbitros(as) no futsal e no futebol,⁴⁸ tanto em competições amadoras quanto em profissionais. Os noticiários esportivos publicitam episódios dessa natureza com alguma frequência. Renata prefere se lembrar e registrar boas lembranças, mas aponta que agressões verbais da torcida para árbitras e árbitros são uma constante em seus trabalhos.⁴⁹

Renata considera que, ao longo de sua trajetória profissional, foi mudando sua forma de atuação, tornando-se mais tranquila.

Então a maneira da Renata trabalhar nesses vinte e um anos de carreira, mudou muito. Eu era um bicho muito bruto [riso], né? Eu era como o povo diz: “cabra da peste, mesmo!” Daquela que não andava com o cartão vermelho na cintura, eu andava com uma peixeira quarenta polegadas⁵⁰ mesmo, ali na cintura e... brincou, não leu [risos], o pau comeu. Ia lá e metia mesmo... E com o passar do tempo eu fui vendo que existem formas e formas de você expulsar alguém, né? Você pode expulsar alguém com um vermelho ríspido, no meio da testa, e você pode olhar para ele e ele simplesmente, pelo seu semblante, olhar para você e dizer assim: “Desculpa, professora. Eu errei. Já tô saindo”.⁵¹

Um ponto importante dessas mudanças foi a criação do Quadro Nacional de Árbitras em 2002, como destacou Renata:

Então com a chegada do quadro nacional, a gente começa a fazer uma padronização e um trabalho de melhoria com essas árbitras, individualmente, para que elas se tornem, como é que eu posso dizer, multiplicadoras. Então elas acabam evoluindo nas competições e passando isso mais a diante em seus estados.⁵²

⁴⁸ Como em 2019 ocorreu com as árbitras Leidiane Nunes de Albuquerque (RUEL. Árbitra é agredida em campo e perde a memória) e Eliete Fontenele (MENDES; MORAIS. Árbitra agredida com socos revela como está um ano após sofrer trauma: “Deixou uma ferida”). O tema também é abordado por BIANCHI; MARÍN MONTÍN. Árbitras y violencia en el deporte: tratamiento televisivo en Brasil y España; PAIM. Violência Contra a Mulher no Esporte sob a Perspectiva de Gênero; e ANTUNOVIC. “A Female in a Man’s World”: New-Media Discourse around the First Female NFL Referee.

⁴⁹ Assim como apontado também por: BURIM; OLIVEIRA. Análise do nível de estresse dos árbitros de futsal da região de Londrina, Paraná.

⁵⁰ Utiliza a expressão em sentido figurado, comparando ao cartão.

⁵¹ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 21.

⁵² LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 22.

As mudanças apontam para uma melhoria nas condições de trabalho, embora o trabalho na arbitragem, para muitas mulheres e, também, para os homens, não seja a principal fonte de renda. A maioria das árbitras nordestinas por nós entrevistadas⁵³ possui uma profissão paralela às atividades de arbitragem: são profissionais autônomas, professoras das redes privada e pública de ensino, funcionárias públicas e médica veterinária. Alane Lucena, corroborando tal constatação e exemplificando regionalmente a problemática exposta, relatou, ao Diário do Nordeste, que “não dá para sobreviver sendo profissional de futsal no Nordeste. A arbitragem no salonismo não passa de uma atividade extra. Trabalha-se em outras atividades diurnas e somente apita-se à noite ou nos fins de semana”.⁵⁴

Ao perguntarmos sobre sua profissão, Renata foi uma exceção entre as entrevistadas, ao perguntarmos sobre sua profissão ela afirma: “sou árbitra de futsal”.⁵⁵ Alguns pontos da trajetória de Renata ajudam-nos a entender essa possibilidade: dedicação, competência e busca por formação, oportunidades aproveitadas, apoio familiar, ida para São Paulo. As dificuldades em estados fora do eixo Sul-Sudeste, segundo nossas entrevistadas, são maiores, tanto pelo número de competições existentes como pelo apoio dado a esses eventos. Vale ressaltar que essas dificuldades não atingem apenas o futsal, o Nordeste e a arbitragem. No Brasil, algumas modalidades têm uma valorização maior e estruturação, mas a maioria tem apenas ações pontuais⁵⁶ do COB e do Ministério do Esporte (Extinto).

Até o momento, ainda são poucos os estudos sobre a arbitragem e sua forma de manutenção. Árbitras e árbitros precisam estar bem física e mentalmente,⁵⁷ para isso dependem de treinamento especializado e tempo disponível. Na questão física, as árbitras internacionais, geralmente, são acompanhadas por nutricionistas e por *personal trainer*. Os custos com tais profissionais são bancados pelas próprias oficiais de arbitragem. Gastos, como deslocamentos e uniformes, são supridos pelas instituições que as convocam

⁵³ Entrevistamos 11 árbitras nordestinas.

⁵⁴ Recorte de jornal presente no acervo pessoal de Alane Lucena, sem data.

⁵⁵ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 2.

⁵⁶ MEIRA; BASTOS; BOHME. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar.

⁵⁷ HORTMANN; MARTINS. Variáveis antropométricas de árbitros de futsal de Guarapuava. BURIM; OLIVEIRA. Análise do nível de estresse dos árbitros de Futsal da região de Londrina-PR.

(CBFS ou FIFA), assim como as refeições e hospedagem durante o período das competições nas quais estão atuando. As oficiais que atuam em federações estaduais, no Brasil, compram seu vestuário de atuação e objetos de uso pessoal (cartões, apitos, cronômetros, entre outros).

O que a trajetória de Renata nos ajuda a ilustrar é que, além das questões estruturais do esporte no Brasil, ao se olhar para o dia a dia de trabalhadoras(es) do esporte, diversos grupos ainda enfrentam outras barreiras, como: as desigualdades regionais, os preconceitos de gênero e o autofinanciamento de suas atividades preparatórias. Para poucas/os, essas barreiras são transponíveis, mas existem custos pessoais e profissionais para isso. Com certeza, a trajetória de Renata auxilia na visualização de possibilidades, como veremos na seção que segue.

REPRESENTATIVIDADE: OS DESAFIOS DE SER O QUE SE É

Na trajetória de Renata, uma questão que nos chamou atenção foi a representatividade: primeiro, porque ela se motivou ao ver duas árbitras atuando; segundo, sua atuação traz essa representatividade ao esporte, necessária por ser um espaço tão marcado pelos embates de gênero; terceiro, devido a sua representação enquanto árbitra nordestina, já que o futsal se mostra mais desenvolvido nas regiões Sul e Sudeste.

Então, ao analisar essa parte de sua vida, visualizamos o que Rocha denomina de “teto de vidro” –⁵⁸ aqui entendido como a barreira artificial e invisível que impede o acesso de mulheres a cargos de liderança e hierarquia superior, considerados inatingíveis para elas – para externar essas situações de submissão e invisibilidade feminina em espaços historicamente definidos como masculinos. Essa metáfora ajuda a visualizar a dificuldade de inserção e ascensão feminina na carreira de árbitra esportiva. Nascimento e Nunes ratificam tal dificuldade quando assim explicitam:

⁵⁸ “O “teto de vidro” é uma expressão já consagrada nos estudos de gênero e da mulher. Diz respeito àqueles postos-chave na hierarquia superior das empresas e instituições, considerados como ainda não ultrapassáveis pelas mulheres. Não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de que são mulheres. Esse termo foi cunhado pelo *Wall Street Journal*, em 1985” (ROCHA, Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?, p. 31).

O significado do que venha a ser sujeito-árbitro tem relação com construções discursivas históricas, sociais e culturais... Aquele que se aventurar por essa vereda profissional sabe bem os discursos que lhes são dirigidos quanto a sua eficiência e caráter. Para as mulheres isso vai além. Elas têm que enfrentar outras formas de significação, que envolvem a produção da identidade e da diferença. A presença da mulher nesse cenário amplia as formas de marcação da diferença.⁵⁹

Renata Leite contextualiza, através de seu relato, esse desbravar de espaços socialmente balizados como de homens e cujo acesso e permanência de mulheres demandam resiliência e foco:

As mulheres hoje, elas têm mostrado capacidade de assumir determinadas... Cada vez mais funções diferentes dentro do futebol – e não é uma questão só de futsal, é do futebol em geral. Então essa avaliação tem sido muito positiva com o passar dos anos, porque a gente tem buscado cada vez mais o nosso espaço, independente de qual seja a opinião da sociedade ou a opinião... “Ah, aquele esporte é único e exclusivamente masculino, mas tem uma treinadora”. [...] “Porque são boas no que fazem”. Não importa se dentro de um clube onde só tem categorias masculinas ou dentro de um clube onde só se trabalha com mulher. O que importa é a sua capacidade.⁶⁰

Renata, assim, participa da ação de “meninas e mulheres criando brechas para superar os preconceitos e, a partir de decisões individuais, construir trajetória vitoriosa na história esportiva brasileira”.⁶¹ A árbitra Renata ilustra essa batalha diária de comprovação de capacidade na condução de jogos de futsal: “[...] porque você sempre tem que tá provando, provando, provando que pode, sabe? Que consegue... Você mata um leão a cada dia e parece que isso não é suficiente e você tem que matar mais e mais”.⁶² Para as mulheres, em esportes considerados “masculinos”, como os diversos futebóis, essa batalha ainda ganha outros contornos, já que nesses espaços é comum comentários relacionados a: “não ser um local para mulheres”, “lugar de mulher é na cozinha”, bem como à sexualização dos seus corpos.⁶³ Ou seja, a questão da sua competência no trabalho é questionada e perpassada por diversos outros marcadores.

⁵⁹ NASCIMENTO; NUNES. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência, p. 214.

⁶⁰ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 26-27.

⁶¹ MOURÃO. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas, p. 137.

⁶² LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 34.

⁶³ ANTUNOVIC. “A Female in a Man’s World”: New-Media Discourse around the First Female NFL Referee.

Isso também tem relação com o fato de ser da região Nordeste do País. Ao perguntarmos sobre o que era ser uma árbitra nordestina, Renata respondeu assim:

É ser como diz o ditado da minha terra [risos]. “É ser mulher macho sim, senhor. É ser cabra da peste!” É ressaltar que a nossa, a nossa vida não é fácil desde o momento em que nós nascemos, porque é uma região sem água e sofrida e nós somos sobreviventes, mas que mesmo passando por tudo isso, a gente não perde o brio, a gente não perde a vontade de lutar, a gente não perde a alegria [risos]. Então ser árbitra nordestina é isso: é saber que todo dia é uma luta, que você não pode desistir porque esse sentimento tá dentro de você. O nordestino, ele não desiste nunca. Ele é um lutador, ele é um sobrevivente e ter alegria porque mesmo com as dificuldades, as vitórias, elas virão.⁶⁴

Ao falar sobre o trabalho das mulheres, Renata aponta o estado do Paraná como referência na valorização desse trabalho, ao colocar as árbitras para apitar partidas importantes também de homens. Segundo ela, “Então *isso* faz com que as pessoas que estejam de fora, as mulheres que estejam de fora digam: ‘Opa! Aqui vale a pena, porque se eu fizer o curso, se eu vier trabalhar, os caras vão apoiar!’”.⁶⁵ E complementa, ainda, ser necessário:

valorizar o quadro feminino independente do estado ou da região que esteja colocando-a para questão de vitrine também. Se você mostra que existe, aparecem novas; se você esconde, não aparecem novas porque ninguém sabe que existe. [...] Tem que ser uma *boa árbitra*, uma árbitra com condições técnicas, com condições físicas, com condições táticas, com condições emocionais de estar ali. Então, para fomentar isso você precisa trabalhar elas, vindo elas, trazendo-as da base até em cima e quando ela estiver pronta você precisa deixá-la voar. Então você precisa proporcionar a ela oportunidades para que ela possa mostrar pra todo mundo que tem condição de trabalhar.⁶⁶

Essa fala ajuda-nos a pensar que a representatividade e as condições de formação se complementam. E ainda temos um longo caminho para que meninas e mulheres tenham garantidas as possibilidades estruturais e simbólicas para se tornarem árbitras. A presença de Renata e das outras árbitras, como Ana Meire Santos e Alane Lucena, tem fortalecido o campo. E é necessário reconhecer, nesse sentido, que, no geral, a sociedade tem sido menos preconceituosa.

⁶⁴ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 24.

⁶⁵ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 25.

⁶⁶ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 25.

A produção dessa identidade também é citada por Renata ao falar sobre a conquista de segunda melhor árbitra do mundo: “Então isso é muito bom porque a gente começa a ver que as mulheres tão aparecendo, não morreram ali em 2012. Elas... Ali em 2012 nós plantamos uma semente, ela tá sendo, ela foi regada, né, cresceu e agora tá dando novos frutos”.⁶⁷

Eu acho que com a chegada das mulheres, é... Primeiro teve aquele choque cultural da questão de preconceito mesmo, de uma mulher tá dirigindo uma partida de futsal masculino, e com o passar dos anos esse preconceito veio caindo, porque elas começaram a mostrar que tinham qualidades iguais as dos homens e não deixavam nada a desejar. Então, com o passar do tempo a mudança que teve foi justamente essa, hoje as meninas chegam ao quadro, no cenário do futsal e elas têm uma aceitação muito maior em prol das que vieram anteriormente e conseguiram provar que tinham capacidade de estar ali.⁶⁸

Renata junta-se às demais e reconhece que teve muitas pessoas que a auxiliaram em sua caminhada, como: Ivan Fernandes (árbitro paraibano, conhecido como Pitombão); Ana Lúcia (árbitra); Jaqueline Camarota; Paraguassu Fisher Figueiredo; Bosco Crispim; Hérton; Daniel Pomeroy (importante na composição dos quadros); e Inês. Seu trabalho, enquanto esteve nas quadras, foi executado com qualidade e profissionalismo e despertou o interesse de outras mulheres pela arbitragem. Agora, como instrutora CONMEBOL, busca subsidiar tecnicamente o trabalho de outras árbitras que atuarão em competições oficiais promovidas pela FIFA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo deste estudo, contar e refletir sobre parte de uma vida. Seria impossível, em tão poucas páginas, contar mais do que uma versão dessa parte de vida. Porém, destacamos que essa parte biográfica nos revela muitas questões afetas ao esporte e à nossa sociedade.

As mulheres, no geral, ainda enfrentam dificuldades e, para atuar em espaços como os apontados aqui, precisam ser melhores do que o necessário; tem

⁶⁷ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 29.

⁶⁸ LEITE. Entrevista de Renata Neves Leite, p. 22.

que provar a cada dia seu valor e a qualquer descuido podem perdê-lo. Além disso, ainda precisam lidar com as características que esperam que elas tenham, o que, por vezes, desestimula e enfraquece seu trabalho.



Renata Leite arbitrando no Mundial da Tailândia, 2012.

Fonte: Acervo pessoal da árbitra Renata Leite.

Torna-se importante, nesse contexto, conhecer histórias como a de Renata, para visibilizar essas mulheres, para pensar sobre nossa sociedade, para desnaturalizar essas características e para produzir um futuro com menos preconceito. A representatividade aponta opções que, às vezes, parecem impossíveis, mas que, ao se materializarem, transforma-se em possibilidades.

Renata tem muitos aspectos em comum com outras árbitras, outras pessoas envolvidas com o esporte, outras mulheres, mas é única. Esperamos que este texto contribua para mais pesquisas que visibilizem mulheres no esporte e mostre a importância da representatividade e da desconstrução de diversos preconceitos.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. 8 f. Disponível em: <https://bit.ly/2ThYr5Z>. Acesso em: 15 out. 2020.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.
- ANTUNOVIC, Dunja. "A Female in a Man's World": New-Media Discourse around the First Female nfl Referee. **Journal of Sports Media**, v. 9, n. 2, p. 45-71, 2014.
- BIANCHI, Paula; MARÍN MONTÍN, Joaquín. Árbitras y violencia en el deporte. tratamiento televisivo en Brasil y España. In: **Anais do Congresso da International Association of Media and Communication Research**, 2019.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 203-34.
- BURIM, Murilo Luiz; OLIVEIRA, Arli Ramos de. Análise do nível de estresse dos árbitros de futsal da região de Londrina, Paraná. **Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 38, p. 252-261, set./out./nov./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2QNSOvk>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p. 28-43, dez. 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3fgmZ2P>. Acesso em: 15 out. 2020.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.
- HORTMANN, Karin; MARTINS, Marcos Vinicius. Variáveis antropométricas de árbitros de futsal de Guarapuava. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 15, p. 15-21, 2013.
- JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, p. 955-975, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.
- MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha; BOHME, Maria Tereza Silveira. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 251-262, 2012.

MENDES, Tiago; MORAIS, Renan. Árbitra agredida com socos revela como está um ano após sofrer trauma: “Deixou uma ferida”. **Globo Esporte Piauí**, Parnaíba e Teresina, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3yyOTnc>. Acesso em: 17 maio 2021.

MINA, Cláudia Yaneth Martínez. “Macho varón sin pepa”. Identidades de gênero na prática esportiva do futsal. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015, Vitória. **Anais do XIX CONBRACE**, 2015, p. 1-3.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

NASCIMENTO, Aline Santos; NUNES, Mário Luiz Ferrari. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência. **Intersecções: revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 197-219, jun. 2014.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero**. [Tese]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSING, Birgitte. Biography: Historical. **I International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, v. 2, p. 1213-1217, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3bRVcbD>. Acesso: 12 set. 2020.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. **Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/34dhP6n>. Acesso em: 15 out. 2020.

RUEL, Renata. Árbitra é agredida em campo e perde a memória. **ESPN**, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fjk4eM>. Acesso em: 17 maio 2021.

SANTOS, Ineildes Calheiros. As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre poder, diferenças físicas entre os sexos e influências socioeducativas e culturais. **Seminário Interlinhas**, Alagoinhas, v. 3, n. 1, p. 81-90, 2015.

TOGNOLI, Natália Bolfarini; BARROS, Thiago Henrique Bragato. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **Ponto de Acesso**, v. 5, n. 1, p. 66-84, 2011.

ENTREVISTAS

FIGUEIREDO, Paraguassu Fisch de. **Entrevista concedida por Paraguassu Fisch de Figueiredo ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Salvador (BA), 07 abr. 2019. 22 p.

LEITE, Renata Neves. **Entrevista concedida por Renata Neves Leite ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Sorocaba (SP), 25 maio 2019. 34 p.

LUCENA, Alane. **Entrevista concedida por Alane Lucena ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, João Pessoa (PB), 05 jun. 2019. 78 p.

MENEZES, Patrícia Guedes. **Entrevista concedida por Patrícia Guedes Menezes ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, Fortaleza (CE), 19 jul. 2019. 54 p.

SANTOS, Inês dos. **Entrevista concedida por Inês dos Santos ao Projeto Garimpando Memórias**. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 25 maio 2019. 22 p.

* * *

Recebido para publicação em: 15 out. 2020.
Aprovado em: 25 abr. 2021.

De coadjuvantes a protagonistas: a ascensão midiática dos jogadores de futebol no Rio de Janeiro – o caso do jornal *Critica* (1928-1930)

From Supporting to Protagonists: The Media Rise of Football Players in
Rio de Janeiro – The Case of the *Critica* Newspaper (1928-1930)

Euclides de Freitas Couto

Universidade Federal de São João del-Rei-Brasil
Doutor em História, UFMG
euclides@ufsj.edu.br

Tiago Augusto de Deus Nogueira

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei/MG, Brasil
Mestre em História, UFSJ

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar as representações expressas na seção esportiva do jornal *Critica*, editada por Mário Filho, entre os anos de 1928 e 1930. Nesse intento, buscamos identificar as transformações da pauta esportiva e da estética discursiva do jornal, articulando-as ao processo de popularização do futebol carioca, no final da década de 1920. Nossa hipótese é que no bojo desse processo, o jornal se converteu em um importante ator social, contribuindo para tensionar, na esfera pública, a questão da exploração dos futebolistas naquele período. Portanto, ao longo da análise, o jornal *Critica* é tomado, simultaneamente, como fonte e objeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal *Critica*; Mário Filho; Exploração do trabalho; Futebol carioca.

ABSTRACT: The objective of the present study is to analyze the representations expressed in the sports section of the *Critica* newspaper, edited by Mário Filho, between 1928 and 1930. In this way, the purpose of this work is to identify the transformations of the sports agenda and the discursive aesthetic of the newspaper, articulating them with the popularization process of the Rio de Janeiro football in the late 1920s. Our hypothesis is that in the midst of this process, the newspaper became an important social actor, contributing to tensing, in the public sphere, the issue of the exploitation of the soccer players in that period. Therefore, throughout the analysis, the *Critica* newspaper is simultaneously taken as a source and object of this research.

KEYWORDS: Critica Newspaper; Mário Filho; Exploitation of Work; Carioca Football.

INTRODUÇÃO

Marcada por amplas transformações sociais e culturais, a década de 1920 pode ser considerada o período embrionário para as rupturas estruturais que ocorreriam nos anos seguintes. Durante esse processo, emergiram novos atores sociais oriundos da segunda onda de imigrantes europeus, que, gradativamente, compuseram a emergente classe operária.¹ No Rio de Janeiro, a então capital da República, o processo de industrialização, acompanhada pela intensa urbanização favoreceu o crescimento dos bairros periféricos que se desenvolveram, especialmente, em função do dinamismo imobiliário impulsionado pela instalação das fábricas. Além de se estabelecer como o principal entreposto comercial do país no início do século XX, a cidade concentrava um expressivo contingente de classes médias ligadas, especialmente, à burocracia estatal.²

A intensa e diversificada vida cultural carioca que floresceu especialmente no último quartel do século XIX, evidenciava que os ventos da modernidade haviam chegado definitivamente nas terras de São Sebastião. O turfe, um dos primeiros esportes a atrair a atenção dos cariocas, desde os tempos da chegada da corte portuguesa, no início do século XX dividia os holofotes com o remo e com o futebol. Não seria exagero afirmar que, dentre as atividades de lazer mais praticadas nessa época, o futebol despertava maior interesse popular ao apresentar-se como uma modalidade coletiva, normatizada por regras simples, praticado em vazios do espaço público, como também nas ruas, onde eram improvisados os campos de jogo.

É consensual na historiografia que a popularização e organização institucional do futebol brasileiro, especialmente nas grandes capitais, processaram-se *pari passu* à industrialização e ao crescimento urbano desses centros³ Na cidade do Rio de Janeiro, em menos de três décadas, campos improvisados que abrigavam aglomerações de pessoas em pé em seu entorno, foram cedendo lugar aos estádios cada vez maiores e

¹ LEVY. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*, p. 192.

² PINHEIRO. *Classes médias urbanas*, p. 31.

³ Há inúmeros trabalhos que ratificam essa tese, dentre eles destaca-se a obra de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

mais confortáveis, que transformaram o futebol, inicialmente uma prática elitizada, em uma das formas de lazer mais consumidas pelas classes populares.

A modernização dos hábitos, fenômeno associado à urbanização e ao remodelamento dos espaços urbanos, ditava o ritmo frenético no qual a expansão dos esportes atraía a atenção de um público cada vez mais expressivo e socialmente diversificado. No bojo desses acontecimentos foi que a imprensa esportiva se tornou um dos atores centrais na dinâmica da mediação do futebol, fosse promovendo os jogos e as competições, fosse conferindo sentidos à sua prática e à sua espetacularização. Vale ressaltar que foi justamente ao longo da década de 1920, que a imprensa, incorporou novas técnicas literárias e jornalísticas passando a conferir mais espaço aos assuntos mais imediatos e da sensibilidade urbana, transformações que, evidentemente, favoreceram a ampliação e sofisticação do noticiário futebolístico.⁴

Assim como na esfera política, as relações que se estabeleceram entre as redações dos periódicos e as agremiações esportivas eram ajustadas por uma via de interesses recíprocos entre o poder e a representação social. Ao oferecerem visibilidade aos eventos, os dirigentes das ligas e os clubes viam nos veículos de imprensa um aliado necessário ao processo de popularização do esporte nos diferentes estratos da sociedade.⁵ A formalização dos convites por meio da imprensa era um tratamento corriqueiro, como podemos ver na nota em *A Imprensa*: “recebemos o gentil convite oficial da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, para assistir aos torneios da presente temporada, assignado pelo prestimoso secretario Sr. Edwn E. Hime Junior, o qual agradecemos”.⁶ Outros periódicos, como a *Gazeta de Noticias*, usavam a titulação de órgão oficial da Federação Brasileira das Sociedades do Remo e da Liga Metropolitana dos *Sports Athleticos*.⁷ Munidos com um discurso laudatório e de linguagem extremamente formal, os veículos de imprensa operavam como verdadeiros aparelhos de propaganda das práticas esportivas e das próprias agremiações.

⁴ Couto. *A imprensa esportiva carioca*, p. 511.

⁵ MELO. *Causa e consequência*, p. 25.

⁶ *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 2 maio 1908, p. 3.

⁷ *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1907.

No decorrer da década de 1910, os jogos de futebol realizados nos estádios transcorriam sob a forma de eventos sociais caracterizados por um código de valores e de postura, simbolizado pelo refinamento do seletivo público presente nos setores especiais das *canchas*. Naturalmente, a presença dos representantes da alta sociedade recebia destaque nessas seções dos jornais que, de forma corriqueira, enalteciam a cordialidade dos jogadores e a presença de personalidades ilustres, conferindo à cobertura esportiva ares de elegância e sofisticação, típico das colunas sociais.⁸

Todavia, nos anos posteriores, com o crescimento das cidades, do número de clubes, de praticantes e de espectadores ocorreram mudanças significativas tanto na dinâmica do jogo, quanto na composição das plateias que assistiam aos espetáculos futebolísticos. O aumento da competitividade dos jogos e do acirramento das rivalidades clubísticas, pautados pela imprensa, desde a década de 1910, despertaria, nos anos seguintes apreciações contrárias à prática do futebol. Exemplo dessa constatação pode ser verificado na matéria intitulada *O Football e a Criminalidade*, publicada no jornal *Correio da Manhã*. O texto sublinhava o clima de hostilidade e agressividade que permeava as partidas de futebol:

[...] e de como evoluiu, passando de sport a crime, de escola de disciplina à eclosão de instintos mãos. Quizemos mostrar, como esse espetáculo publico deprime o mais elementar sentimento do homem – a piedade, chegando o espectador a desejar que se mate o jogador do campo adversario ao da sua sympathia. Mostrámos que os jogos de football com o despuorado desregramento dos seus amadores em relação as decisões do árbitro vão se convertendo num pandemônio, cada um fazendo justiça por suas próprias mãos. Mas será irremediável tal déprimente situação? Fosse o football praticado por pessoas convencidas de que jogam de que se divertem, de que não estão fóra das leis do paiz e a severa actuação dos seus directores bastaria para seleccionar o problema.⁹

O fragmento acima, devidamente contextualizado no momento em que ocorriam as transformações sociais no perfil dos futebolistas, do público dos estádios e do nível de competitividade dos jogos, sugere que a popularização do futebol abriu espaço para formas de exaltação pouco condizentes com o perfil aristocrático que a prática possuía em seu período embrionário. A camaradagem e a congregação social

⁸SILVA. *Mil e uma noites*, p.51.

⁹ *Correio da Manhã*, 23 jan. 1923, p.5.

entre futebolistas e a plateia cediam espaço para as novas formas de torcer e de competir, acirradas pelo pertencimento clubístico e pelo falso amadorismo.¹⁰ Segundo a matéria, violentos e indisciplinados, os jogadores e espectadores que passaram a frequentar os estádios não tinham “civildade” para manter o autocontrole e o respeito às convenções tácitas que regiam os espetáculos de futebol.

Tomando como ponto de partida esse fragmento histórico relativo ao cenário das transformações sociais processadas na década de 1920, como também os novos sentidos adquiridos pelos jogos de futebol na cidade do Rio de Janeiro, o objetivo desse texto é analisar as representações produzidas pelo jornal *Critica*, um dos diários com maior tiragem do país no final da década de 1920. Nossa hipótese é que nas páginas desse jornal reproduziam-se uma série de tensões presentes na tessitura social, em especial, no campo esportivo.¹¹ Ao incorporar inovações em sua estética gráfica e discursiva, como a inclusão de fotografias, de folhetins e de entrevistas que faziam ecoar os dramas pessoais e coletivos dos jogadores de futebol, o jornal se constituiu como um ator social privilegiado que contribuiu para o debate sobre a modernização das relações de trabalho no futebol carioca. Ao contrário dos anos iniciais do século XX, quando a imprensa cumpria a função de aliada das agremiações esportivas,¹² no final da década de 1920, ao dar voz aos futebolistas, expondo para o grande público a situação de exploração do trabalho, o jornal *Critica* inaugura, em certa medida, uma nova fase da imprensa esportiva carioca. A partir de então, a despeito das polarizações ideológicas as quais muitos veículos vão reproduzir, nota-se maior autonomia das redações, o que revela, em certa medida, o desenvolvimento do campo jornalístico.

¹⁰ Falso amadorismo, amadorismo marrom ou profissionalismo marrom são terminologias que designam as relações de trabalho que passaram a coexistir no futebol brasileiro entre o final da década de 1910 e o início da década de 1930. Nesse período, os futebolistas amadores que disputavam as partidas sem nenhuma ambição financeira, passaram a ser, gradativamente, substituídos por aqueles jogadores que trocavam sua *performance* futebolística – como força de trabalho - por benefícios econômicos, situação que transfigurou completamente a dinâmica do campo futebolístico em um curto espaço de tempo. Ver, por exemplo, SANTOS. *A revolução vascaína*, p. 169-248.

¹¹ A noção de campo, formulada por Pierre Bourdieu, é uma ferramenta heurística que nos permite compreender o *modus operandi* das diversas esferas sociais. No caso específico do campo esportivo, Bourdieu infere que o esporte é uma esfera que reproduz as tensões e cisões presentes nas demais instâncias da vida social, sem perder, necessariamente, a força da sua *doxa* e a dinâmica de interação dos seus agentes. Ver BOURDIEU, *Programa para uma sociologia do esporte*.

¹² MELO. *Causa e consequência*, p. 28.

Ao longo do processo que levou à popularização do futebol, percebemos em que medida a crônica esportiva disputou espaço com outros assuntos nas redações dos periódicos. O crescimento do segmento foi tensionado por lutas no interior do campo jornalístico,¹³ um espaço estruturado, dotado de lógicas e regras particulares e autonomia relativa em relação a outros campos sociais, conforme tentaremos demonstrar adiante por meio da análise dos fragmentos biográficos do jornalista Mário Filho.

No terreno metodológico, Victor Melo sugere que, na temporalidade em questão, os jornais não se restringiam a exercer apenas uma função informativa, mas ocupavam um espaço opinativo e mediador, se constituindo em uma arena pública.¹⁴ Desse modo, tivemos o cuidado de problematizar nossas fontes de forma que elas não se tornassem ferramentas ratificadoras de hipóteses. Em grande parte do trabalho com os jornais impressos procuramos localizar, quando possível, o mesmo tema em diferentes publicações. Essa estratégia nos permite confrontar os temas e observar as dissonâncias e aproximações entre o posicionamento dos redatores com o intuito de estabelecer o afinamento crítico necessário para avaliação do objeto de pesquisa, aguçando, assim, o rigor analítico. Nessa direção, Tânia Regina de Luca alerta que a fonte jornalística, não é apenas um repositório de informações, mas um documento que, ao ser veiculado, abarca escolhas, filtros e interesses que, ao fim e ao cabo ganharam publicidade.¹⁵ Nesse sentido, a análise das representações publicadas pelos periódicos requer um exercício de contextualização histórica no período em que foram produzidas de forma que sejam mapeados conflitos, tensões e interesses de toda espécie presentes no interior do seu copo discursivo.

“O FOLICULÁRIO CATASTRÓFICO DE MÁRIO RODRIGUES”

Durante o período da República Velha, no epicentro das acirradas disputas oligárquicas, os veículos de imprensa e as bases hegemônicas do poder local

¹³ BOURDIEU. *Sobre televisão*.

¹⁴ MELO. *Causa e consequência*, p. 24.

¹⁵ LUCA. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, p. 140.

encontravam-se intimamente associadas. Como observa Nelson Werneck Sodré, uma das distin es predominantes neste contexto era a divulga o de ataques beligerantes entre opositores políticos nos jornais marcados por ofensas pessoais que chegavam a níveis de grande vulgaridade.¹⁶ Inserido nessas querelas políticas exasperadas, o pernambucano Mário Leite Rodrigues,¹⁷ destacou-se como um dos mais influentes jornalistas na oscilante política nacional. Com forma o acadêmica em Direito e eleito deputado estadual em Pernambuco, Mário Rodrigues foi fundador e proprietário do *Jornal da República*, em Recife. De temperamento impetuoso, o jornalista utilizava os editoriais do periódico como um palanque de retórica hostil permeada de ataques pessoais contra seus adversários políticos. Em termos discursivos, a linha editorial de Mário Rodrigues estava sintonizada com a cultura política da República Velha, como aponta Sodré:

A linguagem da imprensa política naquele cenário era violent ssima. Dentro de sua orienta o tipicamente pequeno burguesa, os jornais refletiam a consciência dessa camada para a qual, no fim das contas, o regime era bom, os homens do poder é que eram maus; com outros homens, o regime funcionaria   mil maravilhas, todos os problemas seriam resolvidos. Assim, todas as questões assumiam aspectos pessoais e era preciso atingir as pessoas para chegar aos fins moralizantes.¹⁸

Eram comuns as ofensivas de Mário Rodrigues contra os opositores s rem dos debates nas páginas políticas para os litígios pessoais que chegavam a temerárias tentativas de assassinato. Nesse cenário de extrema turbulência, no qual o jornalista observou o crescimento político dos seus rivais locais, foi que ocorreu a sua fuga para a Capital Federal, em 1916.

Já estabelecido no Rio de Janeiro, Mário Rodrigues ocupou o posto de redator do *Correio da Manhã*. Ganhando espaço no periódico, passou a exercer o cargo de diretor de reda o, mantendo sua habitual postura enérgica nas coberturas políticas. Durante o pleito eleitoral entre os candidatos   presidência da República, Artur Bernardes e Nilo Peçanha, Mário Rodrigues chegou a ser preso por difama o. Nem mesmo o período de confinamento diminuiria a exaspera o no tom

¹⁶ SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*, p. 324.

¹⁷ CASTRO. *O anjo pornográfico*.

¹⁸ SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*, p. 331.

oposicionista dos editoriais publicados por Rodrigues contra a chapa formada pelo mineiro Artur Bernardes e Epitácio Pessoa, originando discordâncias com Edmundo Bittencourt, proprietário do jornal *Correio da Manhã*.

Por essas indisposições, a contenda entre os jornalistas antecipou o pedido de demissão de Mário Rodrigues, que se valendo do nome já consolidado na capital Federal, investiu no lançamento de *A Manhã*, no ano de 1925. A constituição do diário rendeu a possibilidade de introduzir os filhos mais velhos na redação do periódico ao lado de colaboradores como Monteiro Lobato e Agripino Grieco.

Aos dezessete anos, Mário Rodrigues Filho, o terceiro filho da numerosa família Rodrigues, assumiu a função de gerente financeiro na empresa até passar a controlar a chefia na seção esportiva, o que segundo o biógrafo Ruy Castro suscitou no desgosto do pai que esperava um sucessor inclinado para reportagens políticas nos bastidores da Câmara dos Deputados. Ao invés do foco político, Mário Filho “resolvera assumir a página de esportes, a menos importante do jornal”.¹⁹

Ao longo de três anos quando as finanças do jornal e sua organização administrativa titubeavam, Mário Rodrigues necessitou abrir mão do controle acionista da empresa afastando-se da chefia do periódico diante de um temerário quadro de endividamento. Apenas quarenta e nove dias depois, com apoio dos filhos e de valorosos empréstimos cedidos pelo vice-presidente da República, Fernando de Melo Viana, o redator conseguiu assentar um novo jornal na praça: *Crítica*. Como o título já indicava, o matutino foi assinalado por uma linha editorial ainda mais atuante entre os jornais da época veiculados na capital federal. A primeira missão política de *Crítica* se resumiu em acompanhar a candidatura de Júlio Prestes à presidência. O “foliculário catastrófico”, como denominou Gilberto Amado, se notabilizou na imprensa carioca pelo ríspido teor crítico e denunciativo contido em suas matérias, atacando sem piedade seus adversários políticos.²⁰

Nessa conjuntura marcada pelo sensacionalismo e por virulentos ataques a adversários políticos, o jornalista Mário Filho pôs em curso nas páginas de *Crítica* as primeiras estratégias que visavam modernizar as páginas esportivas, transformando-as, em pouco tempo, nas mais lidas do periódico. Para Leda Costa, nas páginas de

¹⁹ CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 106.

²⁰ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*, p. 369.

Crítica, Mário Filho deu mais agilidade e emotividade à linguagem do jornalismo esportivo, incorporando elementos estéticos do jornalismo policial, além de dar voz direta aos jogadores por meio das entrevistas.²¹

Não por acaso, *Crítica* foi um dos jornais com maior tiragem no mercado editorial do Rio de Janeiro, entre novembro de 1928 e outubro de 1930. A explosão de vendas era um fenômeno para os padrões da imprensa da época: uma tiragem de 130 mil exemplares diários para uma cidade que possuía em torno de 1,5 milhão de habitantes e mais outros vinte jornais diários.²²

As frases “O Matutino de Maior Circulação no Brasil”, no plano superior da capa e “Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo”, abaixo do frontispício, indicavam as tendências das apreciações que caracterizavam os ataques contra os chamados “inimigos públicos” declarados, nas pautas do editor-chefe, Mário Rodrigues.²³ O jornal era diagramado em oito páginas diárias e possuía a edição especial aos domingos. As três primeiras folhas eram reservadas aos editoriais e ao noticiário político. Na sequência, a quarta e a quinta lauda destacavam os temas esportivos, com predomínio de manchetes e reportagens ligadas ao futebol, inserções das lutas de boxe, e outros eventuais acontecimentos esportivos da cidade. As últimas páginas eram destinadas ao boletim policial, marcado por extremo sensacionalismo.

A despeito da linguagem truculenta e de teor sensacionalista, não se pode colocar em xeque a qualidade e o apuro jornalístico dedicado em outras seções na redação de *Crítica*, pois o jornal possuía uma cobertura detalhada da vida cultural e contava com colaboradores renomados no campo das Letras.²⁴

Ao longo dos dois anos da veiculação de *Crítica*, Mário Filho coordenou a modernização das páginas esportivas que eram veiculadas diariamente no periódico. Com carta branca para comandar o processo de criação, apresentou um material moderno e ousado em relação aos outros diários cariocas. Ao perceber as demandas jornalísticas no período da popularização do futebol, substituiu as tradicionais terminologias de origem inglesa pelo uso da linguagem coloquial em

²¹ COSTA. *As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte*, p. 70.

²² CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 67.

²³ *Crítica*, Rio de Janeiro, 14 abril 1929, p. 1.

²⁴ Cf. OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Campeão da virulência*.c.2011. Disponível em: <https://bit.ly/3oTn84f>. Acesso em 22 set. 2019.

língua portuguesa, revelou a importância de trazer ao público os bastidores que antecediam as partidas e ainda incluiu a cobertura das excursões dos clubes brasileiros no exterior. Além disso, incorporou entrevistas realizadas com os futebolistas, cedendo a eles um importante espaço de mediação com o grande público. Com essas expressivas variantes na composição da página, os redatores de *Critica* elegeram o futebol como o carro-chefe das páginas esportivas, acompanhando os campeonatos organizados pela liga local e nacional, sem, no entanto, desprezar a cobertura de outras modalidades como o boxe, o turfe, o remo e a luta livre.

No aniversário de um ano do matutino, os próprios editores destacaram a importância e a popularidade da seção esportiva de *Critica*, exaltando-a em um dos artigos publicados na edição comemorativa:

Porque a nossa pagina de sports é o café da manhã de todos os “sportmen”. CRITICA é hoje indispensavel para aquelles que se empenham na vida da “cancha”. A nossa pagina sportiva tão nova, palpiante, emocionante, proporciona a quantos a têm um momento de alegria [...] A “caravana” detective de cem mil olhos, multiplica-se, faz milagres, arrosta perigos, para apresentar, no dia seguinte, quer nas columnas de sport ou de policia, ou ainda de política, as mais sensacionaes e empolgantes reportagens. E todos os seus esforços, a sua atividade infernal, o seu movimento vertiginoso, tem um premio inexcedivel, quando o leitor ávido, sacia a sua curiosidade nervosa, feroz [...]. Os mais legitimos e destacados representantes de foot-ball brasileiro vieram à nossa redacção [...] os grandes homens de nossa cancha fizeram varias saudações à CRITICA e ao chefe da “Caravana” sportiva, que é Mario Filho.²⁵

Além de apresentar a página esportiva como inovadora, a citação demonstra como suas temáticas articulavam com as estratégias investigativas análogas às colunas policiais e políticas. Outro destaque que chamava atenção em *Critica* era a exuberância na concepção gráfica, obra do ilustrador paraguaio Andrés Guevara.

As formulações desenvolvidas por Boris Kosoy nos levam à compreensão da validade dos registros fotográficos apresentados nas páginas de *Critica* como uma fonte complementar na elucidação do passado.²⁶ Ao serem vinculadas ao processo de modernização gráfica do periódico, as imagens editadas em *Critica* ofereciam, em

²⁵ *Critica*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1929.

²⁶ KOSOY. *Fotografia e história*, p. 32.

perspectiva, detalhes do cotidiano dos atletas, cenas de entrevistas com a participação do redator-chefe e ações no campo de jogo. As fotografias publicadas na seção esportiva, e, em alguns exemplares, no primeiro plano da capa do periódico, realçavam a interação visual dos bastidores do noticiário esportivo com os leitores.



Fig. 1 - Exemplo das inovações na estrutura gráfica promovidas em *Crítica*.
Fonte: *Crítica*, 16 nov. 929, p. 1.



Fig. 2 - Cenas cotidianas de um jogador e a presença do entrevistador (Mário Filho, de branco à esquerda). Fonte: *Crítica*, 7 set. 1929, p. 4.

Entre as principais inovações incorporadas ao projeto gráfico e discursivo de Mário Filho, destacam-se a introdução da voz ativa dos futebolistas no espaço do debate esportivo. Por meio das entrevistas elaboradas pelo cronista, os leitores poderiam conhecer, por meio de abordagens do cotidiano, o perfil dos futebolistas cariocas através dos flagrantes da vida privada. Essa estratégia visava aproximar o público leitor da vida privada dos jogadores, o que poderia, simultaneamente, contribuir para elevar os níveis da idolatria, além de conferir centralidade à figura do jogador de futebol.

Como é perceptível ao longo da análise dos exemplares de *Crítica*, a exploração das técnicas empregadas nas páginas policiais do jornal, aliada aos “furos” de reportagem, entrevistas exclusivas e flagrantes fotográficos dos jogadores, constituíam-se em aspectos centrais nas temáticas da inovadora cobertura elaborada pelo periódico. Foi justamente a junção desses elementos que rendeu sucesso ao matutino e a consequente projeção do seu redator no campo jornalístico carioca. Logo após a boa repercussão do seu trabalho em *Crítica*, Mario filho foi convidado a assumir a coordenação do caderno esportivo do jornal *O Globo*.

“MEMÓRIAS DE UM JOGADOR DE FOOT-BALL” E O “MARECHAL DA VITÓRIA”

Em abril de 1929, *Crítica* reproduziu, ao longo de quinze edições, no formato de folhetim, uma série intitulada “Memórias de um Jogador de *Foot-ball*” ou “As Aventuras de um profissional clandestino”. Tratava-se de um conjunto de narrativas ficcionais nas quais era dramatizada a tensa relação entre jogadores e clubes, que buscavam descrever os bastidores do período do falso amadorismo no futebol carioca. O folhetim era apresentado como um romance de “episódios interessantíssimos, onde são postos a descoberta todos os episódios vividos nos bastidores do sport, que, muitas vezes, nem mesmo as vozes dos cafés, que tudo sabe, que tudo informa tomou conhecimento. São páginas passadas de ironia, de sentimentos, de tudo em suma”.²⁷

²⁷ *Crítica*, Rio de Janeiro, 13 abril de 1929, p. 5.

Segundo o jornal, os fragmentos teriam sido escritos especialmente para *Crítica*, por D. Antonio I, “ex-rei da bola”, um personagem que teria experimentado o sucesso e a decadência durante onze anos dedicados ao esporte. D. Antonio representava o papel do “profissional clandestino”. Apesar de nenhum autor assinar a obra, é possível especular que os nomes dos jogadores, clubes e dirigentes, eram criações de Mário Filho, que tinham como referência as experiências dos falsos amadores do futebol brasileiro. Em tom irônico e crítico, o cronista compunha o cenário narrando as memórias de um ex-jogador que chegou a ser “Imperador da pelota” e terminou ocupando a vaga de roupeiro do time. Circunstâncias que, possivelmente, representariam o *tipo ideal* dos jogadores amadores cariocas.

Em nossa pesquisa, encontramos o último tópico do romance indicando uma continuação, mas infelizmente, “Memórias de um Jogador de *Foot-ball*” foi subitamente cancelado sem nenhuma justificativa dos editores de *Crítica*. Apesar do repentino encerramento, a criação de Mário Filho foi inovadora ao descrever, em linguagem literária, as condições de trabalho a que eram submetidos os falsos amadores no futebol carioca. D. Antonio I era a personificação dos ídolos efêmeros no esporte. Um centroavante que experimentou a adulação nos bons tempos e o abandono no final da carreira, sendo relegado à condição de roupeiro no clube ao qual foi protagonista e vivenciou tantas glórias. Em seu exercício de rememoração, o jogador relatava que o futebol era a única atividade que importava em sua vida: havia deixado todas as suas atividades, inclusive os estudos para se dedicar ao esporte. Bastava dedicar-se à agremiação e por ela seria alimentado, receberia roupas, os mais caros charutos, além de frequentar as melhores festas que a fama decorrente da atividade futebolística poderia proporcionar.

A narrativa minuciosa aborda a troca de equipes protagonizada pelo personagem do folhetim. Ele deixara um modesto clube do subúrbio para jogar em uma equipe aristocrática da zona sul da cidade. Como moeda de troca à exploração do *capital futebolístico* dos jogadores, os dirigentes ofereciam empregos em suas empresas, órgãos públicos e outras vantagens, além do *glamour* das festas e cerimônias promovidas da elite carioca: “Offereço-lhe maiores vantagens. Tenho

para o senhor um emprego de quinhentos bagos e otras cositas más [...]”.²⁸ Embora a maior parte das promessas não fosse cumprida, as ofertas sempre seduziam os melhores jogadores que se sujeitavam ao modelo de “leilão” adotado entre os gestores dos clubes. Não por acaso, os mesmos dirigentes defendiam o estatuto da AMEA, cujos princípios preservavam as relações amadoras no futebol carioca. Essa passagem é, em boa medida, reveladora dos bastidores das transferências de futebolistas nos tempos do falso amadorismo.

Em outro fragmento, extraído da fala do protagonista D. Antônio I, é possível notar sua consciência em relação à exploração a que era submetido: “como póde um club manter um luxo destes? É o jogador que chama a multidão... e a multidão que vem às canchas traz o dinheiro”.²⁹

A conclusão apresentada pelo protagonista representava um dos principais argumentos levantados pelos futebolistas contra a prática do falso amadorismo. Os arranjos de bastidores que submetiam os atletas aos “bichos” e outras premiações, encobriam o *modus operandi* financeiro dos clubes de futebol, no qual os dirigentes e as associações dividiam entre si a maior parte dos lucros angariados com a bilheteria dos jogos. Ao ganhar centralidade no corpo discursivo do folhetim, essa questão é reverberada ao público leitor do jornal como uma denúncia da exploração do trabalho dos jogadores. Assim, o romance de Mário Filho, veiculado nas páginas de *Crítica*, pode ser interpretado como uma ferramenta inovadora de contestação e de denúncia das relações de trabalho na crônica esportiva.

Além dos “romances políticos”, outra estratégia de contestação ao mandonismo dos dirigentes, colocada em curso nas páginas *Crítica*, consistiu na veiculação das narrativas biográficas dos futebolistas. Fosse por meio das entrevistas ou reportagens, a os discursos se concentravam em desnudar os dramas, as perseguições e a miséria vivenciada pelos jogadores cariocas, a exemplo do atacante Floriano Peixoto.

Considerado entre a imprensa carioca e paulista, o melhor *center-half* do país na década de 1920,³⁰ Floriano Peixoto Corrêa foi um jogador que experimentou

²⁸ *Crítica*, Rio de Janeiro, 24 abril 1928, p. 5.

²⁹ *Crítica*, Rio de Janeiro 24 abril 1928, p. 5.

³⁰ Cf. *A Gazeta*, São Paulo 20 jan. 1926; *Crítica*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1929; *Diário Carioca*, Rio de Janeiro 5 ago. 1939.

conquistas e frustrações no futebol brasileiro em sua fase amadora. Em sua vitoriosa carreira destacam-se os títulos de campeão da cidade do Rio Grande do Sul, atuando pelo Grêmio, campeão carioca pelo Fluminense e América-RJ, capitão da seleção carioca que conquistou os títulos brasileiros de 1925, 1927 e 1928, além da participação na seleção brasileira que disputou o Campeonato Sul-Americano no mesmo ano. Embora tivesse grande reconhecimento na imprensa, o desgaste das suas relações com os dirigentes o levou a constante de troca de clubes, situação pouco comum para os padrões da época.

Durante os preparativos para a primeira edição da Copa do Mundo, disputada no Uruguai, os redatores esportivos tentavam conjecturar quais seriam os nomes que representariam o Brasil na lista final do mundial. Mantendo habitual ligação com os jogadores, *Critica* buscou ouvir a opinião de alguns deles. De acordo com o atacante Nilo, do Botafogo, “Floriano era o maior centro-médio brasileiro e, na sua opinião, ninguém como Flori em tão belas condições para ocupar a posição de “pivot” do nosso scratch máximo”.³¹ Nilo seria convocado para o Mundial, enquanto o *center-half* Floriano Peixoto acabou fora da lista dos convocados para a competição.

De acordo com opinião de inúmeros leitores, publicadas pelo jornal *Critica*,³² Floriano Peixoto figurava entre os nomes na lista final dos 22 jogadores que atuavam no Rio de Janeiro e que disputariam a Copa do Mundo de 1930. A convocação de Floriano e Fausto do Vasco da Gama, os últimos campeões cariocas na posição de “center-half”, era dada como certa no meio futebolístico.

No caso do corte de Floriano Peixoto, segundo *Critica*, a *performance* técnica do jogador foi menosprezada em detrimento das suas querelas com os dirigentes, que culminou no parecer desfavorável da sua convocação, emitido pelo presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Renato Pacheco. Dessa forma, o “Marechal da Vitória”, como era conhecido entre os torcedores, foi o primeiro futebolista brasileiro afastado de uma Copa do Mundo em razão da arbitrariedade da cartolagem carioca. A “desconvocação” de Floriano assumiu tom de denúncia na matéria veiculada por *Critica*:

³¹ *Critica*, Rio de Janeiro, 10 maio 1930, p.4.

³² *Critica*, Rio de Janeiro, 16 maio 1930, p.5.

A Confederação esquecendo-se de Floriano, inutilizando-o, faz com que duvidemos de seu critério na organização do scratch do paiz [...] Todos nós somos unanimes em considera-lo, senão melhor, pelo menos um dos melhores jogadores da cidade, na sua posição. Eis porque, se justifica o espanto do público, deante do esquecimento a que Flori foi condenado pela Confederação. Deante de um facto desses, tão gritante, CRITICA, tratou de fazer investigações, afim de arranjar elementos com que desvendar os mysterios do assumpto. Hoje, mercê das pesquisas a que alludimos, estamos autorizados a falar sobre o caso. Segundo apuramos de informações idoneas, não há, no facto, outra coisa que não seja uma questão de character particular entre Floriano e ao actual presidente da Confederação, questão essa levantada desde o campeonato Sul-americano de 1925, cujo thentro foi a cancha argentina. Não vamos, aqui fazer, o histórico dos factos de que resultou a desintelligencia entre os dois. Vamos, simplesmente, apresentar à opinião pública o caso em seu aspecto principal, único aspecto que interessa, de facto, à nós outros. E em qualquer hypothese não se explica que a Confederação tenha esquecido Floriano e feito o “boycott” de seu jogo. Procedendo assim, ella só tinha, à sua frente, uma porta que lhe facilitasse uma saída decorosa: e era alegar que Floriano não estava em condições de participar, não só do “scratch” máximo, como do “scratch” da cidade. Mas, essa saída gentil, foi vedada a Confederação, de modo, que, agora ella está desamparada, sem elementos de defesa [...] É simplesmente, cômico! O mais interessante disto tudo, é que estamos quasi dentro do campeonato do mundo. Emquanto os outros paizes convocam todas as forças do seu foot-ball elementos novos e extraordinários, são postos de lado, porque o presidente da Confederação reserva-se ao direito de eliminar de simples ensaios preparatórios, as victimas de suas iras Jupiter! Assim sendo, não se trata de mandar para o campeonato de Montevideo, energias capazes, elementos eficientes. Trata-se de mandar, para lá, os conhecidos, parentes e amigos e vizinhos do Sr. Renato Pacheco.³³

Em linhas gerais, percebemos que a intenção da matéria, ao confrontar as virtudes técnicas do jogador com a decisão arbitrária dos dirigentes, evidenciava que o seu corte da lista dos selecionados era resultante do conflito de interesses entre o atleta e o presidente da federação, após a disputa do Sul-Americano de 1925, na Argentina.

Futebolista dotado de capacidade intelectual destacada entre seus pares, Floriano Peixoto já havia exposto em *Critica*³⁴ o quadro da precariedade do amadorismo brasileiro em comparação com o profissionalismo praticado na Argentina. Em março de 1928, ao defender a equipe do *America Football Club*, em uma excursão internacional no país vizinho, Floriano percebeu as diferenças das relações de trabalho

³³ *Critica*, Rio de Janeiro, 17 maio 1930, p. 5.

³⁴ *Critica*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1928, p. 4.

entre os futebolistas brasileiro e argentino. Nessa oportunidade, a seção esportiva do jornal publicou uma declaração do jogador descrevendo as vantagens que os atletas argentinos possuíam após a implantação do regime profissional naquele país. Em sua análise, o pagamento de salários aos futebolistas era uma forma de estimular o aprimoramento técnico e físico, já que eles poderiam se dedicar mais tempo aos treinamentos. De acordo com o relato de Floriano, os métodos profissionais da Associação Argentina estavam distantes da atual CBD, onde imperavam relações amadoristas recheadas de expedientes do mandonismo cartolesco.

O JORNAL *CRÍTICA* E A LEI DOS QUATRO ANOS

Em 1925, com a criação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), uma norma estatutária redigida pela associação pretendia conter as constantes trocas entre os amadores nos elencos dos clubes. Na nova disposição, determinava-se que os jogadores deveriam, obrigatoriamente, cumprir o tempo de dois anos de contrato na mesma agremiação. No final do ano de 1927, a entidade tomou uma medida ainda mais rígida ao votar “lei de inscrição por quatro anos”. Com esse novo dispositivo, os atletas permaneceriam inscritos no mesmo clube até 1930, com a opção de renovar o contrato por mais quatro anos após o fim desse período.

Tal critério, criado pela entidade por imposição dos dirigentes do Fluminense, teve como objetivo conter o “mal assustador dos vãos dos amadores”,³⁵ ou seja, a regra almejava reprimir as crescentes transições típicas do vindouro modelo profissional no futebol, negando aos jogadores a possibilidade de trocar de clube após receberem propostas mais atraentes de outros.

A publicação do dispositivo gerou um caloroso debate na imprensa carioca: publicaram-se diversos posicionamentos favoráveis e contrários às cláusulas da nova medida.³⁶ Em *Crítica*, Mário Filho liderou, no final de 1929, a articulação que pretendia promover a defesa dos interesses dos futebolistas, veiculando suas reivindicações e protestos contra a lei dos quatro anos:

³⁵ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1929, p. 8.

³⁶ Os jornais *O Paiz*, *A Manhã*, *O Jornal*, *A Noite* e *Crítica* posicionaram-se contrários à medida, enquanto *O Imparcial* entendeu que a medida poderia aperfeiçoar a organização dos campeonatos.

Oswaldo de Mello, Gloria do Nosso Foot-Ball, Ergue Seu Protesto de Amador Contra a Lei de Quatro Anos”, o ídolo do América faria suas primeiras objeções contra a organização do futebol.

A lei de quatro anos reflecte bem a época em que vive o nosso football. E para que surja uma nova era para o esporte carioca, é necessário antes de mais nada, que caia essa lei, feita para profissionaes. CRITICA abre, a começar de hoje, uma campanha desabalada para que cesse esta bandalheira. Seria muito mais decente o profissionalismo escancarado, do que esse contracto vergonhoso que os clubs fazer com seus jogadores, acorbertados por uma lei de uma Associação de amadores! A lei de quatro anos é uma mancha negra para o nosso football. Creada para os profissionaes vem ferir em cheio os amadores dignos desse nome. A primeira pessoa que falou à CRITICA, pretextando contra essa bandalheira, foi Oswaldinho, o “Principe”, um dos maiores jogadores brasileiros, amador na mais alta acepção da palavra, nome que por si só, representa uma legítima glória para o nosso football. – Sim – começou Oswaldo – a lei de quatro anos é uma lei creada para profissionaes. É uma garantia que os clubs encontram para os elementos que pagam ou a quem beneficia desta ou daquela maneira. Faça-se, então, o profissionalismo escancarado, mas não se nivele os amadores como os profissionaes. Essa lei tem que cair, porém, para que ella caia, é necessário que os amadores dignos desse nome formem uma barreira intransponível para livrar o nosso football dessa sujeira (...).³⁷

A despeito da entonação laudatória que credenciava os preceitos do amadorismo, a necessidade de debater o “profissionalismo escancarado”, apresentava-se como única solução para a organização do futebol recuperar seus valores éticos diante da decadência do regime. No bojo desses acontecimentos, ao endossar uma representação dos futebolistas na AMEA, com o objetivo de anular a *Lei dos Quatro Anos*, Mário Filho e o jornal *Critica*, demarcavam sua parceria com os jogadores, figurando-se explicitamente como agentes atuantes nas relações de poder que permeavam o campo futebolístico na esfera pública.

É possível que a campanha, lançada nas páginas de *Critica*, tenha influenciado na organização de um abaixo-assinado pelos atletas, divulgado nos periódicos como um movimento “de grande número de players, pedindo os bons officios do presidente da Amea, no sentido de conseguir a revogação da famosa lei”.³⁸ Não por acaso, a anulação da *Lei dos Quatro Anos* ocorreu em março de 1931.

³⁷ *Critica*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1929, p. 5.

³⁸ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1930, p. 8.

Em perspectiva, podemos avaliar que o movimento encabeçado pelo periódico legitimou a representatividade dos jogadores na esfera pública ao confrontar os desmandos dos cartolas materializados pela AMEA. Assim, a derrubada da *Lei dos Quatro* anos, parece-nos um forte indício da influência da atuação do periódico e do próprio Mário Filho no campo futebolístico carioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não seja o objetivo deste trabalho formular uma explicação para o processo de profissionalização do futebol carioca, desenrolado no início da década de 1930, o conjunto de análises apresentadas sobre o jornal *Critica*, desconstrói, em certa medida, a tese de que tal processo teria sido conduzido apenas pelos próprios dirigentes dos clubes de futebol.³⁹

Procuramos demonstrar que, entre os anos de 1928 e 1930, período ilustrado pela frenética popularização do futebol carioca e pelas disputas políticas entre os seus dirigentes, as páginas do jornal *Critica* edificaram uma sólida relação de aproximação entre os futebolistas e os torcedores. O preço popular e a linguagem acessível do periódico possibilitavam aos leitores acessar um meio de informação, cujos princípios ideológicos refutavam os pilares da organização política do futebol carioca naquela época. Ao esmiuçar os bastidores das transações entre os clubes e dar voz aos futebolistas, o jornal contribuiu para promover a ascensão simbólica deles: de meros coadjuvantes no noticiário esportivo, os jogadores se transformaram em verdadeiros protagonistas, ganhando projeção na esfera pública, na medida em que seus dramas pessoais revelavam o cenário de exploração e submissão a que eram submetidos. Ao humanizá-los, Mário Filho, por meio das páginas do jornal *Critica*, desnudou as engrenagens de um sistema de exploração do trabalho que era, até então, invisibilizado pela efemeridade das conquistas e pelo *glamour* das festas e solenidades que cercavam o universo do futebol carioca.

O enfoque no período em que Mário Filho esteve à frente da seção de esportes do jornal *Critica*, deve-se, portanto, ao interesse do jornalista em investigar os

³⁹ CALDAS. O pontapé inicial.

bastidores do futebol e revelar o cotidiano dos jogadores, buscando transformá-los em protagonistas no processo que levou à profissionalização do futebol carioca nos anos seguintes.

Após a crise administrativa ocorrida no periódico da família, Mário Filho percorreu as redações de vários jornais cariocas até receber o convite do amigo Roberto Marinho para assumir a coordenação do caderno de esportes do jornal *O Globo*, em maio de 1931. A experiência bem-sucedida na redação de *Critica* permitiu ao jornalista dar continuidade e aperfeiçoar seu novo modelo estético de apresentar os fatos esportivos, que havia sido abruptamente interrompido.

Entre os anos de 1931 e 1932, Mario Filho prosseguiu com sua missão de dar voz aos jogadores por meio de uma série de reportagens no *Globo Sportivo*, no qual levava ao público do jornal o contato com argumentos favoráveis e contrários à transição do amadorismo para o profissionalismo em curso no futebol brasileiro. Com efeito, o jornalista aprimorou o trabalho de instrumentalização das entrevistas, ampliando as possibilidades de visualizar as várias dimensões da vida dos futebolistas, com enfoque nas mazelas que cercavam suas relações de trabalho.

* * *

REFERÊNCIAS

A Gazeta, São Paulo, 20 jan. 1926.

A Imprensa, Rio de Janeiro, 2 maio 1908.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COUTO, André Alexandre Guimaraes. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 202 p. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Formação de Professores, UERJ, 2011.

COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). Arquivo Público do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, **Revista do Arquivo Público do Rio de Janeiro**, n. 13, p. 509-521, 2017.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jan. 1923.

Critica, Rio de Janeiro, 1927-1930 [Seleção].

Diário Carioca, Rio de Janeiro, 1929-1930 [Seleção].

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 mar. 1907.

KOSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003.

LEVY, Maria Bárbara. **A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor de Andrade (Orgs.) **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva do Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Campeão da virulência. c.2011. Disponível em: <https://bit.ly/3fjSLke>. Acesso em: 28 set. 2019.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida cotidiana. In: FAUSTO, Boris (Org.) **O Brasil Republicano**, tomo III: Sociedades e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 7-37. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 490f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

* * *

Recebido para publicação em: 18 dez. 2020.
Aprovado em: 25 maio 2021.

Identities and identifications in the memories of ex-árbitros de futebol de Minas Gerais

Identities and Identifications in the Memories of Former Football Referees from Minas Gerais

Gabriel Farias Alves Correia

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em Administração, UFMG
correiaagfa@gmail.com

Fernanda Rocha da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Administração, UFMG

Alexandre de Pádua Carrieri

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Administração, UFMG

RESUMO: O objetivo deste artigo é compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identidades e identificações com essa função a partir das memórias de ex-árbitros que foram vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). Para tanto, buscamos suporte teórico nas discussões sobre identidades, compreendendo-as como fluídas e dinâmicas; e na literatura sobre memórias, discutindo sua construção para atender aos interesses do tempo presente. Utilizando as convergências entre as metodologias histórica e qualitativa, realizamos 21 entrevistas narrativas semiestruturadas com ex-árbitros de futebol de Minas Gerais, complementadas por análises documentais e anotações de caderno de campo. Os dados, analisados a partir da perspectiva de análise de narrativas, sugerem que as identidades dos ex-árbitros de futebol sofrem influências das condições sociais das quais eles foram inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; Identificações; Arbitragem de futebol; Memórias.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to understand what it means to be a football referee and how the identities and identifications with this built function from the memories of former referees who were linked to the Federação Mineira de Futebol (FMF). For this, we seek theoretical support in discussions about identities, understanding them as fluid and dynamic; and in the literature on memories, discussing its construction to meet the interests of the present time. Using the convergences between historical and qualitative methodologies, we conducted 21 semi-structured narrative interviews with former football referees from Minas Gerais, complemented by documentary analyzes and field notebook notes. The data, analyzed from the perspective of narrative analysis, suggest that the identities of former football referees are influenced by the social conditions of which they were inserted.

KEYWORDS: Identities; Identifications; Football Referee; Memories.

ÁRBITROS INICIAIS

O objetivo deste artigo é compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identidades e identificações com a atividade por meio das memórias de ex-árbitros que foram vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). O trabalho é fruto de um projeto de pesquisa maior que deu origem a uma dissertação de mestrado que buscou apreender as histórias e memórias de árbitros já jubilados da federação estadual.¹

Ao realçarmos o estudo de histórias ordinárias, deslegitimadas pelos estudos convencionais, recorreremos à concepção da memória. Ela nos permite o acesso às experiências dos sujeitos e o destaque de conhecimentos populares com pouco ou nenhum registro, distintos de saberes disseminados como verdadeiros e únicos.² A história ordenada e que procura estabelecer fontes mais “confiáveis”, como documentos oficiais e grandes narrativas, se recolhe aqui ao segundo plano para que a percepção e os sentimentos individuais conexos aos acontecimentos sejam protagonistas por meio da memória oral. Por isso, destacamos que o artigo que propomos se engaja nos ritmos das narrativas memorialísticas nas quais o tempo não delinea e sequencia os acontecimentos. Os ritmos seguidos são os das próprias memórias e das lembranças do passado que sofrem interferências do tempo presente.

A proposta se torna relevante ao ampliarmos os estudos históricos do futebol, reconhecendo a existência de múltiplas significações dentro do esporte.³ Ao considerarmos as fontes orais como passíveis de transmitir conhecimento, destacamos as narrações e as versões dos fatos de sujeitos silenciados, mas que resistem às tentativas de apagamento histórico e de homogeneização da realidade. São os movimentos do pequeno e do popular, vinculados à uma literatura menor⁴

¹ A dissertação *Uma grande solidão em meio à multidão: histórias e memórias da arbitragem de futebol de Minas Gerais* foi vencedora do “II Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor” promovido pela Secretária Especial do Esporte do Ministério da Cidadania na categoria “Aspectos socioculturais do futebol e suas derivações”.

² BOSI. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, p. 52. BOM MEIHY; HOLANDA, *História oral: como fazer, como pensar*, p. 26.

³ BARROS; CARRIERI. *O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração*, p. 154.

⁴ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 25.

em que os sujeitos reivindicam funcionamentos díspares das hierarquias de saber e de poder estabelecidas.⁵

A partir da interação das experiências do passado, sejam elas individuais ou coletivas, discutimos as conexões entre memórias e as identidades dos ex-árbitros mineiros. As identidades como processos dinâmicos e fluidos, expressam sentidos e significados partilhados pelos e entre os sujeitos,⁶ influenciadas pelo tempo histórico e pelo campo social nas quais se desenvolvem.⁷

Em termos metodológicos, trabalhamos com as convergências das abordagens histórica e qualitativa.⁸ Para discutirmos as identidades presentes nas memórias dos sujeitos, recorreremos às narrativas orais tendo em vista que elas possibilitam a compreensão de uma temática central em que o narrador disserta sobre o assunto.⁹ Realizamos 21 entrevistas narrativas semiestruturadas com ex-árbitros mineiros, triangulando os dados com documentos e com nossas anotações de caderno de campo. Para análise dos dados, utilizamos as contribuições da análise de narrativas.

Este artigo ainda está dividido em seis tópicos, a contar esta introdução. No segundo discutimos as diretrizes teóricas sobre as identidades e, sem seguida, elaboramos os suportes relacionados às memórias. Desenvolvemos no quarto tópico nosso percurso metodológico para, logo após, apresentarmos as análises dos dados. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

CAMPO TEÓRICO: AS IDENTIDADES

Em princípio, se faz necessário registrar e assumir o nosso ponto de partida nesta seção, no que se refere à discussão sobre a natureza da identidade. Em rodadas anteriores, muito se discutiu sobre isso, se a identidade seria de caráter essencialista, fixa e imutável, ou se ela seria resultado dos processos sociais e

⁵ CERTEAU. *A invenção do cotidiano 1*, p. 97.

⁶ WOODWARD. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, p. 10.

⁷ CORREIA; PEREIRA; CARRIERI. “Ser um ambulante é necessidade que nós temos de trabalhar”: cotidiano e identificação de trabalhadores pipoqueiros de Belo Horizonte, p. 173.

⁸ YATES. *Understanding Historical Methods in Organization Studies*, p. 276.

⁹ BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 30.

culturais e, portanto, dinâmica e influenciável, um vir a ser constante¹⁰ debate no qual não entraremos aqui neste texto. Mas, cientes deste percurso, optamos por assumir, desde já, um posicionamento teórico sobre a natureza e desenvolvimento da identidade, de ela não ser considerada essencialista, mas fruto de um processo histórico, social e cultural. Isto é, trabalhar a identidade e seus conceitos é considerado um permanente desafio tendo em vista a diversidade de aspectos desenvolvidos,¹¹ destacados por autores clássicos como a ideia de metamorfose,¹² o resultado de um processo de socialização,¹³ a invenção a partir de uma crise de pertencimento¹⁴ e as identidades culturais ligadas aos pertencimentos às diversas culturas.¹⁵

Nessa esteira, consideramos que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.¹⁶ Dessa maneira, podemos compreender as identidades como aquelas que sofrem influências do contexto social e da época histórica na qual um sujeito está vinculado.¹⁷ As identidades se constituem enquanto processos dinâmicos, abertos às influências e às relações, ao fora do sujeito individualizado, podendo ser modificadas e se transformarem ao longo do tempo, uma vez que os sujeitos estão sempre em relação “a” e em relação “com”, imerso nas estruturas sociais.

Seguindo essa perspectiva, duas características se tornam relevantes, o pertencer¹⁸ e a diferença.¹⁹ O pertencimento é resultado do processo de identificação, que pode ser múltiplo, a fim de que o sujeito faça parte de uma categoria ao mesmo tempo que não participaria de outra, seja ela relacionada a

¹⁰ WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 14. HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 10.

¹¹ FARIA; SOUZA. *Sobre o conceito de identidade*, p. 37.

¹² CIAMPA. *A estória do Severino e a história da Severina*, p. 15.

¹³ DUBAR. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*, p. 49.

¹⁴ BAUMAN. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, p. 53.

¹⁵ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.10.

¹⁶ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.11.

¹⁷ VAN VUUREN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER. *Shared fate and social comparison*, p. 274. AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257.

¹⁸ BAUMAN. *Identidade*, p. 54.

¹⁹ WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 19.

cultura, a classe ou a raça, de modo que ele possa reivindicar a sua identificação com essa categoria. E a identidade nacional é um grande exemplo de um pertencimento coletivo, indicando a localização daquele sujeito no tempo e no espaço. Já a diferença, marca os limites da identidade, as fronteiras entre o eu e o outro.²⁰ É o diferente, o fora do sujeito que o demarca, determinando os contornos de sua identidade. Sendo assim, identidade e alteridade deveriam caminhar juntas, em uma relação imbricada como determinantes.

A existência dessas duas características pode levar a produção de identidades fragmentadas, as quais podem interagir ou divergir entre si²¹ formando um quebra-cabeça identitário, cujas peças advêm dos variados processos de identificações, estabelecidos pelo sujeito. E montar esse quebra-cabeça das identidades seria atribuição “de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão”,²² neste caso, com os fragmentos identitários. Fragmentos, peças, que podem ser substituídos a qualquer instante, seguindo a dinamicidade das identificações, e, portanto, formando outras identidades. Soma-se a isso, também, outros dois elementos da identidade: o simbólico e a representação. É por meio do simbólico que definimos os sentidos e significados das práticas sociais, marcando as semelhanças e as diferenças, o que, por sua vez, influencia nos processos de inclusão e exclusão sociais.²³ E os significados são comuns, resultado do pertencer a uma mesma categoria, e que são partilhados por determinado grupo de pessoas, como ocorre na identidade nacional, por exemplo. Esses processos de socialização impactam nas construções das identidades em uma dinâmica que envolve a integração e as percepções múltiplas de realidade que são compartilhadas²⁴ entre os sujeitos.

A representação é mais ampla, pois abarca tanto os elementos simbólicos, quanto os seus significados, sendo ela “compreendida como um processo cultural, [que] estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que

²⁰ MENEZES. *Identidade e processos de identificação*, p. 69.

²¹ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

²² BAUMAN. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, p. 55.

²³ WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 16.

²⁴ MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 83.

eu poderia ser? Quem eu quero ser?”.²⁵ Desse modo, a identidade, como construção social, determina a posição social ocupada pelo sujeito, se estaria inculcado em processos de exclusão ou de inclusão. Tendo em vista que é na identidade marcada pela diferença que são criadas classificações que buscam delimitar as diferenças sociais e simbólicas dos indivíduos no que diz respeito às relações sociais. Assim, “a partir dessa construção do social e do simbólico, indivíduos que compartilham de características idênticas formam grupos, aceitando-se entre si como semelhantes e negando os diferentes: monta-se assim processos de significação”.²⁶

Além disso, as identidades são expressas no cotidiano, quando os sujeitos manifestam suas ações e discursos, em um processo de criação e recriação contínuo. É nesse sentido que “os processos identitários são resultados de uma produção discursiva e simbólica. Assim, por intermédio da identificação e da diferenciação (não identificação) nas relações sociais, pode-se criar e estabelecer esses processos”.²⁷ E essa produção discursiva da identidade nos remete ao tempo histórico no qual ela se desenvolve, uma vez que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”,²⁸ de maneira que a identidade exprime traços de época, características datadas, que podem ou não se transformar com o transcorrer dos dias, devido à dinamicidade que é própria dos processos de identificação.

Sendo assim, é a partir dessa característica que podemos afirmar, desde as análises narrativas das entrevistas com o ex-árbitros de futebol, que o processo de identificação deles, quanto a identidade “árbitro de futebol”, continua sendo representativa, no tempo presente, para eles. Apesar de não mais exercerem a respectiva função, como veremos, os ex-árbitros continuam tendo elevado apreço ao uniforme e ao ofício exercido outrora, fazendo deles significantes atuais, a demonstrar que essa identidade ainda é exercida por eles, dada a característica presente de pertencimento à classe arbitral. Porém, isso não significa que o sentido de ser árbitro de futebol não se transformou com o passar do tempo, ao contrário,

²⁵ WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 18.

²⁶ FERREIRA; LEÃO; PAIVA JÚNIOR. *Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife*, p. 89.

²⁷ MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 81.

²⁸ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

devido ao processo dinâmico da formação identitária, o ser árbitro continua sendo um vir a ser para os entrevistados, mas, agora, com o condicionante “ex” na delimitação desta identificação vivenciada pelos personagens da pesquisa, pois eles ainda não dependuraram o uniforme ou aposentaram o apito.

MEMÓRIAS

Os caminhos abertos para estudo histórico no século XX se devem ao aprofundamento das discussões das relações entre passado e presente e o distanciamento da ideia que considerava o passado inerte, impossível de ser reinterpretado em função do presente.²⁹ Nesse sentido, a expansão dos estudos das memórias bem como suas relações com a história possibilitaram uma nova reflexão sobre o passado. Nas considerações de Ecléa Bosi surge a necessidade de se duvidar da conservação do passado sem uma reflexão sobre a influência do presente, dos materiais que estão disponíveis no agora e das representações que ocorrem nesse tempo. O próprio ato de recordar já retira a possibilidade de uma essência dos acontecimentos passados, cabendo a realização das diferenças que os pontos de vista possibilitam.³⁰

As memórias são tratadas como cimento da vida, sendo simultaneamente habilidades naturais e construções sociais, em atividade, em movimento, atuantes em uma espécie de trabalho que dá sentido ao passado, considerado pelo autor como trabalho morto, mas que “compõe o palco da vida”.³¹ As memórias, para o mesmo autor, sejam elas individuais ou coletivas, não são simples repositórios passivos de fatos, mas se caracterizam como produtos culturais imensuráveis. Essa mesma posição é reforçada nas propriedades construtivas e reconstrutivas de significações que são as memórias, distanciando das compreensões que as colocam inertes, reforçando as ocorrências no tempo presente sobre questões do passado.³²

²⁹ FERREIRA. *História, tempo presente e história oral*, p. 329.

³⁰ BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 55.

³¹ GUARINELLO. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*, p. 17.

³² JOAQUIM; CARRIERI. *Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão*, p. 311.

Os elementos das memórias vão além das ideias de projeção e transferência para chegar à organização das memórias como fenômeno seletivo, já que nem tudo se interessa manter nas memórias.³³ E esse fenômeno deve estar conjugado com a forma e o momento em que se opta por lembrar. Em complemento, o ato de recordar realizado em determinada época possui diferentes objetivos do que se fosse realizado em um tempo anterior, e é por isso que é possível afirmar que as memórias são flutuantes, articuladas e expressas de diferentes formas e em diferentes momentos. A preocupação do presente interfere na estruturação das memórias, já que a reinterpretação das próprias lembranças faz parte do processo. Refletimos ainda sobre o emaranhado de possibilidades que as memórias dispõem, compreendendo que o que é lembrado não será nunca o todo, e mesmo que se tente voltar ao rememorado, a recordação não será igual.³⁴

Se o pensamento voltado ao tecnicismo tenta nos convencer que a nostalgia é um sentimento inútil, um “trabalho improdutivo”, as memórias, diferente disso, buscam resgatar o que faz parte da humanidade do homem.³⁵ É por isso que a autora é enfática ao destacar que os compassos temporais foram sendo subjugados por uma sociedade industrial que, a seu ritmo, alterou as horas de vida, mais racionais, que possibilitam a manutenção de um sistema que exige sempre mais. Esse processo, exclui da vivência o tempo da amizade, do familiar, da experiência, dos sentimentos, do coletivo e da nostalgia.

Por fim, as memórias desempenham autonomia de escolher acontecimentos no espaço e no próprio tempo. Isso não ocorre de maneira arbitrária, mas sim por relacionamento de índices comuns, em configurações que se tornam ainda mais intensas quando se recebe a influência de um significado coletivo. Dessarte, “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”.³⁶ As memórias que envolvem as identidades não atuam sobre um passado estático, pleno e imutável. Pelo contrário, trabalham com um passado que, vindo à tona no tempo presente, atende aos interesses desse

³³ POLLAK. *Memória e Identidade Social*, p. 210.

³⁴ BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 56.

³⁵ BOSI. *O tempo vivo da memória*, p. 53.

³⁶ BOSI. *O tempo vivo da memória*, p. 36.

próprio tempo. E esse passado não será nunca igual. O que é rememorado hoje, é diferente do que pode ser rememorado amanhã. É possível, nesse processo, optar por silenciar histórias, recontar outras, alterar outras tantas. É também possível na memória incorrer lapsos, omissões e esquecimentos.³⁷ E é nesse movimento fluído e dinâmico que o trabalho com as memórias se faz importante. São nos sentimentos, nas percepções e nas compreensões individuais, ou na ressignificação do tempo como apresenta a última autora, que os documentos e as grandes histórias não alcançam as memórias que se afirmam e reafirmam como “matéria-prima para a construção do conhecimento”.³⁸

MOVIMENTOS DENTRO DO CAMPO

Para desenvolvermos de forma satisfatória o objetivo proposto de compreender quais as identidades de os ex-árbitros de futebol mineiros e as identificações com a atividade, recorreremos às intersecções entre as metodologias histórica e qualitativa.³⁹ Elas, utilizadas em conjunto, podem alcançar novas teorias, interpretações dos fenômenos e processos, além de nos auxiliar na aproximação da realidade local e das especificidades de poder, indo além de uma abordagem superficial do passado.⁴⁰ Todos os movimentos realizados por nós na pesquisa foram registrados no caderno de campo.⁴¹ A literatura sugere sua utilização como um diário, envolvido por uma prática rotineira de anotações sobre os percursos e percalços do trabalho de pesquisa, além das conversas informais. Por fim, triangulamos os dados com a análise de jornais disponibilizados pelos nossos entrevistados.⁴²

As memórias, no contexto dessa pesquisa, foram aferidas por meio de entrevistas semiestruturadas a partir de perguntas exploratórias em que oferecemos flexibilidade aos narradores para construção dos encadeamentos

³⁷ NEVES. História oral: memória, tempo, identidades, p. 61.

³⁸ NEVES. História oral: memória, tempo, identidades, p. 6.

³⁹ YATES. Understanding historical methods in organization studies, p. 276.

⁴⁰ COSTA; SILVA. *A Pesquisa Histórica em Administração*, p. 12.

⁴¹ BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 77.

⁴² PIMENTEL. *O método da análise documental*.

memorialísticos.⁴³ O critério utilizado na seleção dos entrevistados foi que os sujeitos já tivessem encerrado suas atividades de arbitragem junto à federação. Partimos do contato com a diretoria do Sindicato dos Árbitros de Minas Gerais (SAMG) para chegarmos aos primeiros sujeitos. A partir disso, utilizamos o método “bola de neve” que consiste na indicação do entrevistado de novos sujeitos para composição da pesquisa.⁴⁴ Realizamos 21 entrevistas considerando o argumento de utilidade e aproveitamento.⁴⁵ O percurso da pesquisa se deu em Belo Horizonte e nas cidades de sua região metropolitana como Betim, Contagem, Pedro Leopoldo, Ibirité e Florestal. Somente um de nossos entrevistados, residente na cidade de Juiz de Fora, foi entrevistado via aplicativo Skype. Foram entrevistadas duas mulheres e dezenove homens, dos quais uma possuía, no momento da entrevista, 39 anos, um 47, sete entre os 50 e 59 anos, 9 entre os 60 e 69 anos e 2 entre os 70 e 79 anos. Somente um dos nossos entrevistados não se sentiu confortável para informar a idade. Atribuímos aleatoriamente nomes fictícios para cada um deles com a intenção de que não fossem identificados.

Em relação à trajetória na arbitragem, três iniciaram a atividade de arbitragem na década de 1960, quatro na década de 1970, oito na década de 1980, cinco na década de 1990 e somente uma na década de 2000. Em relação ao ano de saída, somente um deles se distanciou na década de 1980 e assumiu, logo em seguida, a comissão de árbitros da FMF, que ficou até início dos anos 2000, cinco encerraram as atividades de arbitragem na década de 1980 e os outros quinze o fizeram nos anos 2000. Em relação ao quadro máximo na arbitragem, três de nossos entrevistados chegaram até ao quadro internacional da FIFA, dezessete chegaram até o quadro nacional da CBF e dois realizaram a atividade somente pelo quadro estadual da FMF.

As entrevistas com duração média de uma hora e vinte minutos, foram gravadas, totalizando vinte e sete horas, e transcritas pelo primeiro autor. Para maior rigor metodológico, um especialista externo comparou a transcrição

⁴³ BOSI. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, p. 55. BOSI. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, p. 25. BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 27.

⁴⁴ GOODMAN. *Snowball Sampling*, p. 151; p. 18.

⁴⁵ BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p.85.

completa com cinco entrevistas aleatórias.⁴⁶ Com a mesma finalidade o procedimento foi repetido nos quatro minutos iniciais e finais, além dos minutos 35 e 44 (quando aplicável) de todos os arquivos. Eventuais erros gramaticais e de digitação foram corrigidos e o conteúdo posteriormente aceito para ser analisado seguindo as diretrizes da análise de narrativas.

Nº	Nome Fictício	Ano de ENTRADA na arbitragem	Ano de SAÍDA da arbitragem	Grau máximo alcançado	Idade
1	Leandro	1960	1983	CBF / ex-diretor de arbitragem FMF	74
2	Éder	1967	1990	CBF	79
3	Lucas	1969	1995	CBF / ex-presidente do sindicato	(não informada)
4	Reinaldo	1976	1998	CBF	68
5	Ubaldo	1976	2007	CBF	64
6	Vinícius	1978	1998	CBF	65
7	Rômulo	1979	2003	CBF	65
8	Marques	1980	2004	CBF	66
9	Ramon	1981	2003	CBF	61
10	Valdir	1982	2000	CBF	67
11	Jairo	1982	2007	CBF	54
12	Marcelo	1982	1998	CBF	63
13	Thulio	1983	2004	CBF	62
14	Guilherme	1983	2005	FIFA	58
15	Belmiro	1985	2008	FIFA	56
16	Renata	1992	2007	CBF	51
17	Dario	1992	2008	CBF	54
18	Diego	1993	2009	FMF	55
19	Ricardo	1996	2009	CBF / ex-diretor de arbitragem FMF	47
20	Nívio	1996	2012	FMF	53
21	Fernanda	2000	2015	FIFA	39

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores.
Tabela 1 – Universo dos ex-árbitros entrevistados.

Uma vez construído o *corpus* das entrevistas, prosseguimos com a apresentação, interpretação e análise dos resultados conforme a proposta de análise de narrativa temática. Esse tipo de análise nos permite questionar “a intenção e a linguagem – como e por que os incidentes são narrados, e não

⁴⁶ MCLELLAN; MACQUEEN; NEIDIG. *Beyond the Qualitative Interview*, p. 79.

simplesmente o conteúdo ao qual a linguagem se refere”.⁴⁷ Em complemento, as análises das narrativas nos auxiliam a compreender a historicidade do sujeito, olhando para si em um processo de reflexão.⁴⁸ Tal quesito nos permitiu pensar as narrativas desconectadas de uma perspectiva cronológica.

Operacionalizamos às análises das narrativas considerando aspectos como: sequência temporal da narrativa; atores protagonistas e antagonistas ao longo da história; voz identificável da narrativa; padrões de referência valorativos; indicadores de conteúdo e contexto.⁴⁹ Nos dedicamos ainda nos conteúdos que emergem das falas e também nos atentamos para não incorrerem em reducionismos e simplificações que uma análise focada apenas no que é dito pode trazer em alguns momentos. Por isso, consideramos além do que foi dito, a apreensão das experiências *das* e *nas* narrativas, fugindo da execução de uma análise direta e sem o devido aprofundamento de que necessita uma pesquisa com a memória que se distancia da generalização e das grandes histórias.⁵⁰

Por fim, a estrutura de apresentação de narrativas seguiu quatro grandes temáticas. Na primeira tratamos dos temas que consideraram as identificações e o ser árbitro; logo após, os movimentos pela profissionalização da arbitragem; na terceira, as narrativas congruentes com o futebol amador e o futebol profissional, e por fim, na quarta e última temática abarcamos as memórias das entidades representativas e organizadoras do futebol. Para fins deste artigo, nos debruçamos sobre a primeira temática.

ENTRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES: OS (EX)-ÁRBITROS DE FUTEBOL

Ao trabalharmos com a figura dos árbitros de futebol, as seguintes questões podem emergir: o que é ela? O que ela faz? De que atividade estamos falando? Quais as lembranças do que é ser árbitro? Nesse sentido, as narrativas dos entrevistados apresentam marcas evidentes que caracterizam o árbitro de futebol. Ainda que

⁴⁷ RIESSMAN. *Narrative Methods for the Human Sciences*, p.11.

⁴⁸ SOUSA; CABRAL. *A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores*, p. 152.

⁴⁹ PENTLAND. *Building Process Theory from Narrative: From Description to Explanation*, p. 711.

⁵⁰ BARRETO. *Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha*, p. 94.

todos os entrevistados já tenham deixado de atuar em jogos da FMF, as narrativas são construídas, muitas das vezes no tempo presente, sobre o que caracteriza o ser árbitro de futebol, apresentando uma identificação com este ofício. Isso designa uma identidade ainda em transformação, o apito final não retirou deles o pertencimento com a função outrora exercida, como demonstram as memórias narradas.

As narrativas no tempo presente dos ex-árbitros podem ser consideradas como aquelas que conciliam o tempo presente com as questões do passado, acumulando tradições, experiências e também detritos.⁵¹ É o que constatamos nos trechos abaixo, nos quais dois entrevistados rememoram suas atuações como árbitro de futebol, cujas memórias atribuem a boa atuação às características inerentes do sujeito, um dom, como eles disseram:

Não é pra qualquer um, árbitro de futebol é dom. Eu não consigo pegar você se não tiver o dom e transformar em árbitro de futebol. Você tem que nascer com o dom de pensar em milésimo de segundo, de ser bom fisicamente, ter uma personalidade boa, ter uma conduta retilínea fora de campo pra ninguém falar nada de você (Thulio).

Ser árbitro de futebol não tem explicação, eu diria que é um dom. Mais do que a técnica, ele é algo que tá dentro de você e que você desenvolve em função do convívio do meio do futebol. Existe uma linha que fala que o árbitro é um jogador de futebol frustrado, eu não vejo por esse lado. Eu vejo que é um cidadão que investe de uma autoridade a ele dada e tem o dom. Arbitragem é algo que vem de dentro, a pessoa nasce árbitro. Por isso que tô te falando não tem uma explicação. Ele nasce com aquilo e se ele tiver oportunidade, aquilo nele expande (Nívio).

Antes de qualquer explicação objetiva ou relacionadas à atividade em si, os entrevistados Thulio e Nívio afirmam a impossibilidade de explicar o que é ser árbitro de futebol, atribuindo o exercício da atividade a um “dom”, uma atividade que está além do controle e da vontade do próprio sujeito, já que ele nasce com ela. Uma dádiva, um talento inato para no uso corrente dos praticantes, tal como Arlei Damo destrincha ao estudar os jogadores de futebol. No entanto, em um segundo momento, as narrativas se vinculam às explicações objetivas, demonstrando que existem sim elementos que dependem da ação do sujeito, isto é, eles expressam que o se tornar árbitro de futebol decorre de uma construção social, intermediada pela formação, qualificação e atuação dentro do campo e não, simplesmente, decorrente

⁵¹ BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 55. NEVES. *História oral: memória, tempo, identidades*, p. 6.

de um dom essencialista, já formatado desde o nascimento. Esse elemento converge com a literatura,⁵² no que diz a inculcação da cultura do meio ao modo com que a prática é exercida e com os papéis assimilados pelos árbitros em campo.

O entrevistado Thulio trabalha em sua memória que, para além do quesito “dom”, é necessário ter habilidades práticas. A identificação com a profissão ocorre a partir da assimilação de critérios oficiais estabelecidos pelas entidades regulamentadoras (o critério físico e a conduta social) e também dos critérios extraoficiais, que são consenso nas memórias do grupo entrevistado (a conduta retilínea), conforme nossas anotações em diário de campo. Isso converge para a literatura que explicita que os significados comuns e partilhados são fundamentais para as construções das identidades dos sujeitos, a auxiliar no processo de pertencimento ao grupo.⁵³

No excerto, Nívio menciona que “existe uma linha que fala que o árbitro é um jogador de futebol frustrado”, mas, que, para ele, isso não se confirma. Analisando o trecho desde a perspectiva da identificação, podemos afirmar que ele indica os limites e o pertencimento advindos do processo de identificação do árbitro de futebol,⁵⁴ sobretudo, quando ele completa dizendo que este é alguém que investiu numa autoridade e que se desenvolve no meio comum aos árbitros. Além disso, quando ele menciona que o árbitro seria um jogador de futebol que não obteve sucesso, essa fala indicaria os limites formativos da respectiva identidade ao indicar a sua alteridade, isto é, o ser jogador de futebol. Ademais, esse fato de os entrevistados remeterem o ofício a um dom, podemos compreendê-lo como uma forma de se valorizar o trabalho desempenhado, já que, para alguns, ser árbitro de futebol pode indicar certa frustração, bem como, em positivar o seu significado.

O processo de identificação do árbitro de futebol influi a partir de diversas influências e representações externas do ofício, como narrado pelos entrevistados, que indicam as influências formativas desta identidade. Eles realizam uma conexão com ser árbitro e com a paixão nacional do futebol brasileiro, em que ele a intermedeia,⁵⁵ ressaltando a relevância da função desempenhada. Nessa fala, o

⁵² DAMO. *Do “dom” à profissão*, p. 419.

⁵³ MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 83.

⁵⁴ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.10.

⁵⁵ SILVA; SCHIMIDT. *Futebol, mídia e sociedade*, p. 97.

entrevistado nos conta que não se identifica com uma visão do árbitro enquanto aquele que tentou ser jogador de futebol, mas com aquele que construiu sua identificação de autoridade a partir de um dom, com sua autoridade do apito.

De outra maneira, as seguintes narrativas consideram um condicionamento físico adequado, elementos da conduta individual socialmente aceita, o cumprimento de um papel de autoridade, que, apesar de ser “algo que tá dentro de você”, é desenvolvido a partir do “convívio do meio do futebol”. Tal ponto justifica o motivo de diversos de nossos entrevistados terem rememorado que o interesse pela arbitragem surgiu por uma socialização relacionada a esse esporte, além do retorno financeiro que a atividade possibilita, como demonstram os seguintes excertos.

Dentro da escola que eu estudava, tinha campeonato de futebol, eu apitava futebol (...). Uma *competência que eu fui desenvolvendo. Meu pai tinha sido árbitro e eu fui jogador de futebol amador* (Nívio).

A gente até brinca que árbitro de futebol não conseguiu ser jogador, né. Mas *eu joguei futebol amador e parei porque não tinha muita perspectiva na vida como jogador, surgiu a oportunidade de ser árbitro, achei interessante* (Lucas).

Eu acompanhava o futebol na cidade do interior que eu morava. Nunca pratiquei. O interesse pela arbitragem partiu mais da minha mãe. Eu não passei no vestibular, não tinha teoricamente o que fazer, não estava trabalhando, tinha que aguardar o próximo vestibular, e minha mãe um dia foi na padaria, viu um cartaz do curso de arbitragem para mulheres (Fernanda).

A arbitragem veio como complemento de renda. Teve uma crise que passamos aqui na década de 1990, uma crise de desemprego, como eu já jogava futebol, eu joguei futebol amador. E na época por falta de renda, eu comecei a arbitragem aonde eu tive início na Federação (Diego).

Eu tentei ser atleta de futebol, não consegui. Na época eu tava com 24 anos e aí foi uma oportunidade pra eu ganhar dinheiro com a arbitragem e fazer o que eu gosto que é futebol. Aí eu fiz o curso de arbitragem e depois que eu formei, fui pro futebol amador (Ricardo).

Diferente da narrativa que atribui a atividade de arbitragem a um dom, a uma coisa natural conforme novamente é desenvolvido nas lembranças de Nívio, a socialização com o meio do futebol aparece como elemento comum para o desenvolvimento da técnica necessária para realização da atividade. A partir disso, a narrativa desse entrevistado considera o pai como ex-árbitro de futebol, além de

rememorar que foi atleta de futebol antes do exercício da arbitragem, assim como também é narrado por Ricardo, Diego e Lucas. Fernanda, apesar de não ter sido atleta de futebol, recorda que acompanhava o futebol na cidade em que morava, sendo socializada no meio do futebol, assimilando um sentimento de pertencimento ao esporte que, mais tarde, resultaria na identificação com a atividade de arbitragem.

Os trechos destacados demonstram que o enveredamento pela formação da identificação com o apito decorreu de uma tentativa anterior de exercício do futebol, que se restou frustrada, exceto quanto a personagem Fernanda, cuja narrativa não trouxe a atuação primeva como jogadora de futebol. Para eles, a priori, ser árbitro de futebol não era a primeira opção de carreira, inclusive para o entrevistado Nívio que demonstrou ser essa opção um prolongamento da atuação paterna após ter se frustrado com sua atuação como jogador. Atuar como árbitro de futebol revelou ser uma boa alternativa para os sujeitos, já que traria retorno financeiro e os manteria em contato com o esporte admirado.

Os entrevistados ainda rememoram que a questão financeira impactou o início da atividade, sendo uma “oportunidade para ganhar dinheiro”. Em relação ao contexto social brasileiro na década de 1990 em que aparece na narrativa de Diego (e também se refere ao mesmo período de Ricardo), o desenvolvimento cessado na década de 1980 impactou a crise econômica da década seguinte.⁵⁶ Na primeira metade da década de 1990, o Brasil apresentou baixo crescimento econômico, inflação elevada e aumento da dívida pública, o que refletiu diretamente na renda da população como um todo.⁵⁷ Nesse sentido, a atividade de arbitragem veio como “complemento de renda”, e as lembranças relacionadas ao “ser árbitro de futebol” envolvem a busca por novas fontes de receita desses sujeitos. Uma carreira que sofreu interferência da conjuntura da época, como uma solução às dificuldades enfrentadas durante o período apontado, interferindo na identificação com que os entrevistados possuem com a atividade.

Para execução da atividade de arbitragem, os entrevistados apontam o curso de formação como um pré-requisito. Nele, são apresentadas as diretrizes teóricas sobre

⁵⁶ SILVA; COSTA. *O desemprego no Brasil na década de 1990*, p.10.

⁵⁷ SILVA; COSTA. *O desemprego no Brasil na década de 1990*, p. 33.

as regras e as interpretações que envolvem o esporte, e que necessitam igualmente de aprovação em testes físicos, sociais e psicológicos, para ingresso no quadro regular de árbitros estaduais. Esta situação ilustra que o processo de identificação dos árbitros de futebol recebe a influência do contexto social e dos processos de socialização,⁵⁸ como o caso do primeiro contato oficial com a arbitragem, por meio de curso, já moldando as identidades deles a partir desse aspecto.

Ser árbitro é uma incógnita. Um piloto de avião pode fazer um pouso de emergência, pular de paraquedas. O médico vai tirar raio x e aí tem o auxiliar lá que estuda, vai cortar onde? Vai tirar o quê? Um monte de coisas para analisar antes de abrir. O árbitro não, o instrumento dele é o apito, *é milésimo de segundo pra analisar o lance e levar o apito na boca.* Apitou, acabou. O jogo tem que ser paralisado. Apitou, mesmo sem querer, acabou (Thulio).

Ser árbitro é uma missão que você tem. Talvez a [atividade] que você tem mais poder na mão. *E de discernir o que é certo ou errado em questão de segundos* em prol do bom futebol, né. *E assim, o árbitro tem que ser malandro e esperto ao mesmo tempo. Malandro no bom sentido.* De ser inteligente, de entender o lance e saber levar o jogo (Ramon).

Ser árbitro é coragem, coragem e coragem. *Ser ousado, ser ousado mesmo.* Se o cara não for ousado, não tiver coragem, o cara não serve mesmo (Rômulo).

Ser árbitro de futebol: ser doido. Não tem outro. Nem eu sei porque eu entrei nisso. *É uma coisa tudo contra você, e você ainda sente prazer nisso,* em estar lá (Guilherme).

Nas narrativas, os entrevistados rememoram que ser árbitro é uma “incógnita” e “missão” pois necessita de análise e julgamento de uma situação em poucos segundos, o que difere de outros profissionais que possuem tempo para pensar, analisar e então decidir a melhor conduta a seguir. Esse termo utilizado por Thulio, “incógnita”, indica que para decifrar essa função, o sujeito se encontra sozinho no instante certo, diferentemente de outras profissões, que contam com o auxílio de outras pessoas. O que reforça, para os próprios narradores, a importância da atividade que realizam e de suas habilidades em tomar decisões “em questão de segundos”.

⁵⁸ MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 81.

Além disso, a utilização do verbo “ser” já demonstra essa incorporação dos aspectos da profissão como individuais, um dos aspectos constitutivos da própria identidade. O processo de avaliar o certo e o errado, julgar, levar o apito até a boca e fazê-lo soar compõem as lembranças do que é essa atividade. Para que isso possa ocorrer de forma satisfatória, Thulio utiliza exemplos de outras profissões em que o processo de análise possui uma alternativa para a ação (o piloto que decide se ejetar de um avião, o médico que avalia toda a situação antes de uma cirurgia). Diferente disso, a decisão do árbitro não pode ser alterada, no sentido de que, após a ação de apitar, o lance “acaba”. Ramon utiliza adjetivos como “malandro”, “esperto” e “inteligente” para dar força à narrativa do árbitro como o que deve compreender a regra que se aplica em um lance específico e conduzir a partida da melhor maneira possível. Por isso, ser árbitro envolve mais um aspecto prático: a tomada de decisão em poucos instantes.

Rômulo e Guilherme utilizam das temáticas da coragem, da ousadia e da loucura para delinear suas identidades, uma vez que as suas marcações podem divergir dos interesses das equipes. A razão para ser corajoso, para Guilherme, é o prazer na realização e participação em um jogo, ainda que não estejam uniformizados com os escudos dos times em disputa. As afirmações deles estão em consonância com a fala anterior de Nívio, sobre ser a arbitragem um exercício de autoridade. Afinal, é preciso coragem para interditar a paixão do brasileiro e impor limites a essa identidade nacional, e que, ao mesmo tempo, define os valores das identidades individuais. Outrossim, tais narrativas convergem com o caráter fluído desse processo, que indica que as identidades se tornam inacabadas e construídas a todo tempo a partir da interiorização e apreensão de procedimentos e de condutas sociais.⁵⁹

Pra mim, com minha experiência, *[ser árbitro] é uma grande solidão em meio à multidão. É a solidão em meio à multidão. Principalmente pro árbitro que tá no apito, o árbitro central. Porque as decisões, por mais que você tenha uma equipe né na hora do jogo, mas como as decisões são suas é sempre uma situação de você com você mesmo. (...) Mas, você sente assim que o mundo vai cair na sua cabeça, o mundo está prestes a cair na*

⁵⁹ VAN VUUREN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER. *Shared fate and social comparison*, p. 274. AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257.

sua cabeça. E o universo do futebol, porque você em meio à multidão, porque essa multidão, não é só a multidão do estádio, dos torcedores, dos jogadores que te veem como elemento ameaçador, perturbador. Muitas vezes você é o cara perturbador, que vai marcar a falta contra ele, dar um pênalti contra o time dele, vai punir, vai dar amarelo, vai dar o vermelho. Ali as duas equipes são contra você na verdade. (...) Então é meio que assim, né, como se você tivesse sozinho em meio à multidão e tivesse que enfrentar essa multidão e no final você sair inteiro, né, inteiro com pequenas escoriações vamos assim dizer. O desgaste psicológico é muito grande (Belmiro).

A narrativa acima reveste de uma singularidade importante para a análise identitária dos ex-árbitros mineiros, uma vez que assumimos a perspectiva de ser as identidades resultado de vários processos de identificação, uma construção social, que ocorre no bojo das relações sociais, cujos limites são impostos pela diferença.⁶⁰ Isto é, o eu do sujeito sofre interferências do eu do outro. Esse outro como um espelho do eu, que me ajuda a compor o que sou e que não sou. E, no presente caso, como relatado por Belmiro, ser árbitro de futebol é estar sozinho no meio de uma multidão, de ser ali um estranho e uma ameaça aos objetivos das equipes. Essa afirmação do ex-árbitro exprime um não pertencimento à identidade de jogador de futebol, e, em última instância, um não fazer parte da identidade nacional. Estar solo, a partir dessa narrativa, seria uma disputa entre inclusão e exclusão nas identidades, em ser mais aceito ou não pelos outros sujeitos, e, por isso, é tão marcante a ênfase do desgaste psicológico.

Sendo assim, as identidades do árbitro de futebol, especificamente do árbitro central, nas lembranças de Belmiro, envolvem a responsabilidade por ver, julgar e apitar um lance em poucos segundos, que pode contrariar os interesses de muitos, sejam espectadores ou jogadores. Estar sozinho no lance e não ter outro sujeito ali, do mesmo grupo, para discutir e analisar as conjunturas e decidirem a melhor decisão a ser tomada, mas, de ser considerado pelos outros, como “ameaçador, perturbador”. Esse é um sentimento que se contrapõe ao desejo de todo ser humano de pertencer a determinado grupo ou identidade,⁶¹ expondo um processo negativado de identificação como jogador de futebol, revelado, sobretudo, quando ele diz que as duas equipes estão contra o árbitro de futebol, que apita a partida. O

⁶⁰ WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 16. HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.11.

⁶¹ BAUMAN. *Identidade*, p. 55.

que se contrapõe à perspectiva do ex-árbitro Ramon, transcrita logo abaixo, o qual considera ser um bom árbitro de futebol, ao não ser notado na partida, de modo que exerça a sua função sem assumir o destaque ou o protagonismo do jogo. Condição, na qual, evitaria o conflito ou o enfrentamento da multidão.

São afirmações que exemplificam que é no cotidiano de exercício da atividade, nesse caso dos jogos, que os sujeitos manifestam suas identidades.⁶² Pois, é no cotidiano das partidas e campeonatos que ocorre o ápice dos processos das identificações dos sujeitos com o ser árbitro de futebol, quando eles assimilam os valores simbólicos e partilham das representações dessa função, os quais foram apreendidos durante os anos formativos.

O entrevistado Belmiro ainda desenvolve a narrativa de que, por mais que exista uma equipe de arbitragem, as decisões no campo são individuais, sem envolver um processo de revisão, como hoje é possível com o *Video Assistant Referee* (VAR).⁶³ É por isso que, para ele, a identificação com a arbitragem envolve grande desgaste psicológico. É uma responsabilidade de aplicar as regras de “como se estivesse sozinho” e faria com que o sentimento fosse de “que o mundo vai cair na sua cabeça”. A metáfora utilizada como estratégia argumentativa nesta temática reforça o sentimento de pressão narrado, rememorando como é ser esse elemento de destaque negativo nos sentimentos que envolvem a partida de futebol. No processo do jogo, a narrativa temática da identificação com a atividade de árbitro é rememorada pelos entrevistados:

A função do árbitro no jogo é não deixar o atleta levar vantagem daquilo que ele não tem direito, eles usam muito isso; tentar coibir violência, não permitir agressão e administrar o jogo dentro das regras do futebol, fazer cumprir as regras do futebol (Lucas).

A função dele é essa, administrar, dirigir, estabelecer e controlar a regra de futebol instituída pela international board e pelo regulamento da competição. (...) A função do árbitro é imprescindível, ele é o mais importante sob o ponto de vista de controle geral de uma partida de futebol, dentro do campo de jogo (Nívio).

⁶² AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257. CABANA; ICHIKAWA. *As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá*, p. 287.

⁶³ O Árbitro de Vídeo Assistente é uma tecnologia implantada a partir da alteração da regra 5 do futebol mundial na Copa do Mundo de 2018, permitindo ao árbitro central a checagem de lances duvidosos na partida que envolvam cartões vermelhos, pênaltis e gols.

A função do árbitro em campo é *conduzir o jogo sem ser notado*. Quando você apita um jogo e não é notado até o fim do jogo, é sinal que você fez uma boa partida. (...) Sempre que você deixa o jogo transcorrer, *aplica as 17 regras sem ser notado*, você é um bom árbitro (Ramon).

E a função do árbitro é entrar em campo e *repartir a justiça igualmente*, isso aí. Pau que dá em Chico, dá em Francisco. Saber que o árbitro é um ser humano, não vai acertar tudo e haja visto que estamos vendo aí que nem com o VAR. Você ainda tem 5, 6% de erro. Não tem 100%, mesmo com o VAR (Guilherme).

As narrativas que abarcam as memórias do ser árbitro dentro do campo de futebol reforçam, basicamente, o cumprimento das regras estabelecidas pela *International Football Association Board* (IFAB).⁶⁴ Nesse sentido, para os entrevistados, o senso de justiça acompanha o ofício de tal maneira que o árbitro se caracteriza como o que verifica o cumprimento das regras para que um resultado seja legítimo. Ele aplica o que é universalmente estabelecido de tal forma que os atletas não possam obter vantagens indevidas, ou seja, não estabelecidas nas regras do jogo. Isso é demonstrado na fala de Guilherme, que associa a atividade do apito ao exercício da justiça em campo, que se caracteriza no arbitrar sem privilegiar qualquer equipe em disputa.

Ao mesmo tempo, o sistema de significação que envolve a atividade demonstra a possibilidade de construção das identidades a partir de algo comum entre um grupo,⁶⁵ um comum apreendido durante a formação e atuação deles, durante o processo de identificação com a função.

De outro lado, retomando o ponto de vista do personagem Nívio, sua função equivale à de um administrador, quando se exige do árbitro que mantenha o controle da partida, intermediando, a partir de regras pré-estabelecidas, os múltiplos interesses do jogo. Nesse sentido, para realizar a função, de forma satisfatória, Ramon complementa que ele precisa aplicar as 17 regras do futebol sem que seja “notado”, realizando a atividade com o maior número de acertos possíveis. A conexão com o tempo presente das memórias fica evidente quando o

⁶⁴ A IFAB é uma instituição mundial responsável por unificar as regras do futebol oficial de todo o mundo. Ela realiza duas reuniões mensais para discussão das regras e das possíveis novas regras do jogo.

⁶⁵ FERREIRA; LEÃO; PAIVA JÚNIOR. *Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife*, p. 89.

entrevistado Guilherme afirma que, nem mesmo com o uso do VAR, os erros da arbitragem podem ser cessados, refletindo no presente, com o instrumento tecnológico da época atual, sobre as questões (e erros) do passado. O trecho coaduna com a discussão de que o presente nos impulsiona a mudar a forma de ver o passado. O passado é então visto e rememorado desde as influências do tempo em que é evocado.⁶⁶

E ser árbitro é dedicação, foco, abrir mão de muita coisa por exemplo de vida pessoal, que foi o que aconteceu comigo durante muito tempo, priorizar a arbitragem em detrimento de outra coisa. (...). Então é abnegação, foco, insistência, persistência, porque os obstáculos são muitos, não por ser mulher, também isso é um fator, mas a carreira de árbitro em si ela não é fácil porque as pessoas acham que só chegar no estádio, vestir o uniforme e apitar. Tem uma série de coisas implícitas aí, você tem que ter uma alimentação adequada, ter uma vida social regrada, precisa de um acompanhamento nutricional, de um ortopedista bom porque a exigência física é muita, o desgaste mental, então um psicólogo é essencial, pra se agir com eficiência (...) E mais específico para as mulheres é a questão da parte física, porque biologicamente é diferente o corpo da mulher então tecnicamente ela tem que treinar mais pra atingir o mesmo índice. A mulher pra atuar em competição masculina ela tem que fazer o mesmo índice dos homens, então você precisa desse tempo pra poder treinar. Então como é que você vai ter tempo pra poder treinar, conciliar sua vida profissional fora da arbitragem então essa é uma questão. A questão da maternidade também é um problema sério no Brasil. A mulher que engravida ela não tem garantia nenhuma de que vai ser mantida no quadro nacional. Internacional então nem se fala. Então engravidar é sinônimo de perder o escudo, entendeu? (Fernanda).

Destacamos acima a perspectiva de uma das duas mulheres entrevistadas durante a pesquisa, que narra as peculiaridades de ser mulher e exercer uma função comumente reconhecida como destinada aos homens. Ela foi uma das poucas personagens que relatou as dificuldades adaptativas de conciliar a vida pessoal com a função de apitar jogos profissionais de futebol. Inclusive, no que tange às exigências físicas, próprias e próximas à capacidade do organismo masculino, preceituadas, também, ao corpo feminino, quando se assevera que há “uma série de coisas implícitas aí”.

Mais adiante, Fernanda narra sobre a interdição que as mulheres árbitras sofrem quando exercem a função em nível profissional, segundo ela “a questão da

⁶⁶ GUARINELLO. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*, p. 17.

maternidade também é um problema sério no Brasil”, pois, quando isso acontece, “engravidar [se torna] sinônimo de perder o escudo”, dada as incertezas que permeiam o tema no âmbito da arbitragem no país. Além disso, a própria narrativa da entrevistada demonstra haver uma incompatibilidade da maternidade com o ofício de mediar uma partida de futebol, uma vez que durante a gestação o corpo da mulher sofre diversas alterações, cuja recuperação não ocorre de imediato após o parto, já que “para as mulheres é a questão da parte física, porque biologicamente é diferente o corpo da mulher então tecnicamente ela tem que treinar mais pra atingir o mesmo índice”. Assim, a identificação feminina enquanto mulher, árbitra, mãe para com a atividade envolve maiores dificuldades e conflitos, o que revela a fragmentação das identidades, em um complexo quebra-cabeça identitário⁶⁷ para aquelas que desejam atuar em partidas de futebol de campeonatos oficiais, convergindo com o exposto na literatura.⁶⁸

As memórias aqui aduzidas nos revelam que as identidades dos ex-árbitros de futebol mineiros são datadas (em sua maioria, até o início dos anos 2000) e revelam terem se desenvolvido em determinado tempo histórico e que se contrapõem com o momento atual, demonstrado quando o personagem Guilherme traz o elemento tecnológico do presente, o VAR, para ressaltar a humanidade da função, segundo a qual não se acerta em 100% da atuação. E essas lembranças do passado, com o uso do tempo verbal no presente, revelam identificações que não passaram, inobstante já não atuarem mais nos gramados. Assim, eles não se despiram do uniforme de jogo, trazendo consigo os escudos (símbolos), que revelam identidades ainda presentes e atuais.⁶⁹

APITO (QUASE) FINAL

Está chegando ao fim do tempo regulamentar deste artigo e relembremos que o objetivo foi compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identificações com essa função, a partir das memórias de ex-árbitros que foram

⁶⁷ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

⁶⁸ SANTOS. *As mulheres árbitras de futebol*, p. 156.

⁶⁹ BAUMAN. *Identidade*, p. 55.

vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). Memórias do passado, contadas no presente, frutos de processos sociais cujos referenciais utilizam-se de experiências individuais e coletivas da sociedade. Elas, reverberam o caráter construtivo e intencional das memórias, sendo processos geridos e políticos, tendo em vista os interesses no tempo em que são evocadas.

As narrativas orais dos 21 ex-árbitros de futebol profissional demonstraram que, apesar de em um primeiro momento eles valorizarem a função atrelando-a a um “dom”, pois, seria algo nato e essencial; eles ressaltaram, logo após, a característica de ser o árbitro de futebol, bem como a identificação enquanto tal, construído e desenvolvido ao longo da carreira, por meio das variadas formações, atuações e preparações necessárias. Tal questão denota a fluidez da constituição das identidades. Essa condição deve ser compreendida no plural, já que são muitos os fragmentos que a compõem, cujas interferências advêm do contexto social e do momento histórico que determinado sujeito está vinculado. Sendo assim, as identidades estão sempre inacabadas, em constante construção e transformação, um vir a ser incessante em que as diversas ocasiões experienciadas interferem nesse processo. No mesmo sentido, a construção do ser árbitro permanece em constante vir a ser, que é diferente agora em um papel de ex-árbitro do que era antes, na época de atuação. O ser árbitro para os jubilados, não é o mesmo do que era no momento de atuação. E mesmo que busquemos refazer a pesquisa, o ser árbitro não será igual no futuro, já que responderá aos interesses no momento da realização das entrevistas.

Ressaltamos, ainda, que pensar, nesse trabalho, o árbitro de futebol, possibilitou uma abertura a outras possibilidades de pensarmos os personagens do jogo a partir de figuras que, em um primeiro momento, não seriam protagonistas em campo. Essa é a nossa maior contribuição para a área. Pontuarmos as identificações de sujeitos diversos, não somente daqueles que ocupam os holofotes, retirando da centralidade o que já é amplamente divulgado, para provocar um movimento voltado para o micro, a fim de sobrelevarmos os outros saberes que não os já estabelecidos.

Por fim, estudar as identificações desses sujeitos nos possibilitou refletir sobre as diversas formas de ser o árbitro de futebol, uma figura essencial para a

realização dos jogos de futebol. Assim, defendemos a importância de se incentivar estudos de sujeitos e profissões tratadas como “outros”, que não compõem a centralidade na construção do conhecimento futebolístico. A nossa sugestão é que estudos futuros se voltem para trabalhos que busquem compreender o processo de identificação de sujeitos menores, do ponto de vista histórico, ligados ao futebol e com recortes específicos não generalizantes (massagistas, porteiros, seguranças, pequenos clubes, mulheres, negros etc.) caminhando para desvelar o modo de vida desses grupos na dinâmica do futebol.

* * *

Os autores agradecem à Coordenação de Apoio e Pesquisa em Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento, possibilitando a realização desta pesquisa.

* * *

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. P. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 247-262, 2016.
- BARRETO, R. O. **Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha**. Tese (Doutorado em Administração), UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOM MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1994].

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABANA, R. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 81, p. 285-304, 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

CORREIA, G. F. A; PEREIRA, H. G.; CARRIERI, A. P. “Ser um ambulante é necessidade que nós temos de trabalhar”: cotidiano e identificação de trabalhadores pipoqueiros de Belo Horizonte. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 165-180, 2018.

COSTA, A.M.; SILVA, M. A. C. A Pesquisa Histórica em Administração: uma proposta para práticas de pesquisas. **Revista Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2019.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Mexico: Ediciones Era, 1978.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 35-42, 2011.

FERREIRA, B. R. T.; LEÃO, A. L. M. S.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife: entre a defesa e o ataque em interações sociais virtuais. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 3, n. 2, p. 85-96, 2014.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

FERREIRA, R. D. A.; BRANDÃO, M. R. F. Árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do significado do arbitrar. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 2, p. 229-238, 2012.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, n. 32, p. 148-170, 1961.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- INTERNACIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD. **Regras do jogo**. Zurich: IFAB, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3o71wkE>. Acesso em: 15 maio 2019.
- JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303-319, 2018.
- MCLELLAN, E.; MACQUEEN, K. M.; NEIDIG, J. L. Beyond the Qualitative Interview: Data Preparation and Transcription Field Methods. **Field Methods**, v. 15, n. 1, p. 63-84, 2003.
- MENEZES, V. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Revista Intratextos**, v. 6, n. 1, p. 68-81, 2014.
- MONTEIRO, D. F. B.; PEREIRA, V. J.; OLIVEIRA, L. L.; LIMA, O. L.; CARRIERI, A. P. O trabalho sujo com a morte: o estigma e a identidade no ofício de coeiro. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 1, p. 77-98, 2017.
- MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.
- NEVES, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NUNES, C. C.; MATTEDI, M. A. Memórias da constituição do cenário esportivo amador em Santa Catarina. **Licere**, v. 18, n. 2, p. 1-33, 2015.
- PENTLAND, B. T. Building process theory from narrative: from description to explanation. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 711-714, 1999.
- PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. London: Sage, 2008.
- SANTOS, I. C. **As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre tecnologias de gênero e perspectivas da divisão sexual do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2016.
- SILVA, E. L.; COSTA, L. C. O desemprego no Brasil na década de 1990. **Emancipação**, v. 5, n. 1, p. 9-36, 2005.
- SILVA, G. S.; SCHMIDT, C. Futebol, mídia e sociedade: a espetacularização da imagem do sucesso e suas influências. **Revista UEPG Ciências Sociais Aplicadas**, v. 27, n. 1, p. 95-114, 2019.
- SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

VAN VUUREN, M.; TEURLINGS, J.; BOHLMMEIJER, E. T. Shared Fate and Social Comparison: Identity Work in the Context of a Stigmatized Occupation. **Journal of Management & Organization**, v. 18, n. 1, p. 263-280, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-68.

YATES, J. Understanding Historical Methods in Organization Studies. In: BUCHELI, M.; WADHWANI, D. R. (Orgs). **Organizations in Time**: History, Theory, Methods. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 265-283.

* * *

Recebido para publicação em: 18 dez. 2020.
Aprovado em: 25 maio 2021.

***O Jogo, Micha e outros sonetos:* futebol poético e outras paixões**

O Jogo, Micha e outros sonetos: Poetic Football and Other Passions

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística pela Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

O livro *O jogo, Micha e outros sonetos* (2019), de Wilberth Salgueiro, é uma dessas preciosas joias da literatura brasileira contemporânea que se aventuram pelas sendas que possibilitam o encontro entre futebol e poesia, juntando-se a uma galeria que tem procurado expressar em versos uma das manifestações culturais de maior projeção no país, como, por exemplo, *ABC Futebol Clube e outros poemas* (2006), de Mário Alex Rosa, *Futebol e mais nada: um time de poemas* (2010), de Thereza Christina Rocque Da Motta, as antologias *Pelada poética* (2013), organizada por Júlio Abreu e Mário Alex Rosa, e *Pelada poética: copa do mundo no Brasil* (2014), organizada por Welbert Belfort e Mário Alex Rosa, numa iniciativa da Editora Scriptum, de Belo Horizonte, e *Futebol em poesia* (2014), de Hani Hazime. Não podemos deixar de mencionar também, como uma estrela a brilhar nessa galeria que contempla a relação entre futebol e literatura, a obra *Quando é dia de futebol* (2002), organizada por Luis Mauricio Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond, reunindo poemas e crônicas de Carlos Drummond de Andrade, livro renegado por alguns “puristas” dentro da obra magistral do poeta de Itabira.

De certo modo, o teórico e professor de literatura brasileira José Américo Miranda, logo na primeira frase da “Apresentação” do livro de Wilberth Salgueiro, alerta para certo mal-estar que o tema do futebol possa gerar em certos segmentos: “Este é um livro para se ler com cuidado. Primeiro, é preciso vencer preconceitos, ‘driblar’ ideias antigas e encorpadas”.¹ E a maior parte dos 163 sonetos que compõem a obra colabora para que possíveis preconceitos referentes tanto ao fu-

¹ MIRANDA. Apresentação, p. 9.

tebol quanto ao uso de nobre forma poética para tratar de um tema, “cuja essência era produto de baixa extração e gozava de má reputação”,² como, certa vez, Milton Pedrosa se referiu aos “herdeiros espirituais do latifúndio e dos senhores de escravos, proeminentes sustentáculos da burguesia”³ para criticar o fato de o futebol, na primeira metade do século XX, não ter tido uma presença maior na literatura brasileira. Felizmente, desde a publicação do livro *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira* (1967), antologia de contos, crônicas, poemas, e excertos de romances, peças teatrais e ensaios, organizada por Milton Pedrosa, esse quadro mudou bastante no país, de modo que, cada vez mais, a relação entre futebol e literatura tem se tornado profícua.

Aliás, o poeta, escritor, ensaísta e professor de literatura brasileira Wilberth Salgueiro não trata a bola somente com os versos, mas também com os pés. Bith é um dos titulares do Pindorama Futebol Clube, time formado por escritores brasileiros. E, como ele, há companheiros de equipe que sabem tratar muito bem a bola com a imaginação em verso e prosa, embora, às vezes, com o passar dos anos, falte o fôlego para suportar uma partida de 90 minutos: entre outros, o zagueiro-escritor-professor-de-história-e-antropologia Marcos Alvito, entre outras obras, autor de *A rainha de chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra* (2012), e o centroavante-escritor-crítico-roteirista-professor-de-literatura-brasileira Flávio Carneiro, entre outras obras, autor do romance epistolar infanto-juvenil *Prezado Ronaldo* (2006) e da coletânea de crônicas de futebol *Passe de letra: futebol e literatura* (2009).

Pode-se dizer que Wilberth Salgueiro reverbera em seu livro o espírito do Pindorama, criado por uma iniciativa do Instituto Goethe em 2013, por ocasião da Feira de Frankfurt, para disputar uma partida contra a Autonama – *Autorennationalmannschaft*, a seleção alemã de escritores, criada em 2006 e campeã europeia de 2010 (Fig. 1).

² PEDROSA. O futebol na literatura brasileira, p. 23.

³ PEDROSA. O futebol na literatura brasileira, p. 23.



Fig. 1: Distintivos do Pindorama e da Autonama.

“Parece que, por lá [i.e., na Alemanha], a máxima de que ‘escritor não sabe nem bater escanteio’ não funciona”,⁴ como também se torna uma máxima injusta a essa galeria de escritores que se aventuram também dentro dos gramados para proporcionar um feliz encontro entre as letras e a bola. Em entrevista concedida a Thais Brito em 2014, Flávio Carneiro afirmou que “o futebol e a literatura vão se misturar ainda mais nos eventos do time. Queremos associar o Pindorama às feiras literárias, utilizar o projeto como uma ideia de promoção da leitura”.⁵ E Marcos Alvito também manifestou a importância do futebol para fins educacionais:

Eu, como também sou professor, tenho um sonho particular que é ver o futebol ser usado como instrumento educacional. O futebol é o maior desperdício que conheço. Um país inteiro apaixonado e não se usa isso nas escolas. É possível usá-lo para ensinar história, matemática, literatura...⁶

Dessa íntima relação entre futebol e poesia, surgiu *O jogo, Micha e outros sonetos*. Embora não seja composta exclusivamente por sonetos que expressem o tema do futebol, o maior bloco deles versa sobre a “paixão nacional”. E o poeta esclarece ao leitor a estrutura da obra em um “Painel” introdutório: “Dos 163 poemas – todos sonetos – que compõem este livro se subdividem em oito blocos”.⁷ O primeiro e mais longo bloco do livro é “O jogo”, poema composto por 51 sonetos, todos numerados e intitulados, em que “se conta uma partida de futebol entre mo-

⁴ CORNELSEN. Um monólogo teatral sobre futebol, s/p.

⁵ CARNEIRO *apud* BRITO. A revanche do Pindorama, o time dos escritores, s/p.

⁶ ALVITO *apud* BRITO. A revanche do Pindorama, o time dos escritores, s/p.

⁷ SALGUEIRO. Painel, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

destos times do interior, enquanto se acompanha a história enigmática de dois torcedores (pai e filho). Os dramas em campo encontram paralelo fora das linhas”.⁸

Embora cumpram a função de, sucintamente, situar o leitor dentro da estrutura da obra, essas breves linhas de autoria do poeta não deixam antever a riqueza que os 51 sonetos evidenciam. Essa “história enigmática” de pai e filho, que vão ao acanhado estádio de futebol para ver dois modestos clubes disputarem a final de um campeonato estadual, evidencia traços memorialísticos de uma paixão passada de pai para filho por gerações. Em tal “jogo” marcante, recheado de emoções e com inusitado desfecho – que não mencionaremos aqui –, duas equipes se defrontam: o PEC – Patrióticos Esport Club e o NEST – Nova Estrela, conforme as seguintes estrofes dos sonetos 4 e, respectivamente, 7 anunciam:

Tiro de meta para os Patrióticos
(Esport Club), vindo a campo com Biluque;
André, Mateus, De Lima e Henrique; Ruy,
Capitão e Miranda; Zéu, Jojô.

e Dadim. [...]

Como o PEC, o NEST joga em 4-3-
3: Jiló; Calimério, Silva, Duca
e Abreu (a essa altura já expulso);
Mano, Caio e Alberto; Adão e

ele, Solvik e Veva: todos (ou
quase) querendo alguma fama, al-
gum gol que logo os leve à capital.
[...].⁹

Testemunhas do confronto, pai e filho, de modos diferentes, vivenciam a partida. Em certa altura, no soneto 21 o leitor descobre que o narrador do “jogo” é o filho, Jão, João, João Guilherme, que teria acompanhado o pai, Kiko, Joaquim, pela primeira vez a um estádio de futebol ainda garoto, mais preocupado com as gulo-seimas e com a vontade quase incontrolável de fazer xixi, enquanto o pai sofre com seu time do coração, o PEC. Assim, da memória de infância evocada pelo narrador adulto, entre rememorar e esquecer, temos os seguintes versos:

⁸ SALGUEIRO. Painei, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

⁹ SALGUEIRO. *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 18-21.

E o narrador sou eu, eu sou o Jão,
eu vi tudo, não lembro bem. Mas não
esqueci: meu xixi – que segurei
feito um herói que não resiste à se-

reia – secou. Em seu lugar, um gol
que não saiu. Meu pai, Joaquim mor-
reu faz algum tempo – infarto ful-
minante. Nunca mais fui vez um fu-

tebol de perto, num estádio. [...].¹⁰

Notadamente, *O jogo, Micha e outros sonetos*, em parte de seus paratextos editoriais (Fig. 2), com projeto gráfico de Rodinei Morillas, destaca o futebol, a começar pela capa do livro, que exhibe um gramado e as linhas que delimitam o campo de futebol, em que o círculo central é, ao mesmo tempo, a roda de uma bicicleta, cujo quadro e roda traseira tomam parte da contracapa, juntamente com o desenho de bolas de futebol. A página de rosto também exhibe as delimitações de um campo de jogo, o mesmo ocorrendo com o verso da página do “Painel”.¹¹ A página de rosto de “O jogo” exhibe os títulos dos 51 sonetos, sobrepostos pela ilustração de uma bola.¹² Já a página de rosto de “Insonemínimeus”, segundo bloco composto por 14 poemas, traz os títulos sobrepostos pela imagem do círculo central.¹³ De acordo com o poeta, o título seria “um neologismo”, pois “reúne três termos que explicam a motivação desses pequeninos sonetos: a minha ausência de sono como pretexto para elaborar peças minimalistas”.¹⁴ Mesmo neles, o futebol se faz presente:

de	a	de	sá
pé	té	ad	ri
em	a	ver	a
pé	re		

De pé em pé, até a rede adversária.¹⁵

¹⁰ SALGUEIRO. *O jogo, O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 35.

¹¹ SALGUEIRO. *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 8.

¹² SALGUEIRO. *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 13.

¹³ SALGUEIRO. *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 67.

¹⁴ SALGUEIRO. *Painel, O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

¹⁵ SALGUEIRO. *Insonemínimeus, O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 75.

Por sua vez, o bloco intitulado “Lugares”, composto por seis sonetos, exhibe em sua página de rosto a ilustração minimalista de um jogador executando um lance de bicicleta.¹⁶

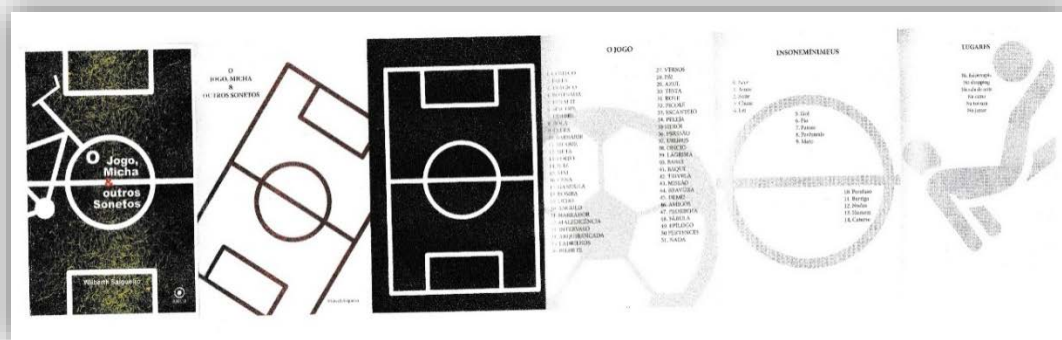


Fig. 2: Projeto gráfico e ilustrações do livro.

Já os demais seis blocos que compõem o livro – “Amor”, “Contingências”, “Lembranças”, “Micha – uma história triste de se rir”, “Personecontos” e “Oito sonetos antigos” – não possuem ilustrações em sua página de rosto que aludem ao futebol, mas mantém o projeto gráfico minimalista. “Micha”, que “traz, em primeira pessoa, cenas tragicômicas de um poeta suicida”,¹⁷ faz uma referência ao futebol no soneto 5, “Gauche”, em que um jogo no “Maraca” e “mais um show/de Zico”.¹⁸ Inclusive, conforme o poeta anuncia no “Painel”, “[...] aqui se republicam os 50 sonetos do livro ‘Personecontos’ (2004), esgotado, que contam histórias a partir de estranhos personagens”.¹⁹

Caberia, por fim, uma última consideração sobre a forma poética do soneto e o modo como ela se apresenta, em certa medida, de modo inusitado em *O jogo, Micha e outros sonetos*. Certa vez, ao referir-se sobre os sonetos compostos por Vinícius de Moraes desde 1933, Otto Lara Resende ressaltou que “metro e rima variam, porém, segundo as exigências do tema, ou segundo os caprichos do poeta, que é, no soneto ou fora dele, um malabarista que não recua diante do salto mor-

¹⁶ SALGUEIRO. *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 85.

¹⁷ SALGUEIRO. Painel, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

¹⁸ SALGUEIRO. Micha – uma história triste de se rir, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 125.

¹⁹ SALGUEIRO. Painel, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

tal”.²⁰ Podemos dizer que Wilberth Salgueiro, qual artista da bola, não recua diante de um voleio, uma finta ou uma bicicleta. Os versos de “O jogo”, citados anteriormente, atestam que, como bem aponta José Américo Miranda na “Apresentação”,

[...] incrivelmente, os decassílabos obtidos a custo – com amputações de sílabas ao final das palavras, sílabas que servem e são contadas no verso seguinte, em jogadas rápidas, com rimas principalmente toantes, “predominantemente imprevisíveis” – são alinhados pelo meio, como a simular a ginga dos jogadores sem linha reta em nenhuma das margens (só as do campo imaginário, em que ocorre o jogo).²¹

Assim, os sonetos de *O jogo, Micha e outros sonetos* podem seguir a forma fixa do soneto italiano composta por 14 versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos, adotando, por exemplo, versos isométricos decassílabos – com sílabas amputadas ao final de alguns versos em tom narrativo e sem observar a combinação de rimas de acordo com a forma – nos poemas “O jogo” “Micha – uma história triste de se rir”, a subversão da forma ocorre de maneira evidente, por exemplo, em “Insonemínimeus”, em que cada poema minimalista verbo-visual compõe um verso do soneto, com 14 sílabas cada um.

Fruto de um “espírito experimental”, *O jogo, Micha e outros sonetos* “lança para frente a bola da poesia brasileira”.²² E, como mencionamos anteriormente, ele emana também o espírito do Pindorama, que, ao fazer jus ao mito dos povos tupis-guaranis, de uma terra livre dos males, faz da literatura e da poesia um modo de dizer de si, do outro e do mundo. Ao final, atinemos para o convite de leitura formulado pelo poeta: “Cada soneto tem sua autonomia. Entre os blocos, há temas, situações e sentimentos que retornam: espero que divirtam, apesar – às vezes, por causa, dos pesares”.²³

* * *

²⁰ RESENDE. O caminho para o soneto, p. 16.

²¹ MIRANDA. Apresentação, p. 10.

²² MIRANDA. Apresentação, p. 10.

²³ SALGUEIRO. Painel, *O jogo, Micha e outros sonetos*, p. 7.

REFERÊNCIAS

BRITO, Thaís. A revanche do Pindorama, o time dos escritores. **O Globo**. 01 ago. 2014. Disponível em: <https://glo.bo/3cJA2O5>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Um monólogo teatral sobre futebol: 'vivendo até se tornarem homens'. **Ludopédio**. São Paulo, v. 79, n. 4, 08 jan. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3wjXZ6m>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MIRANDA, José Américo. Apresentação. In: SALGUEIRO, Wilberth. **O jogo, Micha e outros sonetos**. São Paulo: Editora Patuá, 2019, p. 9-10.

PEDROSA, Milton. O futebol na literatura brasileira. In: PEDROSA, Milton. **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967, p. 9-34.

RESENDE, Otto Lara. O caminho para o soneto. In: MORAES, Vinícius. **Livro dos sonetos**. 12. ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981, p. 5-17.

SALGUEIRO, Wilberth. **O jogo, Micha e outros sonetos**. São Paulo: Editora Patuá, 2019.

* * *

Recebido para publicação em: 14 abr. 2020.
Aprovado em: 30 mar. 2021.

Os milagres de São Victor e o futuro do passado

The Miracles of Saint Victor and the Future of the Past

Marcelino Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Estudos Literários, UFMG
lino-rodrigues@uol.com.br

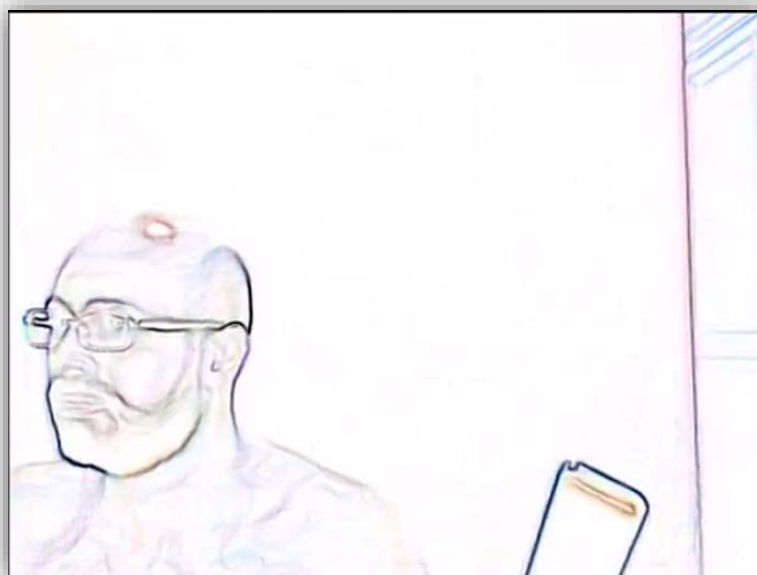
No curta-metragem experimental *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção*, de Gustavo Cerqueira Guimarães, exibido na programação do 9º CineFoot, em Belo Horizonte, em 2018, um “vibrante torcedor” assiste a um jogo de futebol pela tevê, enquanto conversa ao telefone pelo viva voz. O jogo, que realmente aconteceu, é entre o Guaraní, do Paraguai, e o Independiente del Valle, do Equador, e fez parte da fase inicial da Copa Libertadores da América de 2016.

Quanto ao torcedor e sua interlocutora, o espectador, a princípio, não tem informação suficiente para decidir se se tratam de pessoas reais ou personagens fictícios, ou seja, se o filme é um documentário ou ficção. Atuando diante de uma câmera *webcam*, o próprio Gustavo Cerqueira encarna o torcedor e suas reações ao jogo são intensas e naturais, sugerindo um envolvimento real e pessoal com os acontecimentos. Na conversa, o torcedor chama sua amiga às vezes de Bia, às vezes de Mop – curiosamente significa “esfregar” em inglês.

Apenas nos créditos, o espectador fica sabendo que o protagonista é Miro, personagem criado por Gustavo, do qual falaremos adiante, o que desfaz a possibilidade de tomarmos as imagens como mero registro de um momento de sua vida. E, se Miro é ficção, o que dizer de Bia/Mop na voz de Beatriz Carmelino? Combinando com essa mistura entre realidade e ficção, as imagens foram tratadas com um colorido branco-leitoso, de efeito meio psicodélico, lembrando um desenho de animação.

No início da performance, encontramos Miro sem camisa e à vontade, num espaço que parece ser a sala de sua casa. Ele está inquieto, fumando, bebendo e andando agitado de um lado para outro, enquanto assiste ao jogo e conversa com Bia/Mop, que parece não entender bem o que está acontecendo. Assim como a amiga de Miro, o espectador não

enxerga a tevê, colocando-se em posição semelhante a ela também no estranhamento inicial provocado pelo inusitado interesse de Miro por aquela partida aparentemente insignificante para um torcedor brasileiro.



Trailer de *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção*.

Aos poucos, porém, Miro vai explicando, para Bia/Mop e para o espectador, os motivos para estar tão ansioso pelo resultado do jogo. O confronto definiria um dos adversários de seu time, o Atlético Mineiro, na próxima fase do torneio, e Miro pretende viajar para ver o jogo na casa do rival. Como sonha em conhecer Quito e teme o possível confronto entre o Atlético e o Guaraní, ele torce sofregamente pelo Independiente.

A história atinge o clímax com um pênalti a favor do Guaraní, no “último segundo” da partida, que ameaça o sonho de Miro e, talvez, o futuro do seu time. Com uma vela na mão, ele entrega o caso nas mãos de São Victor do Horto. Este, como se sabe, é o goleiro que se tornou uma entidade sobrenatural importante no panteão atleticano, operando os milagres que levaram o clube ao seu único título de Libertadores, em 2013. O mais famoso deles, conhecido como “O Milagre do Horto”, aconteceu em 30 de maio daquele ano, em um jogo contra o Tijuana, do México, no estádio do Independência (que fica no bairro do Horto, em Belo Horizonte), quando o goleiro defendeu com o pé esquerdo um pênalti decisivo, nos minutos finais da partida, permitindo que o Atlético avançasse às semifinais do certame. Com o título atleticano, que veio em seguida, o evento

acabou dando origem a um curioso culto esportivo-religioso entre os torcedores atleticanos e, desde então, a data passou a ser comemorada anualmente pelos devotos como o “Dia de São Victor do Horto”.¹

No final da performance, as preces de Miro são atendidas e um novo milagre se opera pelas mãos (ou pelos pés?) de São Victor. O Guaraní perde o pênalti e a vaga para a fase seguinte da competição, para a alegria do vibrante torcedor, que poderá, enfim, ficar mais tranquilo com relação ao futuro de seu time e fazer a tão desejada viagem à capital do Equador. *Lançou a palavra* termina com o protagonista comemorando o resultado de maneira catártica, apagando a vela e agradecendo a São Victor pela ajuda. Seguem-se, então, os créditos da obra, antecedidos por uma foto de Victor fazendo a defesa que lhe conferiu a santidade, à qual foram adicionados alguns efeitos visuais, como a explosão da bola que ele toca com o pé esquerdo e luzes sobrenaturais que emanam de seu corpo, incluindo uma de formato circular em torno de sua cabeça, simulando uma auréola de santo.



Fotografia de Victor: Marcus Desimoni, trailer de *Lançou a palavra* [...].

¹ Para saber mais acerca dos desdobramentos desse episódio, consulte o artigo “O pé esquerdo de Victor: a beatificação de um jogador através das crônicas” (2014), de Pedro Kalil Auad, cuja análise recai sobre as crônicas de futebol escritas após a “milagrosa” defesa de pênalti do goleiro do Atlético Mineiro, com ênfase em textos divulgados em ambientes alternativos ao da grande imprensa. Nessas crônicas é possível perceber os processos pelos quais é feita a construção do jogador que passa a ser um “santo”.

Logo após o acontecimento decisivo que resolve a trama, Miro fala para sua amiga: “tá entendendo Mop, o quê que é o futebol?” Parece, então, que a performance de Gustavo quer nos dizer alguma coisa sobre o que é o futebol. Mas, o que, exatamente, essa curiosa obra nos diz sobre o que é o futebol? Bem... trata-se de uma narrativa, uma história contada por meio de imagens e sons. Talvez uma história autobiográfica, talvez ficcional, ou talvez um pouco das duas coisas. O que ele diz sobre o mundo, então, é sempre uma dúvida, um recado cujo sentido fica um pouco por conta do espectador.

Para mim, que acompanho o trabalho que Gustavo vem fazendo com o futebol, já há alguns bons anos, o vídeo traz de volta não apenas o personagem Miro, mas também uma encruzilhada temporal que surgia da maneira como eu lia os textos que ele escreveu sobre as participações do Atlético na Copa Libertadores da América, em 2016, 2017 e 2019. Nessa época, publicou, no site *Ludopédio*, como parte de suas pesquisas de pós-doutorado, uma série de textos sobre os jogos que o Atlético vinha fazendo na Libertadores, intitulada “El Minero: o atleticano enfim conhece a América Latina”. Em alguns desses jogos, Gustavo também viajou por outros países, no encalço do seu time do coração. Os textos eram uma mistura de crônica, relato de viagem, comentário esportivo, reportagem e ficção, falando sobre os adversários, as expectativas provocadas por cada partida e as peripécias do autor em suas viagens físicas e mentais para acompanhar o Atlético pela América do Sul.

Aos poucos, porém, os textos foram se transformando, e o teor autobiográfico e jornalístico foi cedendo espaço para uma elaboração cada vez mais marcada pela ficção, que acabou dando origem ao personagem Miro, uma espécie de alter ego do autor, explicitamente inspirado em Belmiro Braga, o protagonista do romance *O amanuense Belmiro*, publicado pelo escritor mineiro Cyro dos Anjos em 1937. Interessante notar que, assim como Miro, Belmiro Braga também surgiu de forma mais ou menos gradual, em crônicas jornalísticas publicadas por Cyro dos Anjos nos anos 1930, que serviram como experimentos para a progressiva modelagem do futuro personagem de seu romance. Inclusive, a semelhança não vai parar por aí, porque as crônicas de Gustavo estão sendo retrabalhadas, para se tornarem, também, um romance ou novela, conforme apresentado parcialmente em reunião do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, sob o provisório título *O atleticano Miro*. Com a benção de São Victor!

Os textos de Gustavo no *Ludopédio* eram sempre publicados pela manhã, no dia do jogo, e, por conta desse corre-corre que é a vida, eu sempre os lia depois, já sabendo o resultado e podendo avaliar, retrospectivamente, o “acerto” ou o “erro” das expectativas do cronista. Por isso, o comentário sempre soava anacrônico, falando de um momento em que a história poderia ter vários desfechos, para um leitor que já sabia qual deles iria se concretizar. Entre outras coisas interessantes, portanto, os textos me falavam desse cruzamento entre o tempo do jogo e o tempo do torcedor, tornando visível o caráter imprevisível do esporte, que está o tempo todo nos confrontando com o trágico, com os efeitos incontroláveis da contingência em nossa vida e em nosso destino.

Na videoperformance, temos dois fios narrativos que correm paralelamente: a história do jogo, que o espectador apreende pelos comentários de Miro e pela narração que se ouve em segundo plano (de Éder Reis e do ex-jogador Edinho), e a história que se desenrola na tela do vídeo, que é a história de um torcedor que projeta no jogo os seus desejos, temores, sonhos e projetos. Os acontecimentos do jogo determinam o que acontecerá com o personagem e vice-versa, pois são as orações de Miro que introduzem São Victor na(s) cena(s) para definir o resultado da partida. Como o tempo do jogo diz respeito a acontecimentos reais, olhamos para o enredo retrospectivamente, sabemos o que vai acontecer depois: o humilde Independiente del Valle foi vice-campeão da Libertadores daquele ano, superando diversos rivais poderosos, como o River Plate, o Boca Juniors e... o Atlético Mineiro na fase de grupos!

A artimanha que dá mais sabor ao filme, então, é o fato de que o tempo do jogo, que determina o tempo do personagem, sofre a decisiva intervenção de São Victor, invocado esperançosamente por Miro, submetendo-se assim à lógica ficcional que orienta a performance. Mas a força dessa entidade sobrenatural para determinar o destino, que se mostra tão eficiente naquele momento, não foi suficiente para garantir o sucesso de seu próprio time, que acabou eliminado do torneio, na história da vida real que informa o olhar do espectador. Ou, talvez, Miro tenha gastado, precipitadamente e por motivo pessoal, a cota de milagres reservada ao Atlético naquele torneio. Aí é que está a ironia capciosa do destino (e de Gustavo): o mesmo Independiente del Valle, que ganhou com a intervenção milagrosa de São Victor, acabaria deixando para trás o time de Miro, de Gustavo e do Victor de carne e osso.

Enfim, a mim pareceu que o filme está nos lembrando que, no futebol e na vida, existem deuses travessos e ardilosos, sempre dispostos a nos surpreender com a possibilidade de um desfecho inesperado, e talvez indesejado. Lançada a palavra, digo, a bola, ninguém sabe ao certo o que vai acontecer.

* * *

REFERÊNCIAS

AUAD, Pedro Kalil. O pé esquerdo de Victor: a beatificação de um jogador através das crônicas. **interFACES**, v. 20, n. 1, p. 67-77, 2014.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. **Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção**. Belo Horizonte/Brasil: Leite Filmes; PeDRa LeTRa. Experimental, 2018, 11 min.

LANÇOU A PALAVRA: São Victor do Horto opera milagre em Assunção (2018) – Trailer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNykag2w1cg>. Acesso em: 30 maio 2021.

TV GALO: São Victor do Horto é destaque na programação do Cinefoot 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8U9roxhFu2c>. Acesso em: 30 maio 2021.

* * *

Recebido para publicação em: 08 jun. 2021.
Aprovado em: 14 jun. 2021.

Um Tostão e um Dadá

Mário Alex Rosa



A revista **FuLiA/UFMG** apresenta um par de poemas inédito, “Um Tostão e um Dadá”, de Mário Alex Rosa, sobre dois ícones do futebol brasileiro, em que reverberam as possibilidades semânticas e plásticas das palavras “tostão” e “dadá”.

Mário Alex Rosa é formado em História pela UFOP, mestre e doutor em Literatura Brasileira pela USP. Foi curador do FELIT (Festival de literatura de São João del-Rei). Atuou como Coordenador de Biblioteca e literatura no SESC/MG. É professor de Literatura Brasileira e poeta, autor dos livros *Ouro Preto* (Scriptum, 2012), *Via Férrea* (Cosac Naify, 2013), *Poemas Pitorescos* (Galileu Edições, 2020), *Casa* (Impressões de Minas, 2020) e *Diário de Casa* (Galileu Edições, 2021), além dos livros infantis *ABC Futebol Clube* (Aletria, 2015) e *Formigas* (Cosac Naify, 2013). E coorganizador das antologias *Pelada poética* (Scriptum, 2013 e 2014).

* * *

Um Tostão

Dizem que um tostão
não vale nada,
na mão de rico ou pobre
é cobre à toa.

Mas se esse tostão
é o cobra criada das pernas,
esse sim vale o quanto passa:
entre tantas outras pernas
direita, esquerda, fina ou grossa,
pouco importa.

O que é acaso vira lance,
o que é lance por acaso
tem sempre alcance,
da esquerda, a mais precisa
para a direita, a mais indecisa,
sempre o direito de aprimorar-se
(ninguém é perfeito)
para amordaçar o adversário.

Um tostão furado
é dito popular,
mas um tostão com a bola
é ouro lapidado.

DADÁ
É
UMA
DÁDIVA
DA
VIDA
QUANDO
DO
CÉU
À
TERRA
BEIJA-FLOR
QUE
VIA
HÉLICE
NA
CABEÇA
QUE
GIRA
TRÊS
MARAVILHAS
NA
ILHA

UM
SOZINHO
NA
ÁREA
CHEIA
ES
TU
FA
O
P E I T O
D E
A Ç O
DA
U
L A N C E
D E
D A D O S